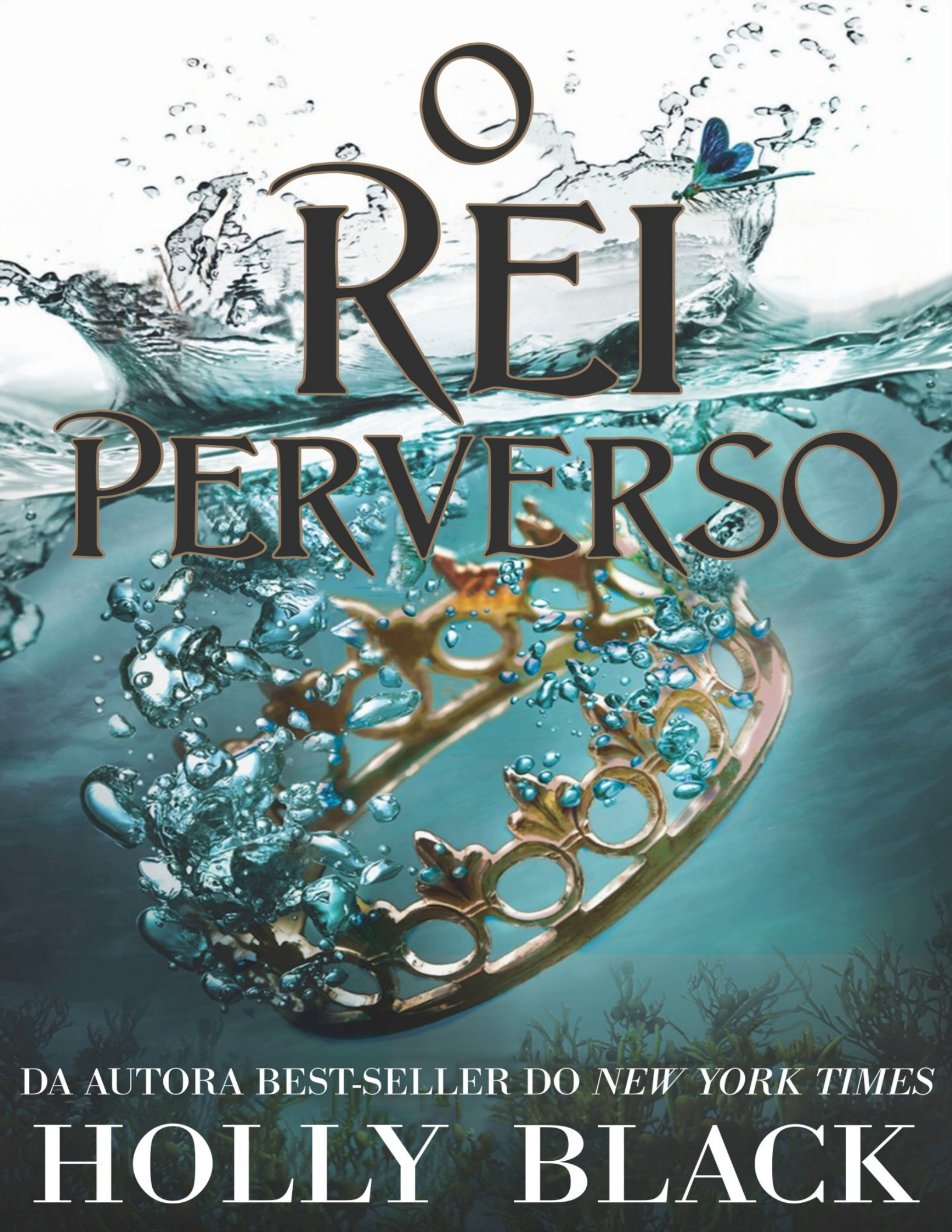




O REI PERVERSO

DA AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

HOLLY BLACK



O REI PERVERSO

HOLLY BLACK

Copyright

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é coincidência.

Copyright © 2019 Holly Black
Ilustrações por Kathleen Jennings

Arte da Capa © 2019 por Sean Freeman. Design da Capa por Karina Granda.
Capa copyright © 2019 por Hachette Book Group, Inc.

O Hachette Book Group apóia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzir os trabalhos criativos que enriquecem nossa cultura.

A digitalização, o upload e a distribuição deste livro sem permissão é um roubo da propriedade intelectual da autora. Se você gostaria de permissão para usar material do livro (exceto para fins de revisão), entre em contato com permissions@hbgusa.com. Obrigado pelo seu apoio aos direitos da autora.

Little, Brown and Company
Hachette Book Group
1290 Avenue of the Americas, New York, NY 10104
Visit us at LBYR.com

First Edition: January 2019

Little, Brown and Company is a division of Hachette Book Group, Inc.
The Little, Brown name and logo are trademarks of Hachette Book Group, Inc.

The publisher is not responsible for websites (or their content) that are not owned by the publisher.

“Nymphidia” by Michael Drayton, first published in 1627

“The Fairies” by William Allingham, first published in 1850

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data

Names: Black, Holly, author. | Jennings, Kathleen, illustrator.

Title: The wicked king / Holly Black ; illustrations by Kathleen Jennings.

First edition. | New York ; Boston : Little, Brown and Company, 2019. | Series:

[The Folk of the Air ; 2] | Summary: As seneschal to High King Cardan, Jude must fight to keep control of the Faerie throne while her younger brother, Oak, enjoys the childhood she never knew.

Identifiers: LCCN 2017056642 | ISBN 9780316310352 (hardcover) | ISBN

9780316310338 (ebook) | ISBN 9780316310345 (library edition ebook)

Subjects: | CYAC: Kings, queens, rulers, etc.—Fiction. | Power (Philosophy)—Fiction. | Courts and courtiers—Fiction. | Fairies—Fiction. | Sisters—Fiction. | Fantasy.

Classification: LCC PZ7.B52878 Wic 2019 | DDC [Fic]—dc23

LC record available at <https://lcn.loc.gov/2017056642>

ISBNs: 978-0-316-31035-2 (hardcover), 978-0-316-31033-8 (ebook), 978-0-316-45213-7 (int'l), 978-0-316-48713-9 (Barnes & Noble)

E3-20181107-JV-NF-ORI

Sumário

Capa

Título

Copyright

Dedicatória

Mapa

Livro Um

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Livro Dois

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Agradecimentos

Para Kelly Link, uma das merfolks

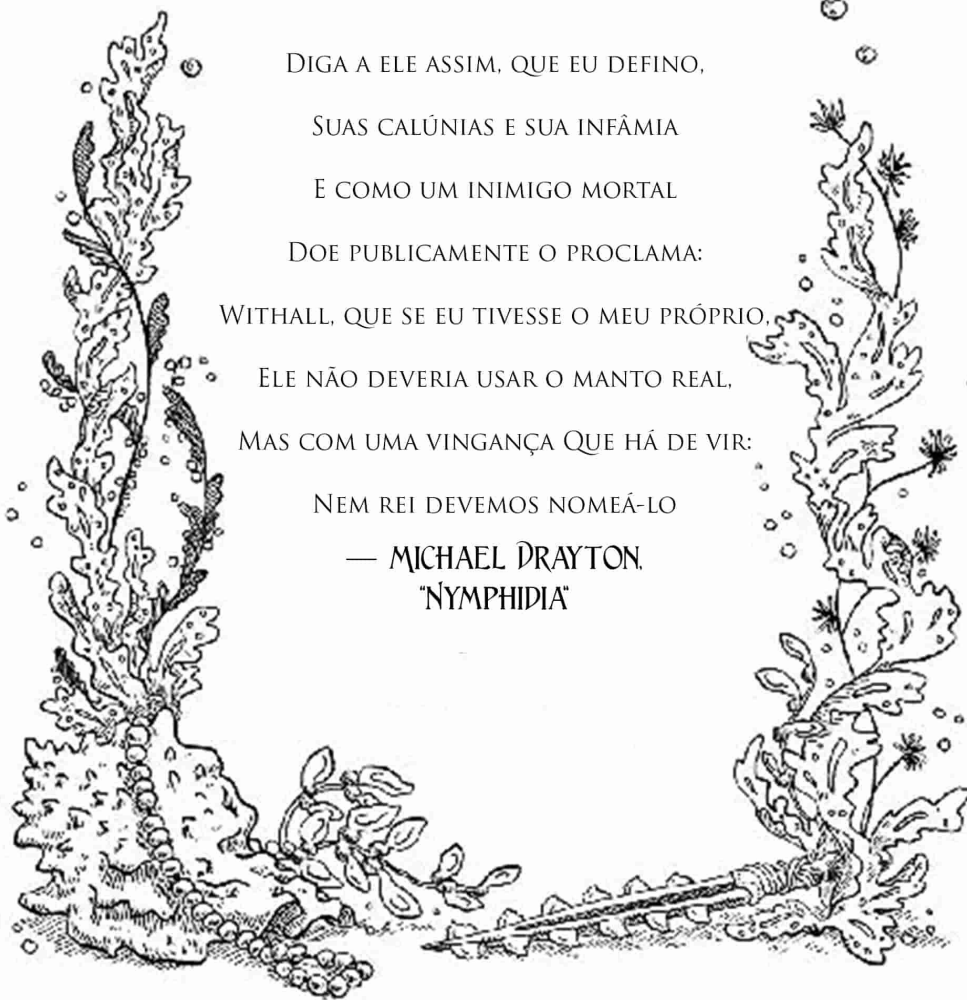
Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.

Siga o nosso Twitter: [@whitethornteca](https://twitter.com/whitethornteca)



LIVRO UM

DIGA A ELE ASSIM, QUE EU DEFINO,
SUAS CALÚNIAS E SUA INFÂMIA
É COMO UM INIMIGO MORTAL
DOE PUBLICAMENTE O PROCLAMA:
WITHALL, QUE SE EU TIVESSE O MEU PRÓPRIO,
ELE NÃO DEVERIA USAR O MANTO REAL,
MAS COM UMA VINGANÇA QUE HÁ DE VIR:
NEM REI DEVEMOS NOMEÁ-LO
— MICHAEL DRAYTON,
"NYMPHIDIA"



image

Jude levantou a pesada espada de treino, movendo-se para a primeira postura - prontidão.

Acostume-se com o peso, Madoc disse a ela. Você deve ser forte o suficiente para atacar e atacar e atacar novamente sem se cansar. A primeira lição é se tornar forte.

Vai doer. A dor te faz forte.

Essa foi a primeira lição que ele ensinou a ela depois que cortou seus pais com uma espada não muito diferente da que ela segurava agora. Ela tinha sete anos, um bebê. Agora ela tinha nove e vivia no Reino das Fadas, e tudo mudou.

Ela plantou seus pés na grama. O vento bagunçou seus cabelos enquanto ela se movia através das posições. Um; a espada diante dela, inclinada para um lado, protegendo seu corpo. Dois; o pomo alto, como se a lâmina fosse um chifre vindo de sua cabeça. Três: descendo até o quadril, depois em uma inclinação aparentemente casual na frente dela. Então quatro: de novo, para o ombro. Cada posição poderia mudar facilmente em um ataque ou defesa. Lutar era como

xadrez, antecipando o movimento do oponente e combatendo-o antes de ser atingido.

Mas um xadrez jogado com todo o corpo. Xadrez que a deixava machucada e cansada e frustrada com o mundo inteiro e consigo mesma também.

Ou talvez fosse mais como andar de bicicleta. Quando ela estava aprendendo a fazer isso, no mundo real, ela tinha caído muitas vezes. Seus joelhos estavam com cascas o suficiente para que a mamãe achasse que poderia ter cicatrizes. Mas Jude havia tirado as próprias rodas de treinamento e desprezava andar com cuidado na calçada, como Taryn fazia. Jude queria andar na rua, rápido, como Vivi, e se ela tivesse cascalho cravado em sua pele para isso, bem, então deixaria que o papai tirasse com uma pinça à noite.

Às vezes, Jude desejava sua bicicleta, mas não havia nenhuma em Faerie. Em vez disso, ela tinha sapos gigantes, póneis esverdeados finos e cavalos de olhos selvagens, esguios como sombras.

E ela tinha armas.

E o assassino de seus pais, agora seu pai adotivo. O general do Grande Rei, Madoc, que queria ensiná-la a cavalgar mais rápido e a lutar até a morte. Não importava o quão duro ela balançou para ele, isso apenas o fez rir. Ele gostava de sua raiva. Fogo, ele chamou.

Ela gostava quando estava zangada também. Irritada era melhor que assustada. Melhor do que lembrar que ela era uma mortal entre monstros. Ninguém estava oferecendo a ela a opção de rodinhas de treinamento.

Do outro lado do campo, Madoc estava guiando Taryn através de uma série de posturas. Taryn também estava aprendendo a manejar a espada, embora tivesse problemas diferentes de Jude. Suas posições eram mais perfeitas, mas ela odiava brigar. Ela emparelhava as defesas óbvias com os ataques óbvios, por isso era fácil atraí-la para uma série de movimentos e, em seguida, acertar um golpe ao quebrar o padrão. Toda vez que isso acontecia, Taryn ficava brava, como se Jude estivesse seguindo os passos de uma dança antes de ganhar.

— Venha aqui. — Madoc chamou Jude através da extensão prateada de grama.

Ela andou até ele, a espada pendurada nos ombros. O sol já estava se pondo, mas as fadas são criaturas crepusculares, e o dia delas não estava nem na metade. O céu estava coberto de cobre e ouro. Ela sentiu um intenso cheiro de agulhas de pinheiro. Por um momento, ela sentiu como se fosse apenas uma criança aprendendo um novo esporte.

—Venha treinar. — disse ele quando Jude se aproximou. — Vocês duas

meninas contra esse velho cavaleiro. — Taryn se inclinou contra sua espada, a ponta afundando no chão. Ela não deveria segurar dessa maneira - não era bom para a lâmina - mas Madoc não a repreendeu.

— Poder. — disse ele. — O poder é a capacidade de conseguir o que você quer. O poder é a capacidade de ser o único a tomar as decisões. E como conseguimos o poder?

Jude se aproximou de sua gêmea. Era óbvio que Madoc esperava uma resposta, mas também que esperava a errada.

— Nós aprendemos a lutar bem? — ela disse para dizer *alguma* coisa.

Quando Madoc sorriu, ela pode ver as pontas de seus caninos inferiores, mais longos que o resto de seus dentes. Ele despenteou seu cabelo, e ela sentiu as pontas afiadas de suas unhas como garras no couro cabeludo, leves demais para doer, mas um lembrete do que ele era, no entanto.

— Nós obtemos o poder tomando-o.

Ele apontou para uma colina baixa com uma árvore de espinhos crescendo sobre ela.

— A próxima lição será um jogo. Essa colina é minha. Vá em frente e pegue.

Taryn obedientemente seguiu em direção a colina, Jude atrás dela. Madoc manteve o ritmo, seu sorriso mostrava todos os dentes.

— E agora? — Taryn perguntou, sem qualquer excitação particular.

Madoc olhou ao longe, como se estivesse considerando e descartando várias regras.

— Agora, segure o contra-ataque.

— Espere, o que? — Jude perguntou. — De você?

— Isso é um jogo de estratégia ou um treino de luta? — Taryn perguntou, franzindo a testa.

Madoc levou um dedo sob o queixo de Taryn, levantando sua cabeça até que ela estivesse olhando para seus dourados olhos de gato.

— O que é uma luta senão um jogo de estratégia jogado em velocidade? — ele disse a ela, com grande seriedade. — Converse com sua irmã. Quando o sol chegar ao tronco dessa árvore, eu voltarei para minha colina. Derrube-me apenas uma vez e vocês duas ganham.

Então, de alguma maneira, ele partiu para um bosque de árvores distante. Taryn sentou-se na grama.

— Eu não quero fazer isso. — disse ela.

— É só um jogo. — Jude lembrou nervosamente.

Taryn deu-lhe um longo olhar - um daqueles que davam uma a outra quando

uma delas estava fingindo que as coisas eram normais.

— Ok, então o que você acha que devemos fazer?

Jude olhou para os galhos da árvore de espinhos.

— E se uma de nós jogasse pedras enquanto a outra lutasse?

— Ok. — disse Taryn, empurrando-se para cima e começando a juntar pedras nas dobras de suas saias. — Você não acha que ele vai ficar bravo, não é?

Jude sacudiu a cabeça, mas entendeu a pergunta de Taryn. E se ele as matasse por acidente?

Você tem que escolher em qual colina morrer, a mãe costumava dizer ao pai. Tinha sido um daqueles ditos estranhos que os adultos esperavam que ela entendesse, mesmo que não fizessem sentido - tipo, “um na mão vale dois no mato”, ou “cada palito tem duas pontas”, ou o totalmente misterioso “um gato pode olhar para um rei.” Agora, de pé em uma colina real com uma espada na mão, ela entendeu muito melhor.

— Entre em posição. — disse Jude, e Taryn não perdeu tempo em escalar o espinheiro. Jude verificou a marca do sol, imaginando que tipo de truques Madoc usaria. Quanto mais ele esperasse, mais escuro ficaria, e enquanto ele podia ver no escuro, Jude e Taryn não podiam.

Mas, no final, ele não usou nenhum truque. Ele saiu da floresta indo em direção a elas, uivando como se estivesse liderando um exército de cem. Os joelhos de Jude ficaram fracos de terror.

Isto é apenas um jogo, ela lembrou a si mesma freneticamente. Quanto mais perto ele ficava, menos seu corpo acreditava nela. Todo o instinto animal a dizia para correr.

Sua estratégia parecia boba agora diante da imensidão dele e de sua pequenez, diante de seu medo. Ela pensou em sua mãe sangrando no chão, lembrou o cheiro de suas entranhas enquanto elas vazavam. A lembrança parecia um trovão em sua cabeça. Ela ia morrer.

Corra, seu corpo todo incitava. **CORRA!**

Não, sua mãe tinha corrido. Jude plantou seus pés.

Ela se moveu para a primeira posição, embora suas pernas parecessem vacilantes. Ele tinha a vantagem, mesmo subindo aquela colina, porque ele tinha a força do seu lado. As pedras de Taryn que caíam sobre ele mal impactavam seu ritmo.

Jude saiu do caminho, nem mesmo se incomodando em tentar bloquear o primeiro golpe. Colocando a árvore entre eles, ela se esquivou do segundo e do terceiro. Quando o quarto veio, ele a derrubou na grama.

Ela fechou os olhos contra o ataque mortal.

— Você pode pegar uma coisa quando ninguém está olhando. Mas defendê-la, mesmo com todas as vantagens do seu lado, não é uma tarefa fácil. — Madoc disse a ela com uma risada. Jude olhou para cima e o encontrou oferecendo-lhe uma mão. — É muito mais fácil adquirir poder do que mantê-lo.

Alívio quebrou sobre ela. Foi apenas um jogo, afinal. Apenas outra lição.

— Isso não foi justo. — queixou-se Taryn.

Jude não disse nada. Nada era justo em Faerie. Ela aprendeu a parar de esperar que fosse.

Madoc arrastou Jude pelos pés e jogou um braço pesado sobre seus ombros. Ele puxou ela e sua irmã gêmea para um abraço. Ele cheirava a fumaça e sangue seco, e Jude se deixou cair contra ele. Foi bom ser abraçada. Mesmo por um monstro.

image

O novo Grande Rei das Fadas recosta-se em seu trono, a coroa repousando em um ângulo despreocupado, seu longo manto escarlate preso em seus ombros e varrendo o chão. Um brinco brilha da ponta de uma orelha pontiaguda. Anéis pesados reluzem ao longo de seus dedos. Sua ornamentação mais ostensiva, no entanto, é sua boca suave e sombria.

Isso faz com que ele pareça o idiota que ele é.

Eu fico de pé ao lado dele, na posição honrada do senescal. Eu deveria ser a conselheira mais confiável do Grande Rei Cardan, e por isso eu interpreto essa parte, em vez do meu papel real – a mão atrás do trono, com o poder de obrigá-lo a obedecer, caso ele tente me atravessar.

Examinando a multidão, procuro um espião da Corte das Sombras. Eles interceptaram uma comunicação da Torre do Esquecimento, onde o irmão de Cardan está preso, e estão trazendo para mim em vez de para o destinatário pretendido.

E isso é apenas a última crise.

Já se passaram cinco meses desde que eu forcei Cardan ao trono de Elfhame como meu rei fantoche, cinco meses desde que eu traí minha família, desde que minha irmã levou meu irmãozinho para o reino mortal e longe da coroa que ele poderia ter usado, desde que eu cruzei espadas com Madoc.

Cinco meses desde que dormi por mais de algumas horas seguidas.

Parecia um bom negócio - até mesmo um comércio de *fadas* colocava alguém que me desprezava no trono para que Oak estivesse fora de perigo. Foi emocionante enganar Cardan prometendo servir-me por um ano e um dia, estimulante quando meu plano se uniu. Então, um ano e um dia pareciam eternos. Mas agora preciso descobrir como mantê-lo em meu poder - e longe de problemas - por mais tempo do que isso. Tempo suficiente para dar a Oak a chance de ter o que eu não tive: uma infância.

Agora, um ano e um dia parece não ter tempo algum.

E apesar de ter colocado Cardan no trono através de minhas próprias maquinacões, apesar de planejar mantê-lo lá, não posso deixar de ficar nervosa por quão confortável ele está.

Os governantes de Faerie estão ligados à terra. Eles são a força vital e o coração pulsante de seu reino de alguma forma mística que eu não entendo completamente. Mas certamente Cardan não é isso, não com seu compromisso de ser um leigo que não faz nada do verdadeiro trabalho de governança.

Na maioria das vezes, suas obrigações parecem permitir que suas mãos cobertas de anéis sejam beijadas e aceitem os agrados do povo. Tenho certeza de que ele gosta dessa parte – os beijos, as reverências e os carinhos. Ele certamente está gostando do vinho.

Ele chama de novo e de novo para que seu cálice incrustado em cabochão seja reabastecido com um licor verde pálido. O cheiro disso faz minha cabeça girar.

Durante uma calmaria, ele olha para mim, levantando uma sobrancelha negra. — Se divertindo?

— Não tanto quanto você — digo a ele.

Não importava o quanto ele não gostasse de mim quando estávamos na escola, aquela era uma vela gotejante para a chama constante de seu ódio agora. Sua boca se enrola em um sorriso.

Seus olhos brilham com intenção perversa. — Olhe para todos eles, seus súditos. Uma pena que ninguém saiba quem é seu verdadeiro governante.— Meu rosto aquece um pouco com suas palavras. Seu dom é dar um elogio e transformá-lo em um insulto, um golpe que dói mais pela tentação de encará-lo.

Passei muitas festas evitando ser notada. Agora todo mundo me vê, banhada em luz de velas, em um dos três gibões pretos quase idênticos que eu uso a cada noite, minha espada Cair da Noite no meu quadril. Eles giram em seus círculos dançando e tocam suas músicas, bebem seu vinho dourado e compõem seus enigmas e suas maldições enquanto eu olho para eles abaixo do estrado real. Eles são lindos e terríveis, e podem desprezar minha mortalidade, podem zombar dela, mas eu estou aqui em cima e eles não estão.

Claro, talvez isso não seja tão diferente de se esconder. Talvez esteja apenas se escondendo à vista de todos. Mas eu não posso negar que o poder que eu tenho me dá um impacto, um choque de prazer sempre que penso nisso. Eu só queria que Cardan não pudesse dizer.

Se eu olhar com cuidado, posso ver minha irmã gêmea, Taryn, dançando com Locke, seu prometido. Locke, que uma vez pensei que poderia me amar. Locke, a quem uma vez pensei que poderia amar.

É de Taryn que sinto falta, no entanto. Em noites como esta noite, me imagino pulando do tablado e indo até ela, tentando explicar minhas escolhas.

Seu casamento está a apenas três semanas de distância, e ainda não nos falamos.

Eu continuo dizendo a mim mesma que preciso que ela venha até mim primeiro. Ela me fez de idiota com Locke. Ainda me sinto idiota quando olho para eles. Se ela não se desculpar, então pelo menos ela deve ser aquela a fingir que não há nada para se desculpar. Eu posso aceitar isso. Mas eu não vou ser a que vai à Taryn, implorar.

Meus olhos a seguem enquanto ela dança.

Eu não me importo em procurar por Madoc. Seu amor faz parte do preço que paguei por essa posição.

Um feérico baixo e enrugado, com uma nuvem de cabelos prateados e um casaco escarlate, se ajoelha abaixo do estrado, esperando ser reconhecido. Suas algemas são cravejadas de jóias, e o alfinete que mantém seu manto no lugar tem asas que se movem por conta própria. Apesar de sua postura de subserviência, seu olhar é ganancioso.

Ao lado dele estão dois feéricos pálidos das montanhas com longos membros e cabelos que sopram atrás deles, embora não haja brisa.

Bêbado ou sóbrio, agora que Cardan é o Grande Rei, ele deve ouvir os súditos que o mandam decidir sobre um problema ou conceder um benefício, não importa quão pequeno seja. Não consigo imaginar por que alguém colocaria seu destino em suas mãos, mas Faerie está cheia de capricho.

Por sorte, estou lá para sussurrar meu conselho em seu ouvido, como qualquer senescal faria. A diferença é que ele deve me ouvir. E

se ele sussurra alguns insultos horríveis, bem, pelo menos ele é forçado a sussurrar.

Claro, então a questão se torna se eu mereço ter todo esse poder. *Eu serei um ser horrível por causa da minha própria diversão*, eu digo a mim mesma.

Isso tem que valer alguma coisa.

— Ah — diz Cardan, inclinando-se para a frente no trono, fazendo com que sua coroa incline para baixo em sua testa. Ele toma um gole profundo do vinho e sorri para o trio. — Para trazê-lo diante do Grande Rei, isso deve ser uma séria preocupação.

— Você pode já ter ouvido falar de mim — diz o pequeno feérico. — Eu fiz a coroa que fica na sua cabeça. Sou chamado Grimsen, o Ferreiro, há muito exilado com o Alderking. Seus ossos estão agora em repouso, e há um novo Alderking em Fairfold, já que há um novo Grande Rei aqui.

— Severin — eu digo.

O ferreiro olha para mim, obviamente surpreso por eu ter falado.

Então seu olhar retorna ao grande rei. — Eu peço que me permita retornar à Alta Corte.

Cardan pisca algumas vezes, como se tentasse se concentrar no peticionário na frente dele. — Então você foi exilado? Ou você escolheu sair?

Lembro-me de Cardan me contando um pouco sobre Severin, mas ele não mencionou Grimsen. Eu ouvi falar dele, claro. Ele é o ferreiro que fez a Coroa de Sangue para Mab e teceu encantamentos nela. Dizem que ele pode fazer qualquer coisa, desde metal até coisas vivas - pássaros de metal que voam, cobras de metal que escorregam e atacam. Ele fez as espadas gêmeas, Heartseeker e Heartsworn, uma que nunca perde e outra que pode cortar qualquer coisa. Infelizmente, ele os fez para o Alderking.

— Eu fui jurado a ele, como seu servo — diz Grimsen. — Quando ele foi para o exílio, fui forçado a segui-lo e, ao fazê-lo, caí em desgraça. Embora eu tenha feito apenas bugigangas para ele em Fairfold, eu ainda era considerado sua criatura pelo seu pai.

— Agora, com os dois mortos, anseio permissão para arranjar um lugar para mim aqui na sua corte. Não me castigue mais, e minha lealdade a você será tão grande quanto sua sabedoria.

Eu olho para o pequeno ferreiro mais de perto, de repente, com certeza ele está brincando com as palavras. Mas para que fim? O

pedido parece genuíno, e se a humildade de Grimsen não é, bem, sua fama não é nenhuma surpresa.

— Muito bem— , diz Cardan, parecendo satisfeito por ser convidado para algo fácil de dar. — Seu exílio acabou. Dê-me seu juramento e a Alta Corte vai recebê-lo.

Grimsen se curva baixo, sua expressão teatralmente perturbada.

— Nobre rei, você pede a menor e mais razoável coisa de seu servo, mas eu, que sofri por esses votos, estou relutante em fazê-los novamente. Permita-me isto - conceda que eu possa lhe mostrar minha lealdade em minhas ações, em vez de me amarrar com minhas palavras.

Eu coloco minha mão no braço de Cardan, mas ele dá de ombros. Eu poderia dizer alguma coisa, e ele seria forçado - pelo comando anterior - a pelo menos não me contradizer, mas eu não sei o que dizer. Ter o ferreiro aqui, forjar Elfhame, não é pouca coisa.

Vale a pena, talvez, a falta de um juramento.

E, no entanto, algo no olhar de Grimsen parece um pouco auto-satisfatório, um pouco seguro de si mesmo. Eu suspeito de um truque.

Cardan fala antes que eu consiga confundir mais alguma coisa.

— Eu aceito sua condição. De fato, eu lhe darei uma benção. Um antigo prédio com uma forja fica na beira do terreno do palácio. Ele é seu e terá quanto metal você precisar. Estou ansioso para ver o que você fará por nós.

Grimsen se curva. — Sua bondade não será esquecida.

Eu não gosto disso, mas talvez eu esteja sendo cautelosa.

Talvez seja só porque não gosto do próprio ferreiro. Há pouco tempo para refletir antes que outro peticionário avance.

Uma bruxa velha e poderosa o suficiente para que o ar ao seu redor parecesse estalar com a força de sua magia. Seus dedos são pequenos, o cabelo da cor de fumaça e o nariz como a lâmina de uma foice. Em torno de sua garganta, ela usa um colar de pedras, cada conta esculpida com espirais que parecem capturar e confundir o olho. Quando ela se move, as vestes pesadas em torno de sua ondulação, e eu espio os pés com garras, como aqueles de uma ave de rapina.

— Reizinho — diz a bruxa. — Mãe Marrow traz presentes para você.

— Sua fidelidade é tudo que eu preciso. — A voz de Cardan é leve. — Por ora.

— Oh, eu jurei a coroa, com certeza — diz ela, alcançando um dos bolsos e tirando um pano mais preto do que o céu da noite, tão escuro que parece beber a luz em torno dele. O tecido desliza sobre a mão dela. — Mas eu vim até aqui

para te oferecer um prêmio raro.— Os povos não gostam de dívidas, e é por isso que não retribuirão um favor com mero agradecimento. Dê-lhes um bolo de aveia, e eles vão encher um dos quartos da sua casa com grãos, pagando demais para empurrar a dívida de volta para você. E, no entanto, o tributo é dado aos Grandes Reis todo o tempo - ouro, serviço, espadas com nomes.

Mas geralmente não chamamos essas coisas de presentes. Nem *prêmios*.

Eu não sei o que fazer com o seu pequeno discurso.

Sua voz é um ronronar. — Minha filha e eu tecemos isso de seda de aranha e pesadelos. Uma peça de roupa cortada pode virar uma lâmina afiada, mas ser tão suave quanto uma sombra contra sua pele.

Cardan franze a testa, mas seu olhar é atraído de novo e de novo para o tecido maravilhoso. — Eu admito que não acho que já tenha visto algo igual.

— Então você aceita o que lhe concedo?— Ela pergunta, um brilho astuto em seus olhos. — Eu sou mais velha que seu pai e sua mãe. Mais velha que as pedras deste palácio. Tão velha quanto os ossos da terra. Embora você seja o Grande Rei, a Mãe Marrow terá sua palavra.

Os olhos de Cardan se estreitam. Ela está irritada, eu posso ver isso.

Há um truque aqui, e desta vez eu sei o que é. Antes que ele aceite, eu começo a falar. — Você disse presentes, mas só nos mostrou o seu maravilhoso tecido. Tenho certeza de que a coroa ficaria satisfeita em tê-lo, se fosse dado livremente.

Seu olhar recai em mim, seus olhos duros e frios como a própria noite. — E quem é você para falar pelo Grande Rei?

— Eu sou sua senescal, Mãe Marrow.

— E você vai deixar essa menina mortal responder por você?— Ela pergunta a Cardan.

Ele me dá um olhar condescendente que faz minhas bochechas arderem. O olhar permanece. Sua boca torce, curvando-se. — Eu suponho que vou — diz ele finalmente. — Diverti-la para me manter longe de problemas.

Eu mordo minha língua enquanto ele fica com uma expressão plácida na Mãe Marrow.

— Ela é inteligente o suficiente — diz a bruxa, cuspiendo as palavras como uma maldição. — Muito bem, o pano é seu, Sua Majestade. Eu o dou livremente. Te dou isso e nada mais.

Cardan se inclina para frente como se estivessem compartilhando uma piada. — Oh, me conte o resto. Eu gosto de truques e armadilhas. Até os que eu quase fui pego.

Mãe Marrow muda de um pé com garras para o outro, o primeiro sinal de nervosismo que ela exhibe. Mesmo para uma bruxa com ossos tão antigos quanto ela afirmava, a ira de um Grande Rei é perigosa. — Muito bem. Se você tivesse aceito tudo o que lhe concederia, teria sido colocado sob um encantamento, permitindo que você se casasse apenas com uma das tecelãs do pano em minhas mãos. Eu ou minha filha.— Um arrepio frio passa por mim com o pensamento do que poderia ter acontecido. Poderia o Grande Rei das fadas ter sido obrigado a esse casamento? Certamente, haveria uma maneira de contornar isso. Pensei no último Grande Rei, que nunca se casou.

O casamento é incomum entre os governantes de Faerie porque uma vez governante, permanece governante até a morte ou abdicação. Entre os plebeus e a nobreza, os casamentos das fadas são arranjados para serem anulados - ao contrário do mortal “até que a morte nos separe” eles contêm condições como “até que vocês renunciem um ao outro” ou “a menos que um atinja o outro com raiva” ou o habilmente redigido “para a duração de uma vida” sem especificar de quem. Mas uma união de reis e/ou rainhas nunca pode ser dissolvida.

Se Cardan se casasse, eu não teria apenas que tirá-lo do trono para colocar Oak nele. Eu teria que tirar a noiva dele também.

As sobranceiras de Cardan se erguem, mas ele parece totalmente despreocupado. — Minha senhora, você me lisonjeia. Eu não sabia que você estava interessada.

Seu olhar é inflexível quando ela passa seu presente para um guarda pessoal de Cardan. — Que você cresça na sabedoria de seus conselheiros.

— A oração fervorosa de muitos — diz ele. — Conte-me. Sua filha fez a viagem com você?

— Ela está aqui — diz a bruxa. Uma garota sai da multidão para se curvar diante de Cardan. Ela é jovem, com uma massa de cabelos soltos. Como sua mãe, seus membros são estranhamente longos e parecidos com um galho, mas onde a mãe dela é desconfortavelmente ossuda, ela tem uma espécie de graça. Talvez ajude que seus pés se pareçam com os humanos.

Embora, para ser justa, eles sejam invertidos.

— Eu faria um pobre marido — diz Cardan, voltando sua atenção para a menina, que parece se encolher com a força de seu olhar. — Mas me conceda uma dança e eu lhe mostrarei meus outros talentos.

Eu lhe dou um olhar suspeito.

— Venha — Mãe Marrow diz para a menina, e a agarra, particularmente não gentilmente, pelo braço, arrastando-a para a multidão. Então ela olha de volta

para Cardan. — Nós três nos encontraremos novamente.

— Todas vão querer se casar com você, você sabe— , Locke diz. Conheço sua voz antes mesmo de perceber que ele assumiu a posição de que Mãe Marrow desocupara.

Ele sorri para Cardan, parecendo encantado consigo mesmo e com o mundo. — É melhor tomar consortes — diz Locke. — Muitas e muitas consortes.

— Falou como um homem prestes a entrar no casamento — lembra Cardan.

— Oh, pare. Como a Mãe Marrow, eu te trouxe um presente. — Locke dá um passo em direção ao estrado. — Um com menos farpas.— Ele não olha na minha direção. É como se ele não me visse ou que eu fosse tão desinteressante quanto uma peça de mobília.

Eu queria que isso não me incomodasse. Eu gostaria de não me lembrar de estar no topo da torre mais alta em sua propriedade, seu corpo quente contra o meu. Eu queria que ele não tivesse me usado para testar o amor da minha irmã por ele. Eu queria que ela não tivesse permitido.

Se os desejos fossem cavalos - meu pai mortal costumava dizer - *mendigos iriam cavalgar*. Outra dessas frases que não fazem sentido até que isso aconteça.

— Oh? — Cardan parece mais perplexo do que intrigado.

— Eu gostaria de lhe dar a
mim

, como seu mestre dos prazeres — anuncia Locke. — Conceda-me a posição, e eu farei do meu dever e prazer evitar que o Grande Rei de Elfhame fique entediado.

Há muitos empregos em um palácio - servos e ministros, embaixadores e generais, conselheiros e alfaiates, palhaços e criadores de enigmas, cavaleiros e guardas, e uma dúzia de outras posições que esqueci. Eu nem sabia que havia um mestre dos prazeres. Pelo que sei, ele inventou a posição.

— Vou servir delícias que você nunca imaginou.— O sorriso de Locke é contagiante. Ele vai servir problemas, isso sim. Eu não tenho tempo para problema.

— Tenha cuidado — eu digo, chamando a atenção de Locke para mim pela primeira vez. — Tenho certeza de que você não desejaria insultar a imaginação do Grande Rei.

— Certamente, tenho certeza que não — diz Cardan de uma forma difícil de interpretar.

O sorriso de Locke não vacila. Em vez disso, ele pula no estrado, fazendo com que os cavaleiros de ambos os lados se movam imediatamente para detê-lo.

Cardan os afasta.

— Se você fizer dele Mestre dos prazeres— Eu começo, rapidamente, desesperadamente.

— Você está me comandando?— Cardan interrompe, sobancelha arqueada.

Ele sabe que não posso dizer sim, não com a possibilidade de Locke ouvir. — Claro que não — eu grunho.

— Bom — diz Cardan, virando o olhar de mim. — Eu estou disposto a atender seu pedido, Locke. As coisas estão tão aborrecidas ultimamente.

Eu vejo o sorriso de Locke e mordo o interior da minha bochecha para manter as palavras de comando. Teria sido tão satisfatório ver sua expressão, exibir meu poder na frente dele.

Satisfatório, mas estúpido.

— Antes, Grackles, Larks e Falcons competiam pelo coração da corte — diz Locke, referindo-se às facções que preferiam folia, arte ou guerra. Facções que caíram dentro e fora de favor com Eldred. — Mas agora o coração da corte é seu e só seu. Vamos acabar com isso.

Cardan olha para Locke estranhamente, como se considerasse, aparentemente pela primeira vez, que ser o Grande Rei poderia ser divertido. Como se ele estivesse imaginando como seria governar sem lutar contra minha coleira.

Então, do outro lado da plataforma, finalmente vejo Bomb, uma espiã da Corte das Sombras, com o cabelo branco em volta do rosto moreno. Ela sinaliza para mim.

Eu não gosto de Locke e Cardan juntos - não gosto da ideia de entretenimento deles - mas eu tento deixar isso de lado quando saio do estrado e faço o meu caminho até ela. Afinal, não há como conspirar contra Locke quando ele é atraído para o que mais o diverte no momento.

A meio caminho de onde Bomb está, ouço a voz de Locke soando sobre a multidão. — Vamos celebrar a Lua do Caçador em Milkwood, e lá o Grande Rei lhes dará uma festa de tal modo que os trovadores cantarão, isso eu prometo.

O medo envolve minha barriga.

Locke está puxando alguns duendes da multidão para o estrado, suas asas iridescentes brilhando à luz das velas. Uma garota ri ruidosamente e pega a taça de Cardan, bebendo até a última gota.

Espero que ele ataque, humilhe-a ou rasgue as asas, mas ele apenas sorri e pede mais vinho.

Seja o que for que Locke tenha planejado, Cardan parece pronto para jogar. Todas as coroações de fadas são seguidas por um mês de folia - festas,

bebedeiras, enigmas, duelos e muito mais. Espera-se que os folk dançam pelas solas dos sapatos, do cair ao nascer do sol.

Mas cinco meses depois de Cardan se tornar Grande Rei, o grande salão permanece sempre cheio, os chifres de bebidas transbordando de vinho de hidromel e trevo. A folia mal diminuiu.

Já faz muito tempo desde que Elfhame tinha um rei tão jovem, e um ar selvagem e imprudente infecta os cortesãos. A Lua do Caçador é em breve, mais cedo até que o casamento de Taryn. Se Locke pretende incitar ainda mais as chamas da folia, quanto tempo antes que isso se torne um perigo?

Com alguma dificuldade, dou as costas para Cardan. Afinal, qual seria o propósito de chamar sua atenção? Seu ódio é tanto que ele fará o que puder, dentro de meus comandos, para me desafiar. E ele é muito bom em desafiar.

Eu gostaria de dizer que ele sempre me odiou, mas por um breve e estranho momento parecia que nos entendíamos, talvez até gostássemos um do outro. No geral, uma improvável aliança, iniciada com minha lâmina em sua garganta, resultou em sua confiança em mim o suficiente para se colocar em meu poder.

Uma confiança que eu traí.

Antes, ele me atormentava porque era jovem e entediado e zangado e cruel. Agora ele tem razões melhores para os tormentos, que tenho certeza, que ele sonha em infligir em mim, quando um ano e um dia acabar. Vai ser muito difícil mantê-lo sempre sob o meu polegar.

Eu alcanço Bomb e ela enfia um pedaço de papel na minha mão. — Outra nota para Cardan de Balekin — diz ela. — Este aqui chegou até o palácio antes de nós o interceptarmos.

— É o mesmo que os dois primeiros?

Ela acena com a cabeça. — Muito parecido. Balekin tenta bajular nosso Grande Rei para que vá à sua cela de prisão. Ele quer propor algum tipo de barganha.

— Tenho certeza que sim — digo, feliz por ter sido trazida à Corte das Sombras e tê-las ainda observando minhas costas.

— O que você vai fazer? — Ela me pergunta.

— Eu vou ver o príncipe Balekin. Se ele quiser fazer uma oferta ao Grande Rei, ele terá que convencer sua senescal primeiro.

Um canto da boca dela se ergue. — Eu vou com você.

Eu olho novamente para o trono, fazendo um gesto vago. — Não. Fique aqui. Tente impedir que Cardan entre em apuros.

— Ele é problema — ela me lembra, mas não parece particularmente

preocupada com o seu próprio pronunciamento aflito.

Enquanto me dirijo para as passagens do palácio, vejo Madoc do outro lado da sala, meio às sombras, me observando com seus olhos de gato. Ele não está perto o suficiente para falar, mas se ele estivesse, não tenho dúvidas do que ele diria.

O poder é muito mais fácil de adquirir do que manter.

image

Balekin está aprisionado na Torre do Esquecimento, na parte norte de Insweal, Ilha de Woe. Insweal é uma das três ilhas de Elfhame, ligada à Insmire e Insmoor por grandes rochas e partes de terra, povoadas apenas por alguns pinheiros, veados prateados e o ocasional povo das árvores. É possível cruzar entre Insmire e Insweal inteiramente a pé, se você não se importa em pular de pedra em pedra, caminhar sozinho pelo Bosque Leitoso e provavelmente ficar um pouco molhado.

Eu me importo com todas essas coisas e decido cavalgar.

Como senescal do Grande Rei, tenho como escolher em seus estábulos. Não muito como um cavaleiro, eu escolho um cavalo que parece dócil o suficiente, seu pelo de uma cor preta suave, sua crine em nós complicados e provavelmente mágicos.

Eu a levo para fora enquanto um cavaleriço goblin me traz uma rédea e freio.

Então eu monto em suas costas e a cavalgo para a Torre do Esquecimento. Ondas batendo contra as rochas abaixo de mim. Sal vaporizado se misturando ao

ar. Insweal é uma ilha desagradável, grandes extensões de sua paisagem sem vegetação, apenas rochas negras e poças da maré e uma torre entremeada de ferro frio.

Amarro o cavalo a um dos anéis de metal negro que são enfiados na parede de pedra da torre. Ela balança nervosamente, a cauda comprimida contra o corpo dela. Eu toco seu focinho no que espero ser um jeito tranquilizador.

— Eu não vou demorar, e então podemos sair daqui, — eu digo a ela, desejando ter perguntado ao cavaleiro o nome dela.

Não me sinto diferente do cavalo quando bato na pesada porta de madeira.

Uma criatura grande e cabeluda a abre. Ele está vestindo uma armadura lindamente forjada, com pêlo loiro saindo de qualquer buraco. Ele é obviamente um soldado, o que costumava significar que ele me trataria bem, pelo bem de Madoc, mas agora pode significar exatamente o oposto.

— Eu sou Jude Duarte, senescal do Grande Rei — digo a ele. — Estou aqui à negócios da coroa. Me deixe entrar.

Ele se afasta, abre a porta e eu entro na escura antecâmara da Torre do Esquecimento. Meus olhos mortais se ajustam devagar e mal à falta de luz. Eu não tenho a habilidade de fada para ver na escuridão. Pelo menos três outros guardas estão lá, mas eu os percebo mais como formas do que qualquer outra coisa.

— Você está aqui para ver o príncipe Balekin, supõe-se, — vem uma voz de trás.

É estranho não poder ver o falante com clareza, mas afasto o desconforto e aceno com a cabeça. — Leve-me para ele.

— Vulciber — a voz diz. — Você leva ela.

A Torre do Esquecimento é assim chamada porque serve como um lugar para colocar um cortesão quando um monarca quer que eles sejam retirados da memória da Corte. A maioria dos criminosos é punida com maldições, perguntas ou alguma outra forma de julgamento caprichoso de fadas. Para acabar aqui, é preciso ter realmente chateado alguém importante.

Os guardas são em sua maioria soldados cujo uma localização tão sombria e solitária se adapta ao seu temperamento — ou aqueles cujos comandantes pretendem aprender a humildade com a posição.

Quando olho para as figuras sombrias, é difícil adivinhar qual classe elas são.

Vulciber vem em minha direção e eu reconheço o soldado cabeludo que abriu a porta. Ele parece ser, pelo menos, parte troll, pesado e de pernas compridas.

— Continue — eu digo.

Ele me dá um olhar duro em troca. Não tenho certeza do que ele não gosta de mim – minha mortalidade, minha posição, minha intromissão em sua noite. Eu não pergunto. Eu apenas o sigo pelas escadas de pedra para a escuridão úmida e com cheiro de mineral. A flor do solo é pesada no ar, e há um odor podre de cogumelo que não posso situar.

Eu paro quando o escuro fica muito profundo e temo que vou tropeçar.

— Acenda os candelabros — eu digo.

Vulciber se aproxima, sua respiração no meu rosto, levando consigo o cheiro de folhas molhadas. — E se eu não fizer?

Uma faca fina vem facilmente na minha mão, escorregando de um coldre da manga. Eu pressiono o ponto contra o seu lado, logo abaixo das costelas.

— Melhor você não descobrir.

— Mas você não pode ver — ele insiste, como se eu tivesse jogado algum tipo de truque sujo nele por não ser tão intimidado quanto ele esperava.

— Talvez eu prefira um pouco mais de luz — eu digo, tentando manter a minha voz nivelada, embora meu coração esteja batendo descontroladamente, minhas mãos começando a suar. Se tivermos que lutar nas escadas, é melhor eu atacar rápido e genuinamente, porque provavelmente terei apenas uma chance.

Vulciber se afasta de mim e da minha faca. Eu ouço seus passos pesados nos degraus e começo a contar no caso de ter que seguir cego. Mas então uma tocha se acende, emitindo um fogo verde.

— Bem — ele exige. — Você está vindo?

As escadas passam por várias celas, algumas vazias e outras cujos ocupantes ficam longe o suficiente das barras para que a luz das tochas não os ilumine. Não reconheço nenhum até o último.

O cabelo preto do príncipe Balekin é segurado por uma argola, um lembrete de sua realeza. Apesar de estar preso, ele mal parece desconcertado. Três tapetes cobrem a pedra úmida do chão. Ele se senta em uma poltrona esculpida, observando-me com os olhos cobertos, de coruja brilhante. Um samovar dourado repousa sobre uma mesa pequena e elegante. Balekin ergue a alça e um chá perfumado e fumegante derrama-se em porcelana frágil. O cheiro disso me faz pensar em algas marinhas.

Mas não importa o quão elegante ele pareça, ele ainda está na Torre do Esquecimento, algumas mariposas avermelhadas pousando na parede acima dele. Quando ele derramou o sangue do antigo Grande Rei, as gotículas se transformaram em mariposas, que flutuaram no ar por alguns momentos impressionantes antes de parecerem morrer. Eu pensei que elas tinham ido todos

embora, mas parece que alguns o seguem ainda, uma lembrança de seus pecados.

— Nossa Senhora Jude da Corte das Sombras — diz ele, como se acreditasse que me encantaria. — Posso lhe oferecer uma xícara?

Há um movimento em uma das outras celas. Eu considero como suas festas do chá são quando não estou por perto.

Não estou contente que ele esteja ciente da Corte das Sombras ou da minha associação com eles, mas também não posso ficar totalmente surpresa – o Príncipe Dain, nosso espião e empregador, era irmão de Balekin. E se Balekin sabia sobre a Corte das Sombras, ele provavelmente reconheceu um deles enquanto roubavam a Coroa de Sangue e a colocaram nas mãos do meu irmão para que ele pudesse colocá-la na cabeça de Cardan.

Balekin tem boas razões para não ficar totalmente satisfeito em me ver.

— Eu devo infelizmente recusar o chá — eu digo. — Eu não ficarei aqui por muito tempo. Você enviou ao Grande Rei alguma correspondência. Algo sobre um acordo? Uma barganha? Estou aqui em seu nome para ouvir o que quer que você queira dizer a ele.

Seu sorriso parece se contorcer, crescer feio. — Você acha que eu fui reduzido— diz Balekin. — Mas ainda sou um príncipe de Faerie, mesmo aqui. Vulciber, você não pegaria a senescal do meu irmão e e lhe daria um tapa em seu rostinho bonito?

A pancada vem de mão aberta, mais rápido do que eu teria adivinhado, o som do tapa chocantemente alto quando sua palma se conecta com a minha pele. Deixa minha bochecha ardendo e eu furiosa.

Minha faca está de volta na minha mão direita, sua gêmea na minha esquerda.

Vulciber tem uma expressão ansiosa.

Meu orgulho me pede para lutar, mas ele é maior do que eu e em um espaço familiar para ele. Isso não seria uma mera disputa de socos. Ainda assim, a vontade de bater ele, a vontade de limpar a expressão de seu rosto presunçoso, é esmagadora.

Quase esmagadora.

O orgulho é para cavaleiros
, eu me lembro,
não para espiões.

—

Meu rosto bonito

— murmuro para Balekin, guardando minhas facas devagar. Eu estico meus dedos para tocar minha bochecha.

Vulciber me atingiu com força suficiente para meus próprios dentes cortarem o interior da minha boca. Eu cuspo sangue no chão de pedra. — Que lisonjeiro. Eu te enganei por uma coroa, então eu acho que posso permitir alguns sentimentos difíceis. Especialmente quando eles vêm com um elogio. Só não tente de novo.

Vulciber parece abruptamente inseguro de si mesmo.

Balekin toma um gole do chá. — Você fala muito livremente, menina mortal.

— E por que eu não deveria? — Eu digo. — Eu falo com a voz do Grande Rei. Você acha que ele está interessado em vir até aqui, longe do palácio e de seus prazeres, para tratar com o irmão mais velho em cujas mãos ele sofreu?

O Príncipe Balekin se inclina para a frente em sua cadeira. — Eu me pergunto o que você acha que quer dizer.

— E eu me pergunto qual mensagem você gostaria que eu desse ao Grande Rei.

Balekin me observa, sem dúvida que uma das minhas bochechas deve estar corada. Ele toma outro gole cuidadoso de chá. — Ouvi dizer que, para os mortais, a sensação de se apaixonar é muito parecida com o sentimento de medo. Seu coração bate rápido. Seus sentidos são intensificados. Você fica delirante, talvez até tonto. — Ele olha para mim. — Isso está certo? Isso explicaria muito sobre o seu tipo, se é possível confundir os dois.

— Eu nunca estive apaixonada — digo a ele, recusando-me a ser abalada.

— E, claro, você pode mentir — diz ele. — Eu posso ver porque Cardan acharia isso útil. Por que Dain também teria. Foi inteligente ele ter trazido você para sua pequena gangue de desajustados.

Esperto para ver que Madoc te pouparia. O que mais você pudesse dizer sobre meu irmão, ele era maravilhosamente não sentimental.

— De minha parte, mal pensei em você e, quando o fiz, foi apenas para incitar Cardan com suas realizações. Mas você tem o que Cardan nunca teve:

ambição

. Se eu tivesse visto isso, eu teria uma coroa agora. Mas acho que você também me julgou mal.

— Oh? — Eu sei que não vou gostar disso.

— Eu não vou te dar a mensagem que era direcionada à Cardan.

Vai chegar à ele de outra maneira e chegará em breve.

— Então você desperdiçou nosso tempo, — eu digo, irritada. Eu vim até

aqui, fui atingida e fiquei assustada por nada.

— Ah, tempo— diz ele. — Você é o único com pouco disso, mortal. — Ele acena para Vulciber. — Você pode acompanhá-la.

— Vamos — diz o guarda, dando-me um empurrão não muito gentil em direção aos degraus. Enquanto subo, olho de relance para o rosto de Balekin, severo à luz verde da tocha. Ele se parece demais com o Cardan para o meu conforto.

Estou no meio do caminho quando uma mão de dedos longos se estende entre as barras e agarra meu tornozelo. Assustada, escorrego, raspando as palmas das mãos e batendo os joelhos enquanto vou para as escadas. A velha facada no centro da minha mão esquerda lateja subitamente. Eu mal me seguro antes de cair todo os degraus.

Ao meu lado está o rosto magro de uma mulher fada. Sua cauda se enrola em torno de uma das barras. Chifres curtos enrolam de sua testa. — Eu conheci sua Eva — ela diz para mim, os olhos brilhando na escuridão. — Eu conheci sua mãe. Conheci muitos dos seus pequenos segredos.

Eu me empurro para os meus pés e subo os degraus o mais rápido que posso, meu coração disparado mais rápido do que quando eu pensei que teria que lutar com Vulciber no escuro. Minha respiração vem em suspiros curtos e rápidos que fazem meus pulmões doerem.

No topo da escada, faço uma pausa para limpar as palmas das mãos contra o meu gibão e tentar me controlar.

— Ah — eu digo para Vulciber quando minha respiração se acalma um pouco. — Eu quase esqueci. O rei supremo me deu um pergaminho de comandos. Há algumas mudanças em como ele deseja que seu irmão seja tratado. Eles estão lá fora nos meus alforjes. Se você pudesse me seguir...

Vulciber olha questionadoramente para o guarda que o enviou para me guiar até Balekin.

— Vá depressa — diz a figura sombria.

E assim Vulcibre me acompanha através da grande porta da Torre do Esquecimento. Iluminadas pela lua, as rochas negras brilham com sal marinho, uma camada brilhante, como a fruta açucarada. Eu tento me concentrar na guarda e não no som do nome da minha mãe, o que eu não ouvi em tantos anos que, por um momento, eu não sabia por que isso era importante para mim.

Eva.

— Esse cavalo tem apenas uma rédea e freio — diz Vulciber, franzindo a testa para o corcel negro amarrado à parede. — Mas você disse...

Eu apunhalo-o no braço com um pequeno alfinete que mantive escondido no forro do meu gibão.

— Eu menti.

É preciso algum esforço para puxá-lo e jogá-lo nas costas do cavalo. Ela é treinada com comandos militares familiares, incluindo se ajoelhar, o que ajuda. Eu me movo o mais rápido que posso, com medo de que um dos guardas venha nos checar, mas eu tenho sorte.

Ninguém vem antes de nos levantarmos e nos movermos.

Outra razão para ir cavalgando até Insweal em vez de andar – você nunca sabe o que está trazendo de volta com você.

image

— Você está se intitulando como espiã mestre — diz o Barata, olhando para mim e depois para o meu prisioneiro. — Isso deveria incluir ser perspicaz. Confiar apenas em si mesmo é uma boa maneira de ser pega. Da próxima vez, leve um membro da guarda real. Leve um de nós. Leve um grupo de *sprites* ou um *spriggan* bêbado. Apenas leve alguém.

— Cobrir minhas costas é a oportunidade perfeita para enfiar uma faca nela — lembro-lhe.

— Falou como o próprio Madoc — diz Barata, com uma fungada irritada do nariz comprido e retorcido. Ele está sentado à mesa de madeira na Corte das Sombras, o covil dos espiões no fundo dos túneis sob o Palácio de Elfhame. Ele está queimando as pontas das setas de besta em uma chama, depois cobrindo-as generosamente com um piche pegajoso. — Se você não confia em nós, apenas diga. Chegamos a um acordo, podemos chegar a outro.

— Não é isso que eu quero dizer — eu digo, colocando a cabeça nas minhas mãos por um longo momento. Eu confio neles. Eu não teria falado tão

livremente se não confiasse, mas estou deixando minha irritação aparecer.

Estou sentada em frente à Barata, comendo queijo e pão amanteigado com maçãs. É a primeira comida que eu como naquele dia, e minha barriga está fazendo barulhos famintos, outro lembrete da maneira como meu corpo é diferente deles. Os estômagos das fadas não gorgolejam.

Talvez a fome seja o motivo pelo qual estou sendo rabugenta.

Minha bochecha está ardendo, e embora eu tenha virado a situação, era uma coisa mais próxima do que eu gostaria de admitir. Além disso, ainda não sei o que Balekin queria dizer a Cardan.

Quanto mais exausta eu me deixo estar, mais eu escorrego.

Corpos humanos nos traem. Eles ficam famintos e doentes e decaídos. Eu sei disso e, no entanto, há sempre muito mais a fazer.

Ao nosso lado, Vulciber senta, amarrado a uma cadeira e vendado.

— Você quer um pouco de queijo? — Eu pergunto a ele.

O guarda resmunga sem compromisso, mas puxa sua venda com a atenção. Ele está acordado há vários minutos e ficou visivelmente mais preocupado quanto mais tempo não falamos com ele.

— O que eu estou fazendo aqui? — Ele finalmente grita, balançando a cadeira para frente e para trás. — Deixe-me ir! — A cadeira vai, batendo-o contra o chão, onde ele está deitado de lado.

Ele começa a lutar contra as cordas a sério.

Barata dá de ombros, levanta e tira a venda de Vulciber.

— Saudações — diz ele.

Do outro lado da sala, a Bomba está limpando sob as unhas com uma longa faca em meia-lua. Fantasma está sentado em um canto tão baixo que ocasionalmente ele parece não estar lá. Mais alguns dos novos recrutas olham, interessados nos procedimentos – um menino com asas de pardal, três *spriggans*, uma garota *sluagh*.

Eu não estou acostumada com uma audiência.

Vulciber olha para Barata, para sua pele verde-duende e olhos que refletem laranja, seu nariz comprido e o único tufo de cabelo em sua cabeça. Ele anda pelo quarto.

— O Grande Rei não permite isso — diz Vulciber.

Eu dou-lhe um sorriso triste.

— O Grande Rei não sabe, e é improvável que você diga a ele quando eu cortar sua língua.

Assistir seu medo amadurecer me enche com uma satisfação quase

voluptuosa. Eu, que tive pouco poder em minha vida, devo estar em guarda contra esse sentimento. O poder vai à minha cabeça muito rapidamente, como o vinho das fadas.

— Deixe-me adivinhar — eu digo, voltando-me para trás na minha cadeira para enfrentá-lo, frieza calculada no meu olhar. — Você pensou que poderia me atacar, e não haveria consequências.

Ele encolhe um pouco com minhas palavras.

— O que você quer?

— Quem disse que eu quero alguma coisa em particular? — Eu revido — Talvez apenas um pequeno retorno....

Como se ensaiamos, Barata tira uma lâmina particularmente desagradável do cinto e a segura sobre Vulciber. Ele sorri para o guarda.

Bomba levanta as unhas, um pequeno sorriso nos lábios enquanto observa Barata.

— Eu acho que o show está prestes a começar.

Vulciber luta contra suas amarras, cabeça balançando para frente e para trás. Eu ouço a madeira da cadeira quebrar, mas ele não fica livre. Depois de várias respirações pesadas, ele cai.

— Por favor — ele sussurra.

Eu toco meu queixo como se um pensamento acabasse de me ocorrer.

— Ou você poderia nos ajudar. Balekin queria fazer uma barganha com Cardan. Você poderia me contar sobre isso.

— Eu não sei nada disso — diz ele desesperadamente.

— Que pena. — Eu dou de ombros e pego outro pedaço de queijo, empurrando-o na minha boca.

Ele dá uma olhada em Barata e na faca feia.

— Mas eu sei um segredo. Vale mais do que a minha vida, mais do que o que quer que Balekin quisesse com Cardan. Se eu contar, você vai me dar seu juramento de que eu vou sair daqui esta noite ileso?

Barata olha para mim e dou de ombros.

— Bem o suficiente — diz Barata — Se o segredo é tudo o que você reivindica, e se você jurar nunca revelar que visitou a Corte das Sombras, então nos diga e nós lhe enviaremos de volta ao seu caminho.

— A Rainha do Submarino — diz Vulciber, ansioso para falar agora. — As pessoas dela rastejam nas rochas à noite e sussurram para Balekin. Eles escorregam para a Torre, embora não saibamos como, e deixam-lhe conchas e dentes de tubarão. Mensagens estão sendo trocadas, mas não podemos decifrá-

las. Há sussurros que Orlagh pretende quebrar seu tratado com a terra e usar as informações que Balekin está dando a ela para arruinar Cardan.

De todas as ameaças ao reinado de Cardan, a Corte Submarina não era o que eu esperava. A Rainha do Submarino tem uma única filha – Nicasia, criada em terra e um dos amigos terríveis de Cardan.

Como Locke, Nicasia e eu temos uma história. Também como Locke, não é boa.

Mas eu achava que a amizade de Cardan com Nicasia significava que Orlagh estava feliz por ele estar no trono.

— Da próxima vez que um desses contatos acontecer — digo — venha direto para mim. E se você ouvir qualquer outra coisa em que achar que eu estaria interessada, você vem e também me diz.

— Não foi isso que concordamos — protesta Vulciber.

— É verdade — digo a ele. — Você nos contou uma história e é boa. Nós vamos deixar você ir hoje à noite. Mas eu posso recompensá-lo melhor do que algum príncipe assassino que não tem e nunca terá o favor do Grande Rei. Há posições melhores do que vigiar a Torre do Esquecimento – suas se você quiser. Há ouro. Há todas as recompensas que Balekin pode prometer, mas é improvável que faça.

Ele me dá um olhar estranho, provavelmente tentando julgar se, dado que ele me acertou e eu o envenenei, ainda é possível sermos aliados.

— Você pode mentir — diz ele finalmente.

— Vou garantir as recompensas — diz Barata. Ele alcança e corta as amarras de Vulciber com sua faca assustadora.

— Prometa-me um posto que não seja na Torre — diz Vulciber, esfregando os pulsos e se levantando — e eu lhe obedecerei como se você fosse o Grande Rei.

A Bomba ri disso, com uma piscadela na minha direção. Eles não sabem explicitamente que eu tenho o poder de comandar Cardan, mas eles sabem que temos uma barganha que envolve o fato de eu estar fazendo a maior parte do trabalho e a Corte das Sombras estar agindo diretamente para a coroa e sendo pago diretamente também.

Eu estou interpretando o Grande Rei em seu pequeno espetáculo, Cardan disse uma vez na minha audição. Barata e Bomba riram; Fantasma não.

Uma vez que Vulciber troca promessas conosco, e Barata o leva, vendado, para as passagens fora do Ninho, o Fantasma vem se sentar ao meu lado.

— Venha treinar — diz ele, pegando um pedaço de maçã do meu prato. —

Queime um pouco dessa raiva latente.

Eu dou uma risadinha.

— Não deprecie. Não é fácil manter a temperatura tão consistente — digo a ele.

— Nem tão alto — ele devolve, observando-me cuidadosamente com olhos castanhos. Eu sei que há humanos em sua linhagem – eu posso ver isso na forma de suas orelhas e seu cabelo arenoso, incomum em Faerie. Mas ele não me contou sua história, e aqui, neste lugar de segredos, me sinto desconfortável em perguntar.

Embora a Corte das Sombras não me siga, nós quatro fizemos uma promessa juntos. Nós prometemos proteger a pessoa e o ofício do Grande Rei, para garantir a segurança e a prosperidade de Elfhame pela esperança de menos derramamento de sangue e mais ouro. Então juramos. Então eles me deixam xingar, mesmo que minhas palavras não me prendam do jeito que elas fazem, por mágica. Estou ligado pela honra e pela fé em ter algumas.

— O próprio rei teve uma audiência com Barata três vezes nesta última quinzena. Ele está aprendendo a furtar bolsos. Se você não for cuidadosa, ele será melhor do que você. — O Fantasma foi adicionado à guarda pessoal do Rei Supremo, o que lhe permite manter Cardan em segurança, mas também conhecer seus hábitos.

Eu suspiro. Está escuro e tenho muito que devo fazer antes do amanhecer. E, no entanto, é difícil ignorar este convite, que atinge o meu orgulho.

Especialmente agora, com os novos espiões ouvindo minha resposta. Recrutamos mais membros, deslocados após os assassinatos reais. Todo príncipe e princesa empregou alguns, e agora nós empregamos todos eles. Os *spriggans* são tão cautelosos quanto os gatos, mas excelentes para desmascarar o escândalo. O

garoto pardal é tão verde quanto eu já fui. Eu gostaria que a expansão da Corte das Sombras acreditasse que eu não desistiria de um desafio.

— A dificuldade real virá quando alguém tentar ensinar o nosso rei o seu caminho em torno de uma lâmina — eu digo, pensando nas frustrações de Balekin nessa área, da declaração de Cardan que sua única virtude era que ele não era um assassino.

Não é uma virtude que compartilho.

— É? — Diz o Fantasma. — Talvez você tenha que ensinar isso a ele.

— Venha — eu digo, levantando-me. — Vamos ver se eu posso *te* ensinar.

Com isso, o Fantasma ri abertamente. Madoc levantou-me para a espada, mas

até eu me juntar à Corte das Sombras, só conheci um modo de lutar. O Fantasma estudou mais e sabe muito mais.

Eu o sigo para o Bosque Leitoso, onde abelhas com espinhos negros zumbem em suas colmeias no alto das árvores de casca branca. Os homens raiz estão dormindo. O mar bate nas bordas rochosas da ilha. O mundo se sente abafado quando nos enfrentamos. Tão cansados quanto eu, meus músculos lembram melhor do que eu.

Eu desembainho Cair da Noite. O Fantasma vem até mim rápido, a ponta da espada mergulhando em direção ao meu coração, e eu o jogo para longe, varrendo minha lâmina para o lado dele.

— Não está tão sem prática como eu temia — diz ele enquanto trocamos golpes, cada um de nós testando o outro.

Não lhe falo dos exercícios que faço diante do espelho, assim como não lhe conto de todas as outras maneiras pelas quais tento corrigir meus defeitos.

Como senescal do Grande Rei e governante de fato, tenho muito a estudar. Compromissos militares, mensagens de vassalos, demandas de todos os cantos da Elfame escritos em tantos idiomas.

Apenas alguns meses atrás, eu ainda freqüentava as aulas, ainda fazendo lição de casa para os acadêmicos corrigirem. A idéia de que eu posso desvendar tudo parece tão impossível quanto transformar palha em ouro, mas a cada noite eu fico acordada até o sol estar alto no céu, tentando o meu melhor para fazer exatamente isso.

Esse é o problema com um governo fantoche: ele não vai funcionar sozinho.

A adrenalina pode não ser um substituto para a experiência.

Depois de me testar com o básico, Fantasma começa a luta real. Ele dança sobre a grama levemente, de modo que quase não há som de seus passos. Ele ataca e ataca novamente, colocando uma ofensiva vertiginosa. Eu paro desesperadamente, todo meu pensamento entregue a isto, a luta. Minhas preocupações desaparecem no fundo enquanto minha atenção se acentua. Até a exaustão afugenta como penugem da parte de trás de um dente-de-leão.

É glorioso.

Nós trocamos golpes, indo e voltando, avançando e recuando.

— Você sente falta do mundo mortal? — Ele pergunta. Fico aliviada ao descobrir que a respiração dele não está chegando facilmente.

— Não — eu digo. — Eu mal me lembro.

Ele ataca novamente, sua espada, um peixe prateado que atravessa o mar da noite.

Observe a lâmina, não o soldado, Madoc me disse muitas vezes.

O aço nunca engana.

Nossas armas batem juntas de novo e de novo enquanto nos circulamos.

— Você deve se lembrar de algo.

Eu penso no nome da minha mãe sussurrado através das barras na Torre.

Ele finge para um lado e, distraído, percebo tarde demais o que ele está fazendo. O plano de sua lâmina bate no meu ombro. Ele poderia ter aberto minha pele se ele não tivesse virado o golpe no último momento, e como está, vai machucar.

— Nada importante — eu digo, tentando ignorar a dor. Dois podem jogar no jogo de distração. — Talvez suas memórias sejam melhores que as minhas. O que você lembra?

Ele encolhe os ombros.

— Como você, eu nasci lá. — Ele apunhala e eu viro a lâmina.

— Mas as coisas eram diferentes há cem anos atrás, suponho.

Eu levanto minhas sobancelhas e paro outro golpe, dançando fora de seu alcance.

— Você era uma criança feliz?

— Eu era mágico. Como eu poderia deixar de ser?

— *Magia* — eu digo, e com uma torção da minha lâmina – um movimento de Madoc – eu tiro a espada da mão do Fantasma.

Ele pisca para mim. Olhos cor de avelã. Abertura da boca torta em espanto.

— Você...

— Melhorou? — Eu sugiro, satisfeita o suficiente para não me importar com o meu ombro dolorido. Parece uma vitória, mas se estivéssemos realmente lutando, aquela ferida no

ombro provavelmente teria impossibilitado meu último movimento. Ainda assim, sua surpresa me emociona tanto quanto a minha vitória.

— É bom que Oak cresça como nós, certo — digo depois de um momento. — Longe da Corte. Longe de tudo isso.

A última vez que vi meu irmãozinho, ele estava sentado à mesa no apartamento de Vivi, aprendendo a multiplicação como se fosse um jogo de enigmas. Ele estava comendo queijo fatiado. Ele estava rindo.

— *“Quando o rei voltar”* — diz o Fantasma, citando uma balada.

— *“Pétalas de rosa se espalharão pelo caminho dele, e seus passos trarão um fim à ira”*. Mas como o seu Oak governará se ele terá tão poucas lembranças de Faerie quanto nós temos do mundo mortal?

A exaltação da vitória diminui. O Fantasma me dá um pequeno sorriso, como se quisesse tirar o ferrão de suas palavras.

Eu vou para um riacho próximo e mergulho minhas mãos, contente com a água fria. Eu coloco na minha boca e engulo em gratidão, saboreando as agulhas de pinheiro e lodo.

Eu penso em Oak, meu irmão mais novo. Uma criança fada absolutamente normal, nem particularmente atraída para a crueldade nem livre dela. Acostumada a ser mimada, costumava ser levada para longe da aflição por uma Oriana inquieta. Agora está se acostumando com cereais açucarados e desenhos animados e uma vida sem traição. Eu considero o ímpeto de prazer que senti no meu triunfo temporário sobre o Fantasma, a emoção de ser o poder por trás do trono, a satisfação preocupante que tive ao fazer Vulciber se contorcer. É melhor que Oak esteja sem esses impulsos ou impossível que ele governe a menos que ele os tenha?

E agora que encontrei em mim um gosto pelo poder, estarei relutante em desistir?

Limpo as mãos molhadas no rosto, afastando esses pensamentos.

Só existe o agora. Há apenas amanhã e hoje e agora e em breve e nunca.

Nós começamos a voltar, caminhando juntos enquanto a aurora transforma o céu em ouro. À distância, ouço o rugido de um cervo e o que soa como tambores.

Na metade do caminho, o Fantasma inclina a cabeça em um meio arco.

— Você me bateu hoje à noite. Eu não vou deixar isso acontecer novamente.

— Se você diz — eu digo a ele com um sorriso.

No momento em que volto ao palácio, o sol se levanta e eu não quero nada mais que dormir. Mas quando chego aos meus aposentos, encontro alguém parado em frente à porta.

Minha irmã gêmea, Taryn.

— Você tem uma contusão na bochecha — diz ela, as primeiras palavras que ela fala comigo em cinco meses.

image

O cabelo de Taryn está adornado com uma coroa de louro, e seu vestido é um marrom suave, entrelaçado com verde e dourado. Ela se vestiu para acentuar as curvas de seus quadris e tórax, ambos incomuns em Faerie, onde os corpos são finos ao ponto da atenuação. As roupas combinam com ela, e há algo de novo na postura de seus ombros que também combina com ela.

Ela é um espelho, refletindo alguém que eu poderia ter sido, mas não sou.

— É tarde — eu digo desajeitadamente, destrancando a porta dos meus aposentos. — Eu não esperava que alguém estivesse acordado. — Já passou muito do alvorecer agora. Todo o palácio está silencioso e provavelmente ficará assim até a tarde, quando as páginas correm pelos corredores e cozinham fogueiras. Os cortesãos se levantarão de suas camas muito mais tarde, em plena escuridão.

Considerando todo o meu desejo de vê-la, agora que ela está na minha frente, eu estou nervosa. Ela deve querer que algo para ter se esforçado tanto de repente.

— Eu vim duas vezes antes — diz ela, seguindo-me para dentro. — Você não

estava aqui. Desta vez decidi esperar, mesmo que esperasse o dia todo.

Eu acendo as lâmpadas; embora seja claro lá fora, estou muito no fundo do palácio para ter janelas nos meus quartos.

— Você parece bem.

Ela foge da minha polidez rígida.

— Nós vamos lutar para sempre? Eu quero que você use uma coroa de flores e dance no meu casamento. Vivienne está vindo do mundo mortal. Ela está trazendo o Oak. Madoc promete que não vai discutir com você. Por favor, diga que você virá.

Vivi está trazendo Oak? Eu gemo internamente e me pergunto se há uma chance de dissuadi-la sobre isso. Talvez seja porque ela é minha irmã mais velha, mas às vezes é difícil para ela me levar particularmente a sério.

Eu afundo no sofá e Taryn faz o mesmo.

Eu considero novamente o quebra-cabeça dela estar aqui. Se eu deveria exigir um pedido de desculpas ou se deveria deixá-la passar por cima de tudo isso, do jeito que ela claramente quer.

— Ok — eu digo a ela, cedendo. Eu senti muita falta dela para arriscar perdê-la novamente. Por sermos irmãs, tentarei esquecer como foi beijar Locke. Pelo meu próprio bem, vou tentar esquecer que ela sabia sobre os jogos que ele estava jogando comigo durante o namoro.

Eu vou dançar no casamento dela, embora tenha medo de sentir vontade de dançar com facas.

Ela alcança a bolsa aos seus pés e puxa meu gato e cobra de pelúcia.

— Aqui —, diz ela. — Eu não achei que você quisesse deixá-los para trás.

Eles são relíquias da nossa antiga vida mortal, talismãs. Eu os seguro e os pressiono contra o peito, como se fosse um travesseiro. Agora, eles parecem lembretes de todas as minhas vulnerabilidades. Eles me fazem sentir como uma criança, jogando um jogo adulto.

Eu a odeio um pouco por trazê-los.

Eles são um lembrete de nosso passado compartilhado – um lembrete deliberado, como se ela não pudesse confiar em mim para me lembrar sozinha. Eles me fazem sentir todos os meus nervos expostos quando eu estou tentando muito não sentir nada.

Quando eu não falo por um longo momento, ela continua.

— Madoc também sente a sua falta. Você sempre foi a favorita dele.

Eu bufo.

— Vivi é sua herdeira. Sua primogênita. Aquela pela qual ele veio ao mundo

mortal para encontrar. Ela é a *favorita* dele. Depois tem você, que mora em casa e não o traí.

— Eu não estou dizendo que você *ainda* é a favorita dele — diz Taryn com uma risada. — Embora ele estivesse um pouco orgulhoso de você quando você o superou para colocar Cardan no trono. Mesmo que fosse estúpido. Eu pensei que você odiava Cardan. Eu pensei que nós duas o odiássemos.

— Eu odiava —, eu digo, sem sentido. — Eu odeio.

Ela me dá um olhar estranho.

— Eu pensei que você queria punir Cardan por tudo que ele fez.

Eu penso em seu horror por seu próprio desejo quando eu trouxe minha boca para a dele, a adaga na minha mão, a borda contra sua pele. O prazer corroído e corrosivo daquele beijo. Parecia que eu estava o punindo – punindo a ele e a mim mesma ao mesmo tempo.

Eu o odiei tanto.

Taryn está drenando cada sentimento que eu quero ignorar, tudo que eu quero fingir.

— Nós fizemos um acordo — digo a ela, o que está perto da verdade. — Cardan me deixa ser sua conselheira. Eu tenho uma posição e poder, e Oak está fora de perigo. — Eu quero contar a ela o resto, mas eu não ousar. Ela poderia dizer a Madoc, até mesmo contar a Locke. Eu não posso compartilhar meus segredos com ela, nem mesmo para me gabar.

E admito que quero desesperadamente me gabar.

— E, em troca, você deu a ele a coroa de Faerie... — Taryn está olhando para mim como se tivesse sido atingida pela minha presunção. Afinal, quem era eu, uma garota mortal, para decidir quem deveria sentar no trono de Elfame?

Nós ganhamos poder tomando-o.

Mal sabe ela quão mais presunçosa eu tenho sido. Eu roubei a coroa de Faerie, eu quero contar a ela. O Grande Rei, Cardan, nosso velho inimigo, é meu para comandar. Mas é claro que não posso dizer essas palavras. Às vezes parece perigoso até pensar nelas.

— Algo assim —, eu digo então.

— Deve ser um trabalho exigente, ser conselheira dele. — Ela olha ao redor da sala, me forçando a ver como ela. Eu tomei essas câmaras, mas não tenho servos a não ser o pessoal do palácio, a quem raramente permito entrar. Xícaras de chá descansam nas estantes de livros, os pires repousam no chão junto com pratos sujos de cascas de frutas e crostas de pão. As roupas estão espalhadas onde eu as deixo depois de tirá-las. Livros e papéis repousam em todas as

superfícies.

— Você está se desenrolando como um carretel. O que acontece quando não há mais fio?

— Então eu giro mais — eu digo, aderindo à metáfora.

— Deixe-me ajudá-la — diz ela, iluminando.

Minhas sobrancelhas se levantam.

— Você quer fazer fio?

Ela revira os olhos para mim.

— Ah, vamos lá. Eu posso fazer coisas que você não tem tempo para fazer. Eu vejo você na Corte. Você tem talvez duas boas jaquetas. Eu poderia trazer alguns de seus antigos vestidos e jóias — Madoc não notaria, e mesmo se ele notasse, não se importaria.

Faerie corre através dívidas, promessas e obrigações. Tendo crescido aqui, entendo o que ela está oferecendo — um presente, um favor, em vez de um pedido de desculpas.

— Eu tenho *três* jaquetas — eu digo.

Ela levanta as duas sobrancelhas.

— Bem, então eu acho que você tem tudo acertado.

Eu não posso deixar de pensar nela vindo agora, logo após Locke ter se tornado Mestre de Cerimônias. E com ela ainda na casa de Madoc, me pergunto onde estão suas lealdades políticas.

Tenho vergonha desses pensamentos. Eu não quero pensar nela do jeito que eu tenho que pensar em todos os outros. Ela é minha irmã gêmea e eu sentia falta dela, e esperava que ela viesse, e agora ela veio.

— Tudo bem — eu digo. — Se você quiser, trazer minhas coisas velhas seria ótimo."

— Bom! — Taryn fica de pé. — E você deve reconhecer que foi um enorme ato de paciência para mim não perguntar de onde você veio hoje à noite ou como você se machucou.

Com isso, meu sorriso é instantâneo e real.

Ela estende um dedo para acariciar o corpo macio da minha cobra de pelúcia.

— Eu te amo, sabe. Assim como o Sr. Hiss. E nenhum de nós quer ficar para trás.

— Boa noite — eu digo a ela, e quando ela beija minha bochecha machucada, eu a abraço contra mim, breve e feroz.

Depois que ela vai embora, pego meus bichinhos de pelúcia e os coloco ao meu lado no tapete. Uma vez, eles eram um lembrete de que havia um tempo

antes do Reino das Fadas, quando as coisas eram normais. Uma vez, eles foram um conforto para mim. Eu dou uma última olhada, e então, um por um, eu os jogo no fogo.

Eu não sou mais uma criança e não preciso de conforto.



Uma vez feito isso, eu coloco pequenos frascos de vidro brilhando na minha frente.

Mitridatismo, é chamado, o processo pelo qual se toma um pouco de veneno para inocular-se contra uma dose completa do mesmo. Comecei há um ano, outra maneira de corrigir meus defeitos.

Ainda existem efeitos colaterais. Meus olhos brilham muito. As meias luas das minhas unhas são azuladas, como se meu sangue não tivesse oxigênio suficiente. Meu sono é estranho, cheio de sonhos muito vívidos.

Uma gota do líquido vermelho sangue do cogumelo amanita, que causa paralisia potencialmente letal. Uma pétala de docemorte, que pode causar um sono que dura cem anos. Um pedaço de baga-fantasma, que faz o sangue correr e induz a uma espécie de selvageria antes de parar o coração. E uma semente de maçã-eterna – fruta de fada – que turvava as mentes dos mortais.

Eu me sinto tonta e um pouco doente quando o veneno atinge meu sangue, mas eu estaria ainda mais doente se pulasse uma dose. Meu corpo se acostumou, e agora anseia pelo que deveria repudiar.

Uma metáfora apta para outras coisas.

Eu rastejo para o sofá e me deito lá. Assim como eu, as palavras de Balekin tomam conta de mim:

Ouvi dizer que, para os mortais, a sensação de se apaixonar é muito parecida com o sentimento de medo. Seu coração bate rápido. Seus sentidos são intensificados. Você fica distraído, talvez até tonto. Isso está certo?

Não tenho certeza se vou dormir, mas sonho.

image

Eu estou jogada em um ninho de cobertores e papéis e rolo no tapete na frente do fogo quando o Fantasma me acorda. Meus dedos estão manchados de tinta e cera. Olho em volta, tentando lembrar quando me levantei, o que estava escrevendo e para quem.

Barata fica no painel aberto da passagem secreta em meus aposentos, me observando com seus olhos não-humanos e refletidos.

Minha pele está suada e fria. Meu coração dispara.

Eu ainda posso sentir o veneno, amargo e enjoativo, na minha língua.

— Ele está nisso de novo — diz o fantasma. Eu não tenho que perguntar quem ele quer dizer. Eu posso ter enganado Cardan a usar a coroa, mas ainda não aprendi o truque de fazê-lo se comportar com a gravidade de um rei.

Enquanto eu estava sem condições de ser informada, ele estava com Locke. Eu sabia que haveria problemas. Eu esfrego meu rosto com o calo calejado da minha mão.

— Eu estou acordada — eu digo.

Ainda com minhas roupas da noite anterior, tiro o casaco e espero o melhor. Entrando no meu quarto, eu puxo meu cabelo para trás, amarrando-o com um pouco de couro e cobrindo a bagunça com um gorro de veludo.

Barata franze a testa para mim.

— Você está toda amassada. Sua Majestade não deveria sair por aí com uma senescal que parece que acabou de sair da cama.

— Val Moren tinha varas no cabelo durante a última década — lembro-lhe, tirando algumas folhas de hortelã parcialmente secas do meu armário e mastigando-as para tirar o brilho da minha respiração. O senescal do último Grande Rei era mortal, como eu, atado por profecia pouco confiável, e amplamente considerado louco. — Provavelmente as *mesmas* varas.

Barata ralha.

— Val Moren é um poeta. As regras são diferentes para os poetas.

Ignorando-o, sigo o Fantasma para a passagem secreta que leva ao coração do palácio, parando apenas para verificar se minhas facas ainda estão escondidas nas dobras de minhas roupas. Os passos do Fantasma são tão silenciosos que, quando não há luz suficiente para os meus olhos humanos enxergarem, eu poderia estar completamente sozinha.

Barata não nos segue. Ele vai na direção oposta com um grunhido.

— Onde estamos indo? — Pergunto à escuridão.

— Os aposentos dele — o Fantasma me diz quando saímos em um corredor, uma escada abaixo onde Cardan dorme. — Houve algum tipo de perturbação.

Eu tenho dificuldade em imaginar qual problema o Grande Rei entrou em seus próprios quartos, mas não demorou muito para descobrir. Quando chegamos, vejo Cardan descansando entre os destroços de seus móveis. Cortinas arrancadas de suas varas, as molduras das pinturas rachadas, suas telas chutadas, móveis quebrados. Um pequeno incêndio arde em um canto, e tudo cheira a fumaça e vinho derramado.

Ele não está sozinho. Em um sofá próximo estão Locke e duas belas fadas – um garoto e uma garota – um com chifres de carneiro, o outro com orelhas compridas que chegam a pontas com tufo, como os de uma coruja. Todos eles estão em estado avançado de nudez e inebriação. Eles assistem a sala queimar com uma espécie de fascinação sombria.

Servos se encolhem no corredor, sem saber se devem enfrentar a ira do rei e limpar. Até mesmo seus guardas parecem intimidados. Eles estão desajeitadamente no corredor do lado de fora de suas portas maciças – um mal saindo de suas dobradiças – prontos para proteger o Grande Rei de qualquer

ameaça que não seja ele mesmo.

— Card... — eu lembro a mim mesma e afundo em uma reverência. — Sua Majestade Infernal.

Ele se vira e, por um momento, parece olhar através de mim, como se não tivesse ideia de quem eu sou. Sua boca está pintada de ouro e suas pupilas estão dilatadas de intoxicação. Então seu lábio se ergue em um desdém familiar.

— Você.

— Sim — eu digo. — Eu.

Ele gesticula com a pele.

— Tome uma bebida. — Sua camisa de caça de mangas largas de linho está aberta. Seus pés estão descalços. Eu acho que deveria estar feliz por ele estar usando calças.

— Eu não tenho cabeça para o licor, meu senhor — eu digo, inteiramente sincera, estreitando meus olhos em advertência.

— Eu não sou seu rei? — Ele pergunta, desafiando-me a contradizê-lo. Me desafiando a recusar. Obedientemente, porque estamos na frente das pessoas, eu pego sua mão e a inclino contra os lábios fechados, fingindo engolir em seco.

Eu posso dizer que ele não está enganado, mas ele não empurra isso.

— Todo mundo pode nos deixar. — Eu indico as fadas no sofá, incluindo Locke. — Vocês. Saiam. Agora.

Os dois que não conheço voltam-se para Cardan suplicantemente, mas ele mal parece percebê-los e não me contraria. Após um longo momento, eles desdenham e se vão pela porta quebrada.

Locke demora mais para se levantar. Ele sorri para mim enquanto vai, um sorriso insinuante que eu não posso acreditar que alguma vez achei encantador. Ele olha para mim como se compartilhássemos segredos, embora não compartilhemos. Nós não compartilhamos nada.

Penso em Taryn esperando em meus aposentos quando essa diversão começou. Eu me pergunto se ela poderia ouvir. Eu me pergunto se ela está acostumada a ficar acordada até tarde com Locke, vendo as coisas queimarem.

O Fantasma sacode a cabeça arenosa para mim, olhos brilhantes de diversão. Ele está usando o uniforme do palácio. Para os cavaleiros no salão e para qualquer outra pessoa que esteja procurando, ele é apenas outro membro da guarda pessoal do Grande Rei.

— Vou me certificar de que todos estejam onde foram colocados — diz o Fantasma, saindo pela porta e dando ordens aos outros cavaleiros.

— Então? — Eu digo, olhando em volta.

Cardan encolhe os ombros, sentando no sofá recém-desocupado. Ele pega um pedaço de crina de cavalo que está saindo pelo tecido rasgado. Cada movimento dele é lânguido. Parece perigoso manter meu olhar nele por muito tempo, como se ele estivesse tão completamente depravado que pudesse ser contagioso.

— Havia mais convidados — diz ele, como se isso fosse uma explicação. — Eles saíram.

— Eu não posso imaginar por quê — eu digo, a voz tão seca quanto eu posso.

— Eles me contaram uma história — diz Cardan. — Você gostaria de ouvir? Era uma vez uma menina humana roubada por fadas e, por causa disso, jurou destruí-las.

— Uau — eu digo. — Isso realmente é uma prova de quanto você é um rei, acreditando que seu reinado é capaz de destruir Faerie.

Ainda assim, as palavras irritam. Eu não quero que meus motivos sejam considerados. Eu não deveria ser considerado influente. Eu não deveria ser considerada, e ponto final.

O Fantasma retorna do corredor, encostando a porta na moldura, fechando-a o máximo possível. Seus olhos castanhos estão sombreados.

Eu viro para o Cardan.

— Essa pequena história não é o motivo pelo qual fui chamada. O que aconteceu?

— Isso — diz ele, e cambaleia para o quarto com uma cama. Ali, incrustados profundamente na madeira lascada da cabeceira, há duas flechas pretas.

— Você está brincando que um dos seus convidados atirou na sua cama? — Eu suponho.

Ele ri.

— Eles não estavam apontando para a cama. — Ele puxa a camisa de lado, e eu vejo o buraco no pano e uma faixa de pele crua ao longo do seu lado.

Minha respiração falha.

— Quem fez isso? — Exige o Fantasma. E então, olhando mais de perto para Cardan: — E por que os guardas não estão mais irritados? Eles não se comportam como se não conseguissem evitar uma tentativa de assassinato.

Cardan encolhe os ombros.

— Eu acredito que os guardas acham que eu estava mirando em meus convidados.

Dou um passo mais perto e noto algumas gotas de sangue em um dos travesseiros desarrumados. Existem algumas flores brancas espalhadas, também, parecendo crescer fora do tecido.

— Alguém mais foi atingido?

Ele concorda.

— A flecha atingiu sua perna e ela estava gritando e não fazendo muito sentido. Então você vê como alguém pode concluir que eu atirei nela quando ninguém mais estava por perto. O atirador real voltou para as paredes. Ele estreita os olhos para o Fantasma e para mim, inclinando a cabeça, acusação queimando em seu olhar. — Parece haver algum tipo de passagem secreta.

O Palácio de Elfhame é construído em uma colina, com os antigos apartamentos do Grande Rei Eldred bem no centro, suas paredes repletas de raízes e videiras florescendo. Toda a Corte presumiu que Cardan os ocuparia, mas ele se mudou para o lugar mais distante possível deles, no topo da colina, com painéis de cristal colocados na terra como janelas. Antes de sua coroação, eles pertenciam aos menos favorecidos da família real. Agora os moradores do palácio se esforçam para se reorganizar para que possam estar mais perto do novo Grande Rei. E os aposentos de Eldred – abandonados e grandes demais para qualquer outra pessoa reivindicar – permanecem vazios.

Só conheço alguns caminhos para cômodos de Cardan – uma única janela grande, de vidro grosso, encantada para nunca quebrar, um par de portas duplas e, aparentemente, uma passagem secreta.

— Não está no mapa dos túneis que temos — digo a ele.

— Ah — diz ele. Não tenho certeza se ele acredita em mim.

— Você viu quem atirou em você? E por que você não contou aos seus próprios guardas o que realmente aconteceu?

Ele me dá um olhar exasperado.

— Eu vi um borrão de preto. E por que eu não corrigi os guardas – eu estava protegendo você e a Corte das Sombras. Eu não achei que você iria querer toda a guarda real em suas passagens secretas!

Para isso, não tenho resposta. A coisa perturbadora sobre Cardan é o quão bem ele se faz de tolo para disfarçar sua própria esperteza.

Em frente a cama há um armário embutido na parede, tomando todo o comprimento dela. Tem um relógio pintado na frente, com constelações em vez de números. Os braços do relógio estão apontados para uma configuração de estrelas profetizando um amante particularmente amoroso.

Por dentro, parece apenas um guarda-roupa cheio de roupas de Cardan. Eu os puxo para fora, deixando-os cair no chão em uma pilha de punhos de veludo, cetim e couro. Da cama, Cardan faz um som de aflição fingida.

Eu pressiono meu ouvido no suporte de madeira, ouvindo o assobio do vento

e sentindo um calafrio. O Fantasma faz o mesmo do outro lado. Seus dedos encontram um trinco e uma porta fina se abre.

Embora soubesse que o palácio estava repleto de passagens, nunca teria sonhado que uma estivesse no quarto de Cardan. E ainda assim... eu deveria ter vasculhado cada centímetro de parede. Eu poderia ter, pelo menos, pedido a um dos outros espiões para fazê-lo. Mas evitei, porque evitei ficar sozinha com o Cardan.

— Fique com o rei — digo ao Fantasma e, pegando uma vela, vou para a escuridão além da parede, evitando ficar sozinha com ele novamente.

O túnel é escuro, todo iluminado com mãos douradas segurando tochas que queimam com uma chama verde sem fumaça. O chão de pedra está coberto por um tapete puído, um detalhe estranhamente decorativo para uma passagem secreta. A alguns metros, encontro a besta. Não é a coisa compacta que eu carreguei. É enorme, mais da metade do meu tamanho, obviamente arrastado para cá – eu posso ver a maneira como o carpete é esticado na direção de onde veio.

Quem quer que tenha atirado, atirou daqui.

Eu pulo sobre a besta e continuo indo. Eu esperaria que uma passagem como essa tivesse muitos ramos, mas esta não tem nenhum. Ele mergulha em intervalos, como uma rampa, e se vira, mas corre em uma única direção – para a frente. Eu corro, mais e mais rápido, minha mão em volta da chama da minha vela para impedir que ela saia.

>Então chego a uma pesada laje de madeira esculpida com o brasão real, a mesma estampada no anel de sinete de Cardan.

Eu dou um empurrão, e ele muda, claramente em uma pista. Há uma estante do outro lado.

Até agora, só ouvi histórias da grande majestade dos quartos do Grande Rei Eldred no coração do palácio, logo acima do palácio, os grandes ramos do próprio trono serpenteando através de suas paredes. Embora eu nunca tenha visto antes, as descrições tornam impossível pensar que estou em outro lugar.

Eu ando pelas enormes salas cavernosas dos aposentos de Eldred, vela em uma mão, faca na outra.

E lá, sentada na cama do Grande Rei, com o rosto manchado de lágrimas, está Nicasia.

A filha de Orlagh, Princesa da Corte Submarina, adotada à Corte do Grande Rei como parte do tratado de paz de décadas atrás entre Orlagh e Eldred, Nicasia já foi parte do quarteto formado por Cardan e seus amigos mais próximos e mais

terríveis. Ela também era sua amada, até que ela o traiu por Locke. Eu não a vi do lado de Cardan com tanta frequência desde que ele subiu ao trono, mas ignorá-la dificilmente parece uma ofensa mortal.

É isso que Balekin estava sussurrando com a Corte Submarina? É assim que Cardan seria arruinado?

— Você?

Eu grito.

— Você atirou em Cardan?

— Não diga a ele! — Ela me encara furiosamente, enxugando os olhos molhados. — E guarde essa faca.

Nicasia usa um robe, fortemente bordado com fênix e enrolada em volta de si mesma. Três brincos brilham ao longo de seus lóbulos, serpenteando a orelha até as pontas azuladas. Seu cabelo ficou mais escuro desde que eu vi pela última vez. Sempre foram as muitas cores do mar, mas agora é o mar em uma tempestade – um profundo preto esverdeado.

— Você está fora de si? — Eu grito. — Você tentou assassinar o Grande Rei das Fadas.

— Não — diz ela. — Eu juro. Eu só queria matar a garota com quem ele estava.

Por um momento, estou muito chocada com a crueldade e a indiferença de falar.

Eu dou outra olhada para ela, para o robe que ela está segurando com tanta força. Com as palavras dela ecoando na minha cabeça, de repente tenho uma ideia clara do que aconteceu.

— Você pensou em surpreendê-lo em seus aposentos.

— Sim.

— Mas ele não estava sozinho... — eu continuo, esperando que ela assuma a história.

— Quando vi a balestra na parede, não parecia que seria tão difícil mirar — diz ela, esquecendo-se da parte de arrastá-la pela passagem, embora seja pesada e desajeitada e não poderia ter sido fácil. Eu me pergunto quão zangada ela estava, quão impensada era sua raiva.

Claro, talvez ela estivesse pensando com total clareza.

— É traição, você sabe — eu digo em voz alta. Estou tremendo, percebo. Os efeitos posteriores de acreditar que alguém tentou assassinar Cardan, de perceber que ele poderia ter morrido. — Eles vão te executar. Eles vão fazer você dançar até a morte em sapatos de ferro aquecidos como aticadores. Você terá sorte se

colocarem você na Torre do Esquecimento.

— Eu sou uma princesa do mar — diz ela arrogantemente, mas eu posso ver o choque em seu rosto enquanto minhas palavras se registram. — Isenta das leis da terra. Além disso, eu te disse que não estava apontando para ele.

Agora eu entendo o pior de seu comportamento na escola: ela pensou que nunca poderia ser punida.

— Você já usou uma besta antes? — Eu pergunto. — Você coloca a vida dele em risco. Ele poderia ter morrido. Sua idiota, *ele poderia ter morrido*.

— Eu te disse... — ela começa a se repetir.

— Sim, sim, o pacto entre o mar e a terra — eu a interrompo, ainda furiosa. — Mas acontece que sei que sua mãe está decidida a quebrar o tratado. Veja, ela dirá que foi entre a Rainha Orlagh e o Grande Rei Eldred, não a Rainha Orlagh e o Grande Rei Cardan. Não se aplica mais. O que significa que não vai te proteger.

Nicasia me olha com medo pela primeira vez.

— Como você sabia disso?

Eu não tinha certeza, penso mas não digo. *Agora eu tenho*.

— Vamos assumir que eu sei tudo — digo a ela ao invés — Tudo. Sempre. Ainda estou disposta a fazer um acordo com você. Eu direi a Cardan, aos guardas e ao resto deles que o atirador escapou, se você fizer algo por mim.

— Sim — diz ela antes mesmo de expor as condições, tornando a profundidade de seu desespero claro. Por um momento, um desejo de vingança surge em mim. Certa vez, ela riu da minha humilhação. Agora eu poderia me gabar diante dela.

É assim que é o poder, puro poder irrestrito. É ótimo.

— Diga-me o que Orlagh está planejando —, eu digo, afastando esses pensamentos.

— Eu pensei que você já sabia de tudo — ela responde com mau humor, arrumando-se para que ela possa se levantar da cama, uma mão ainda segurando o robe. Eu acho que ela está usando muito pouco, no mínimo.

Você deveria ter acabado de entrar, eu quero contar a ela, de repente. *Você deveria ter dito a ele para esquecer a outra garota. Talvez ele tivesse*.

— Você quer comprar o meu silêncio ou não? — Eu pergunto, sentando-me na borda das almofadas. — Temos apenas um certo tempo antes que alguém venha me procurar. Se eles te virem, será tarde demais para negações.

Nicasia dá um longo suspiro de sofrimento.

— Minha mãe diz que ele é um rei jovem e fraco, que ele deixa os outros

influenciá-lo demais. — Com isso, ela me dá um olhar duro. — Ela acredita que ele vai ceder às suas demandas. Se ele fizer isso, nada mudará.

— E se ele não...?

Seu queixo levanta.

— Então a trégua entre terra e mar terminará, e será a terra que sofrerá. As ilhas de Elfhame afundarão sob as ondas.

— E então o quê? — Eu pergunto. — É improvável que Cardan fique com você se sua mãe inundar o lugar.

— Você não entende. Ela quer que nos casemos. Ela quer que eu seja rainha.

Estou tão surpresa que, por um momento, eu apenas olho para ela, lutando contra uma espécie de riso selvagem e em pânico.

— Você acabou de *atirar nele*.

O olhar que ela me dá está além do ódio.

— Bem, você assassinou Valerian, não assassinou? Eu o vi na noite em que ele desapareceu, e ele estava falando sobre você, falando sobre pagá-la de volta por esfaqueá-lo. As pessoas dizem que ele morreu na coroação, mas eu não acho.

O corpo de Valerian está enterrado na propriedade de Madoc, ao lado dos estábulos, e se foi desenterrado, eu já teria ouvido falar sobre isso antes. Ela está adivinhando.

>E daí se eu fiz, afinal? Estou à direita do Grande Rei das Fadas. Ele pode perdoar todos os meus crimes.

Ainda assim, a lembrança disso traz de volta o terror de lutar pela minha vida. E isso me lembra como ela teria se deliciado com a minha morte do jeito que ela se deliciava com tudo que Valerian fazia ou tentava fazer comigo. O jeito que ela se deliciava com o ódio de Cardan.

— Da próxima vez que você *me pegar* cometendo traição, você pode *me* forçar a contar *meus* segredos — eu digo. — Mas agora eu prefiro ouvir o que sua mãe pretende fazer com Balekin.

— Nada — diz Nicasia.

— E aqui eu pensei que o povo não podia mentir — digo a ela.

Nicasia anda pela sala. Seus pés estão de chinelos, cujos pontos se enrolam como samambaias.

— Eu não estou! Minha mãe acredita que Cardan concordará com seus termos. Ela está apenas lisonjeando Balekin. Ela deixa ele acreditar que ele é importante, mas ele não será. Ele não será.

Eu tento juntar a trama.

— Porque ele é seu plano B se Cardan se recusar a casar com você.

Minha mente está se recuperando com a certeza de que, acima de tudo, não posso permitir que Cardan se case com Nicasia. Se ele fizesse, seria impossível tirar ambos do trono. Oak nunca governaria.

Eu perderia tudo.

Seu olhar se estreita.

— Eu já te disse o suficiente.

— Você acha que ainda estamos jogando algum tipo de jogo — eu digo.

— Tudo é um jogo, Jude — diz ela. — Você sabe disso. E agora é a sua jogada. Com essas palavras, ela se dirige para as enormes portas e abre a porta. — Vá em frente e diga a eles se você quiser, mas você deve saber disso – alguém em quem você confia já a traiu. — Eu ouço a batida de seus chinelos na pedra, e então a pesada batida de madeira contra o batente.

Meus pensamentos são um tumulto de confusão enquanto faço meu caminho de volta pela passagem. Cardan está esperando por mim na sala principal de seus aposentos, reclinado em um sofá com um olhar astuto no rosto. Sua camisa ainda está aberta, mas uma bandagem fresca cobre sua ferida. Através de seus dedos, uma moeda dança - eu reconheço o truque como um de Barata.

Alguém em quem você confia já o traiu.

Dos destroços quebrados da porta, o Fantasma observa de onde ele está com a guarda pessoal do Grande Rei. Ele chama minha atenção.

— Bem? — Cardan pergunta. — Você descobriu alguma coisa do meu assassino?

Balanço a cabeça, incapaz de falar com a mentira. Eu olho em volta para os destroços desses quartos. Não há como eles estarem seguros e cheiram a fumaça.

— Vamos — eu digo, pegando o braço de Cardan e puxando-o instável de pé. — Você não pode dormir aqui.

— O que aconteceu com a sua bochecha? — Ele pergunta, seu olhar focado em mim. Ele está perto o suficiente para que eu possa ver seus longos cílios, o anel de ouro em torno do preto de sua íris.

— Nada — eu digo.

Ele me deixa forçá-lo a entrar no corredor. Quando saímos, o Fantasma e o resto dos guardas se movem imediatamente para ficarem atentos.

— À vontade —, diz Cardan com um aceno de mão. — Minha senescal está me levando para algum lugar. Não se preocupe. Tenho certeza de que ela tem algum tipo de plano.

Seus guardas caem na fila atrás de nós, alguns deles franzindo a testa, enquanto eu meio o conduzo, meio o carrego para os meus aposentos. Eu odeio

levá-lo lá, mas não me sinto confiante sobre sua segurança em qualquer outro lugar.

Ele olha em volta, perplexo, absorvendo a bagunça. “Onde... você realmente dorme aqui? Talvez você devesse atear fogo em seus quartos também.

— Talvez —, eu digo, guiando-o para a minha cama. É estranho colocar a mão nas costas dele. Eu posso sentir o calor de sua pele através do linho fino de sua camisa, posso sentir a flexão de seus músculos.

Parece errado tocá-lo como se ele fosse uma pessoa normal, como se ele não fosse o Grande Rei e também meu inimigo.

Ele não precisa de encorajamento para se esparramar no meu colchão, a cabeça no travesseiro, o cabelo preto espalhando como penas de corvo. Ele olha para mim com seus olhos cor de noite, bonitos e terríveis de uma só vez.

— Por um momento — ele diz, — eu me perguntei se não estava atirando em mim.

Eu faço uma careta para ele.

— E o que fez você decidir que não era?

Ele sorri para mim.

— Eles erraram.

Eu disse que ele tem o poder de fazer um elogio e fazer doer. Assim, também, ele pode dizer algo que deveria ser insultuoso e fazê-lo de tal maneira que pareça ser verdadeiramente bem visto.

Nossos olhos se encontram e alguma coisa perigosa faísca.

Ele odeia você, eu me lembro.

— Beije-me novamente —, diz ele, bêbado e tolo. — Beije-me até que eu esteja cansado disso.

Eu sinto essas palavras, sinto-as como um chute no estômago. Ele vê minha expressão e ri, um som cheio de zombaria. Eu não sei dizer de quem ele está rindo.

Ele te odeia. Mesmo que ele te queira, ele te odeia.

Talvez ele te odeie mais por isso.

Depois de um momento, seus olhos se fecharam. Sua voz cai para um sussurro, como se ele estivesse falando sozinho.

— Se você é a doença, eu suponho que você não pode também ser a cura.

Ele adormece, mas estou bem acordada.

image

Durante toda a manhã, eu me sento em uma cadeira inclinada contra a parede do meu próprio quarto. A espada do meu pai está no meu colo. Minha mente continua passeando pelas palavras dela.

Você não entende. Ela quer que nos casemos. Ela quer que eu seja rainha.

Embora eu esteja do lado oposto ao dele, meu olhar se desvia frequentemente para a cama e para o menino que dorme ali.

Seus olhos negros fechados, seu cabelo escuro derramando sobre o meu travesseiro. No início, ele não conseguia se sentir confortável, enredando os pés nos lençóis, mas finalmente sua respiração se suavizou e seus movimentos também. Ele é tão ridiculamente bonito como sempre, boca suave, lábios ligeiramente entreabertos, cílios tão compridos que, quando seus olhos estão fechados, descansam contra sua bochecha.

Estou acostumada com a beleza de Cardan, mas não com qualquer vulnerabilidade. É desconfortável vê-lo sem suas roupas fantasiosas, sem sua língua ácida e seu olhar malicioso como armadura.

Nos cinco meses de nosso acordo, tentei antecipar o pior. Eu emiti comandos para evitar que ele evite, ignore ou se livre de mim. Eu descobri regras para impedir que os mortais sejam enganados em servidão por anos e consegui que ele os proferisse.

Mas nunca parece o suficiente.

Lembro-me de caminhar com ele nos jardins do palácio ao entardecer. As mãos de Cardan estavam cruzadas atrás das costas e ele parou para farejar o enorme globo de uma rosa branca com as pontas vermelhas, pouco antes dela estalar no ar. Ele sorriu e ergueu uma sobrancelha para mim, mas eu estava nervosa demais para sorrir de volta.

Atrás dele, na beira do jardim, havia meia dúzia de cavaleiros, sua guarda pessoal, aos quais o Fantasma já estava designado.

Embora eu tenha repassado o que eu estava prestes a dizer a ele, ainda me sentia como a idiota que acredita que pode enganar para fazer uma dúzia de desejos de um único, apenas conseguindo falar da maneira certa.

— Eu vou lhe dar ordens.

— Ah, certo — disse ele. Em sua testa, a coroa do ouro de Elfhame captou a luz do pôr-do-sol.

Eu respirei e comecei.

— Você nunca vai me negar uma audiência ou dar uma ordem para me tirar do seu lado.

— Por que eu iria querer que você saísse do meu lado? — Ele perguntou, a voz seca.

— E você nunca pode mandar me prender ou me matar — eu disse, ignorando-o. — Nem machucar. Nem mesmo me deter.

— Que tal pedir a um empregado para colocar uma pedra muito afiada na sua bota? — Ele perguntou, expressão irritantemente séria.

Eu dei a ele o que eu esperava que fosse um olhar contundente em troca.

— Nem você pode levantar a mão contra mim.

Ele fez um gesto no ar, como se tudo isso fosse ridiculamente óbvio, como se de alguma forma lhe dar os comandos em voz alta fosse um ato de má-fé.

Eu continuei obstinadamente.

— Todas as noites, você vai me encontrar em seus aposentos antes do jantar e discutiremos a política. E se você souber de algum mal a ser feito contra mim, você deve me avisar. Você deve tentar impedir que alguém adivinhe como eu o controlei. E não importa o quanto você odeie ser o Grande Rei, você deve fingir o contrário.

— Eu não — disse ele, olhando para o céu.

Eu me virei para ele, surpresa.

— O que você quer dizer?"

— Eu não odeio ser o Grande Rei — ele disse. — Nem sempre. Eu pensei que iria, e ainda assim, não. Faça disso o que você quiser.

Eu estava nervosa, porque era muito mais fácil quando eu sabia que ele não era apenas inadequado, mas também desinteressado em governar. Sempre que eu olhava para a Coroa de Sangue em sua cabeça, eu tinha que fingir.

Não ajudou como imediatamente ele convenceu os nobres de seu direito de presidi-los. Sua reputação de crueldade os preocupava em desobedecê-lo. Sua licença fez acreditar que todas as delícias eram possíveis.

— Então — eu disse. — Você gosta de ser meu peão?

Ele sorriu preguiçosamente, como se não se importasse de ser iscado.

— Por enquanto.

Meu olhar ficou aguçado.

— Por muito mais tempo do que isso.

— Você ganhou um ano e um dia —, ele me disse. — Mas muita coisa pode acontecer em um ano e um dia. Me dê todos os comandos que você quiser, mas você nunca pensará em tudo.

Certa vez, fui eu quem o desequilibrou, que provoquei sua raiva e destruí seu autocontrole, mas de alguma forma as peças se inverteram. Todos os dias desde então, senti o deslizamento.

Quando olho para ele agora, estendido na cama, sinto-me mais desequilibrada do que nunca.



Barata entra na sala como raios de luz do fim da tarde da colina acima de nós. Em seu ombro está a coruja, uma vez mensageira de Dain, agora mensageira da Corte das Sombras. Se chama Crânio de Dragão, embora eu não saiba se é um codinome.

— O Conselho quer ver você — diz Barata. Crânio de Dragão pisca com os olhos negros e sonolentos para mim.

Eu gemo.

— Na verdade — ele diz, apontando para a cama — eles querem vê-lo, mas é

você que eles podem pedir por aí.

Eu me levanto e me alongo. Então, amarrando a bainha, vou até a sala dos meus aposentos para não acordar Cardan.

— Como está o fantasma?

— Descansando — diz Barata — Muitos rumores circulando ontem à noite, mesmo entre os guardas do palácio. Fofocas começam a girar suas teias.

Eu vou para o meu quarto de banho para me limpar. Eu gargarejo com água salgada e esfrego meu rosto e axilas com um pano coberto de sabonete de verbena de limão. Eu escovo meus cabelos emaranhados, exausta demais para gerenciar qualquer coisa mais complicada do que isso.

— Eu acho que você já deve ter verificado as passagens a essa hora — eu digo.

— Eu chequei — diz Barata. — E vejo percebi porque não estava em nenhum dos nossos mapas. Não há conexão com as outras passagens em nenhum ponto do comprimento dela. Eu nem tenho certeza se foi construído quando eles estavam.

Eu considero a pintura do relógio e as constelações. As estrelas profetizando um amante amoroso.

— Quem dormiu lá antes de Cardan? — Eu pergunto.

Barata encolhe os ombros.

Várias fadas. Ninguém em particular. Convidados da coroa.

— Amantes — eu digo, finalmente juntando as coisas. — Os amantes do Grande Rei que não foram consortes.

— Huh. — Barata indica Cardan com o levantar do queixo na direção do meu quarto. — E esse é o lugar onde *nosso Grande Rei* escolheu dormir? — Barata me dá um olhar significativo, como se eu devesse saber a resposta para esse quebra-cabeça, quando eu não percebi que era um quebra-cabeça.

—Eu não sei — eu digo.

Ele sacode a cabeça.

— É melhor você ir à essa reunião do Conselho.

Eu não posso dizer que não é um alívio saber que, quando Cardan acordar, eu não estarei lá.

image

O Conselho se reuniu durante o tempo de Eldred para ajudar ostensivamente o Grande Rei a tomar decisões, e eles se transformaram em um grupo difícil de se opor. Não a ponto de os ministros terem poder individualmente — embora muitos sejam formidáveis — mas, coletivamente, eles têm autoridade para tomar diversas decisões menores em relação à administração do reino. O tipo de pequenas decisões que, juntas, poderiam colocar um rei em um beco sem saída.

Após a coroação interrompida e o assassinato da família real e após a irregularidade com a coroa, o Conselho estava cético quanto à juventude de Cardan e confuso com minha ascensão ao poder.

O Crânio do Dragão leva-me à reunião debaixo de um domo trançado de salgueiros em uma superfície de madeira fossilizada. Os ministros me observam atravessar a grama e eu os encaro — o Ministro Unseelie, um troll com uma cabeça grossa de cabelo desgrenhado com pedaços de metal trançados; a Ministra Seelie, uma mulher verde que parece um mantis; o Grande General, Madoc; o Astrólogo Real, um homem muito alto, de pele escura, com barba

esculpida e ornamentos celestes na longa ponta de seu cabelo azul-marinho; o Ministro das Chaves, um velho com chifres de carneiro e olhos de cabra; e o Grande Tolo, que usa rosas de lavanda na cabeça para combinar com seu púrpura.

Ao longo de toda a mesa há jarras de água e vinho e pratos de frutas secas.

Eu me inclino em direção a um dos servos e peço um pote do chá mais forte que eles podem encontrar. Eu precisarei disso.

Randalin, o Ministro das Chaves, senta-se na cadeira do Grande Rei, a parte de trás da madeira do assento do trono queimada com o brasão real. Eu noto o movimento — e as suposições inerentes a ele. Nos cinco meses desde que assumiu o manto de Grande Rei, Cardan não chegou ao Conselho. Apenas uma cadeira está vazia — entre Madoc e Fala, o Grande Tolo. Eu permaneço de pé.

— Jude Duarte — diz Randalin, fixando os olhos de cabra em mim. — Onde está o Grande Rei?

Ficar na frente deles é sempre intimidante, e a presença de Madoc piora tudo. Ele faz com que eu me sinta uma criança, ansiosa para dizer ou fazer algo inteligente. Uma parte de mim quer nada mais do que provar que sou mais do que eles supõem que eu seja — a fraca e tola nomeada de um rei fraco e tolo.

Para provar que há outra razão para Cardan ter escolhido uma senescal mortal do que porque posso mentir por ele.

— Eu vim em seu lugar — eu digo. — Vim falar em seu lugar.

O olhar de Randalin murcha.

— Há um boato de que ele atirou em um dos seus amantes ontem à noite. É verdade?

Um servo coloca o pote de chá pedido no meu cotovelo, e sou grata tanto pela fortificação como por uma desculpa para não responder imediatamente.

— Hoje os cortesãos me disseram que a garota usava uma tornoeleira de rubis em movimento como uma desculpa, mas que ela não podia ficar de pé sozinha — diz Nihuar, a representante dos Seelie. Ela franze os pequenos lábios verdes. — Eu acho que tudo isso é de muito mau gosto.

Fala, o Bobo ri, acha tudo claramente de bom gosto.

— Rubis para o derramamento de seu sangue vermelho-rubi.

Isso não pode ser verdade. Cardan teria que arranjar isso no tempo em que levei para ir dos meus aposentos ao Conselho. Mas isso não significa que outra pessoa não a organizou em seu nome. Todo mundo está ansioso para ajudar um rei.

— Você preferiria que ele a matasse imediatamente? — Eu digo. Minhas

habilidades na diplomacia estão longe de ser tão afiadas quanto minhas habilidades em lutas. Além disso, estou cansada.

— Eu não me importo — diz o representante da Unseelie, Mikkell, com uma risada. — Nosso novo Grande Rei parece completamente Unseelie, e ele nos favorecerá, eu acho. Poderíamos dar-lhe uma devassidão melhor do que o seu Mestre de Revelações, agora que sabemos do que ele gosta.

— Existem outras histórias — continua Randalin. — Aquela do guarda que atirou no Grande Rei Cardan para salvar a vida daquela cortesã. Que ela está carregando o herdeiro real. Você deve dizer ao Grande Rei que seu Conselho está pronto para aconselhá-lo para que seu governo não seja atormentado por tais histórias.

— Eu farei isso — eu digo.

O Astrólogo Real, Baphen, me dá uma olhada como se lesse corretamente minha intenção de não falar com Cardan sobre nada disso.

— O Grande Rei está ligado à terra e aos seus súditos. Um rei é um símbolo vivo, um coração pulsante, uma estrela sobre a qual o futuro de Elfhame está escrito — ele fala baixinho e, ainda assim, de alguma forma, sua voz propaga. — Certamente você notou que desde que o seu reinado começou, as ilhas estão diferentes. Tempestades entram mais rápido. As cores estão um pouco mais vivas, os cheiros estão mais nítidos.

— Coisas foram vistas nas florestas — ele continua. — Coisas antigas, há muito tempo longe do mundo, vieram para espia-lo. Quando ele fica bêbado, seus súditos ficam embriagados sem saber por quê. Quando o sangue dele cai, coisas crescem. Ora, a Rainha Mab chamou Insmire, Insmoor e Insweal do mar. Todas as ilhas de Elfhame, formadas em uma única hora.

Meu coração acelera cada vez mais rápido à medida que Baphen fala. Meus pulmões sentem como se não conseguissem ar suficiente. Porque nada disso pode estar descrevendo Cardan. Ele não pode estar conectado à terra tão profundamente, não pode ser capaz de fazer tudo isso e ainda estar sob meu controle.

Penso no sangue em sua colcha e, ao lado, nas flores brancas espalhadas.

Quando o sangue dele cai, coisas crescem.

— Então você vê — diz Randalin, sem saber que estou enlouquecendo. — que cada decisão do Grande Rei muda Elfhame e influencia seus habitantes. Durante o reinado de Eldred, quando os filhos nasceram, eles foram forçosamente trazidos diante dele para se comprometerem com o reino. Mas nas cortes menores, alguns herdeiros foram levados ao mundo mortal para crescer

fora do alcance de Eldred. Essas crianças insubordinadas voltaram a governar sem fazer votos à Coroa de Sangue. Pelo menos uma corte transformou tal desafio em sua rainha. E quem sabe quantos povos selvagens conseguiram evitar fazer votos?

— Também precisamos vigiar a Rainha da Corte Submarina — digo. — Ela tem um plano e vai se voltar contra nós.

— O que você quer dizer? — Madoc diz, interessado na conversa pela primeira vez.

— Impossível — diz Randalin. — Como você teria ouvido uma coisa dessas?

— Balekin tem se encontrado com seus representantes — eu digo.

Randalin bufa.

— E eu suponho que você ouviu isso dos próprios lábios do príncipe?

Se eu mordesse minha língua com mais força, eu a faria sangrar. — Eu ouvi de mais de uma fonte. Se a aliança deles se foi com Eldred, então acabou.

— O pessoal do mar tem corações frios — diz Mikkel, que soa, a princípio, como se estivesse concordando comigo, mas o tom de aprovação em sua voz enfraquece.

— Por que Baphen não consulta seus gráficos de estrelas? — Randalin diz com apatia. — Se ele encontrar uma ameaça profetizada lá, discutiremos mais.

— Sei o que estou dizendo a vocês — eu insisto, frustrada.

Esse é o momento em que Fala pula na mesa e começa a dançar — interpretativamente, eu acho. Madoc solta uma gargalhada. Um pássaro pousa no ombro de Nihuar e eles começam a fofocar de um lado para o outro em sussurros e trinados baixos.

É claro que nenhum deles quer acreditar em mim. Como eu poderia saber de algo que eles não sabem, afinal? Eu sou muito jovem, muito verde, muito mortal.

— Nicasia... — eu começo de novo.

Madoc sorri.

— Sua amiguinha da escola.

Eu gostaria de poder dizer a Madoc que a única razão pela qual ele ainda se senta no Conselho é por minha causa. Apesar de executar Dain com sua própria mão, ele ainda é o Grande General. Eu poderia dizer que quero mantê-lo ocupado, que ele é uma arma melhor implantada por nós do que contra nós, que é mais fácil para meus espiões observá-lo quando eu sei onde ele está, mas uma parte de mim sabe que ele ainda é Grande General porque eu não consegui tirar tanta autoridade do meu pai.

— Ainda há a questão de Grimsen — diz Mikkel, seguindo em frente como se eu não tivesse falado. — O Grande Rei recebeu o ferreiro de Alderking, criador da Coroa de Sangue. Agora ele mora entre nós, mas ainda não trabalha para nós.

— Devemos fazê-lo se sentir bem-vindo — diz Nihuar em um raro momento de solidariedade entre as facções Unseelie e Seelie. — O Mestre das Revelações fez planos para a Caça da Lua. Talvez ele possa adicionar um entretenimento em benefício de Grimsen.

— Depende do que Grimsen quer, eu acho — eu digo, desistindo de convencê-los de que Orlagh vai se mover contra nós. Estou por minha conta.

— Rolar na sujeira, talvez — Fala diz. — Procurando por ninharias.

— Trufas — Randalin corrige automaticamente.

— Oh, não — diz Fala, franzindo o nariz. — Não elas.

— Vou me esforçar para descobrir suas diversões preferidas — Randalin faz uma pequena nota em um pedaço de papel. — Também me disseram que um representante da Corte de Cupins estará presente na Caça da Lua.

Eu tento não deixar minha surpresa aparecer. A Corte de Cupins, liderado por Lorde Roiben, ajudou a colocar Cardan no trono. E por seus esforços eu prometi que quando Lorde Roiben me pedisse um favor, eu faria. Mas eu não tenho ideia do que ele pode querer, e agora não é um bom momento para outra complicação.

Randalin pigarreia e se vira, dando-me um olhar aguçado.

— Transmita nossos arrependimentos ao Grande Rei por não termos sido capazes de aconselhá-lo diretamente, e que ele saiba que estamos prontos para ajudá-lo. Se você não conseguir impressioná-lo, encontraremos outros meios de o fazê-lo.

Faço uma pequena reverência e não respondo ao que é claramente uma ameaça.

Quando saio, Madoc entra em cena ao meu lado.

— Eu sei que você falou com sua irmã — diz ele, sobrancelhas grossas abaixadas em pelo menos uma mímica de preocupação.

Eu dou de ombros, lembrando-me que ele não falou uma palavra a meu favor hoje.

Ele me dá um olhar impaciente.

— Não me diga o quão ocupada você anda com esse menino rei, embora eu imagine que ele tome algum cuidado — De alguma forma, em poucas palavras, ele me transformou em uma filha carrancuda e a si mesmo em um pai preocupado..

Eu suspiro, derrotada.

— Eu falei com Taryn.

— Bom — diz ele. — Você anda muito solitária.

— Não finja preocupação — eu digo. — Isso insulta nós duas.

— Você não acredita que eu poderia me importar com você, mesmo depois de você me trair? — Ele me olha com seus olhos de gato. — Eu ainda sou seu pai.

— Você é o assassino do meu pai — eu deixo escapar.

— Eu posso ser os dois — diz Madoc, sorrindo, mostrando os dentes.

Tentei sacudi-lo, mas só consegui me sacudir. Apesar da passagem de meses, a lembrança de sua última investida abortada, uma vez que ele percebeu que ele estava sendo envenenado, está fresca em minha mente. Lembro-me dele parecendo que gostaria de me partir ao meio.

— É por isso que nenhuma de nós deve fingir que você não está furioso conosco.

— Oh, eu estou furioso, filha, mas também estou curioso. — ele faz um gesto de desprezo em direção ao Palácio de Elfhame. — Isso é realmente o que você queria? Ele?

Como com Taryn, eu me engasgo com a explicação que não posso dar.

Quando não falo, ele chega às suas próprias conclusões.

— Como eu imaginei. Eu não apreciei você corretamente. Eu dispensei seu desejo de ser cavaleira. Eu dispensei sua capacidade de estratégia, força e crueldade. Esse foi meu erro, e um que não farei novamente.

Não tenho certeza se isso é uma ameaça ou um pedido de desculpas.

— Cardan é o Grande Rei agora, e enquanto ele usar a Coroa de Sangue, eu jurei servi-lo — diz ele. — Mas nenhum juramento está ligado à você. Se você se arrepender de sua jogada, faça outra. Ainda há jogos para jogar.

— Eu já ganhei — eu lembro a ele.

Ele sorri.

— Vamos nos falar de novo.

Quando ele sai, não consigo deixar de pensar que talvez estivesse melhor quando ele me ignorava.

image

Eu encontrei Bomba nos antigos aposentos do Grande Rei Eldred. Desta vez, estou decidida a percorrer cada centímetro dos aposentos antes que Cardan se mude para eles — e estou determinada a que ele fique aqui, na parte mais segura do palácio, quaisquer que sejam suas preferências.

Quando eu chego, Bomba está acendendo as últimas velas gordas acima de uma lareira, os canais de cera tão estabelecidos que fazem uma espécie de escultura. É estranho estar aqui agora, sem Nicasia para chamar minha atenção ou qualquer outra coisa para me distrair de olhar em volta. As paredes brilham com mica, e o teto é todo de ramos e videiras verdes. Na antecâmara, a casca de uma enorme lesma brilha, uma lâmpada do tamanho de uma pequena mesa.

Bomba me dá um sorriso rápido. Seu cabelo branco é puxado para trás em tranças atadas com algumas contas prateadas cintilantes.

Alguém em quem você confia já a traiu.

Eu tento tirar as palavras de Nicasia da minha cabeça. Afinal, isso poderia significar qualquer coisa. É uma besteira típica de fada, sinistra, mas aplicável de

forma tão ampla que poderia ser a pista para uma armadilha prestes a ser lançada em mim ou uma referência a algo que aconteceu quando todos estávamos tendo aulas juntos.

Talvez ela esteja me avisando que eu estou confiando em um espião, ou talvez ela esteja aludindo a Taryn estar com Locke.

E, ainda assim, não consigo parar de pensar nisso.

— Então o assassino escapou por aqui? — Bomba diz. — Fantasma disse que você o perseguiu.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não havia assassino. Foi um ato romântico mal entendido.

Suas sobrançelas sobem.

— O Grande Rei é muito ruim no romance — eu digo.

— Eu acho que sim — diz ela. — Então você quer ficar na sala de estar, e eu fico com o quarto?

— Claro — eu concordo, indo até lá.

A passagem secreta fica ao lado de uma lareira esculpida como a boca sorridente de um goblin. A estante ainda está voltada para um dos lados, revelando degraus em espiral nas paredes. Eu fecho isto.

— Você realmente acha que pode fazer Cardan se mudar para cá? — Bomba chama do outro quarto. — É um desperdício ter todo esse espaço glorioso sem uso. Eu me inclino para começar a tirar os livros das prateleiras, abri-los e sacudi-los um pouco para ver se há algo dentro.

Uns poucos pedaços de papel amarelados e desintegrados caem, junto com uma pena e um abridor de cartas com um osso esculpido. Alguém esvaziou um dos livros, mas nada ficou dentro do compartimento. Um tomo foi comido por insetos. Eu jogo esse pra lá.

— O último quarto que Cardan ocupou pegou fogo — eu me viro para Bomba. — Deixe-me reformular. Pegou fogo porque *ele tacou fogo*.

Ela ri.

— Levaria dias para queimar tudo isso.

Eu olho para os livros e não tenho tanta certeza. Eles estão secos o suficiente para explodir em chamas apenas por eu olhar para eles por muito tempo. Com um suspiro, eu os empilho e vou para as almofadas, para puxar os tapetes. Por baixo, encontro apenas poeira.

Largo todas as gavetas na enorme cadeira do tamanho de uma mesa: as pontas de metal das canetas de pena, pedras esculpidas com rostos, três anéis de sinete, um dente comprido de uma criatura que não consigo identificar e três

frascos com o líquido seco e preto, sólido.

Em outra gaveta, encontro joias. Uma gola de jatinho preto, uma pulseira de contas com fecho, pesados anéis de ouro.

No último eu encontro os cristais de quartzo, cortados em globos lisos e polidos. Quando eu levanto uma para a luz, algo se move dentro dela.

— Bomba? — Eu chamo, minha voz um pouco alta.

Ela entra no quarto, carregando um casaco de joias tão incrustado que me surpreende que alguém esteja disposto a ficar ali.

— O que há de errado?

— Você já viu algo assim antes? — Eu levanto uma bola de cristal.

Ela observa isso.

— Olha, tem o Dain.

Eu levo de volta e olho para dentro. Um jovem príncipe Dain senta-se nas costas de um cavalo, segurando um arco em uma mão e maçãs na outra. Elowyn senta em um pônei ao lado dele, e Rhyia ao outro. Ele joga três maçãs no ar, e todas elas puxam seus arcos e disparam.

— Isso aconteceu? — Eu pergunto.

— Provavelmente — diz ela. — Alguém deve ter encantado essas orbes para Eldred.

Penso nas lendárias espadas de Grimsen, na bolota de ouro que despejou as últimas palavras de Liriope, no tecido de Madre Medula que poderia transformar até mesmo a mais afiada das lâminas e toda a mágica louca que os Grandes Reis recebem. Estes eram comuns o suficiente para serem colocados em uma gaveta.

Eu tiro cada um para ver o que tem dentro. Eu vejo Balekin como uma criança recém-nascida, os espinhos já saindo de sua pele.

Ele bate nos braços de uma parteira mortal, com o olhar brilhando com glamour.

— Olhe para este — diz Bomba com uma expressão estranha.

É Cardan como uma criança muito pequena. Ele está vestido com uma camisa que é muito grande para ele. Fica parecendo um vestido. Ele está descalço, com os pés e a camisa manchados de lama, mas ele usa aros pendurados nos ouvidos, como se um adulto tivesse lhe dado os brincos. Uma mulher fada com chifres fica perto, e quando ele corre para ela, ela agarra seus pulsos antes que ele possa colocar as mãos sujas em suas saias.

Ela diz algo severo e o empurra para longe. Quando ele cai, ela mal percebe, muito ocupada sendo atraída para a conversa com outros cortesãos. Espero que Cardan chore, mas ele não o faz. Em vez disso, ele pisa onde um menino um

pouco mais velho do que ele está subindo, em uma árvore. O garoto diz alguma coisa e Cardan corre para ele. A mão pequena e suja de Cardan forma um punho e, um momento depois, o menino mais velho está no chão. Ao som da briga, a mulher fada se vira e ri, claramente encantada com sua escapada.

Quando Cardan olha para ela, ele está sorrindo também.

Eu enfio o cristal de volta na gaveta. Quem iria estimar isso? É horrível.

E ainda assim, não é *perigoso*. Não há razão para fazer alguma coisa com isso, além de deixar onde estava. Bomba e eu continuamos juntas pela sala. Quando estávamos satisfeitas, atravessamos uma porta esculpida com uma coruja de volta ao quarto do Rei.

Uma enorme cama de meio testador repousa no centro, cortada em verde, com o símbolo da linha Greenbriar costurada em ouro reluzente. Cobertores grossos de seda de aranha são alisados sobre um colchão que cheira como se tivesse sido recheado com flores.

— Vamos lá — diz Bomba, caindo na cama e rolando para que ela olhe para o teto. — Vamos nos certificar de que é seguro para o nosso novo Grande Rei, apenas no caso.

Eu sugo uma respiração surpresa, mas sigo. Meu peso no colchão faz com que ele mergulhe, e o cheiro inebriante de rosas domina meus sentidos.

Espalhar-se nas cobertas do Rei de Elfhame, respirar o ar que perfumava suas noites, tem uma qualidade quase hipnótica. Bomba descansa sua cabeça em seus braços como se não fosse uma grande coisa, mas eu me lembro da mão do Grande Rei Eldred em minha cabeça e do ligeiro choque de nervos e orgulho que senti cada vez que ele me reconheceu. Deitar em sua cama parece limpar meus pés camponeses sujos do trono.

E, no entanto, como eu não poderia?

— Nosso rei é um pato sortudo — diz Bomba. — Eu gostaria de uma cama como esta, grande o suficiente para ter um convidado ou dois.

— É mesmo? — Eu pergunto, provocando-a como eu teria uma vez provocado minhas irmãs. — Alguém em particular?

Ela olha para longe, envergonhada, o que me faz prestar atenção. Eu me empurro em um cotovelo.

— Espera! É alguém que eu conheço?

Por um momento, ela não responde, o que é longo o suficiente.

— É isto! Fantasma?

— Jude! — Ela diz. — Não.

Eu franzo a testa para ela.

— Barata?

Bomba se senta, dedos longos puxando o cobertor para ela. Já que ela não pode mentir, ela só suspira.

— Você não entende.

Bomba é bonita, características delicadas e pele marrom quente, cabelo branco selvagem e olhos luminosos. Eu penso nela como possuidora de alguma combinação de charme e habilidade que significa que ela poderia ter qualquer um que ela quisesse.

A língua negra de Barata, seu nariz torcido e o tufo de pêlo no topo de seu couro cabeludo somam-se a ele sendo impressionante e aterrorizante, mas mesmo de acordo com a estética do Reino das Fadas, mesmo em um lugar onde a beleza inumana é celebrada com a fealdade quase opulenta, não tenho certeza se ele iria adivinhar que Bomba anseia por ele.

Eu nunca teria adivinhado.

Eu não sei como dizer isso a ela sem soar como se eu estivesse o insultando, no entanto.

— Eu acho que não — eu admito.

Ela coloca um travesseiro no colo.

— As pessoas que eu amava morreram em uma brutal e mortífera guerra judicial há um século, deixando-me sozinha. Eu entrei no mundo humano e me tornei uma bandida de pequeno porte.

Eu não era particularmente boa nisso. Na maior parte do tempo eu estava apenas usando glamour para esconder meus erros. Foi quando Barata me viu. Ele apontou que, embora eu possa não ser uma boa ladra, eu era muito boa em inventar poções e bombas. Nós andamos juntos por décadas. Ele era tão afável, tão elegante e charmoso, que ele punha as pessoas bem na sua cara, sem necessidade de magia.

Sorrio ao pensar nele com um chapéu e um colete com um relógio de bolso, divertido com o mundo e tudo o que há nele.

— Então ele teve essa ideia de que íamos roubar da Corte do Osso no Ocidente. O engodo deu errado. A Corte nos esculpiu e nos encheu de maldições e arrendamentos. Nos mudou. Obrigou-nos a servi-los. — Ela estala os dedos e faíscas voam. — Divertido, não é?

— Eu aposto que não — eu digo.

Ela volta e continua falando.

— Barata – Van, eu não posso chamá-lo de Barata enquanto eu estou falando

assim. Van é a pessoa que me fez suportar aquilo. Ele me contou histórias, contos da Rainha Mab aprisionando um gigante de gelo, ligando todos os grandes monstros de outrora e vencendo a Grande Coroa. Histórias do impossível. Sem Van, não sei se poderia ter sobrevivido.

“Então nós estragamos um trabalho, e Dain nos pegou. Ele tinha um esquema para traírmos a Corte do Osso e nos juntarmos a ele.

Então nós fizemos. Fantasma já estava ao seu lado e nós três formamos uma equipe formidável. Eu com explosivos. Barata roubando qualquer coisa ou qualquer um. E Fantasma, um atirador de elite com um passo leve. E aqui estamos, de alguma forma, seguros no Palácio de Elfhame, trabalhando para o próprio Grande Rei. Olhe para mim, esparramada em sua cama real. Mas aqui não há razão para Van pegar minha mão ou cantar para mim quando estou sofrendo. Não há razão para ele se incomodar comigo”.

Ela cai em silêncio. Nós duas olhamos para o teto.

— Você deveria dizer a ele — eu digo. O que não é um mau conselho, eu acho. Não é um conselho que eu seguiria, mas isso não necessariamente torna isso ruim.

— Talvez. — Bomba se levanta da cama. — Sem truques ou armadilhas. Você acha que é seguro deixar o nosso rei aqui?

Penso no menino no cristal, no seu sorriso orgulhoso e no punho cerrado. Penso na mulher fada com chifres, que deve ter sido sua mãe, empurrando-o para longe dela. Eu penso em seu pai, o Grande Rei, que não se incomodou em intervir, nem se preocupou em ter certeza de que ele estava vestido ou seu rosto limpo. Eu penso em como Cardan evitou esses quartos.

Eu suspiro.

— Eu gostaria de poder pensar em um lugar onde ele estaria mais seguro.



À meia-noite, eu devo comparecer a um banquete. Sento entre vários lugares do trono e escolho um prato de enguias crocantes. Um trio de pixies canta acappella para nós, enquanto os cortesãos tentam impressionar uns aos outros com sua inteligência. No alto, candelabros pingam cera em longos fios. O Grande Rei Cardan sorri para baixo da mesa indulgentemente e boceja como um gato. Seu cabelo está bagunçado, como se ele não tivesse feito mais do que passar os

dedos desde que levantou da minha cama. Nossos olhos se encontram, e eu sou aquela que olha para longe, meu rosto quente.

Beije-me até que eu esteja cansado disso.

O vinho é trazido em garrafas coloridas. Eles brilham feito água-marinha e safira, citrino e rubi, ametista e topázio. Outra rodada vem com violetas açucaradas e orvalho congelado.

Então vêm as cúpulas de vidro, sob as quais pequenos peixes prateados repousam em uma nuvem de fumaça azul-clara.

— Dos Sereianos da Corte Submarina — diz um dos cozinheiros, vestido para a ocasião. Ela se curva.

Eu olho através da mesa para Randalin, Ministro das Chaves, mas ele está me ignorando.

Ao meu redor, as cúpulas se elevam e a fumaça, cheirando a pimenta e ervas, enche a sala.

Eu vejo que Locke se sentou ao lado de Cardan, atraindo a garota cujo assento estava em seu colo. Ela levanta os pés e joga a cabeça com chifres para trás, em uma gargalhada.

— Ah — diz Cardan, levantando um anel de ouro de seu prato.

— Eu vejo que meu peixe tem algo em sua barriga.

— E o meu — diz uma cortesã do outro lado, recolhendo uma única pérola brilhante do tamanho de uma unha do polegar. Ela ri com prazer. — Um presente do mar.

Cada peixe prateado contém um tesouro. Os cozinheiros são convocados, mas eles dão explicações gaguejantes, jurando que os peixes foram capturados e alimentados com nada além de ervas pelo povo da cozinha. Eu franzo a testa para o meu prato, para as contas de vidro do mar que eu vejo sob as guelras do meu peixe.

Quando olho para cima, Locke segura uma única moeda de ouro, talvez parte do tesouro de uma nave mortal perdida.

— Eu te vi olhando para ele — diz Nicasia, sentando-se ao meu lado. Esta noite ela usa um vestido de renda dourada. Seu cabelo escuro de turmalina é puxado para cima com dois pentes dourados em forma de mandíbula de tubarão, com dentes dourados.

— Talvez eu esteja olhando apenas para as bugigangas e o ouro com o qual sua mãe acha que pode comprar o favor dessa Corte — eu digo.

Ela pega uma das violetas do meu prato e coloca delicadamente em sua língua.

— Eu perdi o amor de Cardan pelas palavras fáceis de Locke e beijos mais fáceis ainda, adocicados como estas flores — diz ela. — Sua irmã perdeu *seu* amor para ter Locke, não é? Mas todos nós sabemos o que você perdeu.

— Locke? — Eu rio. — Boa viagem.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Certamente não é o próprio Grande Rei que você estava olhando.

— Certamente que não — eu faço eco, mas não encontro os olhos dela.

— Você sabe por que você não contou a ninguém meu segredo? — Ela pergunta. — Talvez você diga a si mesma que gosta de ter algo sobre minha cabeça. Mas, na verdade, acho que você sabia que ninguém jamais acreditaria em você. Eu pertenço a este mundo. Você não. E você sabe disso.

— Você nem mesmo pertence à *terra*, princesa do mar — eu a lembro. E, no entanto, não posso deixar de lembrar como o Conselho duvidou de mim. Eu não posso ajudar como suas palavras rastejam sob a minha pele.

Alguém em quem você confia já a traiu.

— Esse nunca será seu mundo, mortal — diz ela.

— Esse é o meu — eu digo, raiva me deixando imprudente. — Minha terra e meu Rei. E eu vou proteger os dois. Diga o mesmo, vá em frente.

— Ele não pode amar você — ela diz para mim, sua voz de repente frágil.

Ela obviamente não gosta da ideia de eu reivindicar Cardan, obviamente ainda está apaixonada por ele, e obviamente não tem ideia do que fazer sobre isso.

— O que você quer? — Eu pergunto a ela. — Eu estava sentada aqui, cuidando do meu próprio negócio, comendo meu jantar. Você é quem veio até mim. Você é quem está me acusando... eu nem estou certa do quê.

— Diga-me o que você tem sobre ele — diz Nicasia. — Como você o enganou para colocá-lo à sua direita, logo você, a quem ele desprezou e insultou? Como é que você tem o ouvido dele?

— Eu vou te dizer, se você me disser algo em troca. — Eu me viro para ela, dando-lhe toda a minha atenção. Eu tenho estado intrigada com a passagem secreta no palácio, sobre a mulher no cristal.

— Eu disse a todos que estou disposta a... — Nicasia começa.

— Isso não. A mãe de Cardan — eu digo, cortando-a. — Quem era ela? Onde ela está agora?

Ela tenta transformar sua surpresa em zombaria.

— Se vocês são tão bons amigos, por que não perguntam a ele?

— Eu nunca disse que éramos amigos.

Um criado com a boca cheia de dentes afiados e asas de borboleta nas costas traz a próxima rodada. O coração de um cervo, cozido raro e recheado com avelãs torradas. Nicasia pega a carne e rasga, sangue correndo por seus dedos.

Ela corre a língua sobre os dentes vermelhos.

— Ela não era ninguém, apenas uma garota das cortes inferiores. Eldred nunca fez dela uma consorte, mesmo depois que ela lhe deu um filho.

Eu pisco com uma surpresa óbvia.

Ela parece insuportavelmente satisfeita, como se meu não saber tivesse provado de uma vez por todas como sou inadequada.

— Agora é sua vez.

— Você quer saber o que eu fiz para fazê-lo me ascender? — Eu pergunto, inclinando-me para ela, perto o suficiente para que ela possa sentir o calor da minha respiração. — Eu o beijei na boca, e então eu ameacei beijá-lo um pouco mais se ele não fizesse exatamente o que eu queria.

— Mentirosa — ela sussurra.

— Se vocês são tão bons amigos — eu digo, repetindo suas próprias palavras de volta para ela com uma satisfação maliciosa, — por que você não pergunta a ele?

Seu olhar vai para Cardan, sua boca manchada de vermelho com o sangue do coração, coroa em sua testa. Eles aparecem dois de um tipo, um conjunto combinado de monstros. Ele não olha, ocupado ouvindo o lutista que compôs, no local, uma ode ao seu governo.

Meu rei, eu penso comigo mesma. Mas apenas por um ano e um dia, e cinco meses já se foram.

image

Tatterfell está esperando por mim quando eu volto para o meu quarto, seus olhos de besouro reprovadores enquanto ela pega as calças do Grande Rei do meu sofá.

— Então é assim que você está vivendo — a pequena diabinha resmunga. — Um verme no casulo de uma borboleta.

Algo sobre ser repreendida é confortavelmente familiar, mas isso não significa que eu goste. Eu me afasto para que ela não veja o meu constrangimento com o quão desarrumado eu deixei as coisas ficarem. Sem mencionar o que parece que eu tenho feito e com quem.

Jurada ao serviço de Madoc até que ela cumpra alguma dívida de honra, Tatterfell não poderia ter vindo aqui sem o seu conhecimento. Ela pode ter cuidado de mim desde que eu era criança – escovou meu cabelo, consertou meus vestidos e amarrou bagas de sorveira para evitar que eu fosse encantada – mas é Madoc quem tem sua lealdade. Não que eu não ache que ela não goste de mim, ela gosta, do jeito dela, mas eu nunca confundi isso com amor.

Eu suspiro. Os criados do castelo teriam limpado meus quartos se eu os deixasse, mas então eles notariam minhas horas estranhas e seriam capazes de vasculhar meus papéis, para não mencionar meus venenos. Não, é melhor tapar a porta e dormir na sujeira.

A voz da minha irmã vem do meu quarto.

— Você voltou cedo. — Ela coloca a cabeça para fora, segurando algumas roupas.

Alguém em quem você confia já a traiu.

— Como você entrou? — Eu pergunto. Minha chave virou e encontrei resistência. Os copos se moveram. Fui ensinada sobre a arte dos cadeados e, embora não seja um prodígio, posso pelo menos dizer quando uma porta está trancada em primeiro lugar.

— Ah — diz Taryn, e ri. — Eu me passei por você e consegui uma cópia da sua chave.

Eu quero chutar uma parede. Certamente todo mundo sabe que eu tenho uma irmã gêmea. Certamente todo mundo sabe que os mortais podem mentir. Alguém não deveria ao menos fazer uma pergunta que ela pudesse achar difícil de responder antes de entregar o acesso às salas do palácio? Para ser justa, porém, eu mesma menti várias e várias vezes e me livreii disso. Eu dificilmente posso invejar Taryn por fazer o mesmo.

Minha má sorte nesta noite só piora quando ela escolhe entrar, com as roupas de Cardan espalhadas pelo meu tapete e um monte de suas ataduras sangrentas ainda em uma mesa baixa.

— Eu convenci Madoc a presentear o restante da dívida de Tatterfell com você — anuncia Taryn. — E eu trouxe todos os seus casacos, vestidos e joias.

Eu olho nos olhos de tinta do demônio. — Você quer dizer que ela está espionando por Madoc.

O lábio de Tatterfell se enrola e me lembro como ela aperta bruscamente.

— Você não é uma garota astuta e desconfiada? Você deveria se envergonhar, dizendo uma coisa dessas.

— Eu sou grata pelas vezes que você foi gentil — eu digo. — Se Madoc deu sua dívida para mim, considere-a paga há muito tempo.

Tatterfell franze as sobrancelhas, infeliz.

— Madoc poupou a vida do meu amante quando ele poderia tê-la tomado de uma vez. Eu prometi a ele cem anos de serviço, e esse tempo está próximo. Não desonre meu voto pensando que ele pode ser descartado com um aceno de *sua* mão.

Eu sou picada por suas palavras.

— Você sente muito por ele tê-la enviado até mim?

— Ainda não — diz ela, e volta ao trabalho.

Eu vou em direção ao meu quarto, pegando trapos sangrentos de Cardan antes que Tatterfell possa. Quando passo pela lareira, atiro-as nas chamas. O fogo se inflama.

— Então — pergunto à minha irmã — o que você trouxe pra mim?

Ela aponta para minha cama, onde ela espalhou minhas coisas velhas em meus lençóis recém amarrados. É estranho ver as roupas e joias que eu não uso há meses, as coisas que Madoc comprou para mim, as coisas que Oriana aprovou. Túnica, vestidos, roupas de combate, gibões. Taryn até trouxe a roupa caseira que eu usava para me esgueirar pela Mansão Hollow e as roupas que vestíamos quando nos esgueiramos para o mundo dos mortais.

Quando eu olho para tudo isso, vejo uma pessoa que é eu e não é eu. Uma criança que frequentava as aulas e não achava que as coisas que estava aprendendo seriam tão importantes. Uma garota que queria impressionar o único pai que conhecia, que queria um lugar na Corte, que ainda acreditava em honra.

Não sei mais se me encaixo nessas roupas.

Ainda assim, eu as penduro no meu armário, ao lado dos meus dois gibões pretos e um único par de botas altas.

Eu abro uma caixa das minhas joias. Brincos dados a mim em aniversários, uma pulseira de ouro, três anéis – um com um rubi que Madoc me deu em uma festa de lua de sangue, um com seu brasão que nem me lembro de receber e um dourado fino que era um presente de Oriana. Colares de pedra da lua esculpida, pedaços de quartzo, osso esculpido. Eu deslizo o anel de rubi na minha mão esquerda.

— E eu trouxe alguns esboços — diz ela, tirando um bloco de papel e sentando de pernas cruzadas na minha cama. Nenhuma de nós é uma grande artista, mas seus desenhos de roupas são fáceis de entender. — Eu quero levá-los ao meu alfaiate.

Ela me imaginou em muitos casacos pretos com golas altas, as saias cortavam as laterais para facilitar o movimento. Os ombros parecem estar blindados e, em alguns casos, ela desenhou o que parece ser uma única manga brilhante de metal.

— Eles podem me medir — diz ela. — Você nem precisa ir provar.

Eu dou a ela um longo olhar. Taryn não gosta de conflito. Sua maneira de lidar com todo terror e confusão de nossas vidas tem sido tornar-se imensamente

adaptável, como um daqueles lagartos que mudam de cor para combinar com os arredores. Ela é a pessoa que sabe o que vestir e como se comportar, porque ela estuda as pessoas com cuidado e as imita.

Ela é boa em escolher roupas para enviar uma certa mensagem – mesmo que a mensagem de seus desenhos pareça ser “fique longe de mim ou eu vou arrancar sua cabeça” – e não é como se eu não achasse que ela quer me ajudar, mas o esforço que ela coloca nisso, especialmente porque seu próprio casamento é iminente, parece extraordinário.

— Ok — eu digo. — O que você quer?

— O que você quer dizer? — Ela pergunta, com toda inocência.

— Você quer que sejamos amigas de novo — eu digo, deslizando para uma dicção mais moderna com ela. — Eu aprecio isso. Você quer que eu vá ao seu casamento, o que é ótimo, porque eu quero estar lá. Mas isso é demais.

— Eu posso ser legal — ela diz, mas não encontra meus olhos.

Eu espero. Por um longo momento, nenhuma de nós fala. Eu sei que ela viu as roupas de Cardan jogadas no chão. Ela não perguntar imediatamente sobre isso deveria ter sido a minha primeira pista de que ela queria alguma coisa.

— Tudo bem. — Ela suspira. — Não é um grande problema, mas tem uma coisa que eu quero falar com você.

— Não brinca — eu digo, mas não posso deixar de sorrir.

Ela me lança um olhar de grande aborrecimento.

— Eu não quero que Locke seja o Mestre de Cerimônias.

— Idem.

— Mas você poderia fazer algo sobre isso! — Taryn enrola as mãos em suas saias. — Locke anseia por experiências dramáticas. E como Mestre de Cerimônias, ele pode criar essas histórias – eu nem sei como chamá-las. Ele não pensa muito em uma festa como um lugar com comida, bebida e música, mas sim com uma dinâmica que pode criar conflitos.

— Ok... — Eu digo, tentando imaginar o que isso significa para a política. Nada bom.

— Ele quer ver como vou reagir às coisas que ele faz — diz ela.

Isso é verdade. Queria saber, por exemplo, se Taryn o amava o suficiente para deixá-lo me cortejar enquanto ela permanecia em silêncio e sofrendo. Eu acho que ele estava interessado em descobrir o mesmo sobre mim, mas acabei sendo muito espinhosa.

Ela continua.

— E Cardan. E os Círculos da Corte. Ele já está conversando com as

Cotovias e as Gralhas, descobrindo suas fraquezas, descobrindo quais brigas ele pode inflamar e como.

— Locke pode fazer pouco com as cotovias — eu digo. — Dê-lhes uma balada para escrever. — Quanto às Gralhas, ele pode competir com seus deboches, acho que ele deveria fazer isso, embora eu seja inteligente o bastante para não dizer isso em voz alta.

— A maneira como ele fala, por um momento, parece divertido, mesmo que seja uma ideia terrível — diz Taryn. — Ele sendo o Mestre de Cerimônias será horrível. Ele levará amantes e estará longe de mim. E eu odeio isso. Jude, por favor. Faça alguma coisa.

Eu sei que você quer dizer que você me avisou, mas eu não me importo.

Eu tenho problemas maiores, quero contar a ela.

— Madoc certamente diria que você não precisa se casar com ele. Vivi diria isso também, aposto. Na verdade, aposto que eles disseram.

— Mas você me conhece muito bem para se preocupar. — Ela balança a cabeça. — Quando estou com ele, sinto-me como a heroína de uma história. Da *minha* história. É quando ele não está lá que as coisas não parecem certas.

Eu não sei o que dizer sobre isso. Eu poderia apontar que Taryn parece ser a única a inventar a história, lançando Locke no papel de protagonista e ela mesma como o interesse romântico que desaparece quando ela não está na página.

Mas eu me lembro de estar com Locke, me sentindo especial, bem escolhida e bonita. Agora, pensando nisso, eu me sinto idiota.

Eu acho que *poderia* ordenar que Cardan tirasse o título de Locke, mas Cardan se ressentiria de eu usar meu poder por algo tão pequeno e pessoal. Isso me faria parecer fraca. E Locke iria descobrir que a remoção de seu título foi minha culpa, desde que eu não deixei meu desagrado em segredo. Ele saberia que eu tenho mais poder sobre Cardan do que faria sentido.

E tudo o que Taryn está reclamando ainda aconteceria. Locke não precisa ser o Mestre de Cerimônias do Grande Rei para entrar nesse tipo de problema; o título apenas permite que ele gerencie isso em uma escala maior.

— Eu vou falar com Cardan sobre isso — eu minto.

Seu olhar vai para onde suas roupas estavam espalhadas pelo meu chão, e ela sorri.

image

À medida que a Caça da Lua se aproxima, o nível de devassidão no palácio aumenta. O teor das festas muda – elas se tornam mais frenéticas, mais selvagens. A presença de Cardan não é mais necessária para essa licença. Agora que os rumores o pintam como alguém que atiraria em um amante por esporte, sua lenda cresce a partir daí.

Lembranças de seus dias mais jovens – da maneira como ele montou um cavalo em nossas aulas, as lutas que ele teve, as crueldades que ele perpetrrou – são selecionadas. Quanto mais horrível a história, mais ela é valorizada. As fadas podem não ser capazes de mentir, mas as histórias crescem aqui como em qualquer lugar, alimentadas pela ambição, inveja e desejo.

Nas tardes, passo por cima de corpos adormecidos nos corredores. Nem todos eles são cortesãos. Servos e guardas parecem ter sido vítimas da mesma energia selvagem e podem ser encontrados abandonando seus deveres ao prazer. O povo nu corre pelos jardins de Elfhame, e os cochos antes usados para regar os cavalos agora correm com vinho.

Eu me encontro com Vulciber, buscando mais informações sobre a Corte Submarina, mas ele não tem nada. Apesar de saber que Nicasia estava tentando me atrair, repasso a lista de pessoas que podem ter me traído. Eu me preocupo com quem e com qual finalidade, com a chegada do embaixador de Lorde Roiben, sobre como estender meu contrato de aluguel de um ano e um dia ao trono.

Eu estudo meus papéis mofados, bebo meus venenos e planejo milhares de ataques a golpes que podem nunca vir.

Cardan se mudou para os antigos aposentos de Eldred, e os quartos com o piso queimado são barrados por dentro. Se isso o deixa desconfortável por dormir onde seu pai dormia, ele não dá sinal algum. Quando chego, ele está descansando indiferente enquanto os criados removem tapeçarias e divãs para abrir espaço para uma nova cama esculpida em suas especificações.

Ele não está sozinho. Um pequeno círculo de cortesãos está com ele – alguns que eu não conheço, além de Locke, Nicasia e minha irmã, atualmente cor-de-rosa com vinho e rindo no tapete à frente do fogo.

— Vá — diz ele a eles quando me vê no limiar.

— Mas, Sua Majestade — começa uma menina. Ela é toda de creme e ouro, em um vestido azul claro. Longas antenas pálidas erguem-se das bordas externas de suas sobrancelhas. — Certamente notícias tão aborrecidas que sua Senescal traz exigirá o antídoto da nossa alegria.

Eu pensei cuidadosamente em comandar Cardan. Muitas ordens e ele se irritava com elas, muito poucos e ele se abaixava facilmente. Mas estou feliz por ter certeza de que ele nunca me negaria a admissão. Estou especialmente feliz por ele nunca poder me contrariar.

— Tenho certeza de que os chamarei de volta rapidamente — diz Cardan, e os cortesãos saem alegremente. Um deles carrega uma caneca, obviamente roubada do mundo mortal e cheia até a borda com vinho. EU COMANDO, é o que se lê. Locke me lança um olhar curioso. Minha irmã segura minha mão enquanto ela vai, apertando-a esperançosa.

Eu vou para uma cadeira e me sento sem esperar por um convite. Eu quero lembrar Cardan que sobre mim, ele não tem autoridade.

— A festa da Caça da Lua é amanhã à noite — eu digo.

Ele se esparrama em uma cadeira em frente à minha, observando-me com seus olhos negros como se eu fosse a pessoa que devia ser cautelosa.

— Se você deseja saber detalhes, deveria ter mantido Locke aqui. Eu sei pouco. É para ser outra das minhas performances. Vou me esforçar enquanto

— você faz o esquema.

— Orlagh da Corte Submarina está te observando.

— Todo mundo está me observando — diz Cardan, os dedos mexendo inquietos com o anel de sinete, girando-o e girando novamente.

— Você não parece se importar — eu digo. — Você mesmo disse que não odeia ser Rei. Talvez você esteja gostando disso.

Ele me dá um olhar desconfiado.

Eu tento dar-lhe um sorriso genuíno em troca. Eu espero ser convincente. Eu preciso ser convincente.

— Nós dois podemos ter o que queremos. Você pode governar por muito mais de um ano. Tudo o que você precisa fazer é estender seu voto. Deixe-me comandar você por uma década, por vários anos e juntos...

— Eu acho que não — diz ele, me cortando. — Afinal, você sabe o quão perigoso seria ter Oak sentado em meu lugar. Ele está apenas um ano mais velho do que estava antes. Ele não está pronto.

E ainda assim, em apenas alguns meses, você terá que me ordenar a abdicar em favor dele ou fazer um arranjo que nos obrigue a confiar um no outro — ao invés de confiar em você sem esperança de ser confiável em troca.

Estou furiosa comigo mesma por achar que ele pode concordar em manter as coisas como estão.

Ele me dá seu sorriso mais doce.

— Talvez você possa ser minha Senescal de verdade.

Eu cerro meus dentes. Uma vez, uma posição tão grandiosa quanto o Senescal teria sido além dos meus sonhos mais loucos.

Agora parece uma humilhação. O poder é contagiante. O poder é ganancioso.

— Tenha cuidado — digo a ele. — Eu posso fazer com que os meses que permanecem passagem devagar, de fato.

Seu sorriso não vacila.

— Algum outro comando? — Pergunta ele. Devo contar a ele mais sobre Orlagh, mas o pensamento dele considerando a oferta é mais do que posso suportar. Eu não posso deixar esse casamento acontecer, e agora eu não quero ser questionada sobre isso.

— Não beba até a morte amanhã — eu digo. — E cuidado com a minha irmã.

— Taryn parecia bem o suficiente hoje à noite — diz ele. — Cor em suas bochechas e alegria em seus lábios.

— Vamos nos certificar de que ela continue assim — eu digo.

Suas sobrancelhas se levantam.

— Você gostaria que eu a seduzisse para longe de Locke? Eu certamente poderia tentar. Eu não prometo nada em termos de resultados, mas você pode se divertir na tentativa.

— Não, não, absolutamente não, não faça isso — eu digo, e não examino o pico de pânico que suas palavras induzem. — Eu só quero dizer tentar impedir Locke de ser o pior de si quando ela estiver por perto, só isso.

Ele estreita os olhos.

— Você não deveria encorajar exatamente o oposto?

Talvez *fosse* melhor para Taryn descobrir infelicidade com Locke o mais rápido possível. Mas ela é minha irmã e eu nunca quero ser a causa de sua dor. Eu sacudo minha cabeça.

Ele faz um gesto vago no ar.

— Como quiser. Sua irmã será envolvida em cetim e pano de saco, tão protegida de si mesma o quanto estiver ao meu alcance.

Eu levanto.

— O Conselho quer que Locke providencie algum divertimento para agradar Grimsen. Se for bom, talvez o ferreiro lhe faça uma taça que nunca fica sem vinho.

Cardan me dá uma olhada através de seus cílios que eu acho difícil de interpretar e depois sobe também. Ele pega minha mão.

— Nada é mais doce — diz ele, beijando as costas dela — do que o que é escasso.

Minha pele fica vermelha, quente e desconfortável.

Quando saio, seu pequeno círculo está no corredor, esperando para ter permissão de volta para seus quartos. Minha irmã parece um pouco enjoada, mas quando ela me vê, ela cola em um sorriso largo e falso. Um dos garotos colocou um limerick na música, tocando de novo e de novo, mais e mais rápido. O riso deles invade o corredor, soando como o grasnar dos corvos.



Atravessando o palácio, passo por uma câmara onde alguns cortesãos se reuniram. Lá, assando uma enguia nas chamas de uma enorme lareira, sentado em um tapete, está o velho Poeta da Corte do Rei Eldred e o Senescal, Val Moren.

Fadas artistas e músicos sentam ao redor dele. Desde a morte da maioria da família real, ele se encontra no centro de uma das facções da Corte, o Círculo das Cotovias. Galhos estão enrolados em seus cabelos, e ele canta suavemente para si mesmo. Ele é mortal como eu. Ele provavelmente também é louco.

— Venha beber conosco — diz uma das Cotovias, mas eu nego.

— Bonita, mesquinha Jude. — As chamas dançam nos olhos de Val Moren quando ele olha em minha direção. Ele começa a tirar a pele queimada e come a carne branca e macia da enguia. Entre as mordidas, ele fala. — Por que você não veio pedir conselho para mim ainda?

Dizem que ele foi amante do Grande Rei Eldred a um tempo.

Ele está na Corte desde muito antes de minhas irmãs e eu virmos para cá. Apesar disso, ele nunca fez causa comum de nossa mortalidade. Ele nunca tentou nos ajudar, nunca tentou nos alcançar para nos fazer sentir menos sozinhas. — Você tem algum?

Ele olha para mim e coloca um dos olhos da enguia em sua boca. Assenta-a, brilhando em sua língua. Então ele engole.

— Talvez. Mas isso importa pouco.

Estou tão cansada de enigmas.

— Deixe-me adivinhar. Porque quando eu te pedir conselhos, você não vai me dar?

Ele ri, um som seco e oco. Eu me pergunto quantos anos ele tem. Sob os arbustos, ele parece um jovem, mas os mortais não envelhecem, desde que eles não saiam de Elfhame. Embora eu não possa ver a idade em linhas em seu rosto, posso ver isso em seus olhos.

— Ah, eu vou te dar o melhor conselho que alguém já te deu.

Mas você não vai prestar atenção nele.

— Então, o que há de bom em você? — Eu exijo, prestes a me afastar. Eu não tenho tempo para algumas linhas de um burlesco inútil para interpretar.

— Eu sou um excelente malabarista — diz ele, limpando as mãos nas calças, deixando manchas para trás. Ele enfia a mão no bolso, com uma pedra, três bolotas, um pedaço de cristal e o que parece ser um osso da sorte. — Malabarismo, você vê, é apenas jogar duas coisas no ar ao mesmo tempo.

Ele começa a jogar as bolotas de um lado para o outro, depois acrescenta a fúrcula. Algumas das Cotovias se cutucaram, sussurrando delicias. — Não importa quantas coisas você adicione, você tem apenas duas mãos, então você só pode jogar duas coisas.

Você só tem que jogar mais e mais rápido, mais e mais alto. — Ele adiciona a

pedra e o cristal, as coisas voando entre as mãos rápido o suficiente para que seja difícil ver o que ele está jogando. Eu respiro fundo.

Então tudo cai, caindo no chão de pedra. O cristal se quebra.

Uma das bolotas rola perto do fogo.

— Meu conselho — diz Val Moren — é que você aprenda a fazer malabarismo melhor do que eu, Senescal.

Por um longo momento, estou tão zangada que não consigo me mexer. Sinto-me incandescente com isso, traída por uma pessoa que deveria entender como é difícil ser o que somos aqui.

Antes de fazer algo que eu vou me arrepender, viro meus calcanhares e vou embora.

— Eu avisei que você não seguiria meu conselho — ele fala atrás de mim.

image

Na noite da Caça da Lua, toda a Corte vai para o Bosque Leitoso, onde as árvores estão cobertas por massas de teias de seda que parecem, aos meus olhos mortais, algo como sacos de ovos de mariposas, ou talvez as jantas embrulhadas de aranhas.

Locke montou uma estrutura de pedras planas de modo que parecessem, grosseiramente, um trono. Uma placa maciça de pedra sendo usada como a parte traseira, com uma pedra larga para o assento. O trono se erguendo sobre o bosque. Cardan senta-se sobre ele, a coroa brilhando em sua testa. A fogueira nas proximidades queima sálvia e erva-dos-carpinteiros. Por um momento distorcido, ele parece maior do que si mesmo, entrando na ilusão, o verdadeiro Grande Rei das Fadas e fantoche de ninguém.

O temor diminui meu passo, pânico seguindo meus calcanhares.

Um rei é um símbolo vivo, um coração pulsante, uma estrela sobre a qual o futuro de Elfhame é escrito. Certamente você notou que desde o início de seu reinado, as ilhas estão diferentes.

Tempestades chegam mais rápido. As cores estão um pouco mais vivas, os cheiros são mais nítidos. Quando ele fica bêbado, seus súditos ficam embriagados sem saber o porquê. Quando o sangue dele cai, as coisas crescem.

Eu só espero que ele não veja nada disso no meu rosto.

Quando estou na frente dele, eu curvo minha cabeça, grata por uma desculpa para não encontrar seus olhos.

— Meu rei — eu digo.

Cardan se ergue do trono, soltando uma capa feita inteiramente de penas pretas reluzentes. Um novo anel brilha em seu dedo mindinho, pedra vermelha absorvendo as chamas da fogueira. Um anel muito familiar. Meu anel.

Lembro-me que ele pegou minha mão em seus aposentos.

Eu trinco meus dentes, olhando de relance para minha própria mão nua. Ele roubou meu anel. Ele o roubou e eu não percebi. Barata ensinou-o a fazer isso.

Eu me pergunto se Nicasia contaria isso como uma traição. Com certeza parece uma.

— Ande comigo — diz ele, pegando minha mão e me guiando através da multidão. Duendes e grilos, pele verde e marrom, asas esfarrapadas e roupas de casca esculpida – todo o povo de Elfhame saiu esta noite com seus adornos. Passamos por um homem com um casaco costurado com folhas douradas e outro em um colete de couro verde com um boné que se enrola como uma samambaia.

Cobertores cobrem o chão e estão cheios com bandejas de uvas do tamanho de punhos e cerejas de cor rubi brilhante.

— O que estamos fazendo? — Eu pergunto enquanto Cardan me conduz para a beira da floresta.

— Eu acho tedioso ter todas as minhas conversas observadas — diz ele. — Eu quero que você saiba que sua irmã não está aqui esta noite. Eu me assegurei disso.

— Então, o que Locke planejou? — Eu pergunto, sem querer ser grata e me recusando a cumprimentá-lo em seu truque de mão. — Ele certamente apostou sua própria reputação neste tarde.

Cardan faz uma careta.

— Eu não preocupo minha linda cabeça com esse tipo de coisa.

Você é aquela que deveria estar fazendo esse trabalho. Como na fábula em que a formiga trabalha na sujeira enquanto a cigarra canta durante todo o verão.

— E nada sobra para o inverno — eu digo.

— Eu não preciso de nada — diz ele, balançando a cabeça, imitando tristeza.

— Eu sou o Rei de segurança, afinal de contas, para ser sacrificado, logo que

Oak possa tomar meu lugar na primavera.

No alto, orbes foram acesos e brilham com luz quente e mágica enquanto eles vagueiam pelo ar da noite, mas suas palavras provocam um arrepio de medo através de mim.

Eu olho em seus olhos. Sua mão desliza para o meu quadril, como se ele pudesse me puxar para mais perto. Por um momento confuso, estúpido, algo parece brilhar no ar entre nós.

Beije-me até que eu esteja cansada disso.

Ele não tenta me beijar, é claro. Ele não foi acertado, não está delirando com bebida, não está cheio de auto-aversão suficiente.

— Você não deveria estar aqui esta noite, formiguinha – diz ele, soltando-me. — Volte para o palácio. — Então ele está cortando a multidão. Cortesãos se curvam quando ele passa. Alguns, os mais desavergonhados, seguram seu casaco, flertam, tentam puxá-lo para a dança.

E ele, que uma vez arrancou a asa de um menino das costas porque ele não se curvaria, agora permite toda essa familiaridade com uma risada.

O que mudou? Ele é diferente porque eu o forcei a ser? É

porque ele está longe de Balekin? Ou ele não está diferente e eu só estou vendo o que eu quero ver?

Eu ainda sinto a pressão quente de seus dedos contra a minha pele. Algo está realmente errado comigo, para querer o que odeio, querer alguém que me despreza, mesmo que também me queira.

Meu único conforto é que ele não sabe o que eu sinto.

Seja qual for a libertinagem que Locke planejou, devo ficar para encontrar o representante da Corte dos Cupins. Quanto mais cedo meu favor a seu Lorde Roiben for realizado, mais cedo eu tenho menos uma dívida pendurada na minha cabeça. Além disso, dificilmente, eles podem me ofender mais do que já tem feito.

Cardan regressa ao trono quando Nicasia chega com Grimsen, uma mariposa segurando sua capa.

Grimsen começa um discurso que sem dúvida é lisonjeiro e produz algo de um bolso. Parece um brinco – uma única gota, que Cardan levanta para a luz e admira. Eu acho que ele fez seu primeiro objeto mágico à serviço de Elfhame.

Na árvore à esquerda deles, vejo a coruja com cara de fantasma, Crânio do Dragão, piscando. Embora eu não consiga localizá-los, Fantasma e vários outros espiões estão próximos, observando a festa a uma distância suficiente para estarem lá, caso algum movimento seja feito.

Um músico centauro, com o corpo de um cervo se apresentou – portando uma lira esculpida na forma de uma pixie, suas asas formando a curva superior do instrumento. Sendo amarrado com o que parece ser um fio de muitas cores. O músico começa a tocar, a escultura a cantar.

Nicasia passeia para onde o ferreiro está sentado. Ela usa um vestido de um roxo que vira azul-pavão quando a luz o toca. Seu cabelo está trançado em uma trança que circunda sua cabeça, e na sua testa tem uma corrente, onde dançam dezenas e dezenas de contas em roxos e azuis e âmbar brilhantes.

Quando Grimsen se vira para ela, sua expressão se ilumina. Eu franzo a testa.

Malabaristas começam a jogar uma série de objetos – de ratos vivos a espadas brilhantes – no ar. Vinho e bolos de mel são distribuídos.

Finalmente, vejo Dulcamara da Corte de Cupins, com o cabelo vermelho como papoulas preso em espiral e uma lâmina de duas mãos amarrada em suas costas, um vestido prateado soprando ao redor dela. Eu vou até lá, tentando não parecer intimidada.

— Bem-vinda — eu digo. — A que devemos a honra de sua visita? Seu rei encontrou algo que eu poderia fazer...

Ela me interrompe com um olhar em direção a Cardan.

— Lorde Roiben quer que você saiba que mesmo nas Cortes inferiores, ouvimos coisas.

Por um momento, minha mente passa por um inventário ansioso de todas as coisas que Dulcamara pode ter ouvido, então eu lembro que o povo tem sussurrado que Cardan atirou em uma de suas amantes para sua própria diversão. A Corte dos Cupins é uma das poucas Cortes a ter membros Seelie e Unseelie; Eu não tenho certeza se eles se importam com um súdito ferido ou apenas a possibilidade de um Grande Rei instável.

— Mesmo sem mentirosos, ainda pode haver mentiras — eu digo com cuidado. — Quaisquer rumores que você ouviu, eu posso explicar o que realmente aconteceu.

— Porque eu deveria acreditar em você? Eu acho que não. — Ela sorri. — Podemos chamar nosso marcador sempre que quisermos, garota mortal. Lorde Roiben pode me enviar a você, por exemplo, para ser sua guarda pessoal. — Eu estremeço. Por *guarda*, ela obviamente quis dizer *espião*. — Ou talvez peguemos emprestado seu ferreiro, Grimsen. Ele poderia fazer para Lorde Roiben uma lâmina que corta através de promessas.

— Eu não esqueci minha dívida. Na verdade, eu esperava que você me deixasse pagar agora — eu digo, extraíndo de mim plena autoridade. — Mas

Lorde Roiben não deveria esquecer...

Ela me corta com um grunhido.

— Preste atenção para que você não se esqueça. — Com isso, ela se afasta, deixando-me pensando em todas as coisas mais inteligentes que eu deveria ter dito. Eu ainda tenho uma dívida com a Corte de Cupins, e eu ainda não tenho um meio de estender meu poder sobre Cardan. Ainda não tenho idéia de quem poderia ter me traído ou o que fazer com o Nicasia.

Pelo menos essa festa não parece particularmente pior do que qualquer outra, para toda a fanfarronice de Locke. Eu me pergunto se poderia ser possível fazer o que Taryn quer e destituí-lo do cargo de Mestre de Cerimônias depois de tudo, só por ser chato.

Como se Locke pudesse ler meus pensamentos, ele bate as mãos, silenciando a multidão. A música gagueja até parar, e com ela a dança e o malabarismo, até mesmo as risadas.

— Eu tenho outra diversão para vocês — diz ele. — É hora de coroar um monarca esta noite. A Rainha da Alegria.

Um dos lutadores interpreta uma alegre improvisação. Há risos dispersos do público.

Um calafrio passa por mim. Eu já ouvi falar do jogo, embora eu nunca tenha visto sendo jogado. É bem simples: roubar uma garota mortal, deixá-la bêbada com vinho das fadas e elogios de fadas e beijos de fadas, em seguida, convencê-la de que ela está sendo honrada com uma coroa – todo o tempo enchendo de insultos sua cabeça desatenta.

Se Locke trouxe alguma garota mortal aqui para se divertir às suas custas, ele vai me ter terminando isso.. Vou arremassá-lo às rochas negras de Insweal para que as sereias o devorem.

Enquanto ainda estou pensando nisso, Locke diz: — Mas certamente apenas um rei pode coroar uma rainha.

Cardan se levanta do trono, descendo as pedras para ficar ao lado de Locke. Sua longa e emplumada capa desliza atrás dele.

— Então, onde ela está? — O Grande Rei pergunta, com as sobrancelhas levantadas. Ele não parece divertido, e eu espero que ele termine isso antes que comece. Que possível satisfação poderia encontrar no jogo?

— Você não adivinhou? Existe apenas uma mortal em nossa companhia — diz Locke. — Ora, nossa Rainha da Alegria não é outra senão Jude Duarte.

Por um momento, minha mente fica completamente em branco.

Eu não consigo pensar. Então vejo o sorriso de Locke e os rostos sorridentes

do povo da corte, e todos os meus sentimentos se transformam em pavor.

— Vamos dar aplausos a ela — diz Locke.

Eles gritam em suas vozes desumanas e eu tenho que engolir o pânico. Eu olho para Cardan e encontro algo perigoso brilhando em seus olhos – eu não vou ter nenhuma simpatia lá.

Nicasia está com um sorriso exultante e, ao lado dela, o ferreiro, Grimsen está claramente distraído. Dulcamara, da beira da floresta, observa o que vou fazer.

Eu acho que Locke fez algo bem afinal. Ele prometeu ao Grande Rei prazer, e tenho certeza absoluta de que Cardan está completamente satisfeito.

Eu poderia ordenar a ele para parar o que acontecerá a seguir.

Ele também sabe disso, o que significa que ele supõe que irei odiar o que ele está prestes a fazer, mas não o suficiente para comandá-lo e revelar tudo.

Claro, há muita coisa que eu suportaria antes de fazer isso.

Você vai se arrepender disso. Eu não digo as palavras, mas eu olho para o Cardan e penso nelas com tanta força que parece que estou gritando.

Locke dá um sinal, e um grupo de duendes vem para a frente carregando um feio, esfarrapado vestido, junto com uma coroa de galhos. Colados na coroa improvisada, nojentos pequenos cogumelos, do tipo que produz um pó de cheiro pútrido.

Eu praguejo sob minha respiração.

— Novas roupas para a nossa nova rainha — diz Locke.

Há algumas risadas e suspiros de surpresa. Este é um jogo cruel, destinado a ser jogado em garotas mortais enquanto elas estão encantadas, então elas não sabem que estão sendo motivo de risadas. Essa é a graça disso, sua tolice. Elas se deliciam com vestidos que lhe parecem elegantes. Elas exultam avidamente sobre coroas parecendo brilhar com joias. Elas desmaiam com a promessa do amor verdadeiro.

Graças a geas do príncipe Dain, encantos de fadas não funcionam em mim, mas mesmo se eles fizessem, cada membro da Corte espera que o senescal humano do Grande Rei esteja usando um encanto de proteção – um fio de frutos de Sorbus, um minúsculo punhado de galhos de carvalho, cinzas e espinhos. Eles sabem que eu vejo a verdade do que Locke está me dando.

A Cortel me observa com respirações ansiosas e esgotadas.

Tenho certeza de que eles nunca assistiram uma Rainha da Alegria que sabia que estava sendo ridicularizada antes. Este é um novo tipo de jogo.

— Diga-nos o que você acha da nossa *lady* — Locke pergunta a Cardan em

voz alta, com um sorriso estranho.

A expressão do Grande Rei endurece, apenas para suavizar um momento depois, quando ele se vira em direção à Corte.

— Eu tenho sido muitas vezes incomodado por sonhos de Jude — diz ele, com a voz carregada. — O rosto dela aparece proeminentemente no meu pesadelo mais frequente.

Os cortesãos riem. Calor inunda meu rosto porque ele está contando a eles um segredo e usando esse segredo para zombar de mim.

Quando Eldred era o Grande Rei, suas festas eram tranquilas, mas um novo Grande Rei não é apenas uma renovação da terra, mas da própria corte. Eu posso dizer que ele os delicia com seus caprichos e sua capacidade para crueldade. Eu fui uma tola por ser tentada a pensar que ele é diferente de quem sempre foi.

— Alguns dentre nós não acham os mortais lindos. De fato, alguns de vocês podem jurar que Jude é desagradável.

Por um momento, eu me pergunto se ele *quer* que eu fique furiosa o suficiente para ordenar que ele pare e revele o nosso acordo para a Corte. Mas não, é só que, com meu coração martelando em minha cabeça, eu mal consigo pensar.

— Mas eu acredito que isso é só porque a beleza dela é... única.

— Cardan faz uma pausa para mais risos da multidão, principalmente zombaria. — Excruciante. Alarmante. *Angustiante*.

— Talvez ela precise de novas roupas para realçar seu verdadeiro encanto — diz Locke. — Melhor vestimentas para alguém tão encantador.

Os duendes se movem para puxar o vestido de trapo esfarrapado sobre o meu próprio para o prazer do povo.

Mais risadas. Meu corpo todo parece quente. Parte de mim quer fugir, mas eu sou pega pelo desejo de mostrar a eles que não posso ser intimidada.

— Espere — eu digo, lançando minha voz alto o suficiente para irradiar. Os duendes hesitam. A expressão de Cardan é ilegível.

Eu me abaixo e agarro minha bainha, em seguida puxo o vestido que estou usando pela cabeça. É uma coisa simples - sem espartilho, sem fechos - e sai assim, tão facilmente. Eu estou em pé no meio da festa de calcinha, desafiando-os a dizer alguma coisa.

Desafiando Cardan a falar.

— *Agora* estou pronta para colocar meu novo vestido — eu digo.

Há alguns aplausos, como se eles não entendessem que o jogo é humilhação. Locke, surpreendentemente, parece feliz.

Cardan se aproxima de mim, seu olhar devastador. Eu não tenho certeza se posso suportar o fato dele me derrubar de novo.

Felizmente, ele parece sem palavras.

— Eu te odeio — eu sussurro antes que ele possa falar.

Ele pega meu queixo com os dedos, inclinando meu rosto para o dele.

— Diga isso de novo — diz ele enquanto os duendes penteiam meu cabelo e colocam a coroa feia e fétida em minha cabeça. Sua voz é baixa. As palavras são só para mim.

Eu saio de seu aperto, mas não antes de ver sua expressão. Ele está como quando foi forçado a responder minhas perguntas, quando admitiu seu desejo por mim. Ele parece como se estivesse confessando.

Um rubor passa por mim, confusa entre estar furiosa e envergonhada. Eu viro minha cabeça.

— Rainha da Alegria, hora da sua primeira dança — diz Locke, me empurrando para a multidão.

Dedos com garras se fecham em meus braços. O riso inumano chega nos meus ouvidos enquanto a música começa. Quando a dança começa de novo, eu estou nela. Meus pés batem na terra com o ritmo acelerado dos tambores, meu coração acelera com o trinado de uma flauta. Eu giro ao redor, passo de mão em mão pela multidão.

Empurrada e empurrada, beliscada e machucada.

Eu tento lutar contra a compulsão da música, tento me afastar da dança, mas não posso. Quando eu tento afastar meus pés, mãos me puxam até música me pegar novamente. Tudo se torna um borrão selvagem de som e pano voando, de olhos com pontos coloridos brilhantes e dentes muito afiados.

Eu estou perdida nisso, fora do meu próprio controle, como se eu fosse uma criança novamente, como se eu não tivesse barganhado com Dain e me envenenado e roubado o trono. Isso não é encantamento. Eu não posso me impedir de dançar, não posso impedir meu corpo de se mover, mesmo quando meu medo cresce.

Não vou parar. Eu vou dançar através do couro dos meus sapatos, dançar até meus pés estarem sangrentos, dançar até entrar em um colapso.

— Parem de brincar! — Eu grito o mais alto que posso, o pânico dando à minha voz um toque de um grito.— Como sua Rainha da Alegria, como a Senescal do Grande Rei, vocês me permitirão a escolha da dança!

Os músicos param. Os passos dos bailarinos diminuem. É

apenas talvez um momento de alívio, mas não tenho certeza de conseguir

mesmo isso. Estou tremendo com fúria e medo e a tensão de lutar contra o meu próprio corpo.

Eu me levanto, fingindo com o resto deles que estou enfeitada com elegância em vez de trapos.

— Vamos ter uma quadrilha — eu digo, tentando imaginar a maneira como minha madrastra, Oriana, teria dito as palavras. Pela primeira vez, minha voz sai do jeito que eu quero, cheia de comando legal. — E eu vou dançar com o meu rei, que me encheu com tantos elogios e presentes hoje à noite.

A Corte me observa com seus olhos brilhantes e úmidos. Estas são palavras que esperam que a Rainha da Alegria diga, as que tenho certeza que incontáveis mortais falaram antes, em diferentes circunstâncias.

Espero que os irrite de saber que estou mentindo.

Afinal, se o insulto para mim é apontar que sou mortal, então esta é a minha resposta: eu moro aqui também e conheço as regras.

Talvez eu até as conheça melhor que vocês já que vocês nasceram com elas, mas eu tive que aprender. Talvez eu os conheça melhor que você porque você tem maior liberdade para quebrá-las.

— Você vai dançar comigo? — Eu pergunto a Cardan, inclinando em uma reverência, ácido em minha voz. — Pois eu te acho tão bonito quanto você me acha.

Um assobio atravessa a multidão. Eu marquei um ponto sobre Cardan, e a Corte não está certa sobre como se sentir sobre isso.

Eles gostam de coisas desconhecidas, como surpresas, mas talvez estejam se perguntando se vão gostar desta.

Ainda assim, eles parecem fascinados pela minha pequena performance.

O sorriso de Cardan é ilegível.

— Eu ficaria encantado — diz ele enquanto os músicos começam a tocar novamente. Ele me pega em seus braços.

Nós dançamos uma vez antes, na coroação do príncipe Dain.

Antes da matança começar. Antes de tornar Cardan prisioneiro pela ponta da faca. Eu me pergunto se ele está pensando nisso quando me gira pelo Bosque Leitoso.

Ele pode não ser particularmente treinado com uma lâmina, mas, como prometeu à filha da bruxa, ele é um dançarino habilidoso.

Deixo que ele me guie através de passos que eu, sem dúvidas, me atrapalharia sozinha. Meu coração está acelerado e minha pele está escorregadia de suor.

Mariposas finas como papel voam acima de nossas cabeças, circulando como se estivessem tragicamente atraídas para a luz das estrelas.

— Tudo o que você faz para mim — eu digo, muito irritada para ficar quieta, — eu posso fazer pior para você.

— Oh — diz ele, com os dedos apertados nos meus. — Não pense que me esqueço isso em algum momento.

— Então *por quê?* — Eu exijo.

— Você acredita que eu planejei sua humilhação? — Ele ri. — Eu? Isso parece trabalho.

— Eu não me importo se você fez ou não — digo a ele, com muita raiva para entender meus sentimentos. — Eu apenas me importo que você tenha gostado disso.

— E por que eu não ficaria feliz em ver você sofrendo? Você me enganou — diz Cardan. — Você me usou como um tolo e agora sou o Rei dos Tolos.

— O *Grande* Rei dos tolos — eu digo, com sarcasmo em minha voz. Nossos olhares se encontram e há um choque de compreensão mútua de que nossos corpos são muito próximos. Estou consciente de minha pele, do suor no meu lábio, do deslizamento das minhas coxas um contra a outra. Estou ciente do calor de seu pescoço sob meus dedos entrelaçados, das mechas espetadas de seu cabelo e como eu quero enfiar minhas mãos nele. Eu inalo o cheiro dele – musgo e madeira de carvalho e couro. Eu olho para sua boca traiçoeira e a imagino em mim.

Tudo sobre isso está errado. Ao nosso redor, a festa está voltando. Alguns da Corte olham para a nossa direção, porque alguns integrantes da Corte sempre olham para o Grande Rei, mas o jogo de Locke está no fim.

Volte para o palácio, disse Cardan, e ignorei o aviso.

Penso na expressão de Locke enquanto Cardan falava, a ansiedade em seu rosto. Não era a mim que ele estava assistindo. Eu me pergunto pela primeira vez se a minha humilhação foi incidental, a isca para o seu anzol.

Conte-nos o que você acha da nossa lady.

Para meu imenso alívio, no final da dança, os músicos pararam de novo, olhando para o Grande Rei aguardando instruções.

Eu me afasto dele.

— Eu estou acabada, Sua Majestade. Eu gostaria da sua permissão para me retirar.

Por um momento, me pergunto o que farei se Cardan me negar permissão. Eu emiti muitos comandos, mas nenhum sobre poupar meus sentimentos.

— Você é livre para partir ou ficar, como quiser — diz Cardan, majestosamente. — A Rainha da Alegria é bem-vinda onde quer que ela vá.

Eu me afasto dele e tropeço para fora do festim para me apoiar em uma árvore, sugando respirações de ar fresco do mar. Minhas bochechas estão quentes, meu rosto está queimando.

Na beira do Bosque Leitoso vejo ondas batendo contra as rochas negras. Após um momento eu noto formas na areia, como se as sombras estivessem se movendo sozinhas. Eu pisco novamente.

Não sombras. Selkies, saindo do mar. Eles rejeitaram suas lustrosas Pele de Foca e erguem lâminas de prata.

A Corte Submarina veio para a cerimônia da Caça da Lua.

image

Eu corro de volta, rasgando o vestido longo em espinhos e sarças na minha pressa. Eu vou imediatamente para o membro mais próximo da guarda. Ele parece surpreso quando eu me aproximo correndo, sem fôlego, ainda vestida com trapos da Rainha da Alegria.

— A Corte Submarina — eu aviso. — Selkies. Eles estão vindo. Proteja o rei.

Ele não hesita, não duvida de mim. Ele chama seus cavaleiros e se move para o lado do trono. Cardan olha para o seus movimentos em confusão e, em seguida com uma um breve, centelha de pânico.

Sem dúvida, ele está lembrando de como Madoc ordenou o círculo de guardas ao redor do trono na cerimônia de coroação do príncipe Dain, pouco antes de Balekin começar a assassinar pessoas.

Antes que eu possa explicar, fora do Bosque Leitoso, os Selkies chegam, seus corpos esguios nus exceto por longas cordas de algas marinhas e pérolas ao redor de suas gargantas. O toque dos instrumentos cessa. O riso se esvai.

Alcançando a minha coxa, eu tiro a longa faca no coldre lá.

— O que é isso? — Cardan exige, se erguendo.

Uma Selkie fêmea se curva e caminha para um lado. Atrás deles vem a pequena nobreza da Corte Submarina. Andando sobre as pernas que não tenho certeza se eles possuíam uma hora antes, eles varrem através do bosque em vestidos encharcados e gibões e calças estreitas, parecendo nada desconcertados. Eles parecem ferozes mesmo em suas roupas finas.

Meus olhos vasculham a multidão em busca de Nicasia, mas nem ela nem o ferreiro estão lá. Locke senta-se em um dos braços do trono, procurando por todo o mundo como se tivesse concedido que, se Cardan é o Grande Rei, então ser Grande Rei não pode ser tão especial.

— Sua Majestade — diz um homem de pele cinza em um casaco que parece ser feito de pele de tubarão. Ele tem uma voz estranha, que parece rouca com o desuso. — Orlagh, Rainha da Corte Submarina, nos envia com uma mensagem para o Grande Rei. Conceda-nos permissão para falar.

O meio círculo de cavaleiros ao redor de Cardan aperta.

Cardan não responde imediatamente. Em vez disso, ele se senta.

— A Corte Submarina é bem-vinda a esta cerimônia da Caça da Lua. Dança. Bebida. Nunca deixe ser dito que não somos anfitriões generosos, mesmo para convivas não convidados.

O homem se ajoelha, mas sua expressão não é de todo submissa.

— Sua Generosidade é ótima. E, no entanto, nós não podemos participar até que a mensagem da nossa Senhora seja entregue.

Você deve nos ouvir.

— Eu devo? Muito bem — o Grande Rei diz depois de um momento. Ele faz um gesto no ar. — O que ela tem a dizer?

O homem de pele cinza chama uma garota com um vestido azul molhado, o cabelo preso em tranças. Quando ela abre a boca, vejo que os dentes dela são finos, pontiagudos e estranhamente translúcidos. Ela entoia as palavras em um canto:

*O Mar precisa de um noivo
A Terra precisa de uma noiva.
Abrir caminhos juntos para evitar que
Você enfrente a maré
crescente.
Rejeite o Mar uma vez,
Nós teremos seu sangue.
Rejeite o Mar duas vezes,*

*Nós teremos seu corpo.
Rejeite o Mar três vezes,
Sua coroa vai embora.*

O povo reunido da terra, cortesãos e peticionários, servos e a nobreza, ficam de olhos arregalados para as palavras.

— Isso é uma proposta? — Locke pergunta. Acho que ele queria falar para que só o Cardan ouvisse, mas no silêncio, sua voz ecoa.

— Uma ameaça, receio — Cardan responde. Ele olha para a garota, para o homem de pele cinza, para todos. — Você entregou sua mensagem. Eu não tenho nenhuma canção para mandar de volta – minha própria culpa por ter uma senescal que não pode escrever como meu Poeta da Corte – mas eu vou me certificar de amassar um pouco de papel e jogá-lo na água quando tiver alguma.

Por um momento, todos ficam exatamente como estavam, exatamente em seus lugares.

Cardan bate as mãos, surpreendendo o povo do mar.

— Bem — ele grita. — Dancem! Fiquem alegres! Não é para isso que vocês vieram?

Sua voz soa com autoridade. Ele não somente se *parece* com o Grande Rei de Elfhome; ele *soa* como o Grande Rei.

Um arrepio de premonição passa por mim.

Os cortesãos submarinos, em suas vestes encharcadas e pérolas reluzentes, observam-no com olhos pálidos e frios. Seus rostos são inexpressivos o suficiente para que eu não possa dizer se os gritos de Cardan os chatearam. Mas quando a música recomeça, eles pegam as mãos palmadas uns dos outros e se infiltram na festa, para saltar e pinotear como se isso fosse algo que eles fizeram por prazer abaixo das ondas.

Meus espões permaneceram escondidos durante este encontro.

Locke se dissipa para longe do trono para girar com dois selkies praticamente nus. Nicasia permanece longe de ser vista, e quando procuro Dulcamara, também não consigo enxergá-la. Vestida como eu sou, não posso suportar falar com alguém em uma atividade oficial. Eu tiro a coroa fétida da minha cabeça e jogo na grama.

Eu penso em sair do vestido esfarrapado, mas antes que eu possa decidir realmente fazer, Cardan me leva ao trono.

Eu não me curvo. Esta noite, afinal de contas, sou um governante por direito próprio. A Rainha da Alegria, que não está rindo.

— Eu pensei que você tinha saído — ele se estoura.

— E eu pensei que a Rainha da Alegria fosse bem-vinda onde quer que ela fosse — eu silvo de volta.

— Reúna o Conselho em meus quartos no palácio — ele me diz, a voz fria e distante e real. — Eu vou me juntar a vocês assim que puder fugir.

Eu aceno e estou no meio da multidão quando percebo duas coisas: uma, ele me deu uma ordem; e dois, eu obedeci.



Uma vez no palácio, envio notas para convocar o Conselho. Eu mando Crânio de Dragão com um mensagem para meus espiões descobrirem onde Nicasia foi. Eu teria pensado que ela se faria disponível para ouvir a resposta de Cardan, mas dado que ela estava incerta o suficiente sobre os sentimentos de Cardan para atirar em uma amante rival, talvez ela esteja relutante em ouvir isso.

Mesmo que ela acredite que ele a escolheria acima de uma guerra, isso não significa muito.

Nos meus quartos, eu tiro minhas roupas rapidamente e me lavo. Eu quero me livrar do perfume dos cogumelos, o fedor do fogo e a humilhação. Parece uma bênção ter minha roupa velha ali. Eu coloco um vestido marrom fosco, muito simples para a minha posição atual, mas reconfortante. Eu puxo meu cabelo para trás com severidade implacável.

Tatterfell não está mais por perto, mas é óbvio que ela já passou por aqui. Meus quartos estão arrumados, minhas coisas dobradas e penduradas.

E pousada na minha penteadeira, uma nota dirigida a mim: *Do Grande General do Exército do Grande Rei ao Senescal de Sua Majestade.*

Eu rasgo para abrir. A nota é menor do que o que está escrito no envelope: *Venha para a sala de guerra imediatamente. Não espere pelo Conselho.*

Meu coração bate com força. Eu considero fingir que não recebi a mensagem e simplesmente não ir, mas isso seria covardia.

Se Madoc ainda tem esperanças de levar Oak até trono, ele não pode deixar um casamento com a Corte Submarina acontecer. Ele não tem motivos para saber que, pelo menos nisso, estou inteiramente do lado dele. Esta é uma boa oportunidade para que ele mostre sua mão.

E então, eu me dirijo com relutância a sua sala de guerra. É familiar; Eu treinei aqui quando criança, sob uma grande mesa de madeira coberta de um

mapa de Faerie, com pequenas figuras esculpidas para representar Cortes e exércitos. As "bonecas" dele, como Vivi costumava chamá-las.

Quando eu me deixo entrar, a encontro mal iluminada. Apenas algumas velas queimam em uma mesa ao lado de umas poucas cadeiras duras.

Lembro-me de ler um livro enrolada em uma daquelas cadeiras enquanto ao meu lado conspirações violentas nasciam.

Olhando para cima da mesma cadeira, Madoc se levanta e gesticula para eu sentar do lado oposto a ele, como se fossemos iguais. Ele está sendo curiosamente cuidadoso comigo.

No tabuleiro de estratégias, existem apenas algumas figuras.

Orlagh e Cardan, Madoc e uma figura que não reconheço até estudar com mais cuidado. É eu mesma que estou olhando feita em madeira entalhada. Senescal. Mestre Espiã. Fazedora de Rei.

Estou repentinamente com medo do que fiz para chegar ao tabuleiro.

— Eu li o seu bilhete — digo a ele, sentando em uma cadeira.

— Depois desta noite, eu pensei que você poderia finalmente reconsiderar algumas das escolhas que você fez — diz ele.

Eu começo a falar, mas ele segura uma mão com garras para parar minhas palavras.

— Eu te vi — ele continua — meu orgulho pode me levar a fingir o contrário. O povo não pode mentir, como você sabe, não com nossas línguas. Mas nós podemos enganar. E somos tão capazes de nos enganar quanto qualquer mortal.

Eu sou afetada por ele saber que eu fui coroada Rainha da Alegria e motivo de piada para a Corte.

— Você não acha que eu sei o que estou fazendo?

— Bem — diz ele com cuidado, — não com certeza. O que eu vejo é que você está se humilhando com o mais jovem e mais tolo dos príncipes. Ele prometeu a você alguma coisa?

Eu mordo o interior da minha bochecha para não gritar com ele.

Não importa quão baixa eu já me sinto, se ele me considera uma tola, então uma tola devo me permitir ser.

— Eu sou a senescal do Grande Rei, não sou?

É difícil disfarçar com o riso da Corte ainda tocando em meus ouvidos. Com o pó sujo daqueles cogumelos ainda no meu cabelo e a memória das desagradáveis palavras de Cardan.

Excruciante. Alarmante. Angustiante.

Madoc suspira e abre as mãos na frente dele.

— Quer eu goste ou não, enquanto Cardan usar a Coroa de Sangue, ele é meu rei. Eu estou jurado a ele da mesma forma que eu era ao seu pai, da mesma forma que eu teria sido a Dain ou mesmo a Balekin. A oportunidade que se apresentou na coroação – a oportunidade de mudar o curso do destino – está perdida para mim.

Ele faz uma pausa. Independente de como ele diga, o significado é o mesmo. A oportunidade foi perdida porque eu roubei dele. Eu sou a razão pela qual Oak não é o Grande Rei e Madoc não está usando sua influência para refazer Elfhame à sua imagem.

— Mas você — Madoc diz — que não é limitada por suas palavras. Cujas promessas podem ser falsas...

Penso no que ele me disse depois da última reunião do Conselho, enquanto caminhávamos: *Nenhum juramento prende você. Se você se arrepender de sua jogada, faça outra. Ainda há jogos para jogar.* Vejo que ele escolheu esse momento para expandir esse assunto.

— Você quer que eu traia Cardan — eu digo, só para deixar as coisas claras.

Ele se levanta e me chama para a mesa de estratégia.

— Eu não sei o que você sabe sobre a Rainha da Corte Submarina por sua filha, mas uma vez, a Corte Submarina era um lugar muito parecido com a terra. Tinha muitos feudos, com muitos governantes entre os selkies e tritões.

— Quando Orlagh chegou ao poder, ela perseguiu cada um dos governantes menores e os assassinou, então toda a Corte Submarina responderia apenas a ela. Ainda há alguns governantes do mar ela não tem sob o polegar, alguns muito poderosos e mais alguns muito distantes. Mas se ela casar sua filha com Cardan, você pode ter certeza que ela vai pressionar Nicasia para fazer o mesmo na terra.

— Assassinar as cabeças das Cortes Menores? — Pergunto.

Ele sorri.

— De todas as Cortes. Talvez, a princípio, pareça uma série de acidentes – ou algumas ordens tolas. Ou talvez seja outro banho de sangue.

Eu o estudo cuidadosamente. Afinal de contas, o último banho de sangue foi pelo menos parcialmente seu feito.

— E você não concorda com a filosofia de Orlagh? Você teria feito o mesmo se tivesse o poder por trás do trono?

— Eu não teria feito isso em nome do mar — diz ele. — Ela pretende ter a terra como seu vassalo. — Ele alcança a mesa e pega uma pequena figura, uma escultura para representar Rainha Orlagh.

— Ela acredita na paz forçada do domínio absoluto.

Eu olho para o tabuleiro.

— Você queria me impressionar — diz ele. — Você adivinhou, com razão, que eu não veria o seu verdadeiro potencial até você ter me superado. Considere-me impressionado, Jude. Mas seria melhor para nós dois parar de lutar um contra o outro e nos concentrar em nosso interesse comum: poder.

Isso paira no ar ameaçadoramente. Um elogio entregue sob a forma de uma ameaça. Ele continua.

— Mas agora, volte para o meu lado. Volte antes de eu me mover contra você seriamente.

— Como que é voltar? — Pergunto.

Ele me dá um olhar de avaliação, como se perguntando o quanto deve dizer em voz alta.

— Eu tenho um plano. Quando chegar a hora, você pode me ajudar a implementá-lo.

— Um plano que eu não ajudei a fazer e sobre o qual você não vai me contar muito? — Pergunto. — E se estiver mais interessada no poder que já tenho?

Ele sorri, mostrando os dentes. — Então eu acho que não conheço minha filha muito bem. Porque Jude que eu conheci cortaria o coração daquele menino pelo que ele fez com você esta noite.

Com a vergonha de ter a cerimônia jogada na minha cara, eu me viro.

— Você me deixou ser humilhada em Faerie desde quando eu era criança. Você deixou os feéricos me machucarem e rirem de mim e me mutilarem. — Eu levanto a mão com a ponta do dedo perdida, que um dos seus próprios guardas mordeu e arrancou. Outra cicatriz está no meio, de onde Dain me forçou a enfiar um punhal através da minha mão. — Fui encantada e levada a uma festa, chorando e sozinha. Tanto quanto eu posso dizer, a única diferença entre esta noite e todas as outras noites quando eu suportava indignidades sem reclamar, é que aquelas beneficiaram você, e quando eu suporto esta, me beneficia.

Madoc parece abalado.

— Eu não sabia.

— Você não queria saber — eu devolvo.

Ele olha para o tabuleiro, para as peças, para a pequena estatueta que me representa.

— Esse argumento é um bom ataque, bem no meu fígado, mas não tenho tanta certeza de que ele é tão bom como uma defesa. O menino é indigno...

Ele teria continuado a falar, mas a porta se abre e Randalin está lá, olhando

para dentro, suas vestes de estado parecendo apressadamente puxadas.

— Oh, vocês dois. Que bom. A reunião está prestes a começar.

Apressem-se.

Quando começo a seguir, Madoc agarra meu braço. Sua voz está baixa.

— Você tentou nos dizer que isso ia acontecer. Tudo o que peço de você esta noite é que você use seu poder como Senescal para bloquear qualquer aliança com a Corte Submarina.

— Sim — eu digo, pensando em Nicasia e Oak e em todos os meus planos.

— Isso eu posso garantir.

image

O Conselho se reúne nas enormes câmaras do Grande Rei, em torno de uma mesa incrustada com o símbolo da linha Greenbriar, flores e espinhos com raízes enroladas.

Nihuar, Randalin, Baphen e Mikkel estão sentados, enquanto Fala fica no meio do chão cantando uma musiquinha:

Peixinhos. Peixinhos. Se colocando em seus pés.

Case-se com um peixe e a vida será doce.

Frite-a em uma frigideira e pegue seus ossos.

O sangue de peixe está frio no topo de um trono.

Cardan se joga em um sofá próximo com um toque dramático, desdenhando de toda a mesa.

— Isto é ridículo. Onde está Nicasia?

— Devemos discutir essa oferta — diz Randalin.

— *Oferta?* — Zomba Madoc, sentando-se. — Pela forma como foi entregue, não estou certo de que ele poderia casar com a garota sem parecer que a terra teme o mar e se rende às suas demandas.

— Talvez tenha sido um pouco pesado — diz Nihuar.

— Hora de nos prepararmos — , diz Madoc. — Se é guerra que ela quer, é a guerra que daremos a ela. Vou tirar o sal do mar antes de deixar que Elfhame estremeça pela ira de Orlagh.

Guerra, exatamente o que eu temia que Madoc nos apressasse, e agora ela chega sem sua instigação.

— Bem — diz Cardan, fechando os olhos como se fosse tirar uma soneca ali mesmo. — Não preciso fazer alguma coisa então.

O lábio de Madoc se franze. Randalin parece um pouco desconcertado. Por muito tempo, ele queria Cardan nas reuniões do Conselho, mas agora ele não tem certeza do que fazer com o sua atual presença.

— Você poderia levar Nicasia como sua consorte em vez de sua noiva — diz Randalin. — Obter um herdeiro dela para governar a terra e o mar.

— Agora eu não vou me casar pelo comando de Orlagh, só procriar? — Cardan exige.

— Eu quero ouvir de Jude — diz Madoc, para minha enorme surpresa.

O resto do Conselho se vira para mim. Eles parecem totalmente confusos com as palavras de Madoc. Nas reuniões, meu único valor tem sido como um canal entre eles e o Grande Rei. Agora, com ele representando a si mesmo, eu poderia muito bem ser uma das pequenas figuras de madeira no tabuleiro de estratégias por todos eles esperarem que eu fale.

— O que quer dizer? — Randalin quer saber.

— Porque nós não a ouvimos antes. Ela nos disse que a Rainha da Corte Submarina vai se mover contra a terra. Se tivéssemos escutado a ela, talvez não estivéssemos agora lutando por estratégia.

Randalin estremece.

— Isso é verdade — diz Nihuar, como se estivesse tentando pensar em uma maneira de explicar este sinal perturbador de competência.

— Talvez ela nos diga o que mais ela sabe — diz Madoc.

As sobranceiras de Mikkel se erguem.

— Há mais? — Baphen pergunta.

— Jude? — Pergunta Madoc.

Eu peso minhas próximas palavras.

— Como eu disse, Orlagh tem se comunicado com Balekin. Eu não sei que informação ele passou para ela, mas o mar envia cortesãos para a terra com presentes e mensagens para ele.

Cardan parece surpreso e claramente infeliz. Eu percebo que eu deixei de contar a ele sobre Balekin e a Corte Submarina, apesar de informar o Conselho.

— Você sabia sobre Nicasia também? — pergunta ele.

— Eu, uh... — Eu começo, afundando.

— Ela gosta de manter seus próprio conselhos no Conselho — Baphen diz com um olhar astuto.

Como se fosse minha culpa nenhum deles me escutar.

Randalin ofega.

— Você nunca explicou como você soube disso.

— Se você está perguntando se eu tenho segredos, eu poderia facilmente perguntar o mesmo de você — eu lembro a ele. — Anteriormente, você não estava interessado em nenhum dos meus.

— Príncipe da terra, o príncipe sob as ondas — , diz Fala. — Príncipe das prisões, príncipe dos escravos.

— Balekin não é estrategista — diz Madoc, o que está tão perto de admitir que ele estava atrás Execução de Eldred quanto ele já fez.

— Ele é ambicioso, no entanto. E orgulhoso.

— *Rejeite o Mar uma vez, nós teremos o seu sangue* — diz Cardan. — Isso seria Oak, eu imagino.

Madoc e eu compartilhamos um olhar rápido. A única coisa que concordamos é que Oak será mantido em segurança. Fico feliz que ele esteja longe daqui, no interior, com espiões e cavaleiros cuidando dele. Mas se Cardan está correto sobre o que o trecho significa, eu me pergunto se ele precisará de ainda mais proteção do que tem.

— Se a Corte Submarina está planejando roubar Oak, talvez eles tenham prometido a Balekin coroa — diz Mikkell. — Mais seguro que haja apenas dois na linhagem, quando é necessário para coroar o outro. Três é supérfluo. Três é perigoso.

Que é uma maneira indireta de dizer que alguém deveria matar Balekin antes que ele tente assassinar Cardan.

Eu não me importaria de ver Balekin morto, mas Cardan tem sido teimosamente contra a execução de seu irmão. Penso nas palavras que ele me disse na Corte das Sombras: *Eu posso ser podre, mas minha única virtude é que eu não sou um assassino.*

— Vou tomar isso sob aconselhamento, assessores — diz Cardan. — Agora, eu gostaria de falar com Nicasia.

— Mas nós ainda não decidimos... — Randalin diz, parando quando vê o olhar escaldante que Cardan mira nele.

— Jude, vá buscá-la — diz o Grande Rei de Elfhame. Outra ordem.

Levanto-me, rangendo os dentes e vou até a porta. Fantasma está esperando por mim.

— Onde está a Nicasia? — Eu pergunto.

Acontece que ela foi colocada nos meus quartos, com Barata.

Seu vestido cinza-pombo está arrumado no meu divã como se ela fosse posar para uma pintura. Eu me pergunto se a razão pela qual ela se apressou foi para que ela pudesse trocar de roupa para este público.

— Olha o que o vento soprou — diz ela quando ela me vê.

— O Grande Rei requisita sua presença — digo a ela.

Ela me dá um sorriso estranho e se levanta.

— Se isso fosse verdade.

Nós vamos para o final do corredor, cavaleiros a observando passar. Ela parece majestosa e miserável ao mesmo tempo, e quando as enormes portas dos aposentos de Cardan se abrem, ela entra com a cabeça para cima.

Enquanto eu estava fora, uma criada trouxe chá. Ele fica em um recipiente no centro de uma mesa baixa. Uma xícara está aprisionada nos dedos delgados de Cardan.

— Nicasia — ele fala arrastadamente. — Sua mãe enviou uma mensagem para nós dois.

Ela franze a testa, observando os outros conselheiros, a falta de um convite para se sentar, e a falta de uma oferta para tomar chá.

— Este era o esquema dela, não o meu.

Ele se inclina para frente, não está mais sonolento ou entediado, mas todo o terrível lorde das fadas, de olhos vazios e poder incalculável.

— Talvez, mas você sabia que ela faria isso, eu aposto. Não brinque comigo. Nos conhecemos muito bem para truques.

Nicasia olha para baixo, os cílios roçando suas bochechas.

— Ela deseja um tipo diferente de aliança.

Talvez o Conselho possa vê-la como mansa e humilde, mas eu ainda não sou tão tola.

Cardan se levanta, jogando sua xícara de chá na parede, onde ela se quebra.

— Diga à Rainha da Corte Submarina que, se ela me ameaçar novamente,

encontrará sua filha como prisioneira em vez de minha noiva.

Nicasia parece chocada.

Randalin finalmente encontra sua voz.

— Não é um encontro para jogar coisas na filha da Corte Submarina.

— Pequeno peixinho — diz Fala — tire as pernas e vá nadar.

Mikkel solta uma risada.

— Não devemos nos apressar — diz Randalin, desamparado. — Princesa, deixe o Grande Rei ter mais tempo para considerar.

Eu me preocupava que Cardan fosse ser entretido, lisonjeado ou tentado. Em vez disso, ele está claramente furioso.

— Deixe-me falar com minha mãe. — Nicasia olha ao redor da sala, para os conselheiros, para mim, antes de parecer decidir que ela não vai convencer Cardan a nos mandar embora. Ela faz a segunda melhor coisa, virando o olhar apenas para ele e falando como se não estivéssemos lá. — O mar é severo e os métodos da Rainha Orlagh também. Ela exige quando ela deve pedir, mas isso não significa que não há sabedoria no que ela quer.

— Você se casaria comigo então? Amarrar o mar à terra e nos unir na miséria? — Cardan olha para ela com todo o desprezo que ele uma vez reservou para mim. Parece que o mundo foi virado de cabeça para baixo.

Mas Nicasia não recua. Em vez disso, ela dá um passo mais perto.

— Nós seríamos lendas — ela diz a ele. — As lendas não precisam se preocupar com algo tão pequeno quanto felicidade.

E então, sem esperar para ser dispensada, ela se vira e sai.

Sem serem ordenados, os guardas se dividem para deixá-la passar.

— Ah — diz Madoc. — Aquela se comporta como se ela já fosse rainha.

— Fora. — diz Cardan, e então quando ninguém reage, ele faz um gesto selvagem no ar.

— Fora! Fora. Tenho certeza que vocês desejam deliberar mais como se eu não estivesse na sala, então vão fazer onde não estou na sala. Vão e não me incomodem mais.

— Perdão — diz Randalin. — Nós quisemos dizer apenas...

— Fora! — Ele diz, até o ponto que até Fala vai em direção à porta.

— Exceto Jude — ele chama. — Você, espere um momento.

Você. Eu me viro para ele, a humilhação da noite ainda quente na minha pele. Eu penso em todos os meus segredos e planos, e do que isso significará se formos para a guerra com a Corte Submarina, no que arrisquei e o que já está perdido para sempre.

Deixei os outros partirem, esperando até que o último do Conselho estivesse fora da sala.

— Me dê uma ordem de novo — eu digo, — e vou lhe mostrar a verdadeira vergonha. Os jogos de Locke serão nada comparado ao que farei você fazer.

Com isso, sigo os outros para o corredor.



Na Corte das Sombras, considero quais movimentos são possíveis.

Assassinar Balekin. Mikkel não estava errado sobre isso tornar mais difícil para a Corte Submarina arrancar a coroa da cabeça de Cardan.

Casar Cardan com outra pessoa. Eu penso em Mãe Marrow e quase me arrependo de interferir. Se Cardan tivesse uma filha de bruxa como noiva, talvez Orlagh não tivesse tão empenhada em formar um casal.

Claro, eu teria tido outros problemas.

Uma dor de cabeça começa por trás dos meus olhos. Eu esfrego meus dedos sobre a ponte do meu nariz.

Com o casamento de Taryn tão perto, Oak estará aqui em poucos dias. Eu não gosto da ideia disso com a ameaça de Orlagh pairando sobre Elfhame. Ele é muito valioso no tabuleiro de estratégia, também necessário para Balekin, muito perigoso para Cardan.

Lembro-me da última vez que vi Balekin, a influência que ele teve sobre a guarda, a maneira como ele comportou-se como se ele fosse o rei no exílio. E todos os meus relatórios de Vulciber sugerem isso não mudou muito. Ele exige luxos, ele entretém visitantes do mar que deixam poças d'água e pérolas para trás. Eu me pergunto o que eles disseram a ele, que promessas ele têm feito. Apesar da crença de Nicasia de que ele não será necessário, ele deve estar esperando o oposto.

E então me lembro de outra coisa – a mulher que queria me contar sobre a minha mãe. Ela esteve lá o tempo todo e se está disposta a vender um tipo de informação pela sua liberdade, talvez ela esteja disposta a vender outra.

Enquanto penso sobre o que eu gostaria de saber, me ocorre quão mais útil seria para enviar informações para *Balekin*, em vez de obter informações dele.

Se eu deixasse aquela prisioneira acreditar que eu a estaria libertando temporariamente para me contar sobre minha mãe, eu poderia deixar alguma

informação no ouvido dela. Algo sobre Oak, algo sobre o seu paradeiro ou vulnerabilidade. Ela não estaria mentindo quando ela passasse adiante; ela iria acreditar que tinha ouvido a verdade e falado a verdade.

Eu me preocupo mais e percebo que, não, é muito cedo para isso. O que eu preciso agora é dar à prisioneira informações mais simples que ela possa passar, informações que eu possa controlar e verificar, para que eu possa ter certeza de que ela é uma boa fonte.

Balekin queria mandar uma mensagem para Cardan. Eu vou encontrar uma maneira de deixá-lo.

A Corte de Sombras começou a formalizar a escrita de documentos sobre habitantes de Elfhame, mas nenhum dos pergaminhos atuais lidam com quaisquer prisioneiros na Torre, além de Balekin. Andando pelo corredor, eu vou para o escritório recém-cavado de Bomba.

Ela está lá, jogando punhais em uma pintura de um pôr do sol.

— Você não gostou? — Eu pergunto, apontando para a tela.

— Eu gostei demais — diz ela. — Agora eu gosto mais — Eu preciso de um prisioneiro da Torre do Esquecimento. Temos uniformes suficientes para vestir alguns dos nossos novos recrutas?

Os cavaleiros lá viram meu rosto. Vulciber pode ajudar suavizar as coisas, mas prefiro não arriscar. Melhor forjar alguns papéis e tirá-la com menos perguntas.

Ela franze a testa em concentração. — Quem você quer?

— Há uma mulher. — Eu pego um pedaço de papel e ilustro o piso inferior, tão bem quanto eu posso. — Ela estava acima da escadaria. Aqui. Sozinha.

Bomba franze a testa.

— Você pode descrevê-la?

Eu dou de ombros.

— Cara magra, chifres. Linda, eu acho. Vocês são todos bonitos.

— Que tipo de chifres? — Bomba pergunta, inclinando a cabeça para um lado como se ela estivesse considerando alguma coisa. — Retos? Curvados?

Eu posiciono as mãos no topo da cabeça onde eu lembro dos dela. — Pequenos. Como de Cabras, eu acho. E ela tinha um rabo.

— Não há muita gente na Torre — explica a bomba. — A mulher que você está descrevendo...

— Você a conhece? — Eu pergunto.

— Eu nunca falei uma palavra com ela — diz Bomba. — Mas eu sei quem

ela é, ou quem ela era: uma das amantes de Eldred que lhe gerou um filho. É a mãe de Cardan.

image

Eu tamborilo minhas unhas contra a antiga mesa de Dain conforme Barata conduz o prisioneiro pra dentro.

— O nome dela é Asha — ele diz. — *Lady Asha*.

Asha é magra e tão pálida que ela parece um pouco cinza. Ela não parece nada com a mulher sorridente que eu vi no globo de cristal.

Ela está olhando ao redor da sala em um êxtase de confusão. É óbvio que ela está feliz de estar longe da Torre do Esquecimento.

Seus olhos estão famintos, bebendo cada detalhe até mesmo deste quarto tedioso.

— Qual foi o crime dela? — eu pergunto minimizando meu conhecimento. Eu espero que ela defina o jogo e mostre mais dela mesma dessa forma.

Barata grunhe, jogando junto.

— Ela era consorte de Eldred e quando ele se cansou dela, ela foi jogada na Torre.

Havia, sem dúvidas, mais que isso envolvido, mas tudo que eu descobri é que

envolvia a morte de outra amante do Grande Rei e, de algum modo, o envolvimento de Cardan.

— Má sorte — eu digo, indicando a cadeira na frente da minha mesa. Aquela que, cinco meses atrás, Cardan foi amarrado. — Venha sentar.

Eu posso ver o rosto dele nela. Eles compartilham aquelas maçãs do rosto ridículas, aquela boca suave.

Ela senta, olhando atentamente para mim.

— Eu estou com muita sede.

— Agora? — Barata pergunta, lambendo um canto do lábio com a língua negra — Talvez uma taça de vinho possa restaurá-la.

— Eu estou com frio também — ela diz a ele. — Fria até os ossos. Fria como o mar.

Barata compartilha uma olhada comigo.

— Você fica aqui com a nossa própria Rainha Sombria, e eu cuidarei do resto.

Eu não sei o que eu fiz para merecer um título tão extravagante e temo que tenha sido concedido a mim como alguém poderia dar um enorme troll o apelido de “Mini”, mas parece impressioná-la.

Barata sai, deixando-nos deixando sozinhas. Meu olhar segue-o por um momento, pensando na Bomba e em seu segredo. Então eu me volto para *Lady Asha*.

— Você disse que conhecia minha mãe — eu a lembro, na esperança de distraí-la com isso, até que eu possa descobrir como passar para o que eu realmente preciso saber.

Sua expressão é de leve surpresa, como se ela estivesse tão distraída por seus arredores que ela esqueceu sua razão por estar aqui.

— Você se parece muito com ela.

— *Seus segredos* — eu digo. — Você disse que conhecia segredos sobre ela. Finalmente, ela sorri.

— Eva achava tedioso ter que fazer sem tudo de sua antiga vida. Oh, foi divertido para ela no início estar no Reino das Fadas – sempre é – mas eventualmente eles ficam com saudades de casa.

Costumávamos nos esgueirar pelo mar para estar entre os mortais e pegar as pequenas coisas que ela sentia falta. Barras de chocolate.

Perfume. Meia calça. Isso foi antes de Justin, claro.

Justin e Eva. Eva e Justin. Minha mãe e meu pai. Meu estômago embrulha com o pensamento de serem duas pessoas que Asha conhecia melhor do que eu

jamais conheci.

— Claro — eu faço ecôo de qualquer maneira.

Ela se inclina para frente, do outro lado da mesa.

— Você se parece com ela. Você se parece com os dois.

E você se parece com ele, eu penso, mas não digo.

— Você já ouviu a história, eu aposto — diz Asha. — Como um ou ambos mataram uma mulher e queimaram o corpo para esconder o desaparecimento de sua mãe de Madoc. Eu poderia falar sobre isso. Eu poderia te dizer como isso aconteceu.

— Eu trouxe você aqui para que você pudesse fazer exatamente isso — digo a ela. — Então você poderia me dizer tudo o que você sabe."

— Então ser jogada de volta na Torre? Não. Minha informação vale um preço.

Antes que eu possa responder, a porta se abre e Barata entra carregando uma bandeja cheia de queijo e pão integral e uma xícara fumegante de vinho temperado. Ele veste uma capa sobre os ombros, e depois de largar a comida, ele a coloca sobre ela como um cobertor.

— Algum outro pedido? — Pergunta ele.

— Ela estava apenas começando com isso — digo a ele.

— Liberdade — diz ela. — Quero ficar longe da Torre do Esquecimento e desejo uma passagem segura para longe de Insmoor, Insweal e Insmire. Além disso, quero sua promessa de que o Grande Rei de Elfhame nunca se tornará consciente da minha libertação.

— Eldred está morto — digo a ela — Você não tem nada com o que se preocupar.

— Eu sei quem é o Grande Rei — ela corrige bruscamente. — E eu não quero ser descoberta por ele quando estiver livre.

As sobancelhas de Barata se erguem.

No silêncio, ela toma um grande gole de vinho. Ela morde um grande pedaço de queijo.

Ocorre-me que Cardan sabe muito bem para onde sua mãe foi enviada. Se ele não fez nada para tirá-la, nada para vê-la desde que se tornou o Grande Rei, foi intencional. Penso no menino no orbe de cristal e no modo cheio de adoração que ele encarava ela, e fico imaginando o que mudou. Eu mal me lembro da minha mãe, mas eu faria muito para vê-la novamente, mesmo que apenas por um momento.

— Diga-me algo de valor — eu digo, — E eu vou considerar.

— Então eu não tenho nada hoje? — ela quer saber.

— Não te demos de comer e te vestimos com nossas próprias vestes? Além disso, você pode dar uma volta nos jardins antes de retornar à Torre. Beba os aromas das flores e sinta a grama sob seus pés — digo a ela. — Deixe-me esclarecer: não peço reminiscências consoladoras ou histórias de amor. Se você tem algo melhor para me dar, então talvez eu encontre algo para você. Mas não pense que preciso de você.

Ela faz beicinho.

— Muito bem. Havia uma bruxa que veio à terra de Madoc quando sua mãe estava grávida de Vivienne. A bruxa tinha o dom da profecia e adivinhava futuros em cascas de ovos. E você sabe o que a bruxa disse? Que a criança de Eva estava destinada a ser uma arma maior do que Justin jamais poderia forjar.

— Vivi? — eu exijo.

— Sua criança — diz Asha. — Embora ela deva ter pensado na que estava na barriga dela então. Talvez seja por isso que ela foi embora. Para proteger a criança do destino. Mas ninguém pode escapar do destino.

Eu estou em silêncio, minha boca é uma linha sombria. A mãe de Cardan toma outro gole de vinho.

Eu não vou deixar nada do que eu sinto refletir no meu rosto.

— Ainda não é o suficiente — eu digo, tomando fôlego que espero que não seja muito trêmulo e focando em passar a informação que espero que encontre o caminho até Balekin. — Se você pensar em algo melhor, pode me enviar uma mensagem. Nossos espiões monitoram as anotações que entram e saem da Torre do Esquecimento — geralmente no ponto em que são passadas para o palácio. Qualquer coisa que você enviar, não importa para quem for dirigido, se ele deixa a mão da guarda, vamos vê-lo. Será fácil me avisar se a sua memória apresentar algo de mais valor.

Com isso, levanto-me e saio da sala. Barata me segue até o corredor e põe a mão no meu braço.

Por um longo momento, fico ali, sem palavras, tentando organizar meus pensamentos.

Ele sacode a cabeça.

— Eu fiz a ela algumas perguntas no caminho até aqui. Soa como se ela estivesse fascinada pela vida do palácio, tomada pela consideração do Grande Rei, se gloriando na dança, no canto e no vinho. Cardan foi deixado para ser amamentado por um pequeno gato preto cujos gatinhos nasceram natimortos.

— Ele sobreviveu com leite de gato? — eu exclamo. Barata me dá uma

olhada, como se eu tivesse perdido totalmente o sentido de sua história.

— Depois que ela foi enviada para a Torre, Cardan foi enviado para Balekin — diz ele.

Penso novamente no globo que mantive no escritório de Eldred, em Cardan vestido em farrapos, olhando para a mulher em minha câmara em busca de aprovação, que veio apenas quando ele era horrível. Um príncipe abandonado, amamentado com leite de gato e crueldade, largado para vagar pelo palácio como um pequeno fantasma. Eu penso em mim mesma, me aconchegando em uma torre da Mansão Hollow, observando Balekin encantar um mortal para bater em seu irmão mais novo por ser um espadachim ruim.

— Leve-a de volta para a Torre — digo à Barata.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Você não quer ouvir mais sobre seus pais?

— Ela fica muito satisfeita em contar. Eu vou ter as informações dela sem tantas barganhas. — Além disso, eu plantei uma semente mais importante. Agora só tenho que ver se cresce.

Ele me dá um meio sorriso.

— Você gosta disso, não é? Jogando jogos com a gente?

Puxando nossas cordas e vendo como nós dançamos?

— O Povo, você quer dizer?

— Eu imagino que você gostaria também dos mortais, mas nós somos os que você usa para praticar. — Ele não parece desaprovador, mas ainda parece ser espetado em um alfinete. — E talvez alguns de nós ofereçam um gostinho especial.

Ele olha para baixo, através de seu nariz goblin curvo, para mim até eu responder.

— Isso deveria ser um elogio?

Com isso, seu sorriso surge.

— Não é um insulto.

image

Os vestidos chegam no dia seguinte, caixas deles, junto com casacos e pequenas jaquetas, calças de veludo e botas altas. Todos parecem pertencer a alguém feroz, alguém melhor e pior que eu.

Eu me visto e, antes de terminar, Tatterfell entra. Ela insiste em pentear meu cabelo para trás e prendê-lo em um novo pente, um esculpido na forma de um sapo com uma única gema de cymophane como olho.

Eu me olho em um casaco de veludo preto com pontas de prata e penso no cuidado com que Taryn escolheu a peça. Eu quero pensar sobre isso e nada mais.

Certa vez, ela disse que me odiava um pouco por ser testemunha de sua humilhação pelos nobres. Eu me pergunto se é por isso que tenho muita dificuldade em esquecer o que aconteceu com Locke, porque ela viu, e sempre que a vejo, lembro de novo como foi ser feita de tola.

Quando olho para minhas roupas novas, no entanto, penso em todas as coisas boas que vêm de alguém que conhece você o suficiente para entender suas esperanças e medos. Posso não ter contado a Taryn todas as coisas horríveis que

fiz e as terríveis habilidades que adquiri, mas ela me vestiu como se eu tivesse.

Em minhas roupas novas, eu vou até uma reunião do Conselho convocada às pressas e escuto enquanto eles vão e voltam no debate se Nicasia levou a mensagem de raiva de Cardan de volta para Orlagh e se os peixes podem voar (isso foi a Fala).

— Se ela fez isso ou não, não importa — diz Madoc. — O Grande Rei deixou clara sua posição. Se ele não vai se casar, então temos que assumir que Orlagh vai cumprir suas ameaças. O que significa que ela vai atrás do sangue dele.

— Você está se movendo muito rápido — diz Randalin. — Nós ainda não consideramos que o tratado ainda pode ser válido?

— O que adianta considerar isso? — pergunta Mikkel com um olhar de esguelha para Nihuar. — As Cortes Unseelie não sobrevivem de desejos.

O representante Seelie aperta sua pequena boca, similar à de um inseto.

— As estrelas dizem que esta é uma época de grandes reviravoltas — diz Baphen, — Eu vejo um novo monarca vindo, mas se isso é um sinal de Cardan deposto ou Orlagh derrubada ou Nicasia feita rainha, eu não posso dizer.

— Eu tenho um plano — diz Madoc. — Oak estará aqui em Elfhame muito em breve. Quando Orlagh enviar seu povo atrás dele, eu pretendo pegá-la.

— Não — eu digo, surpreendendo a todos que olham em minha direção. — Você não vai usar o Oak como isca.

Madoc não parece particularmente ofendido pela minha explosão.

— Pode parecer que é o que estou fazendo...

— Porque é — Eu olho para ele, lembrando de todas as razões pelas quais eu não queria que Oak fosse o Grande Rei, em primeiro lugar, com Madoc como seu regente.

— Se Orlagh planeja caçar Oak, é melhor sabermos quando ela vai atacar do que esperar ela se mexer. E a melhor maneira de saber é projetar uma oportunidade.

— E que tal *remover* a oportunidade em vez disso? — eu digo.

— Isso não é nada além dos desejos do quais Mikkel advertiu contra. — Madoc balança a cabeça. — Eu já escrevi para a Vivienne.

Eles planejam chegar dentro de uma semana.

— Oak não pode vir aqui — eu digo. — Já foi ruim o suficiente antes, mas não agora.

— Você acha que o mundo mortal é seguro? — Madoc zomba.

— Você acha que a Corte Submarina não pode alcançá-lo lá? Oak é meu

filho, eu sou o Grande General de Elfhame e conheço o meu trabalho. Faça qualquer arranjo que você queira para protegê-lo, mas deixe o resto para mim. Não é hora para um ataque de nervos.

Eu cerro meus dentes.

— Nervos?

Ele me dá um olhar firme.

— É fácil colocar sua própria vida em risco, não é? Para fazer as pazes com o perigo. Mas um estrategista deve às vezes arriscar os outros, até mesmo aqueles que amamos — Ele me dá um olhar significativo, talvez para me lembrar que uma vez eu o envenenei. — Pelo bem de Elfhame.

Mas eu mordo minha língua novamente. Esta não é uma conversa que eu estou disposta a levar adiante na frente de todo o Conselho. Especialmente, quando eu não tenho certeza se estou certa.

Preciso descobrir mais sobre os planos do Corte Submarina e preciso fazê-lo rapidamente. Se existe alguma alternativa para não ter de arriscar o Oak, eu quero encontrá-la.

Randalin tem mais perguntas sobre a guarda pessoal do Grande Rei. Madoc quer que as Cortes inferiores enviem mais do que o habitual lote de tropas. Tanto Nihuar quanto Mikkel têm objeções.

Deixei as palavras passarem por mim, tentando encurralar meus pensamentos.

Quando a reunião termina, uma página vem até mim com duas mensagens. Uma é de Vivi, entregue ao palácio, pedindo-me para vir e trazer ela, Oak e Heather para Elfhame para o casamento de Taryn em um dia – mais cedo até mesmo do que Madoc sugeriu. O segundo é de Cardan, convocando-me para a sala do trono.

Amaldiçoando baixo, eu começo a sair, então Randalin pega minha manga.

— Jude — diz ele. — Permita-me dar-lhe uma palavra de conselho.

Eu me pergunto se estou prestes a ser repreendida.

— O senescal não é apenas a voz do Rei — diz ele. — Você também é suas mãos. Se você não gosta de trabalhar com o General Madoc, encontre um novo Grande General, alguém que não tenha cometido traição anteriormente.

Eu sabia que Randalin estava sempre em desacordo com Madoc nas reuniões do Conselho, mas não fazia ideia de que ele queria eliminá-lo. E, no entanto, eu não confio mais em Randalin do que em Madoc.

— Um pensamento interessante — digo no que espero ser um tom neutro antes de fazer minha fuga.



Cardan está descansando de lado no trono quando eu entro, uma longa perna pendurada sobre um dos braços do trono.

Os foliões sonolentos ainda festejam no grande salão, em torno de mesas ainda cheias de delícias. O cheiro de terra recém-revirada e vinho recém-derramado estão no ar. Enquanto caminho até o tablado, vejo Taryn dormindo no tapete. Um garoto pixie que eu não conheço dorme ao lado dela, suas altas asas de libélula se contraindo ocasionalmente, como se em sonhos de vôo.

Locke está bem acordado, sentado na beira do estrado, gritando com os músicos.

Frustrado, Cardan se desloca, com as pernas caindo no chão.

— Qual é, exatamente, o problema aqui?

Um menino com a metade inferior de um veado dá um passo à frente. Eu o reconheço da festa da Caça da Lua, onde ele tocou. Sua voz treme quando ele fala.

— Perdão, Vossa Majestade. É que minha lira foi roubada.

— Então, o que estamos debatendo? — Cardan diz. — A lira está aqui ou desapareceu, não é? Se desapareceu, deixe um violinista tocar.

— Ele roubou. — O garoto aponta para um dos outros músicos, este com cabelo similar à grama.

Cardan se vira para o ladrão com uma careta impaciente.

— *Minha* lira estava amarrada com o cabelo de belos mortais que morreram tragicamente jovens — dispara o feérico de cabelos de grama. — Demorei décadas para montar e não foi fácil de manter. As vozes mortais cantavam melancolicamente quando eu tocava.

Poderia até ter feito você mesmo chorar, implorando seu perdão.

Cardan faz um gesto impaciente.

— Se você já se gabou, qual é o ponto desse assunto? Eu não perguntei sobre o seu instrumento, mas o *dele*.

O feérico de cabelos de grama parece corar, a pele dele se tornando um verde mais escuro – o que eu suponho que não seja realmente a cor de sua carne, mas de seu sangue.

— Ele a pegou emprestada por uma noite — diz ele, apontando para o menino veado. — Depois disso, ele ficou obcecado e não descansou até destruir. Eu só peguei a lira *dele* como recompensa.

Mesmo que seja inferior, eu preciso tocar alguma coisa.

— Você deveria punir os dois — diz Locke. — Por trazer uma preocupação tão trivial diante do Grande Rei.

— E então? — Cardan se vira de volta para o garoto que primeiro alegou que sua lira foi roubada. — Devo dar meu julgamento?

— Ainda não, eu te imploro — diz o menino veado, suas orelhas se contorcendo de nervoso. — Quando toquei sua lira, as vozes daqueles que haviam morrido e de quem os cabelos faziam as cordas falavam comigo. Eles eram os verdadeiros donos da lira. E quando eu a destruí, eu estava salvando eles. Eles estavam presos, sabe.

Cardan se joga em seu trono, inclinando a cabeça para trás em frustração e derrubando sua coroa.

— Chega — diz ele. — Vocês dois são ladrões e nenhum de vocês é particularmente habilidoso.

— Mas você não entende o tormento, os gritos... — Então o menino veado aperta a mão sobre a boca, lembrando-se que está na presença do Grande Rei.

— Você nunca ouviu falar que a virtude é *sua* própria recompensa? — Cardan diz agradavelmente. — Isso é porque não há *outra* recompensa.

O menino arrasta o casco no chão.

— Você roubou uma lira e sua lira foi roubada em troca — diz Cardan suavemente. — Há alguma justiça nisso — ele se vira para o músico de cabelos de grama. — E você tomou as coisas em suas próprias mãos, então eu só posso supor que eles foram organizados para sua satisfação. Mas vocês dois me irritaram. Me dê esse instrumento.

Ambos parecem descontentes, mas o músico de cabelos de grama se aproxima e entrega a lira a um guarda.

— Cada um de vocês terá a chance de tocar, e quem tocar melhor, terá a lira. Pois a arte é mais que a virtude ou o vício.

Eu faço meu cuidadoso caminho até os degraus enquanto o garoto veado começa a tocar o instrumento. Eu não esperava que Cardan se importasse o suficiente para ouvir os músicos, e eu não consigo decidir se seu julgamento é brilhante ou se ele é apenas um idiota. Eu me preocupo que mais uma vez eu esteja lendo o que quero que seja verdadeiro em suas ações.

A música está assombrando, percorrendo minha pele e descendo até os meus ossos.

— Sua Majestade — eu digo. — Você mandou me chamar?

— Ah, sim.— Seu cabelo de asa de corvo cai sobre um olho. — Então

estamos em guerra?

Por um momento, acho que ele está falando sobre nós.

— Não, — eu digo — pelo menos não até a próxima lua cheia.

— Você não pode lutar contra o mar — diz Locke filosoficamente.

Cardan dá uma risadinha.

— Você pode lutar contra qualquer coisa. Ganhar, no entanto, é outra coisa. Não é mesmo, Jude?

— Jude é uma verdadeira vencedora — diz Locke com um sorriso. Então ele olha para os músicos e bate palmas. — É o suficiente. Troquem.

Quando Cardan não contradiz seu Mestre de Cerimônias, o veado relutantemente entrega a lira para o feérico de cabelos de grama. Uma nova onda de música corre pela colina, uma melodia selvagem para acelerar meu coração.

— Você estava indo — digo a Locke.

— Eu acho que estou muito confortável aqui — diz Locke sorrindo. — Certamente não há nada que você tenha que dizer ao rei que seja tão pessoal ou particular.

— É uma pena que você nunca descobrirá. Vai. Agora. — Eu penso sobre o conselho de Randalin, seu lembrete de que eu tenho poder. Talvez sim, mas ainda não consigo me livrar de um Mestre de Cerimônias por meia hora, nem mesmo de um Grande General que também é, mais ou menos, meu pai.

— Saia. — Cardan diz a Locke. — Eu não a chamei aqui para o *seu* prazer.

— Você é muito pouco generoso. Se você realmente se importasse comigo, você teria. — Locke diz enquanto pula do estrado.

— Leve Taryn para casa — eu falo enquanto ele sai. Se não fosse por ela, eu daria um soco na cara dele.

— Ele gosta de você assim, eu acho — diz Cardan. — Bochechas coradas e furiosa.

— Eu não me importo com o que ele gosta — eu cuspo.

— Você parece não se importar *muito*. — Sua voz é seca, e quando olho para ele, não consigo ler seu rosto.

— Por que estou aqui?

Ele joga as pernas para o lado do trono e se levanta.

— Você — ele aponta para o menino veado. — Hoje você está com sorte. Pegue a lira. Quero que nenhum de vocês chame a minha atenção novamente. — Enquanto o menino veado se curva e o feérico de cabelos de grama começa a ficar de mau humor, Cardan se vira para mim. — Venha.

Ignorando sua maneira arrogante com alguma dificuldade, eu o sigo por trás

do trono e do tablado, onde uma pequena porta é colocada contra a parede de pedra, meio escondida pela hera. Eu nunca estive aqui antes.

Cardan afasta a hera e nós entramos.

É uma pequena sala, claramente destinada a reuniões e designações íntimas. Suas paredes estão cobertas de musgo, com pequenos cogumelos brilhantes subindo, lançando uma luz branca pálida sobre nós. Há um sofá baixo, sobre o qual as pessoas podem sentar ou recostar, como a situação pedir.

Estamos sozinhos de uma forma que não estivemos há muito tempo, e quando ele dá um passo em minha direção, meu coração pula uma batida.

As sobancelhas de Cardan se erguem.

— Meu irmão me enviou uma mensagem. — Ele desdobra do bolso: *Se você quiser salvar seu pescoço, me faça uma visita. E coloque a sua senescal na coleira.*

— Então — diz ele, segurando-o para mim. — O que você tem feito?

Eu soltei um suspiro de alívio. Não demorou muito para Lady Asha passar a informação que eu dei a ela para Balekin, e não demorou muito para Balekin agir sobre isso. Um ponto para mim.

— Eu impedi que você recebesse algumas mensagens— eu admito.

— E você decidiu não mencioná-las. — Cardan olha para mim sem rancor exatamente, mas não está satisfeito. — Assim como você se recusou a me contar sobre as reuniões de Balekin com Orlagh ou Nicasia com os planos para mim.

— Olha, é claro que Balekin quer ver você — eu digo, tentando redirecionar a conversa para longe de sua lista infelizmente incompleta de coisas que não lhe contei. — Você é irmão dele, a quem ele mantinha em sua própria casa. Você é a única pessoa com o poder de libertá-lo, que pode realmente fazer isso. Eu imaginei que se você estivesse de bom humor, poderia conversar com ele quando quisesse. Você não precisava dos sermões dele.

— Então o que mudou? — ele pergunta, acenando o pedaço de papel para mim. Agora ele parece zangado. — Por que eu tive permissão para receber isso?

— Eu dei a ele uma fonte de informação — eu digo — Uma que é possível comprometer.

— E eu devo responder a essa pequena nota? — ele pergunta.

— Ele escreveu para você diversas vezes — eu pego o papel dele e enfio no meu bolso. — Eu estaria interessada em saber o que ele acha que pode conseguir de você com uma pequena conversa, especialmente porque ele não sabe que você está ciente de seus laços com a Corte Submarina.

O olhar de Cardan se estreita. A pior parte é eu estou enganando-o novamente

agora, enganando por omissão.

Escondendo que minha fonte de informação, a que eu posso agora comprometer, é a própria mãe dele.

Eu pensei que você queria que eu fizesse isso sozinha, eu quero dizer. *Eu pensei que eu deveria governar e você deveria ser feliz e que era para ser só isso.*

— Eu suspeito que ele vai tentar gritar comigo até que eu dê a ele o que ele quer — diz Cardan. — Pode ser possível incitá-lo a deixar algo escapar. Possível, não provável.

Eu aceno, e a parte maquinante do meu cérebro, aperfeiçoada em jogos de estratégia, me fornece um movimento.

— Nicasia sabe mais do que está dizendo. Faça-a dizer o resto e depois use isso contra Balekin.

— Sim, bem, eu não acho que seria politicamente conveniente colocar parafusos de polegar em uma princesa do mar.

Eu olho para ele de novo, para sua boca suave e suas maçãs do rosto altas, para a beleza cruel de seu rosto.

— Não parafusos de polegar. Você. Você vai até a Nicasia e a encanta.

Suas sobrancelhas sobem.

— Oh, vamos lá — eu digo, o plano surgindo em minha mente enquanto eu estou falando, um plano que eu odeio, tanto quanto eu sei que será eficaz. — Você está praticamente engolido por cortesãos toda vez que vejo você.

— Eu sou o *rei* — diz ele.

— Eles estiveram cercando você por mais tempo do que isso. — Estou frustrada por ter que explicar isso. Certamente ele está ciente do comportamento do Povo com ele.

Ele faz um gesto impaciente.

— Você quer dizer quando eu era apenas o príncipe?

— Use suas artimanhas — eu digo, exasperada e envergonhada. — Tenho certeza que você tem algumas. Ela quer você. Não deve ser difícil.

Suas sobrancelhas, se possível, subiram mais.

— Você está seriamente sugerindo que eu faça isso.

Eu respiro, percebendo que vou ter que convencê-lo de que vai funcionar. E que eu sei de algo que possa.

— Foi Nicasia que veio através da passagem e atirou naquela garota que você estava beijando — eu digo.

— Você quer dizer que ela tentou me matar? — ele pergunta. —

Honestamente, Jude, quantos segredos você está guardando?

Eu penso em sua mãe novamente e mordo minha língua.

Muitos.

— Ela estava atirando na garota, não em você. Ela encontrou você na cama com alguém, ficou com ciúmes e atirou duas vezes.

Infelizmente para você, mas felizmente para todos os outros, ela é uma atiradora terrível. Agora você acredita em mim que ela quer você?

— Eu não sei em que acreditar — diz ele, claramente com raiva, talvez dela, talvez de mim, provavelmente de nós duas.

— Ela pensou em surpreendê-lo em sua cama. Dê a ela o que ela quiser e obtenha as informações de que precisamos para evitar uma guerra.

Ele se aproxima de mim, perto o suficiente para que eu possa sentir sua respiração mexendo no meu cabelo.

— Você está me ordenando?

— Não — eu digo, assustada e incapaz de encontrar seu olhar.

— Claro que não.

Seus dedos vêm para o meu queixo, inclinando minha cabeça, então estou olhando em seus olhos negros, a raiva neles tão quente quanto carvão.

— Você apenas acha que eu deveria. Que eu posso. Que eu seria bom nisso. Muito bem, Jude. Me diga como fazer. Você acha que ela gostaria que eu viesse até ela assim, que eu olhasse profundamente em seus olhos?

Meu corpo inteiro está alerta, vivo com desejo doentio, embaraçoso em sua intensidade.

Ele sabe. Eu sei que ele sabe.

— Provavelmente — eu digo, minha voz saindo um pouco trêmula. — Seja o que for que você costuma fazer.

— Ah, vamos lá — diz ele, sua voz cheia de fúria mal controlada. — Se você quer que eu banque a prostituta, pelo menos me dê o benefício do seu conselho.

Seus dedos cheios de anéis traçam sobre minha bochecha, traçam a linha do meu lábio e descem para minha garganta. Eu me sinto tonta e oprimida.

— Devo tocá-la assim? — Ele pergunta, cílios abaixados. As sombras encobriram seu rosto, deixando suas maçãs do rosto em relevo.

— Eu não sei — eu digo, mas minha voz me trai. Está tudo errado, alto e sem fôlego.

Ele pressiona a boca no meu ouvido, me beijando lá. Suas mãos roçam meus ombros, me fazendo tremer.

— E então assim? É assim que eu deveria seduzi-la? — Eu posso sentir sua

boca moldar as palavras leves contra a minha pele.

— Você acha que iria funcionar?

Eu cavo minhas unhas na carne da minha palma para evitar me mover contra ele. Meu corpo inteiro está tremendo de tensão.

— Sim.

Então sua boca está contra a minha e meus lábios se separam.

Eu fecho meus olhos contra o que estou prestes a fazer. Meus dedos alcançam o emaranhado de cachos negros de seu cabelo. Ele não me beija como se estivesse com raiva; seu beijo é suave, ansiando.

Tudo fica mais lento, fica líquido e quente. Eu mal posso pensar.

Eu queria isso e temia isso, e agora que isso está acontecendo, eu não sei como vou querer mais alguma coisa.

Nós tropeçamos de volta ao sofá baixo. Ele me recosta contra as almofadas e eu o puxo para baixo sobre mim. Sua expressão espelha a minha, surpresa e um pouco de horror.

— Diga-me novamente o que você disse na festa — diz ele, subindo em cima de mim, seu corpo contra o meu.

— O quê? — Eu mal posso pensar.

— Que você me odeia — diz ele, com a voz rouca. — Diga-me que você me odeia.

— Eu te odeio — eu digo, as palavras saindo como uma carícia.

Eu digo isso de novo, de novo e de novo. Uma ladainha. Um encantamento. Uma proteção contra o que realmente sinto. — Te odeio. Te odeio. Te odeio.

Ele me beija mais intensamente.

— Eu te odeio, — eu respiro em sua boca — eu te odeio tanto que às vezes não consigo pensar em nada mais.

Com isso, ele faz um som baixo e áspero.

Uma de suas mãos desliza sobre a minha barriga, traçando a forma da minha pele. Ele me beija de novo e é como cair de um penhasco. Como um escorregador de montanha, construindo o ímpeto a cada toque, até que haja apenas uma destruição esmagadora à frente.

Eu nunca senti nada assim.

Ele começa a desabotoar meu gibão e eu tento não congelar, tentando não mostrar minha inexperiência. Eu não quero que ele pare.

Parece um geas. Tem todo o prazer sinistro de sair furtivamente da casa, toda a satisfação revoltante de roubar. Isso me lembra do momento antes de eu brandir uma lâmina na mão, surpresa com a minha própria capacidade de auto-

traição.

Ele se inclina para tirar a jaqueta e eu tento me esquivar da minha. Ele olha para mim e pisca, como através de uma névoa.

— Esta é uma idéia absolutamente terrível — diz ele com uma espécie de espanto em sua voz.

— Sim — eu digo a ele, chutando minhas botas.

Eu estou usando uma meia-calça, e eu não acho que haja uma maneira elegante de despi-la. Certamente, eu não acho. Enroscada no tecido, sentindo-me tola, percebo que poderia parar isso agora. Eu poderia juntar minhas coisas e ir embora. Mas eu não vou.

Ele tira sua camisa branca sobre a cabeça em um único gesto elegante, revelando a pele nua e as cicatrizes. Minhas mãos estão tremendo. Ele as captura e beija meus dedos com uma espécie de reverência.

— Eu quero te contar tantas mentiras — diz ele.

Eu estremeço, e meu coração martela enquanto suas mãos deslizam sobre a minha pele, uma deslizando entre as minhas coxas.

Eu o espio, mexendo nos botões de suas calças. Ele me ajuda a empurrá-las para baixo, sua cauda enrolada contra a perna, em seguida, se movendo para enrolar contra a minha, suave como um sussurro. Eu estendo a mão para deslizar minha mão sobre o plano da sua barriga. Eu não me deixo hesitar, mas minha inexperiência é óbvia. Sua pele está quente sob minha palma, contra meus calos.

Seus dedos muito conscientes das sensações que me provocam.

Eu sinto como se estivesse me afogando em sensações.

Seus olhos estão abertos, observando meu rosto corado, minha respiração irregular. Eu tento me impedir de fazer barulhos embaraçosos. É mais íntimo do que o jeito que ele está me tocando, ser observada assim. Eu odeio que ele saiba o que está fazendo e eu não. Eu odeio ser vulnerável. Eu odeio que eu jogue minha cabeça para trás, mostrando minha garganta. Eu odeio o jeito que me agarro a ele, as unhas de uma mão cravando em suas costas, meus pensamentos se fragmentando, e a última coisa na minha cabeça: que eu gosto dele mais do que eu já gostei de qualquer um e que de todas as coisas que ele já fez pra mim, me fazer gostar dele tanto é, de longe, a pior.

image

Uma das coisas mais difíceis de fazer como espião, estrategista ou até como pessoa, é esperar. Lembro-me das lições do Fantasma, fazendo-me sentar por horas com uma besta na mão, sem que minha mente vagasse, esperando pelo tiro perfeito.

Muito de ganhar é esperar.

A outra parte, entretanto, é acertar o tiro quando é hora.

Desencadeando todo esse momento.

Nos meus aposentos novamente, eu me lembro disso. Eu não posso me dar ao luxo de me distrair. Amanhã, eu preciso trazer Vivi e Oak do mundo dos mortais, e eu preciso criar um esquema melhor que o de Madoc ou uma maneira de tornar o esquema de Madoc mais seguro para Oak.

Concentro-me no que vou dizer a Vivi, em vez de pensar em Cardan. Eu não quero considerar o que aconteceu entre nós. Eu não quero pensar sobre a maneira como seus músculos se moviam ou na sensação da sua pele ou os sons suaves ofegantes que ele fazia ou o deslizar de sua boca contra a minha.

Eu definitivamente não quero pensar sobre o quão forte eu tive que morder meu próprio lábio para ficar quieta. Ou como era óbvio que eu nunca tinha feito nenhuma das coisas que fizemos, e menos as coisas que não fizemos.

Toda vez que penso em alguma dessas coisas, afasto a memória o mais ferozmente possível. Eu afasto-a junto com a enorme vulnerabilidade que sinto, a sensação de estar exposta aos meus nervos crus. Não sei como enfrentarei novamente Cardan sem me comportar como uma idiota.

Se não posso atacar o problema da Corte Submarina e não posso atacar o problema de Cardan, então talvez eu possa cuidar de outra coisa.

É um alívio vestir um traje de tecido escuro e botas de couro altas, embainhar lâminas nos meus pulsos e panturrilhas. É um alívio fazer algo físico, atravessar a floresta e depois me arrastar para uma casa mal guardada. Quando um dos moradores chega, minha faca está em sua garganta mais rápido do que ele pode falar.

— Locke — eu digo docemente. — Você está surpreso?

Ele se vira para mim, sorriso deslumbrante vacilando.

— Minha flor. O que é isso?

Depois de um momento atônito, percebo que ele pensa que sou Taryn. Ele realmente não consegue ver a diferença entre nós?

Um poço amargo onde meu coração deveria estar satisfeito com o pensamento.

— Se você acha que minha irmã iria colocar uma faca em sua garganta, talvez você devesse atrasar suas núpcias — digo a ele, dando um passo para trás e apontando para uma cadeira. — Vá em frente. Sente.

Ele se senta assim que eu chuto a cadeira, jogando-a para trás e ele caindo no chão. Ele rola, olhando para mim com indignação.

— Desagradável — é tudo o que ele diz, mas há algo em seu rosto que não existia antes.

Medo.

Durante cinco meses, tentei usar toda a restrição que aprendi ao longo de toda uma vida mantendo a cabeça baixa. Eu tentei me comportar como se eu tivesse apenas gotas de poder, um poder importante de servo, e ainda manter na minha cabeça que eu estava no comando. Um ato de equilíbrio que me faz pensar na lição de Val Moren sobre malabarismo.

Eu permiti que a situação de Locke ficasse fora de controle.

Eu coloco meu pé em seu peito, pressionando um pouco para lembrá-lo de que, se eu chutasse com força, poderia estilhaçar os ossos.

— Cansei de ser educada. Nós não vamos jogar jogos de palavras ou inventar enigmas. Humilhar o Grande Rei é uma má ideia. Me humilhar é uma ideia terrível. Rodear minha irmã é apenas idiota. Talvez você tenha pensado que eu estava muito *ocupada* para me vingar? Bem, Locke, quero que você entenda que, para você, eu vou *arrumar* tempo.

Seu rosto empalidece. Ele obviamente não tem certeza do que fazer comigo agora. Ele sabe que eu esfaqueei Valerian uma vez, mas ele não sabe que eu o matei, nem quem eu matei desde então.

Ele não faz ideia de que eu me tornei uma espiã e depois uma espiã-mestre. Até mesmo a luta de espadas com Taryn era algo que ele só ouvira falar.

— Fazer de você a Rainha da Alegria foi uma brincadeira — diz Locke, olhando para mim do chão com uma espécie de carinho em seus olhos de raposa, um pequeno sorriso no canto da boca, como se ele estivesse esperando que eu sorrisse com ele. — Vamos, Jude, me deixe em paz. Eu realmente devia acreditar que você me machucaria?

Minha voz é falsamente doce.

— Você uma vez me acusou de jogar o grande jogo. O que foi que você chamou: "o jogo dos reis e príncipes, das rainhas e das coroas"? Mas, para jogar bem, devo ser impiedosa.

Ele começa a se levantar, mas pressiono com mais força o pé e ajusto a firmeza da faca. Ele para de se mover.

— Você sempre gostou de histórias — eu lembro a ele. — Você disse que queria criar as faíscas das histórias. Bem, a história de uma gêmea que mata o noivo de sua irmã é boa, não acha?

Ele fecha os olhos e estende as mãos vazias.

— Paz, Jude. Talvez eu tenha exagerado. Mas eu não posso acreditar que você queira me matar por isso. Sua irmã ficaria arrasada.

— É melhor que ela nunca seja uma noiva do que acabe sendo uma viúva — eu digo, mas tiro meu pé do peito dele. Ele se levanta devagar, limpando a poeira. Uma vez de pé, ele olha ao redor da sala como se não reconhecesse sua própria mansão agora que a viu do ponto de vista do chão.

— Você está certo — eu continuo. — Eu não quero te machucar. Nós devemos ser uma família. Você será meu irmão e eu sua irmã. Sejamos amigos. Mas para fazer isso, preciso que você faça algumas coisas por mim.

“Primeiro, pare de tentar me deixar desconfortável. Pare de tentar me transformar em um personagem em um de seus dramas.

Escolha outro alvo para tecer histórias.

“Em segundo lugar, qualquer que seja o seu problema com Cardan, seja o que for que o instigue a achar tão divertido brincar com ele, faça você pensar que foi divertido roubar sua amante e depois dispensá-la por uma garota mortal – como se você quisesse fazê-lo saber que coisa mais querida para ele, não valia nada para você – deixe pra lá. O que quer que tenha feito você decidir me fazer Rainha da Alegria para atormentá-lo com os sentimentos que você suspeitava que ele tinha, deixe de lado. Ele é o Grande Rei e é muito perigoso.

— Perigoso — diz ele — mas *divertido*.

Eu não sorrio.

— Humilhe o rei perante a Corte, e os cortesãos espalharão rumores e seus súditos esquecerão de ter medo. Em breve, as Cortes menores pensarão que podem ir contra ele.

Locke se inclina para a direita da cadeira quebrada, encostando-a a uma mesa próxima quando fica claro que ela não vai ficar em pé sozinha.

— Oh, tudo bem, você está com raiva de mim. Mas pense. Você pode ser o senescal de Cardan e obviamente o fascinou com seus quadris, lábios e pele quente e mortal, mas sei que em seu coração, seja lá o que ele tenha prometido a você, você ainda o odeia. Você adoraria vê-lo cair na frente de toda a *sua* Corte. Por que, se você não fosse vestida em trapos e ridicularizada, provavelmente teria me perdoado por todas as transgressões que cometi contra você, só por fazer isso acontecer.

— Você está errado — eu digo.

Ele sorri. — Mentirosa.

— Mesmo se eu quisesse — eu digo. — Deve acabar.

Ele parece estar avaliando o quão séria eu estou falando e do que sou capaz. Tenho certeza de que ele está vendo a garota que ele trouxe para casa, a que ele beijou e enganou. Ele está imaginando, provavelmente não pela primeira vez, como eu tive sorte de ser feita senescal, como consegui colocar minhas mãos na coroa de Elfhame para orquestrar que meu irmãozinho colocasse-a na cabeça de Cardan.

— A última coisa é essa — eu digo. — Você vai ser fiel a Taryn.

A menos que ela esteja fodendo você ou com você, uma vez que você se case, não haverá mais casos.

Ele olha para mim com expressão neutra.

— Você está me acusando de não se importar com a sua irmã? — Pergunta ele.

— Se eu realmente acreditasse que você não se importa com Taryn, não

teríamos essa conversa.

Ele dá um longo suspiro.

— Porque você me mataria?

— Se você está brincando com Taryn, Madoc vai te matar; Eu nem vou ter uma chance.

Eu embainho minha faca e vou em direção à porta.

— Sua família ridícula pode se surpreender ao descobrir que nem tudo é resolvido por assassinato — Locke fala atrás de mim.

— Nós *ficaríamos* surpresos ao descobrir isso — eu digo de volta.

image

Nos cinco meses em que Vivi e Oak estiveram fora, visitei o mundo mortal apenas duas vezes. Uma vez para ajudá-los a arrumar seu apartamento, e a segunda vez para uma festa de vinho que Heather deu para o aniversário de Vivi. Nela, Taryn e eu ficávamos sentadas desajeitadamente na beira de um sofá, comendo queijo com azeitonas oleosas, tomando pequenos goles de Shiraz pelas garotas da faculdade porque éramos “jovens demais para beber legalmente”.

Meus nervos estavam no limite a noite inteira, imaginando qual problema estava acontecendo na minha ausência.

Madoc mandara um presente para Vivi e Taryn o transportara fielmente pelo mar – um prato dourado de sal que nunca se esvaziará. Vire e está cheio novamente. Eu achei que fosse um presente nervoso, mas Heather apenas riu, como se fosse algum tipo de novidade com um fundo de truque.

Ela não acreditava em magia.

Como Heather reagiria ao casamento de Taryn, ninguém sabe.

Tudo o que eu esperava era que Vivienne a tivesse alertado sobre pelo menos

um pouco do que estava para acontecer. Caso contrário, a notícia de que as sereias eram reais apareceria junto com a notícia de que as sereias estavam tentando nos pegar. Eu não achava que "tudo de uma vez" era a maneira ideal de ouvir qualquer uma dessas notícias.

Depois da meia-noite, Barata e eu atravessamos o mar em um barco feito de junco e respiração. Nós carregamos uma carga de mortais que estão abrindo novos quartos na Corte das Sombras.

Tiradas de suas camas logo após o anoitecer, elas serão devolvidas pouco antes do amanhecer. Quando eles acordarem, eles encontrarão moedas de ouro espalhadas em seus lençóis e encherão seus bolsos. Não ouro de fada, que sopra como flocos de dente-de-leão e deixa para trás folhas e pedras, mas ouro de verdade – o salário de um mês por uma única noite roubada.

Você pode pensar que eu sou insensível para permitir isso, não menos por pedir isso. Talvez eu seja. Mas eles fizeram uma barganha, mesmo que não entendessem com quem estavam fazendo. E posso prometer que, além do ouro, tudo o que resta pela manhã é exaustão. Eles não se lembrarão de sua jornada a Elfhame e não os levaremos duas vezes.

Na viagem, sentam-se em silêncio no barco, perdidos em sonhos quando as ondas do mar e o vento nos empurram para a frente. Aéreo, Crânio de Dragão mantém o ritmo, procurando por problemas. Olho para as ondas e penso em Nicasia, imagino mãos com palmas nas laterais da embarcação, imagino o pessoal do mar abrindo caminho a bordo.

Você não pode lutar contra o mar, disse Locke. Espero que ele esteja errado.

Perto da costa, eu saio, entrando no choque de água gelada em minhas panturrilhas e pedras negras sob meus pés, em seguida, subo sobre elas, deixando o barco desmoronar enquanto a magia da Barata se desvanece. O Crânio de Dragão vai para o leste para procurar futuros trabalhadores.

Barata e eu colocamos cada mortal na cama, ocasionalmente ao lado de um amante adormecido nós tomamos cuidado para não acordar enquanto nós os dobramos com ouro. Eu me sinto como uma fada em uma história, folheando meu caminho pelas casas, bebendo o creme de leite ou colocando nós no cabelo de uma criança.

— Isso geralmente é um negócio solitário — diz Barata quando terminamos.
— Sua companhia foi um prazer. Ainda há horas entre o amanhecer e o despertar, venha comigo.

É verdade que ainda é cedo para pegar Vivi, Heather e Oak.

Também é verdade que estou com fome. Eu tenho uma tendência hoje em dia

a adiar a comer até que eu esteja faminta. Eu me sinto um pouco como uma cobra, faminta e engolindo um rato inteiro.

— Ok.

Barata sugere irmos a um restaurante. Eu não digo a ele que nunca estive em um. Em vez disso, eu o sigo pela floresta. Nós saímos perto de uma rodovia. Do outro lado da rua repousa um edifício, bem iluminado e brilhante com cromo. Ao lado está uma placa dizendo que está aberta vinte e quatro horas, e o estacionamento é enorme, grande o suficiente para vários caminhões estacionados ali. No início da manhã, quase não há tráfego, e somos capazes de atravessar facilmente a rodovia.

Dentro, eu deslizo obedientemente para a cabine que ele escolhe. Ele estala os dedos, e a caixinha ao lado da nossa mesa ganha vida, tocando música. Eu recuo, surpresa e ele ri.

Uma garçonete vem ao lado da mesa, uma caneta com um boné bem mastigado preso atrás da orelha, como nos filmes.

— Algo para beber? — diz ela, as palavras correndo juntas, de modo que leva um momento para entender que ela fez uma pergunta.

— Café — diz Barata. — Preto como os olhos do Grande Rei de Elfhame.

A garçonete apenas olha para ele por um longo piscar de olhos, depois escreve algo no seu bloco e se vira para mim.

— O mesmo — eu digo, não sabendo o que mais eles têm.

Quando ela sai, abro o cardápio e olho as fotos. Acontece que eles têm *tudo*. Pilhas de comida. Asas de frango, brilhantes e reluzentes com verniz ao lado de pequenos potes de molho branco.

Uma pilha de batatas picadas, fritas até virar, cobertas com salsichas crocantes e ovos borbulhantes. Bolos de trigo maiores que minha mão espalhada, amanteigados e brilhando com xarope.

— Você sabia? — pergunta Barata. — Seu povo uma vez acreditou que o Povo das Fadas veio e tirou a salubridade da comida mortal?

— Eles fizeram isso? — eu pergunto com um sorriso.

Ele encolhe os ombros.

— Alguns truques podem se perder no tempo. Mas eu admito que a comida mortal possui uma grande quantidade de substância.

A garçonete volta com cafés quentes, e eu aqueço minhas mãos no copo enquanto Barata pede pickles fritos, asas de frango, um hambúrguer e um milkshake. Eu peço uma omelete com cogumelos e algo chamado queijo pimenta.

— Então — diz Barata. — Quando você vai contar ao rei sobre a mãe dele?

— Ela não quer que eu fale — eu digo.

Barata franze a testa.

— Você fez melhorias na Corte das Sombras. Você é jovem, mas é ambiciosa do jeito que talvez apenas os jovens possam ser. Eu julgo você por três coisas e apenas três coisas: quão justa você é conosco, quão capaz e o que você quer para o mundo.

— Onde Lady Asha entra em tudo isso? — eu pergunto, assim que a garçonete retorna com a nossa comida. — Porque eu já posso sentir que ela entra. Você não abriu com essa pergunta por nada.

Minha omelete é enorme, um galinheiro inteiro de ovos. Meus cogumelos têm a forma idêntica, como se alguém tivesse triturado cogumelos de verdade e depois feito versões cortador de biscoitos.

Eles também têm esse gosto. Com a comida de Barata empilhada do outro lado, logo a mesa está cheia de gemidos.

Ele dá uma mordida em uma asa e lambe os lábios com a língua negra.

— Cardan faz parte da Corte das Sombras. Nós podemos brincar com o mundo, mas nós não brincamos uns com os outros. Esconder mensagens de Balekin é uma coisa. Mas a mãe dele... ele sabe que ela não está morta?

— Você está escrevendo uma tragédia para ele sem justa causa — eu digo. — Não temos motivos para acreditar que ele não saiba. E ele não é um de nós. Ele não é espião.

Barata morde o último pedaço de cartilagem dos ossos de galinha, quebrando-o entre os dentes. Ele terminou todo o prato deles e, empurrando-o para o lado, começa nos pickles.

— Você fez uma barganha para eu treiná-lo, e eu o levei sob minha asa. Golpe de mão. Escapulário. Pequenas magias. Ele é bom nisso.

Penso na moeda atravessando seus longos dedos enquanto ele se largava nos restos queimados de seus aposentos. Eu olho para Barata.

Ele só ri.

— Não me olhe assim. Foi você quem fez a barganha.

Mal me lembro dessa parte, tão decidida que era para conseguir que Cardan concordasse com um ano e um dia de serviço. Enquanto ele me promettesse, eu poderia colocá-lo no trono. Eu teria prometido a ele muito mais do que lições em *spycraft*.

Mas quando penso na noite em que ele foi baleado, na noite em que fez truques com moedas, não consigo deixar de me lembrar dele olhando da minha cama, intoxicado e perturbadoramente intoxicante.

Beije-me até que eu esteja cansado disso.

— E agora ele está tocando, não é? — Barata continua. — Porque se ele é o verdadeiro Grande Rei de Elfhame, a quem devemos seguir até o fim dos dias, então temos sido um pouco desrespeitosos, dirigindo o reino para ele. Mas se ele está brincando, então ele é um espião com certeza e melhor do que a maioria de nós.

O que o torna parte da Corte das Sombras.

Eu bebo meu café em um gole escaldante.

— Não podemos falar sobre isso.

— Não, em casa nós não podemos — diz Barata com uma piscadela. — É por isso que estamos aqui.

Eu pedi a ele para seduzir Nicasia. Sim, eu acho que tenho sido uma “falta de respeito” ao Grande Rei de Elfhame. E Barata está certo, Cardan não se comportou como se ele fosse muito real para o meu pedido. Essa não foi sua razão para se ofender.

— Tudo bem — eu digo em derrota. — Eu vou descobrir uma maneira de dizer a ele.

Barata sorri.

— A comida é boa aqui, certo? Às vezes sinto falta do mundo mortal. Mas para o bem ou para o mal, meu trabalho em Elfhame ainda não terminou.

— Espero que para o bem — eu digo, e dou uma mordida no bolo de batata desfiado que veio com o meu omelete.

Barata bufa. Ele se moveu para o milk-shake, os outros pratos nus e empilhados em um dos lados dele. Ele levanta sua caneca em uma saudação.

— Para o triunfo da bondade, não apenas antes de chegarmos ao nosso.

— Eu quero te perguntar uma coisa — eu digo, tilintando minha caneca contra a dele. — Sobre Bomba.

— Deixe-a fora disso — diz ele, me estudando. — E se você puder, deixe-a fora de seus esquemas contra a Corte Submarina. Eu sei que você está sempre enfiando o pescoço para fora como se estivesse apaixonada pelo machado, mas se deve haver um pescoço no barracão ao seu lado, escolha um menos atraente.

— Incluindo o seu próprio? — eu pergunto.

— Muito melhor — ele concorda.

— Porque você a ama? — eu pergunto.

Barata franze a testa para mim.

— E se eu a amasse? Você mentiria para mim sobre minhas chances?

— Não... — Eu começo, mas ele me interrompe.

— Eu amo uma boa mentira — diz ele, de pé e colocando pequenas pilhas de moedas de prata sobre a mesa. — Eu amo um bom mentiroso ainda mais, o que é para o seu benefício. Mas algumas mentiras não valem a pena.

Eu mordo meu lábio, incapaz de dizer qualquer outra coisa sem derramar os segredos da Bomba.

Depois da lanchonete, nos separamos, ambos com ragwort em nossos bolsos. Eu o vejo ir, pensando em sua reivindicação sobre Cardan. Eu estava me esforçando tanto para não pensar nele como o legítimo Grande Rei de Elfhame que eu sentira falta de perguntar a mim mesmo se ele se considerava Grande Rei. E, se ele não o fizesse, se isso significava que ele pensava em si mesmo como um dos meus espiões.



Eu faço o meu caminho para o apartamento da minha irmã.

Embora eu tenha vestido roupas mortais para passear pelo shopping e tentei me comportar de tal maneira para estar acima de qualquer suspeita, acontece que chegar em Maine com um gibão e botas de montaria atrai alguns olhares, mas não temo que transpareça que eu tenha vindo de outro mundo.

Talvez eu seja parte de um festival medieval, sugere uma garota quando passo por ela. Ela foi para um há alguns anos e curtiu muito a justa. Ela tinha uma grande perna de peru e comeu hidromel pela primeira vez.

— Isso vai para a sua cabeça — digo a ela. Ela concorda.

Um homem idoso com um jornal observa que devo estar fazendo Shakespeare no parque. Alguns passos em alguns passos me avisam de que o Halloween é em outubro.

O povo sem dúvida aprendeu esta lição há muito tempo. Eles não precisam enganar os seres humanos. Os humanos vão se enganar.

É com isso de novo em mente que atravesso um gramado cheio de dentes-de-leão, subo os degraus até a porta da minha irmã e bato.

Heather abre. Seu cabelo rosa é recém tingido para o casamento. Por um momento, ela parece surpresa – provavelmente pela minha roupa – e então sorri, abrindo a porta.

— Oi! Obrigada por estar disposta a dirigir. Tudo é principalmente embalado. O seu carro é grande o suficiente?

— Definitivamente — eu minto, olhando ao redor da cozinha para Vivi com uma espécie de desespero. Como minha irmã mais velha está pensando que isso vai acontecer se ela não contou *nada* a Heather? Se ela acredita que eu tenho um carro em vez de *caules de tasna*.

— Jude! — Oak grita, pulando de seu assento na mesa. Ele joga seus braços em volta de mim. — Podemos ir? Nós vamos? Eu fiz todos os presentes na escola.

— Vamos ver o que Vivi diz — digo a ele, e dou-lhe um aperto.

Ele é mais sólido do que eu me lembrava. Mesmo seus chifres parecem um pouco mais longos, embora ele não possa ter crescido tanto em apenas alguns meses, pode?

Heather aperta um botão e a cafeteira começa a funcionar. Oak sobe em uma cadeira e coloca cereal em uma tigela e começa a secar.

Eu passo para o lado e vou para a próxima sala. Há a escrivaninha de Heather, cheia de esboços, marcadores e tintas.

Impressões de seu trabalho estão gravadas na parede acima.

Além de fazer quadrinhos, Heather trabalha meio expediente em uma copiadora para ajudar a cobrir as contas. Ela acredita que Vivi também tem um emprego, o que pode ou não ser uma ficção. Há empregos para o povo no mundo dos mortais, mas não o tipo de trabalho em que alguém fala sobre a namorada humana.

Especialmente se alguém nunca mencionou convenientemente que um não é humano.

Sua mobília é uma coleção de coisas de vendas de garagem, locais de salvamento e do lado da estrada. Cobrindo as paredes há pratos velhos com animais engraçados e de olhos grandes; pontos de cruz com frases ameaçadoras; e a coleção de memorabilia de disco de Heather, mais de sua arte e desenhos de lápis de cera de carvalho.

Em um deles, Vivi, Heather e Oak estão juntos, prestados como ele os vê — a pele marrom e o cabelo rosa de Heather, a pele pálida de Vivi e os olhos de gato, os chifres de Oak. Aposto que Heather acha adorável como Oak transformou ela e Vivi em monstros. Aposto que ela acha que é um sinal de sua criatividade.

Isso vai ser um saco. Estou preparada para Heather gritar com minha irmã — Vivi mais do que merece. Mas eu não quero que Heather machuque os sentimentos de Oak.

Eu acho Vivi no quarto dela, ainda empacotando. É pequeno em comparação com os quartos em que crescemos, e muito menos arrumado do que o resto dos

apartamentos. Suas roupas estão por toda parte. Cachecóis são colocados sobre a cabeceira da cama, pulseiras enfiadas no poste do estribo, sapatos espreitando por baixo da cama.

Eu me sento no colchão.

— Para onde Heather acha que ela está indo hoje?

Vivi me dá um grande sorriso.

— Você recebeu minha mensagem, parece que é possível encantar os pássaros para fazer coisas úteis, afinal.

— Você não precisa de mim — eu a lembro. — Você é perfeitamente capaz de fazer todos os cavalos de tasneira que você poderia precisar, algo que eu não posso fazer.

— Heather acredita que estamos participando do casamento da minha irmã Taryn, o que estamos, numa ilha ao largo da costa do Maine, que também vamos. Vê? Nem uma única mentira foi contada.

Começo a entender por que fui amarrada.

— E quando ela quis dirigir, você disse que sua irmã viria buscá-la.

— Bem, ela assumiu que haveria uma balsa, e eu dificilmente poderia concordar ou discordar disso — Vivi diz com a sinceridade alegre que eu sempre gostei e também fiquei exasperada.

— E agora você vai ter que dizer a verdade mais verdadeira — eu digo. — Ou... eu tenho uma proposta. Não. Continue adiando.

Não venha ao casamento.

— Madoc disse que você diria isso — ela me diz, franzindo a testa.

— É muito perigoso... por motivos complicados, eu sei que você não se importa — eu digo. — A Rainha da Corte Submarina quer que sua filha se case com Cardan, e ela está trabalhando com Balekin, que tem sua própria agenda. Ela provavelmente está interpretando ele, mas já que ela é melhor em ser pior do que ele, isso não é bom.

— Você está certa — diz Vivi. — Eu não me importo. A política é entediante.

— Oak está em perigo — eu digo. — Madoc quer usá-lo como isca.

— Sempre há perigo — diz Vivi, jogando um par de botas em cima de alguns vestidos amassados. — Faerie é uma grande ratoeira de perigo. Mas se eu deixasse isso nos afastar, como eu poderia encarar meu pai fiel?

— Sem mencionar minha irmã fiel, que vai nos manter seguros enquanto o pai planejar seus planos — continua Vivi. — Pelo menos, de acordo com ele.

Eu gemo. Assim como ele para me colocar em um papel que eu não posso negar, mas que serve ao seu propósito. E assim como ela me ignorar e acreditar

que ela sabe melhor.

Alguém em quem você confia já te traiu.

Confiei em Vivi mais do que em qualquer outra pessoa. Eu confiei nela com Oak, com a verdade, com o meu plano. Eu confiei nela porque ela é minha irmã mais velha, porque ela não liga para Faerie. Mas me ocorre que, se ela me traiu, eu seria desfeita.

Eu gostaria que ela não ficasse me lembrando que ela estava falando com Madoc.

— E você confia no papai? Isso é uma mudança.

— Ele não é bom em muitas coisas, mas conhece as intrigas — diz Vivi, o que não é tranquilizador. — Vamos. Me fale sobre Taryn. Ela está realmente animada?

Como eu respondo?

— Locke se fez Mestre das Revelações. Ela não está exatamente satisfeita com o novo título ou comportamento dele. Acho que metade do motivo pelo qual ele gosta de transar é ficar sob a pele dela.

— Isso não é chato — diz Vivi. — Continue.

Heather entra na sala com duas xícaras de café. Paramos de falar enquanto ela passa um para mim e outro para Vivi.

— Eu não sabia como você pegou — diz ela. — Então eu fiz como Vee.

Eu tomo um gole. É muito fofo. Já tomei bastante café esta manhã, mas bebo um pouco mais mesmo.

Preto como os olhos do Grande Rei de Elfhame.

Heather se inclina contra a porta.

— Você fez as malas?

— Quase. — Vivi olha para a mala e depois coloca um par de botas de chuva. Então ela olha ao redor da sala, como se estivesse se perguntando em que outras coisas ela pode se enfiar.

Heather franze a testa.

— Você está trazendo tudo isso por uma semana?

— É apenas a camada superior que é a roupa — diz Vivi. — Por baixo, é principalmente coisa para Taryn que é difícil de entrar na...*ilha*.

— Você acha que o que eu estou planejando usar vai ficar bem?

— eu posso entender por que Heather está preocupada, já que ela nunca conheceu minha família. Ela acredita que nosso pai é rigoroso.

Ela não tem ideia.

— Claro — diz Vivi, e depois olha para mim. — É um vestido de prata

quente.

— Use qualquer coisa que você quiser. Realmente — eu digo a Heather, pensando em como vestidos e farrapos e nudez são todos aceitáveis em Faerie. Ela está prestes a ter problemas muito maiores.

— Se apresse. Nós não queremos ficar presos no trânsito — diz Heather, e sai novamente. Na outra sala, eu a ouço conversando com Oak, perguntando se ele quer leite.

— Então — Vivi diz. — Você estava dizendo...

Eu solto um longo suspiro e gesticulo com a minha xícara de café em direção à porta, olhando para fora dos meus olhos.

Vivi balança a cabeça.

— Vamos. Você não vai poder me dizer nada disso quando estivermos lá.

— Você já sabe — eu digo. — Locke vai fazer Taryn infeliz. Mas ela não quer ouvir isso, e ela especialmente não quer ouvir isso de mim.

— Você já teve uma luta de espadas por ele — aponta Vivi.

— Exatamente — eu digo. — Eu não sou um objetivo. Ou eu não pareço como um.

— Você sabe o que eu me pergunto, no entanto — diz ela, fechando a mala e sentando-se nela para esmagá-la. Ela olha para mim com seus olhos de gato, gêmeos para Madoc. — Você manipulou o Grande Rei de Faerie para obedecer a você, mas você não consegue encontrar uma maneira de manipular um idiota para manter nossa irmã feliz?

Não é justo, quero dizer. Praticamente a última coisa que fiz antes de vir para cá foi ameaçar Locke, ordenando que ele não traísse Taryn depois que se casassem... ou então. Ainda assim, suas palavras irritam.

— Não é tão simples assim.

Ela suspira.

— Eu acho que nada nunca é.

image

Oak segura minha mão e eu carrego sua pequena mala descendo os degraus em direção ao estacionamento vazio.

Eu olho de volta para Heather. Ela está arrastando uma bolsa atrás dela e algumas cordas elásticas que ela diz que podemos usar se tivermos que colocar uma das malas no bagageiro. Eu não disse a ela que nem sequer existe um carro.

— Então — eu digo, olhando para Vivi.

Vivi sorri, estendendo a mão para mim. Eu pego os talos de ragwort do meu bolso e os entrego.

Eu não posso olhar para o rosto de Heather. Eu volto para Oak.

Ele está pegando trevos de quatro folhas da grama, encontrando-os sem esforço, fazendo um buquê.

— O que você está fazendo? — Heather pergunta, intrigada.

— Não vamos pegar um carro. Nós vamos voar em vez disso — diz Vivi.

— Estamos indo para o aeroporto?

Vivi ri.

— Você vai amar isso. Corcel, levante-se e nos carregue onde eu ordeno.

Um suspiro sufocado atrás de mim. Então Heather grita. Eu me viro apesar de tudo.

Os corcéis de trapos estão lá em frente ao complexo de apartamentos, pôneis amarelos de aparência inanimada, com crinas de renda e olhos esmeralda, como cavalos-marinhos em terra, ervas daninhas cheiram, bufando a vida. E Heather, mãos sobre sua boca.

— Surpresa! — diz Vivi, continuando a se comportar como se isso fosse uma coisa pequena. Oak, claramente antecipando este momento, escolhe arrancar seu próprio glamour, revelando seus chifres.

— Veja, Heather — diz ele. — Somos mágicos. Você está surpresa?

Ela olha para Oak, para os pôneis monstruosos e depois se afunda para se sentar em sua mala.

— Tudo bem — diz ela. — Isso é algum tipo de piada ou algo assim, mas um de vocês vai me dizer o que está acontecendo ou eu vou voltar para dentro de casa e prender todos vocês.

Oak parece desanimado. Ele realmente esperava que ela ficasse encantada. Eu coloquei meu braço ao redor dele, esfregando seu ombro.

— Vamos, doces — eu digo. — Vamos carregar as malas, e eles podem vir depois. Mamãe e papai estão tão animados em vê-lo.

— Eu sinto falta deles — ele me diz. — Também sinto sua falta.

Eu o beijo em uma bochecha macia enquanto o levanto para as costas do cavalo. Ele olha por cima do meu ombro para Heather.

Atrás de mim, posso ouvir Vivi começar a explicar.

— Faerie é real. Magia é real. Vê? Eu não sou humana e nem o meu irmão. E nós vamos levá-la para uma ilha mágica durante toda a semana. Não tenha medo. Nós não somos os assustadores.

Eu consigo tirar as cordas elásticas das mãos dormentes de Heather enquanto Vivi mostra suas orelhas pontudas e olhos de gato e tenta explicar, nunca dizendo nada sobre isso antes.

Nós somos definitivamente os mais assustadores.



Algumas horas depois, estamos na sala de Oriana. Heather, ainda parecendo

desnorreada e perturbada, caminha ao redor, olhando a estranha arte nas paredes, o padrão sinistro de besouros e espinhos na trama de cortinas.

Oak senta no colo de Oriana, deixando-a embalar em seus braços como se ele fosse muito pequeno novamente. Seus dedos pálidos se agitam com o cabelo dele – o qual ela acha que é muito curto – e ele conta a ela uma longa e desconcertante história sobre a escola e a maneira como as estrelas são diferentes no mundo mortal e o gosto da manteiga de amendoim.

Dói um pouco para assistir, porque Oriana não deu mais à luz à Oak do que a mim ou a Taryn, mas ela é claramente a mãe de Oak enquanto ela se recusou a ser nossa.

Vivi tira presentes de sua mala. Sacos de grãos de café, brincos de vidro em forma de pequenas folhas, latas de doce de leite.

Heather se aproxima de mim.

— Isso tudo é real.

— Realmente, muito real — eu confirmo.

— E é verdade que essas pessoas são elfos, que Vee é uma elfa, como de uma história? — Heather olha ao redor da sala novamente, com cautela, como se estivesse esperando um unicórnio da cor do arco-íris estourar o gesso e o torno.

— Sim — eu digo. Ela parece assustada, mas não com raiva de Vivi, o que é uma coisa. Talvez a notícia seja grande demais para a raiva, pelo menos ainda.

Ou talvez Heather esteja sinceramente satisfeita. Talvez Vivi estivesse certa sobre a maneira de contar a ela, e foi só que o prazer levou alguns minutos para acontecer. O que eu sei sobre o amor?

— E este lugar é... — ela se interrompe. — Oak é algum tipo de príncipe? Ele tem chifres. E Vivi tem esses olhos.

— Olhos de gato como o pai dela — eu digo. — É muito, tenho certeza.

— Ele parece assustador — diz Heather. — Seu pai. Desculpe, quero dizer pai da Vee. Ela diz que ele não é realmente seu pai.

Eu recuo, embora tenha certeza de que Vivi não quis dizer isso.

Talvez ela nem tenha dito isso.

— Porque você é humana — Heather tenta esclarecer. — Você é humana, certo?

Eu aceno, e o alívio no rosto dela é claro. Ela ri um pouco.

— Não é fácil ser humano em Faerie — digo a ela. — Venha caminhar comigo. Eu quero te contar algumas coisas.

Ela tenta pegar o olho de Vivi, mas Vivi ainda está sentada no tapete, torcendo por sua mala. Eu vejo mais bugigangas, pacotes de alcaçuz, fitas de

cabelo e um grande pacote coberto de papel branco com um laço dourado, estampado com "parabéns" ao longo de todo o seu comprimento.

Não tenho certeza do que mais fazer, Heather me segue. Vivi nem parece notar.

É estranho estar de volta à casa onde cresci. Tentando subir as escadas e abrir as portas do meu antigo quarto, para ver se há algum vestígio meu lá. Tentador entrar no escritório de Madoc e ler seus documentos como a espiã que sou.

Em vez disso, saio para o gramado e começo em direção aos estábulos. Heather respira fundo. Seus olhos são atraídos para as torres visíveis acima da linha das árvores.

— Vee falou sobre regras? — eu pergunto enquanto caminhamos.

Heather sacode a cabeça, claramente intrigada.

— Regras?

Vivi veio através de mim muitas vezes quando ninguém mais fez, então eu sei que ela se importa. Ainda assim, parece uma cegueira intencional ter ignorado o quão difícil Taryn e eu tínhamos isso como mortais, quão cuidadosos nós tínhamos que ser, e quão cuidadosa Heather deveria estar enquanto ela estivesse aqui.

— Ela disse que eu deveria ficar com ela — diz Heather, provavelmente vendo a frustração no meu rosto e querendo defender Vivi. — Que eu não deveria vagar sem um dos membros da sua família.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não está bom o suficiente. Ouça, o Povo das Fadas podem dar glamour às coisas e as fazerem parecer diferentes do que elas realmente são. Eles podem mexer com sua mente: encantá-la, persuadi-la a fazer coisas que você não consideraria normalmente. E

depois há maçã-eterna, o fruto de Faerie. Se você provar, tudo o que você vai pensar é em conseguir mais.

Eu soo como Oriana.

Heather está olhando para mim com horror e possivelmente descrença. Eu me pergunto se fui longe demais. Eu tento novamente com um tom ligeiramente mais calmo.

— Estamos em desvantagem aqui. O Povo das Fadas, eles são eternos, imortais e mágicos. E nem todos gostam de humanos. Então não abaixe a guarda, não faça pechinchas, e mantenha sempre algumas coisas específicas sobre sua pessoa, bagas de Rowan e sal.

— Tudo bem — diz ela.

Ao longe, vejo os dois sapos de Madoc no gramado, cuidando dos noivos.

— Você está levando isso muito bem — eu digo.

— Eu tenho duas perguntas. — Algo em sua voz ou em seus modos me faz perceber que talvez ela esteja tendo mais dificuldade do que eu pensava. — Um, o que são bagas de Rowan? E dois, se Faerie é do jeito que você diz, por que você mora aqui?

Eu abro minha boca e depois a fecho.

— É casa — eu digo, finalmente.

— Não precisa ser — diz ela. — Se a Vee pode sair, você também pode. Como você disse, você não é um deles.

— Venha para as cozinhas — digo a ela, voltando para a casa.

Uma vez lá, Heather fica paralisada pelo enorme caldeirão, grande o suficiente para nós dois nos banharmos. Ela encara os corpos depilados de perdizes, descansando no balcão ao lado da massa estendida para uma torta.

Vou até os potes de vidro de ervas e pego algumas bagas de Rowan. Eu pego um fio grosso para costurar dentro de galinhas, e eu uso isso e um pouco de gaze para fazer um pequeno nó delas.

— Coloque isso no seu bolso ou no seu sutiã — digo a ela. — Mantenha isso em você enquanto você está aqui.

— E isso vai me manter segura? — Pergunta Heather.

— Mais segura — eu digo, costurando um saco de sal. — Polvilhe isso com o que você come. Não se esqueça.

— Obrigada. — Ela pega meu braço, dando-lhe um rápido aperto. — Quero dizer, isso não parece real. Eu sei que isso deve soar ridículo. Eu estou em pé na sua frente. Eu posso sentir o cheiro de ervas e sangue daqueles passarinhos esquisitos. Se você me enfiou com essa agulha, isso machucaria. Mas ainda não parece real.

Mesmo que isso faça sentido de todas as evasões estúpidas de Vee sobre coisas normais, como onde ela foi para o ensino médio. Mas isso significa que o mundo inteiro está de cabeça para baixo.

Quando estive lá no shopping, no apartamento de Heather, a diferença entre eles e nós pareceu tão grande que não consigo imaginar como Heather está conseguindo superá-lo.

— Nada que você pudesse dizer soaria ridículo para mim — digo a ela.

Seu olhar, enquanto ela observa a fortaleza, enquanto toma uma lufada de ar do final da tarde, está cheio de interesse esperançoso. Eu tenho uma memória desconfortável de uma menina com pedras nos bolsos e estou desesperadamente

aliviada por Heather estar disposta a aceitar seu mundo sendo virado de cabeça para baixo.

De volta ao salão, Vivi sorri para nós.

— Jude te deu o grand tour?

— Eu fiz um charme — eu digo, meu tom deixando claro que ela deveria ter sido o único a fazê-lo.

— Bom — Vivi diz alegremente, porque vai demorar muito mais do que um tom levemente ofendido para ficar sob sua pele quando as coisas estão indo em sua direção. — Oriana me diz que você não tem estado muito por aqui ultimamente. Sua rivalidade com o velho e querido pai parece bem séria.

— Você sabe o quanto isso lhe custou — eu digo.

— Fique para o jantar. — Oriana se levanta, pálida como um fantasma, para olhar para mim com seus olhos cor de rubi. — Madoc gostaria disso. Eu também.

— Eu não posso — eu digo a ela, realmente me sentindo arrependida sobre isso. — Eu folguei aqui mais do que deveria, mas vou ver todos vocês no casamento.

— As coisas são sempre super
dramáticas

por aqui — Vivi diz a Heather. — Épico. Todo mundo age como se tivesse acabado de sair de uma balada de homicídio.

Heather olha para Vivi como se, talvez, ela tivesse acabado de sair de uma balada também.

— Oh — Vivi diz, alcançando sua mala novamente, chegando com outro pacote de aparência mole envolvido com um arco preto. — Você pode levar isso para Cardan? É um presente de "parabéns por ser o rei".

— Ele é o *Grande Rei de Elfhame* — diz Oriana. — Se você brincou ou não, não pode chamá-lo como quando era criança.

Eu fico parada estupidamente por um longo momento, não procurando o pacote. Eu sabia que Vivi e Cardan eram amigos.

Afinal, Vivi é quem contou a Taryn sobre sua cauda, tendo visto enquanto nadava junto com uma de suas irmãs.

Eu apenas esqueci.

— Jude? — Vivi pergunta.

— Eu acho melhor você mesma dar a ele — eu digo, e com isso, eu faço a minha fuga da minha antiga casa antes que Madoc retorne para casa e eu esteja tomada pela nostalgia.



Eu passo pela sala do trono, onde Cardan está sentado em uma das mesas baixas, a cabeça inclinada em direção a Nicasia. Não consigo ver o rosto dele, mas posso ver o dela enquanto ela joga a cabeça para trás com risada, mostrando a longa coluna de sua garganta. Ela parece incandescente com alegria, sua atenção a luz na qual sua beleza brilha especialmente brilhante.

Ela o *ama*, percebo desconfortavelmente. Ela o ama, e ela o traiu com Locke e está apavorada que ele nunca a ame novamente.

Seus dedos traçam seu caminho pelo braço até a parte de trás de seu pulso, e eu me lembro vividamente do sentimento daquelas mãos em mim. Minha pele aquece na memória, um rubor que começa na minha garganta e continua indo de lá.

Beije-me até que eu esteja cansado disso, ele disse, e agora ele certamente se apossou dos meus beijos. Agora ele está certamente cansado deles.

Eu odeio vê-lo com Nicolasia. Eu odeio o pensamento dele a tocando. Eu odeio que este seja o meu plano, que eu não tenha ninguém com quem ficar zangado além de mim mesmo.

Eu sou um idiota.

A dor faz você forte, Madoc me disse uma vez, fazendo-me levantar uma espada de novo e de novo. *Acostume-se com o peso*.

Eu me forço a não mais assistir. Em vez disso, encontro-me com Vulciber para coordenar trazer Balekin ao palácio para sua audiência com Cardan.

Então eu vou até a Corte das Sombras e ouço informações sobre os cortesãos, ouço rumores de Madoc empacotando suas forças como se estivesse se preparando para a guerra que eu ainda espero evitar. Eu envio dois espiões para os tribunais inferiores com o maior número de changelings não-jurados para ver o que eles podem aprender. Eu falo com Bomba sobre Grimsen, que criou uma aba com incrustações de gemas que permite a ela evocar asas embaixo de suas costas e voar.

— O que você acha que ele quer? — Eu pergunto.

— Louvor, lisonja — diz Bomba. — Talvez para encontrar um novo patrono. Provavelmente ele não se importaria com um beijo.

— Você acha que ele está interessado em Nicasia pelo amor de Orlagh ou

dela mesma? — Eu quero saber.

Bomba dá de ombros.

— Ele está interessado na beleza de Nicasia e no poder de Orlagh. Grimsen foi para o exílio com o primeiro Alderking; Acredito que na próxima vez que ele jurar fidelidade, ele estará muito certo do monarca a quem ele jura.

— Ou talvez ele não queira jurar fidelidade nunca mais — eu digo, decidido visitá-lo.



Grimsen preferiu viver e trabalhar na antiga forja que Cardan lhe deu, embora estivesse coberta de roseiras e não estivesse em boas condições.

Uma fina nuvem de fumaça sai da chaminé quando me aproximo. Eu bato três vezes na porta e espero.

Alguns momentos depois, ele abre a porta, deixando escapar uma rajada de calor quente o suficiente para eu dar um passo para trás.

— Eu conheço você — diz ele.

— Rainha de Mirth — eu reconheço, tirando isso do caminho.

Ele ri, balançando a cabeça.

— Eu conheci seu pai mortal. Ele fez uma faca para mim uma vez, viajou até Fairfold para me perguntar o que eu achava disso.

— E o que você *achou*? — Eu me pergunto se isso foi antes de Justin chegar em Elfhame, antes de minha mãe.

— Ele tinha um talento real. Eu disse a ele que se praticasse por cinquenta anos, ele poderia fazer a maior espada já feita por um homem mortal. Eu lhe disse que se ele praticasse por *cem* anos, ele poderia criar uma das melhores lâminas feitas por qualquer um. Nada disso o satisfez. Então eu disse-lhe que daria um dos meus segredos: ele poderia aprender a prática de cem anos em um único dia, se ao menos fizesse uma barganha comigo. Se ao menos ele se separasse de algo que não queria perder.

— E ele fez a barganha? — Pergunto.

Ele parece feliz.

— Oh, você não gostaria de saber? Entre.

Com um suspiro, eu faço. O calor é quase insuportável, e o fedor de metal domina meus sentidos. Na sala escura, o que eu mais vejo é fogo. Minha mão vai

para a faca na minha manga.

Felizmente, passamos pela forja e entramos nos aposentos da casa. É desarrumado, todas as superfícies cheias de coisas bonitas: gemas, jóias, lâminas e outros ornamentos. Ele puxa uma pequena cadeira de madeira para mim e depois senta em um banco baixo.

Ele tem um rosto de couro gasto e seu cabelo prateado fica em pé, como se ele estivesse puxando-o enquanto trabalhava. Hoje ele não está vestido com jaquetas de joias; ele veste uma bata de couro sobre uma camisa cinza manchada de cinza. Sete aros pesados de ouro pendem de suas grandes orelhas pontudas.

— O que te traz à minha forja? — Ele pergunta.

— Eu estava esperando encontrar um presente para minha irmã. Ela vai se casar em poucos dias.

— Algo especial, então — diz ele.

— Eu sei que você é um ferreiro lendário — digo a ele. — Então, achei que era possível que você não vendesse mais suas mercadorias.

— Não importa a minha fama, eu ainda sou um comerciante — diz ele, cobrindo seu coração. Ele parece satisfeito por ficar lisonjeado. — Mas é verdade que eu não ligo mais em moedas, apenas em troca.

Eu deveria ter percebido que havia algum truque. Ainda assim, eu pisco para ele, toda inocente.

— O que posso dar a você que ainda não tenha?

— Vamos descobrir — diz ele. — Conte-me sobre sua irmã. Isso é um encontro de amor?

— Deve ser — eu digo, pensando sobre isso. — Desde que não há valor prático nele.

Suas sobrancelhas sobem.

— Sim eu entendo. E sua irmã se parece com você?

— Somos gêmeas — eu digo.

— Pedras azuis, então, para sua coloração — diz ele. — Talvez um colar de lágrimas para chorar para que ela não precise? Um pino de dentes que morde maridos irritantes? Não. — Ele continua a andar pelo pequeno espaço. Ele levanta um anel. — Para trazer uma criança? — E então, vendo meu rosto, levanta um par de brincos, um na forma de uma lua crescente e o outro na forma de uma estrela. — Ah sim. Aqui. Isso é o que você quer.

— O que eles fazem? — Eu pergunto.

Ele ri.

— Eles são lindos, não é suficiente?

Eu lhe dou um olhar cético.

— Seria o suficiente, considerando como eles são requintados, mas aposto que não é tudo.

Ele gosta disso.

— Garota esperta. Eles não são apenas bonitos, mas acrescentam beleza. Eles fazem alguém mais amável do que eles, dolorosamente adorável. O marido dela não vai sair do lado dela por um bom tempo.

O olhar no rosto dele é um desafio. Ele acredita que sou muito vaidosa para dar tal presente à minha irmã.

Quão bem ele conhece o coração humano egoísta. Taryn será uma noiva linda. Quanto mais eu, sua irmã gêmea, quero me colocar na sombra dela? Quão adorável posso suportar que ela seja?

E ainda, que melhor presente para uma garota humana casada com a beleza do Povo das Fadas?

— O que você pagaria por eles? — Eu pergunto.

— Oh, qualquer número de pequenas coisas. Um ano da sua vida. O brilho do seu cabelo. O som da sua risada.

— Minha risada não tem um som tão doce como tudo isso.

— Não é doce, mas eu aposto que é raro — diz ele, e eu me pergunto como ele sabe disso.

— E as minhas lágrimas? — Eu pergunto. — Você poderia fazer outro colar.

Ele olha para mim, como se estivesse avaliando quantas vezes eu choro.

— Vou pegar uma única lágrima — diz ele finalmente. — E você vai fazer uma oferta ao Grande Rei por mim.

— Que tipo de oferta?

— Sabe-se que a Corte Submarina ameaçou a terra. Diga ao seu rei que, se ele declarar guerra, eu lhe farei uma armadura de gelo para quebrar cada lâmina que a atingir e que fará seu coração ficar frio demais para sentir compaixão. Diga-lhe que lhe farei três espadas que, quando usadas na mesma batalha, lutarão com o poder de trinta soldados.

Estou chocada.

— Eu contarei a ele. Mas por que você quer isso?

Ele faz uma careta, tirando um pano para polir os brincos.

— Tenho a reputação de reconstruir, minha senhora, e não apenas como criador de bugigangas. Certa vez, reis e rainhas vieram a mim como suplicantes. Certa vez forcei coroas e lâminas para mudar o mundo. Está dentro do poder do Grande Rei restaurar minha fama, e fica ao meu alcance aumentar seu poder.

— O que acontece se ele gosta do mundo do jeito que é? — Eu pergunto. —
Inalterado Ele dá uma risadinha.

— Então eu vou fazer um pequeno copo para você suspender o tempo.

A lágrima é tirada do canto do meu olho com um longo sifão.

Então eu saio, segurando os brincos de Taryn e mais perguntas.

De volta aos meus aposentos, eu seguro as joias para os meus próprios ouvidos. Mesmo no espelho, eles fazem meus olhos parecerem líquidos e luminosos. Minha boca parece mais vermelha, minha pele brilha como se eu tivesse acabado de me levantar de um banho.

Eu as envolvo antes de pensar melhor.

image

Passo o resto da noite na Corte da Sombras, preparando planos para manter Oak em segurança. Guardas alados que podem pegá-lo no ar se ele for atraído pelas delícias das ondas em que ele se jogou uma vez. Um espião disfarçado de babá, para segui-lo e adorá-lo e provar qualquer coisa antes que ele possa saboreá-lo. Arqueiros nas árvores, as pontas das flechas apontadas para qualquer um que chegue perto demais do meu irmão.

Enquanto estou tentando antecipar o que Orlagh vai fazer e como saber assim que acontecer, ouço uma batida em minha porta.

— Sim? — Eu digo, e Cardan entra.

Eu me levanto surpresa. Eu não esperava que ele aparecesse, mas ele está vestido com roupas desarrumadas. Seus lábios estão levemente inchados, o cabelo despenteado. Ele parece que veio direto de uma cama e não da sua.

Ele joga um pergaminho na minha mesa.

— Bem? — Eu pergunto, minha voz saindo tão fria quanto eu poderia desejar.

— Você estava certa — diz ele, e soa como uma acusação.

— O quê? — Eu pergunto.

Ele se inclina contra o batente da porta.

— Nicasia desistiu de seus segredos. Só foi preciso alguma gentileza e alguns beijos.

Nossos olhos se encontram. Se eu desviar o olhar, ele saberá que estou envergonhada, mas temo que ele possa dizer de qualquer maneira. Minhas bochechas ficam quentes. Eu me pergunto se algum dia poderei olhar para ele novamente sem lembrar como foi tocá-lo.

— Orlagh vai atuar durante o casamento de Locke e sua irmã.

Eu me sento de volta na minha cadeira, olhando para todas as notas na minha frente.

— Você tem certeza?

Ele concorda.

— Nicasia disse que à medida que o poder mortal cresce, terra e mar devem ser unidos. E que eles seriam, da maneira que ela esperava ou do jeito que eu deveria temer.

— Sinistro — eu digo.

— Parece que tenho um gosto singular pelas mulheres que me ameaçam.

Não consigo pensar no que dizer sobre isso, então falo sobre a oferta de Grimsen de forjar armadura e espadas para levá-lo à vitória.

— Contanto que você esteja disposto a lutar contra a Corte Submarina.

— Ele quer que eu faça uma guerra para restaurá-lo à sua antiga glória? — Pergunta Cardan.

— Com certeza — eu digo.

— Agora isso é ambição — diz Cardan. — Pode haver apenas uma várzea e vários pinheiros ainda em chamas remanescentes, mas os quatro povos reunidos em uma caverna úmida teriam ouvido o nome Grimsen. É preciso admirar o foco. Eu não suponho que você disse a ele que declarar guerra ou não era sua ligação, não minha.

Se ele é o verdadeiro Grande Rei de Elfame, a quem devemos seguir até o fim dos dias, então temos sido um pouco desrespeitosos dirigindo o reino para ele. E se ele está brincando, então ele é um espião, com certeza melhor do que a maioria de nós.

— Claro que não — eu digo.

Por um momento, há um silêncio entre nós.

Ele dá um passo em minha direção.

— A outra noite...

Eu o interrompo.

— Eu fiz pela mesma razão que você fez. Para tirá-lo do meu sistema.

— E estou? — Pergunta ele. — Fora do seu sistema?

Eu olho para ele na cara e minto.

— Sim.

Se ele me tocar, se ele der um passo em minha direção, meu engano será exposto. Eu não acho que posso manter a sanidade do meu rosto. Em vez disso, para meu alívio, ele dá um aceno de boca fina e parte.

Do quarto ao lado, ouço o chamado da Barata para Cardan, para oferecer-lhe o truque de levitar uma carta de baralho. Eu ouço Cardan rir.

Me ocorre que talvez o desejo não seja algo exagerado. Talvez não seja diferente do *mithridatismo*; talvez eu tivesse tomado uma dose mortal quando deveria estar me envenenando devagar, um beijo de cada vez.



Não estou surpresa em encontrar Madoc em sua sala de estratégia no palácio, mas ele está surpreso comigo, não acostumado com a minha presença no palácio.

— Pai — eu digo.

— Eu costumava pensar que queria que você me chamasse assim — ele diz. — Mas acontece que, quando você o faz, raramente coisas boas acontecem.

— De jeito nenhum — eu digo. — Eu vim para lhe dizer que você estava certo. Eu odeio a ideia de que Oak esteja em perigo, mas se pudermos saber quando o ataque da Corte Submarina chegará, isso seria mais seguro para Oak.

— Você está planejando a guarda dele enquanto ele está aqui.

— Ele sorri, mostrando seus dentes afiados. — Difícil de cobrir todas as eventualidades.

— Impossível. — Eu suspiro, entrando mais fundo na sala. — Então estou a bordo. Deixe-me ajudar a direcionar mal a Corte Submarina. Eu tenho recursos. — Ele é um general há muito tempo.

Ele planejou o assassinato de Dain e saiu impune. Ele é melhor nisso do que eu sou.

— E se você quiser apenas me impedir? — Pergunta ele. — Você dificilmente pode esperar que eu acredite que agora você está sendo verdadeira.

Embora ele tenha todos os motivos para acreditar, a picada de desconfiança de Madoc me machuca. Eu me pergunto como teria sido se ele tivesse compartilhado seus planos para colocar Oak no trono antes de eu ser testemunha do banho de sangue da coroação.

Se ele tivesse confiado em mim para fazer parte de seu esquema, eu me pergunto se teria rejeitado minhas dúvidas. Não gosto de pensar nisso sendo possível, mas temo que seja.

— Eu não colocaria meu irmão em risco — eu digo, metade em resposta a ele, metade em resposta aos meus próprios medos.

— Oh — ele pergunta. — Nem mesmo para salvá-lo das minhas garras?

Eu acho que mereço isso.

— Você disse que queria que eu voltasse para o seu lado. Aqui está sua chance de me mostrar como seria trabalhar com você. Me convença.

Enquanto eu controlo o trono, nunca poderemos estar verdadeiramente do mesmo lado, mas talvez possamos trabalhar juntos. Talvez ele possa canalizar sua ambição para derrotar a Corte Submarina e esquecer o trono, pelo menos até que Oak chegue à maioridade. Até então, pelo menos, as coisas serão diferentes.

Ele indica a mesa com um mapa das ilhas e suas figuras esculpidas.

— Orlagh tem uma semana para atacar, a menos que ela queira colocar uma armadilha no mundo mortal na ausência de Oak. Você tem guardas no apartamento de Vivienne, aqueles que você contratou fora do exército e que não se parecem com cavaleiros. Inteligente.

Mas nada e ninguém é infalível. Eu acho o lugar mais vantajoso para nós tentá-los a atacar...

— A Corte Submarina vai fazer a sua jogada durante o casamento de Taryn.

— O quê? — Ele me encara com os olhos estreitos. — Como você sabe disso?

— Nicasia — eu digo. — E acho que posso restringir mais as coisas se trabalharmos rápido. Eu tenho uma maneira de obter informações para Balekin, informações que ele vai acreditar.

As sobancelhas de Madoc se erguem.

Eu abaixo minha cabeça para ele.

— Um prisioneiro. Já enviei informações através dele com sucesso.

Ele se afasta de mim para beber um dedo de um licor escuro e voltar para a cadeira de couro.

— Estes são os recursos que você mencionou?

— Eu não venho para você de mãos vazias — eu digo. — Você não está nem

um pouco feliz por ter decidido confiar em mim?

— Eu poderia afirmar que foi *você* quem finalmente decidiu confiar em *mim*. Agora resta ver quão bem trabalharemos juntos.

Existem muitos outros projetos nos quais poderíamos colaborar.

Como tomar o trono.

— Uma desventura de cada vez — eu o aviso.

— Ele sabe? — Madoc pergunta, sorrindo um pouco aterrorizante e ainda assim paternal. — Nosso Grande Rei tem alguma ideia de como você é boa em administrar o reino dele por ele?

— Continuo esperando que não — eu digo, tentando uma confiança agradável que eu não sinto quando se trata de qualquer coisa a ver com o Cardan ou o nosso acordo.

Madoc ri.

— Oh, eu também, filha, tanto quanto eu espero que você perceba o quanto melhor seria se você estivesse lutando pela sua própria família.



A audiência de Cardan com Balekin acontece no dia seguinte.

Meus espiões me dizem que ele passou a noite sozinho. Sem festas desenfreadas, sem bêbados, sem concursos para liras. Eu não sei interpretar isso.

Balekin é levado para a sala do trono em cadeias, mas ele anda com a cabeça erguida, com roupas muito boas para a Torre. Ele ostenta sua capacidade de obter luxos, ostenta sua arrogância, como se Cardan devesse ficar impressionado com isso, em vez de ficar aborrecido.

Por sua vez, Cardan parece especialmente formidável. Ele usa um casaco de veludo musgoso, todo bordado em ouro brilhante. O

brinco dado a ele por Grimsen pendurado em seu lóbulo, captando a luz quando ele vira a cabeça. Não há foliões aqui hoje, mas a sala não está vazia. Randalin e Nihuar estão juntos perto do tablado de um lado, perto de três guardas. Eu estou do outro lado, de pé perto de um pedaço de sombras. Os criados ficam por perto, prontos para servir vinho ou tocar harpa, conforme o prazer do Grande Rei.

Combinei com Vulciber para Lady Asha que recebesse uma nota no momento em que Balekin subia as escadas e saía da Torre para esse público.

A nota dizia:

Eu pensei sobre seus pedidos e quero negociar. Há uma maneira de tirar você da ilha, imediatamente depois do casamento da minha irmã. Para sua segurança, meu irmãozinho está sendo trazido de volta porque o voo o deixou doente. Você pode ir também, sem o Grande Rei ser o mais sábio, pois a jornada é, necessariamente, secreta. Se você concordar que isso será suficiente, envie-me uma palavra de volta e nos encontraremos novamente para discutir meu passado e seu futuro. -J

Há alguma chance de que ela não diga nada a Balekin quando ele retornar à sua cela, mas já que ela passou a informação para ele e desde que ele sem dúvida viu ela pegar a nota, eu acredito que ele não vai ficar de pé para ouvir que não havia nada para isso, especialmente como, sendo uma fada, ela deve se envolver em evasões, em vez de mentiras descaradas.

— Irmãozinho — Balekin diz sem esperar para ser reconhecido.

Ele usa as algemas encadeadas em seus pulsos como se fossem pulseiras, como se acrescentassem ao seu status em vez de marcá-lo como um prisioneiro.

— Você solicitou uma audiência com a coroa — diz Cardan.

— Não, irmão, era com você que eu queria falar, não o enfeite na sua cabeça. — O desrespeito astuto de Balekin me faz perguntar por que ele queria esse público em primeiro lugar.

Eu penso em Madoc e como ao redor dele, eu sou perpetuamente uma criança. Não é pouca coisa julgar quem criou você, não importa o que eles fizeram. Esse confronto é menos sobre este momento e mais sobre a vasta extensão de seu passado, a urdidura e a trama de antigos ressentimentos e alianças entre eles.

— O que você quer? — Pergunta Cardan. Sua voz permanece suave, mas vazia da autoridade entediada que ele geralmente exerce.

— O que qualquer prisioneiro quer? — diz Balekin. — Deixe-me sair da torre. Se você quer ter sucesso, precisa da minha ajuda.

— Se você tem tentado me ver apenas para dizer isso, seus esforços não foram feitos. Não, não vou libertar você. Não, eu não preciso de você. — Cardan parece confiante.

Balekin sorri.

— Você me trancou por medo de mim. Afinal, você odiava Eldred mais do que eu. Você desprezou Dain. Como você pode me punir pelas mortes das quais não se arrepende?

Cardan olha para Balekin, incrédulo, meio se levantando do trono. Seus

punhos estão cerrados. Seu rosto é o de uma pessoa que esqueceu onde ele está.

— O que dizer de Elowyn? O que dizer de Caelia e Rhyia? Se tudo o que eu me importava fossem os meus próprios sentimentos, a morte delas seria razão suficiente para eu me vingar de você. Elas eram nossas irmãs e teriam sido melhores governantes do que você ou eu.

Eu pensei que Balekin iria recuar nisso, mas ele não recuou. Em vez disso, um pequeno sorriso insidioso cresce em sua boca.

— Elas intercedem por você? Alguma das suas queridas irmãs levou você? Como você pode pensar que eles se importavam com você quando eles não iriam contra o pai por sua causa?

Por um momento, achei que Cardan iria atacá-lo. Minha mão vai até o punho da minha própria espada. Eu vou ficar na frente dele. Eu vou lutar com Balekin. Seria um prazer lutar contra Balekin.

Em vez disso, Cardan desce para o trono. A fúria sai de seu rosto e ele fala como se as últimas palavras de Balekin não tivessem sido ouvidas.

— Mas você não está trancado nem porque o temo nem por vingança. Eu não me entreguei ao seu castigo. Você está na Torre porque é justo.

— Você não pode fazer isso sozinho — diz Balekin, olhando ao redor da sala. — Você nunca se importou com o trabalho, nunca se importou em bajular diplomatas ou seguir o dever em vez de prazer.

Me conceda as tarefas difíceis, em vez de lhes dar uma menina mortal a quem você se sente em dívida e que só vai falhar com você.

Os olhos de Nihuar e Randalin e alguns dos guardas vão até mim, mas Cardan observa seu irmão. Depois de um longo momento, ele fala.

— Você seria meu regente, embora eu tenha idade? Você vem antes de mim não como um penitente, mas como diante de um cão vadio.

Finalmente, Balekin parece desconcertado.

— Embora algumas vezes tenha sido duro com você, foi porque procurei fazer você melhor. Você acha que pode ser indolente e auto-indulgente e ainda ter sucesso aqui, como um governante? Sem mim, você não seria nada. Sem mim você não será nada.

A ideia de que Balekin pode dizer essas palavras sem acreditar nelas é chocante.

Cardan, por sua vez, usa um pequeno sorriso e, quando fala, sua voz é leve.

— Você me ameaça, você se elogia. Você doa seus desejos.

Mesmo considerando a sua oferta, depois daquele pequeno discurso, eu teria certeza de que você não era diplomata.

Balekin dá um passo furioso em direção ao trono, e os guardas fecham o espaço entre eles. Eu posso ver o desejo físico de Balekin de punir Cardan.

— Você está brincando de ser rei — diz Balekin. — E se você não sabe, então você é o único. Mande-me de volta à prisão, perca minha ajuda e perca o reino.

— Isso — diz Cardan. — A segunda opção, a que não envolve você. Essa é a que eu escolho. — Ele se vira para Vulciber. — A audiência acabou.

Enquanto Vulciber e os outros guardas se movem para escoltar Balekin de volta à Torre do Perdão, seu olhar vai para mim. E em seus olhos, vejo um poço de ódio tão profundo que temo que, se não tomarmos cuidado, todos os habitantes e Elfhame possam se afogar nele.



Duas noites antes do casamento da minha irmã, fico em frente ao longo espelho dos meus quartos e lentamente treino noite adentro.

Percorro as posturas, as que Madoc me ensinou, as que aprendi na Corte das Sombras.

Então eu levanto minha lâmina, apresentando ao meu oponente.

Eu a saúdo no espelho.

De um lado para o outro, eu danço pelo chão, lutando contra ela.

Eu bato e desvio, esquivando e atacando. Eu finjo. Eu me abaixo. Eu vejo o suor em sua testa. Eu luto até que a transpiração marque a blusa dela, até que ela esteja tremendo de exaustão.

Ainda não é o suficiente.

Eu nunca poderei vencê-la.

image

A armadilha para Orlagh está pronta. Eu passo o dia com Madoc repassando os detalhes. Criamos três lugares e horas específicos onde a Corte Submarina poderia atacar com alguma confiança: O barco em si, carregando uma isca, é óbvio. Requer um duende para fingir ser Oak, encolhido em um manto, e o próprio barco encantado para voar.

Antes disso, há um momento durante a recepção de Taryn, quando Oak vai passear sozinho no labirinto. Uma seção da área verde será substituída por um feérico-árvore, que permanecerá invisível até que seja necessário atacar.

E, mesmo antes disso, ao chegar à propriedade de Locke para o casamento, Oak vai parecer sair da carruagem para uma área aberta visível do oceano. Vamos empregar uma armadilha lá também. Vou esperar com o verdadeiro Oak na carruagem enquanto o resto da família sai e, esperançosamente, o mar ataca. Então a carruagem se contorcerá e subiremos por uma janela. Neste caso, as árvores próximas à costa estarão cheias de duendes, prontos para avistar os habitantes da Corte Submarina, e uma rede foi enterrada sob a areia para prendê-

los.

Três chances de pegar a Corte Submarina em uma tentativa de prejudicar Oak. Três chances de fazê-los se arrependerem de tentar.

Também não negligenciamos a proteção de Cardan. Sua guarda pessoal está em alerta máximo. Ele tem seu próprio grupo de arqueiros que seguirá todos os seus movimentos. E, claro, nossos espiões.

Taryn quer passar a última noite antes do casamento com suas irmãs, então arrumo um vestido e os brincos em uma mochila e amarrou-o na parte de trás do mesmo cavalo que uma vez levei para Insweal. Eu prendo Cair da Noite na parte de trás da sela. Então eu vou para a propriedade de Madoc.

A noite está linda. Uma brisa atravessa as árvores, perfumada com o cheiro de agulhas de pinheiro e maçã-eterna. Distantemente, eu ouço batidas de cascos. As raposas fazem suas estranhas chamadas gritando umas às outras. O trinado da música de flauta vem de algum lugar distante, junto com o som de sereias cantando suas canções agudas e sem palavras nas rochas.

Então, abruptamente, os cascos não estão mais distantes.

Através da floresta vêm cavaleiros. Sete deles, montados nas costas de cavalos emaciados de olhos perolados. Seus rostos estão cobertos, suas armaduras salpicadas de tinta branca. Eu posso ouvir o riso deles quando eles se separam para vir até mim de diferentes ângulos. Por um momento, acho que deve haver algum engano.

Um deles saca um machado, que brilha sob a luz da lua do primeiro quarto, deixando meu sangue frio. Não, não há erro. Eles vieram para me matar.

Minha experiência lutando a cavalo é limitada. Eu pensei que seria uma cavaleira em Elfhame, defendendo o corpo e a honra de alguns membros da realeza, e não participando de batalhas como Madoc.

Agora, quando eles se aproximam de mim, penso em quem estava ciente dessa vulnerabilidade em particular. Certamente Madoc sabia. Talvez este seja seu método de me recompensar pela minha traição. Talvez confiar em mim fosse uma fraude. Afinal, ele sabia que eu estava indo para sua fortaleza hoje à noite. E nós passamos a tarde planejando armadilhas assim.

Lamentavelmente, penso no aviso de Barata: *Na próxima vez, leve um membro da guarda real. Leve um de nós. Pegue uma nuvem de duendes ou um bêbado. Apenas leve alguém.*

Mas sou só eu. Sozinha.

Eu impulso meu cavalo para maior velocidade. Se eu conseguir atravessar a floresta e chegar perto o suficiente da casa, então estarei a salvo. Há guardas lá, e

se Madoc colocou ou não os cavaleiros nisso, ele nunca deixaria um convidado, para não mencionar sua tutelada, ser morta em suas próprias terras.

Isso não seria jogar pelas regras de cortesia.

Tudo o que tenho que fazer é conseguir.

Os cascos batem atrás de mim enquanto atravessamos a floresta. Eu olho para trás, vento no meu rosto, cabelo soprando na minha boca. Eles estão andando longe, tentando conseguir chegar o suficiente à minha frente para me levar para longe de Madoc, em direção à costa, onde não há onde se esconder.

Mais perto e mais perto, eles vêm. Eu posso ouvi-los chamando um ao outro, mas as palavras estão perdidas no vento. Meu cavalo é rápido, mas o fluxo deles é como a água durante a noite. Quando olho para trás, vejo que um deles sacou um arco com flechas pretas.

Eu giro minha montaria para o lado, apenas para encontrar outro cavaleiro lá, cortando minha fuga.

Eles são blindados, com armas à mão. Eu tenho apenas algumas facas em mim e Cair da Noite de volta com meus alforjes, junto com uma pequena besta na mochila em si. Eu andei por esses bosques centenas de vezes na minha infância; Eu nunca pensei que precisaria ser blindada para a batalha aqui.

Uma flecha passa voando por mim quando outro cavaleiro se fecha, brandindo uma lâmina.

Não há como fugir deles.

Eu me levanto nos estribos, um truque que não tenho certeza se vai funcionar, e então agarro o próximo galho resistente que passo.

Um dos corcéis de olhos brancos descobre os dentes e morde o flanco da minha própria montaria. Meu pobre animal relinchou e choraminga. À luz da lua, acho que percebo olhos âmbar enquanto a longa espada de um cavaleiro balança o ar.

Eu salto para cima, me arrastando para o galho. Por um momento, apenas me agarro a ela, respirando com dificuldade, enquanto os cavaleiros passam por baixo de mim. Eles giram ao redor. Um toma um gole de um frasco, deixando uma mancha dourada nos lábios.

— Pequeno gato na árvore — outro chama. — Desça para as raposas!

Eu me levanto, consciente das lições do Fantasma enquanto corro ao longo do galho. Três cavaleiros circulam abaixo de mim. Há um flash no ar enquanto o machado voa na minha direção. Eu me abaixei, tentando não escorregar. A arma passa por mim, mordendo o tronco da árvore.

— Boa tentativa — eu digo, tentando soar qualquer coisa, menos

aterrorizada. Eu tenho que me afastar deles. Eu tenho que subir. Mas então o que? Eu não posso lutar contra sete deles. Mesmo se eu quisesse tentar, minha espada ainda está amarrada ao meu cavalo. Tudo o que tenho são algumas facas.

— Desça, garota humana — diz alguém com olhos prateados.

— Nós ouvimos falar de sua maldade. Nós ouvimos falar de sua ferocidade — diz outro em uma voz profunda e melodiosa que pode ser feminina. — Não nos desaponte.

Um terceiro encaixa outra flecha de ponta preta.

— Se eu sou um gato, deixe-me dar-lhe um arranhão — eu digo, puxando duas facas em forma de folha dos meus lados e enviando-as em dois arcos brilhantes para os cavaleiros.

Um deles erra e o outro acerta a armadura, mas espero que seja uma distração suficiente para eu puxar o machado da madeira. Então eu me movo. Eu pulo de galho em galho enquanto flechas voam ao redor, grata por tudo que o Fantasma já me ensinou.

Então uma flecha me acerta na coxa.

Eu sou incapaz de morder de volta um grito de dor. Eu começo a me mover novamente, empurrando o choque, mas minha velocidade se foi. A próxima flecha bate tão perto do meu lado que é apenas sorte que me salva.

Eles podem ver muito bem, mesmo no escuro. Eles podem ver muito melhor do que eu.

Os cavaleiros têm todas as vantagens. Nas árvores, desde que eu não possa me esconder, tudo o que estou apresentando é um ser um alvo um pouco complicado, mas diversão é complicada. E quanto mais cansada eu fico, mais eu sangro, quanto mais eu me machuco, mais devagar eu me torno. Se eu não mudar o jogo, vou perder.

Eu tenho que ir até as possibilidades. Eu tenho que fazer algo que eles não esperam. Se eu não posso ver, então devo confiar em meus outros sentidos.

Puxando uma respiração profunda, ignorando a dor na minha perna e a flecha ainda saindo dela, com o machado na mão, dou um pulo correndo do galho com um uivo.

Os cavaleiros tentam virar os cavalos para fugir de mim.

Eu pego um cavaleiro no peito com o machado. A ponta dobra sua armadura para dentro. O que é um bom truque, ou teria sido se eu não perdesse meu equilíbrio um momento depois. A arma sai da minha mão enquanto eu caio. Eu bato na terra dura, tirando o fôlego de mim. Imediatamente, eu rolo para evitar ataques de cascos. Minha cabeça está zumbindo, e minha perna parece estar em

chamas quando eu me levanto aos meus pés. Eu rachei a espinha da flecha para fora de mim, mas eu deixei o ponto mais profundo.

O cavaleiro que acertei está pendurado em sua sela, com o corpo flácido e a boca borbulhando em vermelho.

Outro cavaleiro gira para o lado, enquanto um terceiro vem em frente. Eu saci uma faca quando o arqueiro que vem em minha direção tenta pegar para sua espada.

Seis para um é muito melhor, especialmente quando quatro dos cavaleiros estão atrasados, como se eles não tivessem considerado que poderiam se machucar também.

— Feroz o suficiente para vocês? — Eu grito para eles.

O cavaleiro de olhos prateados vem até mim e eu jogo minha faca. Ela erra ele, mas acerta o cavalo no flanco. O animal se empina.

Mas enquanto ele tenta recuperar a montaria de volta, outro casco para mim. Eu pego o machado, respiro fundo e me concentro.

O cavalo esquelético me observa com seus olhos brancos sem pupila. Parece com fome.

Se eu morrer aqui na floresta porque eu não estava melhor preparada, porque eu estava muito distraída para me dar ao trabalho de amarrar minha própria espada estúpida, eu ficarei absolutamente furiosa comigo mesma.

Eu me fortaleço enquanto outro cavaleiro se aproxima de mim, mas não tenho certeza se posso suportar a carga. Freneticamente, tento propor outra opção.

Quando o cavalo está perto, eu caio no chão, lutando contra todos os instintos de sobrevivência, cada desejo de fugir do imenso animal. Ele corre por cima de mim e eu levanto o machado e pulo para cima. Sangue salpica em meu rosto.

A criatura corre um pouco mais, e depois cai com um som vicioso, prendendo a perna do cavaleiro por baixo do seu volume.

Eu empurro meus pés, limpando meu rosto, bem a tempo de ver o cavaleiro de olhos prateados se preparando para atacar. Eu sorrio para ele, levantando o machado sangrento.

O cavaleiro de olhos âmbar dirige-se para seu companheiro caído, chamando os outros. O cavaleiro de olhos prateados virou ao redor do som, indo em direção a seus companheiros. O cavaleiro preso luta enquanto observo os outros dois cavaleiros puxando-o para cima e para cima em um dos outros cavalos. Então os seis cavaleiros se afastaram durante a noite, sem mais risos seguindo-os.

Eu espero, com medo que eles possam voltar, com medo de que algo pior

esteja prestes a saltar das sombras. Minutos passam. O

som mais alto é a minha respiração irregular e o rugido de sangue nos meus ouvidos.

Tremendo, dolorosamente, eu ando pela floresta, apenas para encontrar meu próprio cavalo deitado na grama, sendo devorado pelo cavalo do cavaleiro morto. Eu aceno meu machado e ele foge. Nada faz meu pobre cavalo menos morto, no entanto.

Minha mala se foi das costas dela. Deve ter caído durante o passeio, levando minhas roupas e besta com ele. Minhas facas se foram também, sujando a floresta depois que eu as joguei, provavelmente perdidas no mato. Pelo menos Cair da Noite ainda está aqui, amarrada à sela. Eu solto a espada do meu pai com os dedos doloridos.

Usando-a como bengala, consigo me arrastar o resto do caminho até a fortaleza de Madoc e lavar o sangue lá fora.

Dentro, eu encontro Oriana sentada perto de uma janela, costurando em um bastidor de bordar. Ela olha para mim com seus olhos cor de rosa e não se incomoda em sorrir, como um ser humano, para me deixar à vontade.

— Taryn está no andar de cima com Vivi e sua amante. Oak dorme e Madoc está planejando. — Ela observa minha aparência. — Você caiu em um lago?

Eu concordo.

— Estúpido, certo?

Ela dá outro ponto. Vou para as escadas e ela fala de novo antes que meu pé dê o primeiro passo.

— Seria tão terrível para Oak ficar comigo em Faerie? — Ela pergunta. Há uma longa pausa e ela sussurra. — Eu não desejo perder o amor dele.

Eu odeio ter que dizer o que ela já sabe.

— Aqui, não haveria fim para cortesãos despejando veneno em seu ouvido, sussurros do rei que ele seria se Cardan estivesse fora do caminho, e isso, por sua vez, poderia fazer aqueles leais a Cardan desejarem tirar Oak do caminho. E isso nem é pensar nas maiores ameaças. Enquanto Balekin vive, Oak é o mais seguro longe de Faerie. Além disso, há Orlagh.

Ela balança a cabeça, expressão sombria, e se volta para a janela.

Talvez ela só precise de alguém para ser o vilão, alguém responsável por mantê-los separados. Sorte dela que eu sou alguém que ela já não gosta muito.

Ainda assim, lembro-me de como foi perder o lugar onde cresci, sentir saudades das pessoas que me criaram.

— Você nunca vai perder o amor dele — eu digo, minha voz saindo tão

silenciosamente quanto a dela. Eu sei que ela pode me ouvir, mas ela ainda não liga.

Com isso, subo as escadas, com a perna doendo. Estou no patamar quando Madoc sai do escritório e olha para mim. Ele fareja o ar. Eu me pergunto se ele cheira o sangue ainda escorrendo pela minha perna, se ele cheira a sujeira, suor e água gelada.

Um calafrio vai aos meus ossos.

Entro no meu antigo quarto e fecho a porta. Eu chego embaixo da cabeceira da cama e fico grata ao descobrir que uma das minhas facas ainda está lá, embainhada e um pouco empoeirada. Eu deixo onde estava, me sentindo um pouco mais segura.

Eu manco até a minha velha banheira, mordo o interior da minha bochecha contra a dor e me sento na beirada. Então eu tiro minhas calças e inspeciono o que resta da flecha presa na minha perna. O

eixo rachado é salgueiro, manchado de cinzas. O que eu posso ver da ponta da flecha é feito de chifre pontiagudo.

Minhas mãos começam a tremer, e percebo o quão rápido meu coração está batendo, o quão confusa minha cabeça está.

As feridas de flecha são ruins, porque toda vez que você se move, a ferida piora. Seu corpo não pode curar com um pedaço afiado cortando o tecido, e quanto mais tempo está lá, mais difícil é sair.

Respirando fundo, deslizo meu dedo até a ponta da flecha e pressiono-a levemente. Dói o suficiente para que eu suspire e fique tonta por um momento, mas não parece estar em um osso.

Eu me preparo, pego a faca e corto cerca de 2 centímetros e meio na pele da minha perna. É excruciante e estou respirando em ofegos profundos quando trabalho meus dedos na pele e tiro a ponta da flecha. Há muito sangue, uma quantia assustadora. Eu pressiono minha mão contra ela, tentando parar o fluxo.

Por um tempo, estou muito tonta para fazer qualquer coisa, exceto sentar lá.

— Jude? — É Vivi, abrindo a porta. Ela olha para mim e depois para a banheira. Seus olhos de gato se arregalam.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não conte a ninguém.

— Você está sangrando — diz ela.

— Pegue pra mim... — Eu começo e depois paro, percebendo que preciso costurar a ferida, que não pensei nisso. Talvez eu não esteja tão bem quanto eu pensava. O choque nem sempre acerta imediatamente. — Eu preciso de uma

agulha e linha... coisas não finas, fio de bordado. E um pano para continuar pressionando a ferida.

Ela franze a testa para a faca na minha mão, o frescor da ferida.

— Você fez isso com você mesma?

Isso me tira do meu torpor por um momento.

— Sim, eu atirei em *mim mesma* com uma flecha.

— Ok, tudo bem. — Ela me entrega uma camisa da cama e depois sai do quarto. Eu pressiono o tecido contra a minha ferida, na esperança de diminuir o sangramento.

Quando ela volta, ela está segurando um fio branco e uma agulha. Esse fio não vai ficar branco por muito tempo.

— Ok — eu digo, tentando me concentrar. — Você quer segurar ou costurar?

— Segurar — ela diz, olhando para mim como se quisesse que houvesse uma terceira opção. — Você não acha que eu deveria chamar Taryn?

— Na noite antes do casamento dela? Absolutamente não. — Eu tento enfiar a agulha, mas minhas mãos estão tremendo o suficiente para que seja difícil. — Ok, agora empurre os lados da ferida juntos.

Vivi se ajoelha e faz, fazendo uma careta. Eu suspiro e tento não desmaiar. Só mais alguns minutos e posso me sentar e relaxar, prometo a mim mesma. Apenas mais alguns minutos e será como se nunca tivesse acontecido.

Eu costuro. Isso dói. Dói e dói e dói. Depois de terminar, lavo a perna com mais água e tiro a parte mais limpa da camisa para envolvê-la.

Ela chega mais perto.

— Você consegue levantar?

— Em um minuto. — Eu balancei minha cabeça.

— E Madoc? — Ela pergunta. — Nós poderíamos dizer...

— A ninguém — eu digo, e, agarrando a borda da banheira, levanto minha perna, mordendo de volta um grito.

Vivi liga a torneira e a água espirra, lavando o sangue.

— Suas roupas estão encharcadas — diz ela, franzindo a testa.

— Me dê um vestido de lá — eu digo. — Procure por algo parecido com um saco.

Eu me forço a mancar para uma cadeira e afundar nela. Então eu tiro minha jaqueta e a camisa por baixo. Nua até a minha cintura, eu não posso ir mais longe sem que a dor me pare.

Vivi traz um vestido, um tão velho que Taryn não se incomodou em trazê-lo para mim, e o ajeita para que possa guiá-lo sobre minha cabeça, depois guia

minhas mãos pelos orifícios dos braços como se eu fosse uma criança. Suavemente, ela tira minhas botas e os restos das minhas calças.

— Você poderia deitar — diz ela. — Descansar. Heather e eu podemos distrair Taryn.

— Eu vou ficar bem — eu digo.

— Você não precisa fazer mais nada, é tudo o que estou dizendo. — Vivi parece estar reconsiderando minhas advertências sobre vir aqui. — Quem fez isto?

— Sete cavaleiros, talvez fidalgos. Mas quem estava realmente por trás do ataque? Eu não sei.

Vivi dá um longo suspiro.

— Jude, volte para o mundo humano comigo. Isso não precisa ser normal. Isso não é normal.

Eu me levanto da cadeira. Eu prefiro andar na perna ferida do que ouvir mais sobre isso.

— O que teria acontecido se eu não tivesse vindo aqui? — Ela exige.

Agora que estou de pé, tenho que me mexer ou perco o impulso. Eu vou para a porta.

— Eu não sei — eu digo. — Mas eu sei disso. O perigo também pode me encontrar no mundo dos mortais. Eu estar *aqui* me permite ter certeza de que você e Oak têm guardas vigiando vocês *lá*. Olha, eu entendo que você acha que o que estou fazendo é estúpido. Mas não aja como se fosse inútil.

— Não é isso que eu quis dizer — diz ela, mas então eu estou no corredor. Eu empurro a porta do quarto de Taryn para encontrá-la e Heather rindo de alguma coisa. Elas param quando entramos.

— Jude? — Taryn pergunta.

— Eu caí do meu cavalo — digo a ela, e Vivi não me contradiz.

— Sobre o que estamos conversando?

Taryn está nervosa, perambulando pela sala para tocar o vestido transparente que usará amanhã, para segurar o tecido em braceletes com plantas cultivadas em jardins de duendes e frescas como no momento em que foram arrancadas.

Percebo que os brincos que comprei para Taryn se foram, perdidos com o resto do pacote. Espalhadas entre folhas e arbustos.

Servos trazem vinho e bolos, e eu lambo a cobertura doce e deixo a conversa passar por mim. A dor na minha perna é uma distração, mas mais perturbadora ainda é a memória dos cavaleiros rindo, a lembrança de eles se fecharem embaixo da árvore. A lembrança de estar ferida e assustada e sozinha.



Quando acordo no dia do casamento de Taryn, é na cama da minha infância. Parece que vem de um sonho profundo e, por um momento, não é que eu não saiba onde estou, é que não me lembro quem sou. Por aqueles poucos momentos, piscando na luz do sol do fim da tarde, sou a filha leal de Madoc, sonhando em me tornar uma cavaleira na corte. Então o último meio ano volta para mim como o gosto agora familiar de veneno na minha boca.

Como a picada dos pontos mal feitos.

Eu me levanto e desembrulho o pano para olhar para a ferida.

Está feia e inchada, e a sutura é ruim. Minha perna está rígida também.

Gnarbone, um servo enorme com orelhas compridas e rabo, entra em meu quarto com uma batida atrasada. Ele está carregando uma bandeja com café da manhã. Rapidamente, eu lanço os cobertores sobre a parte inferior do meu corpo.

Ele coloca a bandeja na cama sem comentar e vai para a área de banho. Eu ouço a corrente de água e sinto o cheiro de ervas esmagadas. Eu me sento lá, apoiada, até ele sair.

Eu poderia dizer a ele que estou ferida. Seria uma coisa simples.

Se eu pedisse ao Gnarbone para enviar um cirurgião militar, ele faria isso. Ele diria a Oriana e Madoc, é claro. Mas minha perna seria costurada bem e estaria a salvo da infecção.

Mesmo que Madoc tivesse enviado os cavaleiros, acredito que ele ainda cuidaria de mim. Cortesia, afinal. Ele levaria para ser uma concessão, no entanto. Eu estaria admitindo que eu precisava dele, que ele ganhou. Que eu voltaria para casa para sempre.

E, no entanto, à luz da manhã, tenho quase certeza de que não foi Madoc quem enviou os cavaleiros, mesmo que fosse o tipo de armadilha que ele favorece. Ele nunca teria enviado assassinos que ficaram para trás e que partiram quando os números ainda estavam do lado deles.

Uma vez que Gnarbone sai, eu bebo o café avidamente e faço o meu caminho para o banho.

É leitoso e perfumado, e só debaixo d'água posso me permitir chorar. Só debaixo d'água posso admitir que quase morri e que estava aterrorizada e que gostaria que houvesse alguém a quem eu pudesse dizer tudo isso. Eu seguro

minha respiração até que não haja mais fôlego para segurar.

Depois do banho, me envolvo em um robe velho e volto para a cama. Enquanto eu tento decidir se vale a pena mandar um servo de volta ao palácio para me arranjar outro vestido ou se eu simplesmente devo pedir algo de Taryn, Oriana entra na sala, segurando um pedaço de pano prateado.

— Os servos me disseram que você não trouxe bagagem — diz ela. — Suponho que esqueceu que o casamento de sua irmã exigiria um novo vestido. Ou um vestido, no geral.

— Pelo menos uma pessoa vai ficar nua — eu digo. — Você sabe que é verdade. Eu nunca estive em uma única festa em Faerie, onde todo mundo estava vestido.

— Bem, se esse é o seu plano — diz ela, girando em seus calcanhares. — Então eu suponho que tudo que você precisa é de um lindo colar.

— Espere — eu digo. — Você está certa. Eu não tenho um vestido e preciso de um. Por favor, não vá.

Quando Oriana se vira, uma sugestão de sorriso está em seu rosto.

— Como é diferente de você, dizer o que você realmente quer dizer e ser algo diferente de hostil.

Eu me pergunto como é para ela morar na casa de Madoc, ser a esposa obediente de Madoc e ter uma mão em todos os seus planos sendo desfeita. Oriana é capaz de mais sutileza do que eu lhe daria crédito.

E ela me trouxe um vestido.

Isso parece uma gentileza até ela espalhar na minha cama.

— É um dos meus — diz ela. — Eu acredito que vai caber.

O vestido é prata e me lembra um pouco de cota de malha. É

lindo, com mangas de trompete cortadas ao longo do comprimento do braço para mostrar a pele, mas tem um decote profundo, que pareceria um caminho para Oriana e um jeito totalmente diferente de mim.

— É um pouco ousado para um casamento, você não acha? — Não há maneira de usá-lo com um sutiã.

Ela só olha para mim por um momento, com um olhar perplexo, quase como um inseto.

— Eu acho que posso experimentá-lo — eu digo, lembrando que eu tinha brincado sobre estar nua apenas um momento atrás.

Sendo esta Faerie, ela não faz nenhum movimento para sair. Eu me viro, esperando que isso seja o suficiente para tirar a atenção da minha perna enquanto eu me desfaço. Então eu puxo o vestido por cima da cabeça e deixo-o deslizar

pelos meus quadris. Ele brilha maravilhosamente, mas, como eu suspeitava, mostra muito do meu peito.

E muito.

Oriana acena com a cabeça, satisfeita.

— Vou mandar alguém para fazer o seu cabelo.

Pouco tempo depois, uma garota fada esbelta trançou meu cabelo em chifres de carneiro e envolveu as pontas com fita de prata.

Ela pinta as pálpebras dos meus olhos e minha boca com mais prata.

Então, vestida, desço para me juntar ao resto da família na sala de Oriana, como se os últimos meses não tivessem acontecido.

Oriana está vestida com um vestido de violeta pálido com um colarinho de pétalas frescas que sobe até a linha do maxilar. Vivi e Heather estão em roupas mortais, Vivi em um tecido esvoaçante com um padrão de olhos estampados no tecido, e Heather em um curto vestido rosa com pequenas lantejoulas de prata por cima. O cabelo de Heather está puxado para trás em cliques rosa cintilantes. Madoc está usando uma túnica ameixa profunda, Oak combinando.

— Ei — diz Heather. — Nós duas estamos de prata.

Taryn ainda não está lá. Nós nos sentamos na sala de estar, tomando chá e comendo bannocks.

— Você realmente acha que ela vai passar por isso? — Vivi pergunta.

Heather lhe dá um olhar escandalizado, golpeando sua perna.

Madoc suspira.

— Dizem que aprendemos mais com nossos fracassos do que com nossos sucessos — diz ele com um olhar penetrante em minha direção.

Então Taryn finalmente desce. Ela foi banhada em orvalho lilás e usa um vestido de camadas de pano incrivelmente finas uma sobre a outra, ervas e flores presas entre elas para dar a impressão de que ela é essa linda figura flutuante e um buquê vivo ao mesmo tempo.

Seu cabelo está trançado em uma coroa com flores verdes por toda parte.

Ela parece linda e dolorosamente humana. Em todo esse tecido pálido, ela parece um sacrifício em vez de uma noiva. Ela sorri para todos nós, tímida e feliz.

Nós todos nos levantamos e dizemos a ela como ela está linda.

Madoc pega as mãos dela e as beija, olhando para ela como qualquer pai orgulhoso. Mesmo que ele pense que ela está cometendo um erro.

Nós entramos na carruagem, junto com o pequeno duende que vai ser o dublê de Oak, que troca de casaco quando estamos dentro, e então se senta preocupado

em um canto.

No caminho para a propriedade de Locke, Taryn se inclina para frente e pega minha mão.

— Quando eu estiver casada, as coisas serão diferentes.

— Algumas coisas — eu digo, não totalmente certo do que ela está falando.

— Papai prometeu mantê-lo na linha — ela sussurra.

Lembro-me do apelo de Taryn para eu ter demitido Locke de sua posição como Mestre de Cerimônias. Curar as indulgências de Locke provavelmente manterá Madoc ocupado, o que parece não ser algo ruim.

— Você está feliz por mim? — Ela pergunta. — Verdadeiramente?

Taryn tem estado mais perto de mim do que qualquer outra pessoa no mundo. Ela conheceu a maré e a ressaca de meus sentimentos, minhas mágoas, pequenas e grandes, durante a maior parte da minha vida. Seria estúpido deixar qualquer coisa interferir nisso.

— Eu quero que você seja feliz — eu digo. — Hoje e sempre.

Ela me dá um sorriso nervoso e seus dedos apertam os meus.

Ainda estou segurando a mão dela quando o labirinto se aproxima. Eu vejo três garotas duende em vestidos diáfanos voando sobre o verde, rindo juntas, e além delas outra fada já começando a fresar. Como Mestre de Cerimônias, Locke organizou um casamento digno do título.

image

A primeira armadilha não é suspensa. A isca sobe com minha família enquanto Oak e eu nos abaixamos na carruagem. Ele sorri para mim a princípio, quando nos aconchegamos no espaço entre os bancos almofadados, mas o sorriso escorrega de seu rosto um momento depois, substituído pela preocupação.

Eu pego sua mão e a aperto.

— Pronto para subir por uma janela?

Isso o encanta de novo.

— Da carruagem?

— Sim — eu digo, e espero que ele me puxe. Quando isso acontece, há uma batida. Eu espreito e vejo a Bomba dentro da carruagem. Ela pisca para mim, e então eu levanto Oak e o empurro, os cascos primeiro, através da janela da carruagem e em seus braços.

Eu subo depois, deselegantemente. Meu vestido é ridiculamente revelador, e minha perna ainda está rígida, ainda doendo, quando eu caio no chão de pedra de Locke.

— Alguma coisa? — Eu pergunto, olhando para a Bomba.

Ela balança a cabeça, estendendo a mão para mim.

— Esse sempre foi o tiro longo. Minha aposta é no labirinto.

Oak franze a testa e eu esfrego os ombros dele.

— Você não precisa fazer isso — digo a ele, embora não tenha certeza do que fazemos se ele disser que não.

— Eu estou bem — diz ele sem olhar nos meus olhos. — Onde está minha mãe?

— Eu vou encontrá-la para você, balancinho — diz a Bomba, e coloca o braço sobre o ombro magro para levá-lo para fora. Na porta, ela olha para mim e tira alguma coisa do bolso. — Você parece ter se machucado. Ainda bem que não cozinho só explosivos.

Com isso, ela me joga algo. Eu pego sem saber o que é, e depois viro na minha mão. Um pote de pomada. Eu olho para trás para agradecer a ela, mas ela já se foi.

Desapertando o pequeno pote, respiro o cheiro de ervas fortes.

Ainda assim, uma vez que eu espalhei sobre a minha pele, minha dor diminui. A pomada esfria o calor do que era provavelmente uma infecção iminente. A perna ainda está dolorida, mas nada como antes.

— Minha senescal — diz Cardan, e eu quase deixo cair a pomada. Eu puxo meu vestido, virando. — Você está pronto para receber Locke em sua família?

A última vez que estivemos nesta casa, no labirinto dos jardins, sua boca estava raiada de ouro nunca mais, e ele me observou beijar Locke com uma intensidade que eu achava que era ódio.

Agora, ele me estuda com um olhar não muito diferente, e tudo o que quero fazer é andar até seus braços. Eu quero afogar minhas preocupações em seu abraço. Eu quero que ele diga algo totalmente diferente de si mesmo, sobre as coisas estarem bem.

— Belo vestido — diz ele em vez disso.

Sei que a Corte já deve pensar que estou obcecada com o Grande Rei a suportar ser coroada Rainha da Alegria e ainda servir como seu senescal. Todos devem pensar, como Madoc, que eu sou sua criatura. Mesmo depois que ele me humilhou, eu voltei rastejando de volta.

Mas e se eu realmente *estiver* ficando obcecada por ele?

Cardan é mais conhecedor do que eu do amor. Ele poderia usar isso contra mim, assim como eu pedi a ele para usá-lo contra Nicasia.

Talvez ele tenha encontrado uma maneira de virar a mesa depois de tudo.

Mate-o, uma parte de mim diz, uma parte da qual me lembro da noite em que o levei cativo. *Mate-o antes que ele faça você amá-lo*.

— Você não deveria estar sozinho — eu digo, porque se a Corte Submarina for atacar, não devemos dar a ele alvos fáceis. — Não essa noite.

Cardan sorri.

— Eu não planejei isso.

A implicação improvisada de que ele não está sozinho na maioria das noites me incomoda, e eu odeio isso.

— Bom — eu digo, engolindo esse sentimento, embora pareça engolir bile.

— Mas se você está pensando em levar alguém para a cama, ou melhor ainda, várias pessoas, escolha guardas. E depois se guardem com mais guardas.

— Uma verdadeira orgia. — Ele parece encantado com a ideia.

Eu continuo pensando no jeito firme que ele olhava para mim quando nós dois estávamos nus, antes que ele vestisse a camisa e prendesse aquelas algemas elegantes. *Deveríamos ter dado trégua*, ele disse, afastando o cabelo preto como tinta impacientemente.

Deveríamos ter dado trégua muito antes disso.

Mas nenhum de nós deu, não então, não depois.

Jude, ele disse, passando a mão na minha panturrilha, *você tem medo de mim?*

Eu limpo minha garganta, forçando as memórias para longe.

— Eu comando que você não se permita ficar sozinho do pôr do sol de hoje à noite para o nascer do sol de amanhã.

Ele recua, como se tivesse mordido. Ele não espera mais que eu dê ordens desse jeito arrogante, como se eu não confiasse nele.

O Grande Rei de Elfhame faz uma reverência superficial.

— Seu *desejo*... não, esqueça isso. Seu *comando* é meu comando — diz ele.

Eu não posso olhar para ele quando ele sai. Eu sou uma covarde. Talvez seja a dor na minha perna, talvez seja preocupação com meu irmão, mas uma parte de mim quer chamá-lo de volta, quer se desculpar. Finalmente, quando tenho certeza de que ele se foi, vou em direção à festa. Alguns passos e eu estou no corredor.

Madoc olha para mim de onde ele se inclina contra a parede.

Seus braços estão cruzados sobre o peito e ele balança a cabeça para mim.

— Isso nunca fez sentido para mim. Até agora.

Eu paro.

— O que?

— Eu estava chegando para pegar Oak quando ouvi você falando com o Grande Rei. Perdoe-me pela espionagem.

Eu mal posso pensar através do trovão em meus ouvidos.

— Não é o que você imag...

— Se não fosse, você não saberia o que eu pensava — conta Madoc. — Muito inteligente, filha. Não admira que você não tenha sido tentada por qualquer coisa que eu lhe oferecesse. Eu disse que não iria subestimá-la, e ainda sim. Eu subestimei você e subestimei tanto sua ambição quanto sua arrogância.

— Não — eu digo. — Você não entende...

— Oh, eu acho que sim — diz ele, não esperando que eu explique sobre o fato de Oak não estar pronto para o trono, sobre meu desejo de evitar derramamento de sangue, sobre como eu nem sequer sei se posso aguentar o que eu tenho por mais de um ano e um dia. Ele está zangado demais por isso. — Finalmente, finalmente entendi. Orlagh e a Corte Submarina nós vamos derrotar juntos. Mas quando eles se forem, seremos nós olhando através de um tabuleiro de xadrez um para o outro. E quando eu te fizer melhor, vou me certificar de fazer isso tão bem quanto qualquer oponente que tenha se mostrado igual a mim.

Antes que eu possa pensar no que dizer sobre isso, ele agarra meu braço, nos colocando juntos no gramado.

— Venha — diz ele. — Temos papéis ainda para jogar.

Do lado de fora, piscando no sol do fim da tarde, Madoc me deixa ir falar com alguns cavaleiros de pé em um nó apertado perto de uma piscina ornamental. Ele me dá um aceno quando sai, o aceno de alguém reconhecendo um oponente.

Um arrepio passa por mim. Quando o confrontei na Mansão Hollow depois de envenenar sua taça, achei que tinha nos tornado inimigos. Mas isso é muito pior. Ele sabe que estou entre ele e a coroa, e pouco importa se ele me ama ou me odeia, ele fará o que for preciso para arrancar esse poder de minhas mãos.

Sem outras opções, eu me dirijo ao labirinto em direção à celebração em seu centro.

Três voltas e parece que os foliões estão mais longe. Os sons se tornam abafados, e parece-me que o riso vem de todas as direções.

Os buxos são altos o suficiente para serem desorientadores.

Sete voltas e estou verdadeiramente perdida. Eu começo a voltar atrás, só para descobrir que o labirinto mudou por aí. Os caminhos não estão onde estavam antes.

Claro. Não pode ser apenas um labirinto normal. Não, tem que ser para me

pegar.

Eu me lembro que entre essa folhagem estão os membros da árvore, esperando para manter Oak seguro. Se eles são os que estão brincando comigo agora, eu não sei, mas pelo menos eu posso ter certeza de que algo está escutando quando falo.

— Eu vou cortar o meu caminho através de você — eu digo para as paredes frondosas. — Vamos começar a jogar de forma justa.

Galhos farfalham atrás de mim. Quando me volto, há um novo caminho.

— É melhor que seja o caminho para a festa — eu resmungo, começando por ele. Espero que isso não leve à masmorra secreta reservada às pessoas que ameaçam o labirinto.

Outro turno e chego a um trecho de pequenas flores brancas e uma torre de pedra construída em miniatura. De dentro, ouço um som estranho, meio rosnar e meio chorar.

Eu saco Cair da Noite. Não muitas coisas choram em Faerie. E as coisas chorosas que são mais comuns aqui, como *banshees*, são muito perigosas.

— Quem está aí? — Eu digo. — Saia ou eu vou entrar.

Estou surpreso ao ver Heather embaralhar em vista. Suas orelhas cresceram peludas e longas como as de um gato. Seu nariz é diferentemente modelado, e as pontas dos bigodes estão crescendo acima das sobrancelhas e das maçãs de suas bochechas.

Pior, já que não consigo enxergar através, não é um glamour. É

um verdadeiro feitiço de algum tipo, e eu não acho que isso seja feito com ela. Enquanto eu assisto, uma leve camada de pêlo cresce ao longo de seus braços em um padrão não muito diferente de um gato de tartaruga.

— O que ... o que aconteceu? — Eu gaguejo.

Ela abre a boca, mas em vez de uma resposta, um uivo depreciativo sai.

Apesar de tudo, eu rio. Não porque é engraçado, porque estou assustada. Então me sinto horrível, especialmente quando ela chia.

Eu me agacho, estremecendo ao puxar meus pontos.

— Não entre em pânico. Eu sinto muito. Você acabou de me pegar de surpresa. É por isso que eu te avisei para manter aquele amuleto em você.

Ela faz outro uivo sibilante.

— Sim — eu digo, suspirando. — Ninguém gosta de ouvir “eu te avisei”. Não se preocupe. Seja qual for o idiota que pensava que esta seria uma brincadeira divertida está prestes a ter muitos arrependimentos. Vamos.

Ela me segue, tremendo. Quando tento colocar um braço em volta dela, ela se

encolhe com outro silvo. Pelo menos ela continua de pé. Pelo menos ela é humana o suficiente para ficar comigo e não fugir.

Nós mergulhamos nas sebes e, desta vez, o labirinto não nos perturba. Em três turnos, estamos de pé entre os convidados. Uma fonte espirra suavemente, o som dela misturando-se com a conversa.

Eu olho em volta, procurando por alguém que conheço.

Taryn e Locke não estão lá. Muito provavelmente, eles foram a um pavilhão, onde farão votos privados um com o outro, seu verdadeiro casamento de fada, não testemunhado e misterioso. Em uma terra onde não há mentiras, as promessas não precisam ser públicas para serem obrigatórias.

Vivi corre para mim, pegando as mãos de Heather. Seus dedos se enrolaram sob a forma de uma pata.

— O que aconteceu? — Oriana exige.

— Heather? — Oak pergunta. Ela olha para ele com olhos que combinam com os da minha irmã. Eu me pergunto se isso era o coração da brincadeira. Um gato para uma menina de olhos de gato.

— Faça alguma coisa — diz Vivi a Oriana.

— Não sou habilidosa em encantamentos — diz ela. — Desfazer maldições nunca foi minha especialidade.

— Quem fez isto?

— *Eles* podem desfazer isso. — Minha voz tem um rosnado que me faz soar como Madoc. Vivi olha para cima com uma expressão estranha no rosto.

— Jude — Oriana adverte, mas Heather aponta com os nós dos dedos.

Ao lado de um trio de faunos que tocam flauta, há um menino com orelhas de gato. Eu passo através do labirinto em direção a ele.

Uma mão vai até o cabo da minha espada, toda a frustração que sinto por tudo que não posso controlar se curva para consertar essa coisa.

Minha outra mão solta a taça de vinho verde. O líquido se acumula no trevo antes de afundar na terra sob nossos pés.

— O que é isso? — Ele exige.

— Você colocou uma maldição sobre aquela garota ali — digo a ele. — A arrume *imediatamente*.

— Ela admirava minhas orelhas — diz o menino. — Eu estava apenas dando a ela o que ela desejava. Um favor de festa.

— Isso é o que eu vou dizer depois que eu estripar você e usar suas entranhas como serpentinhas — digo a ele. — *Eu estava apenas dando a ele o que ele queria. Afinal, se ele não quisesse ser eviscerado, ele teria honrado meu pedido*

muito razoável.

Com olhares furiosos para todos, ele atravessa a grama e fala algumas palavras. O encantamento começa a se dissipar. Heather começa a chorar de novo, enquanto sua humanidade retorna.

Soluços enormes soluços a sacodem.

— Eu quero ir — diz ela finalmente em uma voz trêmula e úmida. — Eu quero ir para casa agora e nunca mais voltar.

Vivi deveria tê-la preparado melhor, deveria ter certeza que ela sempre usava um feitiço, ou melhor ainda, dois. Ela nunca deveria ter deixado Heather sair sozinha.

Temo que, em certa medida, isso seja minha culpa. Taryn e eu escondemos de Vivi o pior do que era ser humano em Faerie. Eu acho que Vivi acreditava que, porque suas irmãs estavam bem, Heather também estaria. Mas nós nunca estávamos bem.

— Vai ficar tudo bem — Vivi está dizendo, esfregando as costas de Heather em círculos calmantes. — Você está bem. Apenas um pouco de estranheza. Mais tarde, você vai achar engraçado.

— Ela não vai pensar que foi engraçado — eu digo, e Vivi me lança um olhar irritado.

O soluço continua. Finalmente, Vivi coloca o dedo sob o queixo de Heather, levantando o rosto para olhar completamente para ela.

— Você está bem — Vivi diz novamente, e eu posso ouvir o glamour em sua voz. A magia faz o corpo inteiro de Heather relaxar.

— Você não se lembra da última meia hora. Você tem tido um ótimo momento no casamento, mas depois teve um vazamento. Você estava chorando porque machucou seu joelho. Isso não é bobo?

Heather olha em volta, envergonhada, e depois enxuga os olhos.

— Eu me sinto um pouco ridícula — diz ela com uma risada. — Eu acho que fiquei surpresa.

— Vivi — eu sibilo.

— Eu sei o que você vai dizer — Vivi me diz baixinho. — Mas é só desta vez. E antes que você pergunte, eu nunca fiz isso antes.

Mas ela não precisa se lembrar de tudo isso.

— Claro que sim — eu digo. — Ou ela não terá cuidado da próxima vez.

Estou com tanta raiva que mal posso falar, mas preciso fazer Vivi entender. Preciso fazê-la perceber que mesmo lembranças terríveis são melhores do que estranhas lacunas ou a sensação de que seus sentimentos não fazem sentido.

Mas antes que eu possa começar, o Fantasma está ao meu lado. Vulciber, ao lado dele. Ambos estão uniformizados.

— Venha conosco — diz o Fantasma, incaracteristicamente contundente.

— O que é isso? — Eu pergunto a eles, minha voz afiada. Ainda estou pensando em Vivi e Heather.

O Fantasma está tão sombrio quanto eu já o vi.

— A Corte Submarina fez a sua jogada.

Eu procuro por Oak, mas ele está onde eu o deixei momentos antes, com Oriana, vendo Heather insistir que ela está bem. Um pequeno cenho franze o espaço entre as sobrancelhas, mas ele parece completamente seguro de tudo menos influência ruim.

Cardan está do outro lado do gramado, perto de onde Taryn e Locke acabaram de voltar jurando seus votos. Taryn parece tímida, com as bochechas coradas. As pessoas correm para beijá-la, goblins e grigs, senhoras da corte e bruxas. O céu é brilhante em cima, o vento doce e cheio de flores.

— A Torre do Esquecimento. Vulciber insiste que você deveria vê-lo — diz a Bomba. Eu nem percebi ela andando. Ela está toda de preto, o cabelo preso em um coque apertado. — Jude?

Eu volto para meus espiões.

— Eu não entendo.

— Vamos explicar no caminho — diz Vulciber. — Você está pronta?

— Só um segundo. — Eu deveria parabenizar Taryn antes de sair. Beijar suas bochechas e dizer algo legal, e então ela saberá que eu estava aqui, mesmo que tivesse que ir. Mas quando olho para ela, avaliando a rapidez com que posso fazer isso, meu olhar alcança seus brincos.

Balançando de seus lóbulos são luas e estrelas. Os mesmos que eu esperava de Grimsen. Os que eu perdi no bosque. Ela não estava usando quando chegamos na carruagem, então ela deve tê-los...

Ao lado dela, Locke está sorrindo seu sorriso de raposa, e quando ele anda, ele tem um ligeiro mancar.

Por um momento, eu apenas olho, minha mente se recusando a reconhecer o que estou vendo. Locke. Foi Locke com os cavaleiros, Locke e seus amigos na noite antes de ele se casar. Uma despedida de solteiro. Eu acho que ele decidiu me pagar de volta por ameaçá-lo.

Isso, ou talvez ele sabia que nunca poderia permanecer fiel e decidiu ir atrás de mim antes de eu voltar para ele.

Eu dou uma última olhada para eles e percebo que não posso fazer nada

agora.

— Passe a notícia sobre a Corte Submarina para o grande general — digo à Bomba. — E certifique-se...

— Eu vou cuidar do seu irmão — ela me tranquiliza. — E o Grande Rei.

Virando as costas para o casamento, sigo Vulciber e o Fantasma. Cavalos amarelos com crinas longas estão nas proximidades, já selados e freados. Nós balançamos sobre eles e vamos para a prisão.



Do lado de fora, a única evidência de que algo pode estar errado são as ondas mais altas do que eu já vi. A água se acumulou nas lajes irregulares.

Dentro, vejo os corpos. Cavaleiros, deitados pálidos e imóveis.

Os poucos de costas têm água enchendo suas bocas como se seus lábios fossem as bordas dos copos. Outros estão deitados de lado.

Todos os seus olhos foram substituídos por pérolas.

Afogado em terra seca.

Corro pelas escadas, apavorada pela mãe de Cardan. Ela está lá, porém, viva, piscando para mim da escuridão. Por um momento, eu apenas fico na frente de sua célula, a mão no meu peito em alívio.

Então eu saco Cair da Noite e corto direto entre a barra e a fechadura. Faíscas voam e a porta se abre. Asha olha para mim com desconfiança.

— Vá — eu digo. — Esqueça nossas barganhas. Esqueça tudo.

Saia daqui.

— Por que você está fazendo isso? — Ela me pergunta.

— Por Cardan — eu digo. Deixo sem dizer a segunda parte: *porque sua mãe ainda está viva e a minha não, porque mesmo que ela te odeie, pelo menos ela deveria ter a chance de falar sobre isso.*

Com um olhar desnorteado para mim, ela começa a subir.

Preciso saber se Balekin ainda está preso, se ainda está vivo.

Eu me abaixei, escolhendo meu caminho através da escuridão com uma mão contra a parede e a outra segurando minha lâmina.

O Fantasma chama meu nome, provavelmente por causa da chegada abrupta de Asha na frente dele, mas eu estou atenta ao meu propósito. Meus pés ficam mais rápidos e mais seguros nos degraus em espiral.

Acho que a cela de Balekin está vazia, as barras dobradas e quebradas, seus tapetes opulentos molhados e cobertos de areia.

Orlagh levou Balekin. Roubou um príncipe de Faerie bem debaixo do meu nariz.

Eu amaldiçoo minha própria miopia. Eu sabia que eles estavam se encontrando, sabiam que estavam planejando juntos, mas eu tinha certeza, por causa de Nicasia, que Orlagh realmente queria que Cardan fosse o noivo do mar. Não me ocorreu que Orlagh agiria antes de ouvir uma resposta. E eu não acho que quando ela ameaçou tomar sangue, ela quis dizer Balekin.

Balekin. Seria difícil conseguir a coroa de Faerie na cabeça dele sem que Oak a colocasse lá. Mas se Cardan alguma vez abdicasse, isso significaria um período de instabilidade, outra coroação, outra chance para Balekin governar.

Eu penso em Oak, que não está pronto para nada disso. Penso em Cardan, que deve ser persuadido a se comprometer comigo de novo, especialmente agora.

Ainda estou xingando quando ouço uma onda atingir as rochas, com força suficiente para reverberar pela Torre. O Fantasma grita meu nome de novo, de mais perto do que eu esperava.

Eu me viro quando ele aparece no outro lado da sala. Ao seu lado estão três pessoas do mar, observando-me com olhos pálidos.

Leva-me um momento para juntar a imagem, para perceber que o Fantasma não é contido nem ameaçado. Para perceber que isso é uma traição.

Meu rosto fica quente. Eu quero sentir raiva, mas ao invés disso eu sinto um rugido na minha cabeça que supera todo o resto.

O mar bate novamente contra a costa, batendo na lateral da torre. Estou feliz que Cair da Noite já esteja na minha mão.

— Por quê? — pergunto, ouvindo as palavras de Nicasia batendo nos meus ouvidos como as ondas: *Alguém em quem você confia já o traiu.*

— Eu servi o Príncipe Dain — diz o fantasma. — Não você.

Eu começo a falar quando há um farfalhar atrás de mim. Então dor na parte de trás do meu crânio e nada mais.

LIVRO DOIS

ELES ROUBARAM A PEQUENA BRIDGET

PELO PERÍODO DE SETE ANOS;

QUANDO ELA RETORNOU

TODOS OS SEUS AMIGOS JÁ NÃO ESTAVAM LÁ.

ELES A TOMARAM RAPIDAMENTE DE VOLTA.

ENTRE A NOITE E A MANHÃ,

PENSARAM QUE ELA DORMIA
PROFUNDAMENTE,

MAS ELA HAVIA MORRIDO DE TRISTEZA.

ELES A MANTÉM DESDE ENTÃO

NAS PROFUNDEZAS DO LAGO,

EM UMA CAMA DE FOLHAS DE ÍRIS,

VELANDO ATÉ QUE ELA ACORDE.

— WILLIAM ALLINGHAM.
"AS FADAS"



image

Eu acordo no fundo do mar.

No começo, eu entro em pânico. Eu tenho água nos meus pulmões e uma pressão terrível no meu peito. Eu abro minha boca para gritar, e um som sai, mas não o que eu espero. Isso me assusta o suficiente para parar e perceber que não estou me afogando.

Eu estou viva. Estou respirando água, com dificuldade, mas estou respirando.

Embaixo de mim há uma cama em forma de coral de recife e acolchoada com algas marinhas, com longos galhos flutuando com a correnteza. Eu estou dentro de um prédio, que parece também de coral. Peixes passam pelas janelas.

Nicasia flutua no final da minha cama, com os pés substituídos por uma longa cauda. É como vê-la pela primeira vez na água, ver seu cabelo azul-esverdeado girando em torno dela e seus olhos pálidos brilharem sob as ondas. Ela era linda em terra, mas aqui ela parece elementar, aterrorizante em sua beleza.

— Isso é por Cardan — diz ela, pouco antes de ela balançar o punho e me

bate no estômago.

Eu não teria pensado que seria possível obter o impulso necessário para atacar alguém debaixo d'água, mas esse é o mundo dela e ela se conecta muito bem.

— Ai — eu digo. Eu tento tocar onde ela me bateu, mas meus pulsos estão presos em algemas pesadas e não vão tão longe. Eu viro minha cabeça, vendo bolas de ferro me ancorando no chão. Um novo pânico me agarra, trazendo consigo uma sensação de irreabilidade.

— Eu não sei o truque que você fez com ele, mas eu vou descobrir — diz ela, me irritando com o quão perto seu palpite vem à tona. Ainda assim, isso significa que ela não *sabe* de nada.

Eu me forço a me concentrar nisso, no aqui e agora, em descobrir o que posso fazer e traçar um plano. Mas é difícil quando estou muito zangada, zangada com o Fantasma por me trair, zangada com Nicasia, comigo mesma, sempre comigo, mais do que qualquer outra pessoa. Furiosa comigo mesmo por me enrolar nessa posição.

— O que aconteceu com Fantasma? — Eu cuspi fora. — Onde ele está?

Nicasia me dá um olhar de olhos estreitos.

— O que?

— Ele ajudou você a me sequestrar. Você pagou a ele? — Eu pergunto, tentando parecer calma. O que mais quero saber é o que não posso perguntar, ela conhece os planos de Fantasma para o Corte das Sombras? Mas para descobrir e pará-lo, devo fugir.

Nicasia coloca a mão no meu rosto, alisa o meu cabelo.

— Preocupe-se com você mesma.

Talvez ela só me queira por motivos de ciúme pessoal. Talvez eu ainda possa sair disso.

— Você acha que eu fiz um truque porque Cardan gosta de mim mais do que de você — eu digo. — Mas você atirou nele com um raio de besta. Claro que ele gosta mais de mim.

Seu rosto fica pálido, sua boca se abre em surpresa e depois se curva em raiva quando ela percebe o que estou querendo dizer... que eu disse a ele. Talvez não seja uma ótima ideia incitá-la a se enfurecer quando eu estou impotente, mas espero que ela seja incitada a me dizer por que estou aqui.

E quanto tempo devo ficar. O tempo já passou enquanto eu estava inconsciente. Momento em que Madoc está livre para planejar a guerra com seu novo conhecimento da minha influência sobre a coroa, quando Cardan é

inteiramente livre para fazer o que seu coração caótico deseja, quando Locke pode ridicularizar todos os que conseguir e atraí-los para seus dramas, quando o Conselho pode empurrar a capitulação para o mar, e eu não posso fazer nada para influenciar nada disso.

Quanto mais tempo passarei aqui? Quanto tempo antes que todos os cinco meses de trabalho sejam desfeitos? Eu penso em Val Moren jogando as coisas no ar e deixando-as cair ao seu redor. Seu rosto humano e seus olhos humanos antipáticos.

Nicasia parece ter recuperado a compostura, mas sua longa cauda balança para frente e para trás.

— Bem, você é nossa agora, mortal. Cardan vai se arrepender do dia em que depositou confiança em você.

Ela diz isso para que eu tenha mais medo, mas sinto um pouco de alívio. Eles não acham que tenho algum poder especial. Eles acham que eu tenho uma vulnerabilidade especial. Eles acham que podem me controlar como qualquer mortal.

Ainda assim, o alívio é a última coisa que devo mostrar.

— Sim, Cardan definitivamente deveria confiar mais em você.

Você parece realmente confiável. Não é como se você atualmente estivesse traindo ele.

Nicasia alcança uma bandoleira no peito e retira uma lâmina, um dente de tubarão. Segurando, ela olha para mim.

— Eu poderia te machucar, e você não se lembraria.

— Mas você sim — eu digo.

Ela sorri.

— Talvez isso seja algo para valorizar.

Meu coração troveja no meu peito, mas eu me recuso a mostrar isso.

— Quer que eu te mostre onde colocar a ponta? — Pergunto. — É um trabalho delicado, causar dor sem causar danos permanentes.

— Você é muito estúpida para ter medo?

— Oh, eu estou com medo — digo a ela. — Só não de você. Quem me trouxe aqui... sua mãe, presumo, e Balekin, tem um uso para mim. Eu tenho medo do que *seria* este uso, mas não de você, uma torturadora inepta que é irrelevante para os planos de todos.

Nicasia diz uma palavra e a dor sufocante entra em meus pulmões. Eu não posso respirar. Eu abro minha boca e a agonia só se intensifica.

Melhor acabar rápido, digo a mim mesma. Mas não é rápido o suficiente.



Da próxima vez que acordo, estou sozinha.

Eu deito lá, a água fluindo ao meu redor, os pulmões limpos.

Embora a cama ainda esteja debaixo de mim, estou ciente de flutuar acima dela.

Minha cabeça dói, e estou ciente de uma dor no estômago que é uma combinação de fome e dor depois de ser socada. A água está fria, um frio profundo que penetra em minhas veias, fazendo meu sangue ficar lento. Não sei por quanto tempo fiquei inconsciente, não tenho certeza de quanto tempo se passou desde que fui tirada da Torre. Enquanto o tempo passa e os peixes vêm para arrancar meus cabelos e rodear meus pés, nos pontos ao redor da minha ferida, a raiva se esvai e o desespero me enche. Desespero e arrependimentos.

Eu gostaria de ter beijado a bochecha de Taryn antes de sair. Eu gostaria de ter certeza que Vivi entendia que se ela amava um mortal, ela tinha que ser mais cuidadosa com ela. Eu gostaria de ter dito a Madoc que eu sempre pretendi que Oak tivesse o trono.

Eu gostaria de ter planejado mais planos. Eu gostaria de ter deixado mais instruções. Eu gostaria de nunca ter confiado no Fantasma.

Espero que Cardan tenha saudades de mim.

Não sei por quanto tempo flutuei assim, quantas vezes entro em pânico e puxo minhas correntes, quantas vezes o peso da água em cima de mim parece opressivo e engasgo com isso. Um tritão nada no quarto. Ele se move com imensa graça pela água. Seu cabelo é uma espécie de verde listrado, e as mesmas listras continuam em seu corpo. Seus grandes olhos brilham na luz indiferente.

Ele move as mãos e faz alguns sons que eu não entendo.

Então, obviamente, ajustando suas expectativas, ele fala novamente.

— Estou aqui para prepará-la para se juntar a Rainha Orlagh para o jantar. Se você me der algum problema, posso torná-la igualmente inconsciente. É assim que eu esperava encontrar você.

Eu aceno com a cabeça.

— Sem problemas. Entendi.

Mais tritões entram na sala, aqueles com caudas verdes e caudas amarelas e caudas pretas. Eles nadam em volta de mim, olhando com seus grandes olhos

brilhantes.

Um me tira da cama, e outro guia meu corpo para cima. Eu quase não tenho peso na água. Meu corpo vai para onde é empurrado.

Quando eles começam a me despir, eu entro em pânico novamente, uma espécie de resposta animal. Eu torço em seus braços, mas eles me seguram firme e puxam um vestido diáfano sobre minha cabeça. É ao mesmo tempo curto e fino, mal uma peça de roupa. Ele flui ao meu redor e tenho certeza que a maior parte do meu corpo é visível através dele. Eu tento não olhar para baixo, com medo de corar.

Então eu estou enrolada em cordas de pérolas, meu cabelo puxado para trás com uma coroa de conchas e uma rede de algas. A ferida na minha perna está revestida com um curativo de grama do mar. Finalmente, sou guiada pelo vasto palácio de corais, sua luz fraca pontuada por medusas brilhantes.

Os tritões levam-me a uma sala de banquetes sem teto, de modo que, quando olho para cima, vejo cardumes de peixes e até mesmo um tubarão acima de mim e, acima disso, a luz cintilante do que deve ser a superfície.

Eu acho que é dia.

A Rainha Orlagh está sentada em uma enorme cadeira semelhante a um trono em uma das extremidades da mesa, o corpo envolto por cracas e conchas, caranguejos e estrelas-do-mar vivas se arrastando sobre ela, corais em forma de leque e anêmonas brilhantes se movendo na correnteza.

Ela mesma parece impossivelmente real. Seus olhos negros se agarram em mim e eu recuo, sabendo que estou olhando para alguém que governou mais do que o período de gerações de vidas mortais.

Ao lado dela está sentada Nicasia, em uma cadeira apenas um pouco menos impressionante. E no outro extremo da mesa está Balekin, numa cadeira muito diminuída da delas.

— Jude Duarte — diz ele. — Agora você sabe como é ser um prisioneiro. Como é apodrecer em uma cela? Pensar que você vai morrer aí?

— Eu não sei — digo a ele. — Eu sempre soube que sairia.

Com isso, a Rainha Orlagh inclina a cabeça para trás e ri.

— Suponho que você tenha, de certa forma. Venha para mim. — Eu ouço o glamour em sua voz e lembro o que Nicasia disse sobre não lembrar o que ela fez comigo. Na verdade, eu deveria estar feliz por ela não ter feito algo pior.

Meu frágil vestido deixa claro que não estou usando nenhum charme. Eles não sabem o que Dain colocou em mim. Eles acreditam que sou totalmente suscetível a glamoures.

Eu posso fingir. Eu posso fazer isso.

Eu nado, mantendo meu rosto cuidadosamente em branco.

Orlagh olha profundamente nos meus olhos, e é terrivelmente difícil não desviar o olhar, manter meu rosto aberto e sincero.

— Nós somos seus amigos — diz Orlagh, acariciando minha bochecha com unhas compridas. — Você nos ama muito, mas nunca deve contar a ninguém o quanto fora dessa sala. Você é leal a nós e faria absolutamente qualquer coisa por nós. Não é verdade, Jude Duarte?

— Sim — eu digo prontamente.

— O que você faria por mim, peixinha? — Ela pergunta.

— Qualquer coisa, minha rainha — digo a ela.

Ela olha para a mesa em Balekin.

— Entende? É assim que se faz.

Ele parece mal-humorado. Ele pensa muito em si mesmo e finge estar sendo colocado em seu lugar. O mais velho dos filhos de Eldred, ele se ressentia de seu pai por não considerá-lo seriamente para o trono. Tenho certeza de que ele odeia o modo como Orlagh fala com ele. Se ele não precisasse dessa aliança, e se ele não estivesse em seu domínio, duvido que ele permitisse isso.

Talvez aqui esteja uma divisão para eu explorar.

Logo um desfile de pratos é trazido para fora em cloches cheios de ar, de modo que mesmo sob a água, eles estão secos até que sejam comidos.

Peixe cru, cortado em rosetas artísticas e formas astuciosas.

Ostras, perfumadas com algas marinhas assadas. Roe, brilhante vermelho e preto.

Não sei se é permitido comer sem receber permissão explícita, mas estou com fome e disposta a arriscar ser repreendida.

O peixe cru é leve e misturado em um verde apimentado. Eu não esperava gostar disso, mas eu gosto. Eu rapidamente engulo três tiras de atum rosa.

Minha cabeça ainda está doendo, mas meu estômago começa a ficar melhor.

Enquanto como, penso no que devo fazer: ouça atentamente e aja de todas as maneiras como se eu confiasse nelas, como se eu fosse leal a elas. Para fazer isso, devo me imaginar pelo menos na sombra desse sentimento.

Olho para Orlagh e imagino que foi ela, em vez de Madoc, que me criou, que eu era uma espécie de irmã de Nicasia, que às vezes era malvada, mas que acabava cuidando de mim. Em Balekin, minha imaginação se atrapalha, mas tento pensar nele como um novo membro da família, alguém em quem eu estava confiando porque todos os outros o faziam. Eu viro um sorriso para eles, um

sorriso generoso que quase não parece mentira.

Orlagh olha para mim.

— Conte-me sobre você, pequena peixinha.

O sorriso quase vacila, mas me concentro no meu estômago cheio, na maravilha e beleza da paisagem.

— Há pouco para saber — eu digo. — Eu sou uma garota mortal que foi criada em Faerie. Essa é a coisa mais interessante sobre mim.

Nicasia franze a testa.

— Você beijou Cardan?

— Isso é importante? — Balekin quer saber. Ele está comendo ostras, espetando-as uma após a outra com um garfo minúsculo.

Orlagh não responde, apenas acena para Nicasia. Eu gosto que ela faça isso, colocando sua filha acima de Balekin. É bom ter algo para gostar dela, algo para se concentrar em manter o calor na minha voz real.

— É importante se esse for o motivo pelo qual ele não concordou com uma aliança com a Corte Submarina — diz Nicasia.

— Eu não sei se devo responder — eu digo, olhando em volta no que espero parecer uma confusão honesta. — Mas sim.

A expressão de Nicasia se desmorona. Agora que estou "encantada", ela não parece pensar em mim como uma pessoa na frente de quem ela tem que fingir estoicismo.

— Mais de uma vez? Ele te ama?

Eu não percebi o quanto ela esperava que eu estivesse mentindo quando eu disse a ela que o beijei.

— Mais de uma vez, mas não. Ele não me ama. Nada como isto.

Nicasia olha para a mãe, inclinando a cabeça, indicando que obteve as respostas que queria.

— Seu pai deve estar muito bravo com você por arruinar todos os seus planos — diz Orlagh, voltando a conversa para outras coisas.

— Ele está — eu digo. Curta e grossa. Sem mentiras, não preciso contar.

— Por que o general não contou a Balekin sobre a paternidade de Oak? — Continua ela. — Isso não teria sido mais fácil do que limpar Elfhame para o príncipe Cardan depois de tomar a coroa?

— Eu não estou em sua confiança — eu digo. — Não então e definitivamente não agora. Tudo o que sei é que ele tinha um motivo.

— Sem dúvida — diz Balekin — ele pretendia me trair.

— Se Oak fosse o Grande Rei, então seria Madoc quem governava Elfhame

— digo, porque não é nada que eles não saibam.

— E você não queria isso. — Um criado entra com um pequeno lenço de seda cheio de peixe. Orlagh lança uma com uma longa unha, fazendo com que uma fina tira de sangue serpenteie em minha direção na água. — Interessante.

Como não é uma pergunta, não preciso responder.

Alguns outros servos começam a limpar os pratos.

— E você nos levaria para a porta de Oak? — Balekin pergunta.

— Levarnos ao mundo mortal e pegá-lo da sua irmã mais velha, trazendo-o de volta para nós?

— Claro — eu minto.

Balekin olha para Orlagh. Se eles pegassem Oak, eles poderiam criá-lo no fundo do mar, eles poderiam casar ele com Nicasia, eles poderiam ter uma linhagem Greenbriar própria, leal a Corte Submarina. Eles teriam opções além de Balekin para acesso ao trono, o que não poderia agradá-lo.

Um longo jogo, mas em Faerie, essa é uma maneira razoável de jogar.

— Esta criatura Grimsen — Orlagh pergunta à sua filha. — Você realmente acredita que ele pode fazer uma nova coroa?

Meu coração sente por um momento como se estivesse gaguejando até parar. Fico feliz que ninguém estava olhando para mim, porque naquele momento, não acredito que poderia ter escondido meu horror.

— Ele fez a Coroa de Sangue — diz Balekin. — Se ele fez isso, certamente ele pode fazer outra.

Se eles não precisam da Coroa de Sangue, eles não precisam do Oak. Eles não precisam promovê-lo, não precisam dele para colocar a coroa na cabeça de Balekin, não precisam dele vivo.

Orlagh lhe dá um olhar que é uma reprimenda. Ela espera pela resposta de Nicasia.

— Ele é um ferreiro — diz Nicasia. — Ele não pode forjar debaixo do mar, então ele sempre favorecerá a terra. Mas com a morte do Alderking, ele anseia por glória. Ele deseja ter um Grande Rei que lhe dê isso.

Esse é o plano deles, digo a mim mesma para tentar sufocar o pânico que sinto.

Eu conheço o plano deles. Se eu puder escapar, então eu posso pará-los.

Uma faca cai nas costas de Grimsen antes que ele termine a coroação.

Às vezes duvido da minha eficácia como senescal, mas nunca como matadora.

— Pequena peixinha — Orlagh diz, sua atenção voltando para mim. — Diga-

me o que Cardan prometeu a você para ajudá-lo.

— Mas ela... — Nicasia começa, mas o olhar de Orlagh a silencia.

— Filha — diz a Rainha da Corte Submarina — você não vê o que está bem debaixo do seu nariz. Cardan conseguiu um trono dessa garota. Pare de procurar o que ela tem sobre ele e comece a procurar o que ele tinha sobre ela.

Nicasia faz uma expressão petulante para mim.

— O que você quer dizer?

— Você disse que Cardan não se importava muito com ela. E

ainda assim ela o fez Grande Rei. Considere que talvez ele tenha percebido que ela seria útil e exploraria essa utilidade, através de beijos e lisonjas, assim como você cultivou o pequeno ferreiro.

Nicasia parece intrigada, como se todas as suas ideias do mundo estivessem perturbadas. Talvez ela não pensasse em Cardan como alguém capaz de planejar. Ainda assim, posso ver algo sobre isso agrada a ela. Se Cardan me seduziu para o lado dele, ela não precisa mais se preocupar que ele cuide de mim. Em vez disso, ela só precisa se preocupar com a minha utilidade.

— O que ele prometeu a você para conseguir a coroa de Elfhame? — Orlagh me pergunta com delicadeza.

— Eu sempre quis um lugar em Faerie. Ele me disse que me faria seu senescal e me colocaria em sua mão direita, como Val Moren na Corte de Eldred. Ele se certificaria de que eu fosse respeitada e até mesmo temida. — É uma mentira, é claro. Ele nunca me prometeu nada, e Dain prometeu muito menos que isso. Mas, ah, se alguém tivesse, se Madoc tivesse prometido teria sido muito difícil recusar.

— Você está me dizendo que você traiu seu pai e colocou esse tolo no trono em troca de um *emprego*? — Balekin exige incredulamente.

— Ser o Grande Rei de Elfhame também é um trabalho — eu retruco. — E olhe para o que foi sacrificado para conseguir isso. — Por um momento, paro, imaginando se falei com tanta severidade para eles acreditarem que ainda estou encantada, mas Orlagh apenas sorri.

— Verdade, minha querida — diz ela depois de uma pausa. — E

não estamos colocando nossa fé em Grimsen, mesmo quando oferecemos a ele uma recompensa não muito diferente.

Balekin parece infeliz, mas ele não discute isso. Muito mais fácil acreditar que Cardan era o mentor do que uma garota mortal.

Consigo comer mais três fatias de peixe e tomo uma espécie de arroz tostado e chá de algas marinhas por meio de um canudo esperto que o deixa sem

misturar com água do mar antes de ser levado a uma caverna marítima. Nicasia acompanha os guardas tritões que me levam até lá.

Isto não é um quarto de dormir, mas uma gaiola. Depois que sou empurrada, descubro que, enquanto ainda estou encharcada, meus arredores estão secos e cheios de ar que abruptamente não consigo respirar.

Eu sufoco, meu corpo se contrai em espasmos. E dos meus pulmões vem toda aquela água, junto com alguns pedaços de peixe parcialmente digerido.

Nicasia ri.

Então, com glamour pesado em sua voz, ela fala: — Este não é um quarto bonito?

O que vejo é apenas um chão de pedra áspera, sem móveis, sem nada.

Sua voz é sonhadora.

— Você vai amar a cama de dossel, envolta em colchas. E as pequenas mesas laterais e seu próprio pote de chá, ainda fumegando. Será perfeitamente quente e delicioso sempre que você tentar.

Ela coloca um copo de água do mar no chão. Eu acho que é o chá. Se eu beber, como ela sugere, meu corpo ficará rapidamente desidratado. Os mortais podem passar alguns dias sem água fresca, mas, como eu estava respirando a água do mar, talvez já esteja em apuros.

— Você sabe — ela diz, enquanto eu finjo admirar a sala, me revirando, sentindo-me tola — nada que eu pudesse fazer com você seria tão terrível quanto o que você faria a si mesma.

Eu me viro para ela, franzindo a testa, fingindo perplexidade.

— Não importa — ela diz, e me deixa passar o resto da noite jogando e girando no chão duro, tentando parecer que sinto que é o ápice do conforto.

image

Eu acordo com terríveis câimbras e tonturas. Suor frio na minha testa e meus membros tremem incontrolavelmente.

Na maior parte de um ano, venho envenenando meu corpo todos os dias. Meu sangue está acostumado com as doses, muito mais altas do que quando comecei. Viciado a elas, de modo que agora anseia pelo que uma vez rejeitou. Agora não posso ficar sem o veneno.

Eu deito no chão de pedra e tento organizar meus pensamentos.

Tento lembrar as muitas vezes que Madoc estava em uma campanha e dizer a mim mesma que ele estava desconfortável em cada uma delas. Às vezes ele dormia estendido no chão, com a cabeça apoiada em uma moita de ervas daninhas e seus próprios braços. Às vezes ele foi ferido e lutou mesmo assim. Ele não morreu.

Eu não vou morrer também.

Continuo me dizendo isso, mas não tenho certeza se acredito nisso.

Por dias, ninguém vem.

Eu desisto e bebo a água do mar.

Às vezes penso em Cardan enquanto estou deitada lá. Eu penso sobre como deve ter sido crescer como um membro honrado da família real, poderoso e não amado. Alimentado com leite de gato e negligência. Ser arbitrariamente espancado pelo irmão com quem você mais se parecia e que mais parecia se importar com você.

Imagine todos aqueles cortesãos curvando-se a você, permitindo que você assobie e bata neles. Mas não importa quantos deles você tenha humilhado ou magoado, você sempre saberia que alguém o acha digno de amor, quando ninguém jamais o considerou digno.

Apesar ter crescido entre as fadas, nem sempre entendo a maneira como pensam ou sentem. Eles são mais parecidos com mortais do que gostam de acreditar, mas no momento em que me permitir esquecer que eles não são humanos, eles farão algo para me lembrar. Só por essa razão, seria estupidez pensar que conhecia o coração de Cardan por sua história. Mas eu me pergunto sobre isso.

Eu me pergunto o que teria acontecido se eu dissesse a ele que estava em meus pensamentos.



Eles vêm até mim eventualmente. Eles me permitem um pouco de água, um pouco de comida. À essa altura, estou fraca demais para me preocupar em fingir estar encantada.

Eu lhes digo os detalhes que me lembro sobre a sala de estratégia de Madoc e o que ele pensa sobre as intenções de Orlagh.

Eu falo sobre o assassinato de meus pais em detalhes viscerais. Eu descrevo um aniversário, comprometo minha lealdade, explico como perdi meu dedo e como eu menti sobre isso.

Eu até minto para eles, ao seu comando.

E então eu tenho que fingir esquecer quando eles me dizem para esquecer. Eu tenho que fingir que me sinto satisfeita quando me disseram que eu festejei e fiquei bêbada com vinho imaginário quando tudo o que eu tive foi uma taça de água.

Eu tenho que permitir que eles me batam.

Eu não posso chorar.

Às vezes, quando estou deitada no chão de pedra fria, me pergunto se há um limite para o que vou deixar, se há algo que me faria reagir, mesmo que isso me condenasse.

Se existe, isso me torna uma idiota.

Mas talvez, se não houver, isso me torna um monstro.

— Garota mortal —, diz Balekin certa tarde, quando estamos sozinhos nas câmaras aquosas do palácio. Ele não gosta de usar o meu nome, talvez porque ele não goste de ter que lembrar, me achando tão descartável quanto todas as garotas humanas que vieram até a Mansão Hollow.

Eu estou fraca de desidratação. Eles regularmente esquecem de me dar água fresca e comida, encantando-me com o sustento ilusório quando eu imploro por isso. Estou tendo dificuldade em me concentrar em qualquer coisa.

Apesar do fato de Balekin e eu estarmos sozinhos em uma câmara de coral, com guardas nadando em patrulhas a intervalos que eu conto automaticamente, nem mesmo tento lutar e fugir. Eu não tenho arma e pouca força. Mesmo que eu fosse capaz de matar Balekin, eu não sou uma nadadora forte o suficiente para chegar à superfície antes que eles me pegassem.

Meu plano reduziu-se à perseverança, à sobreviver hora a hora, sem sol todos os dias.

Talvez eu não possa ser encantada, mas isso não significa que eu não possa ser quebrada.

Nicasia disse que sua mãe tem muitos palácios submarinos e que este, construído na rocha de Insweal e ao longo do fundo do mar abaixo dele, é apenas um deles. Mas, para mim, é um tormento constante estar tão perto de casa e ainda estar léguas abaixo dela.

Celas ficam penduradas na água por todo o palácio, algumas delas vazias, mas muitas delas contendo mortais de pele acinzentada, mortais que parecem estar mortos, mas ocasionalmente se mexem de maneiras que sugerem que não estão. Os *afogados*, os guardas às vezes os chamam e, mais do que tudo, é isso que temo ser. Lembro-me de ter visto a garota que tirei da casa de Balekin na coroação de Dain, a garota que se jogou no mar, a garota que certamente se afogou. Agora eu não tenho tanta certeza de que estava errada.

— Diga-me — diz Balekin hoje. — Por que meu irmão roubou minha coroa? Orlagh acha que ela entende, porque ela entende o desejo por poder, mas ela não entende Cardan. Ele nunca se importou muito com o trabalho duro. Ele gostava de encantar as pessoas, claro. Ele gostava de causar problemas, mas se

desesperava com o esforço real. E Nicasia admita ou não, ela também não entende. O Cardan que ela conhece pode ter manipulado você, mas não para isso.

Isso é um teste, eu penso incoerentemente. Um teste em que tenho que mentir, mas temo que minha capacidade de ser coerente tenha me abandonado.

— Eu não sou nenhum oráculo — eu digo, pensando em Val Moren e no refúgio que ele encontrou em enigmas.

— Então, adivinhe — diz ele. — Quando você desfilou na frente da minha cela na Torre do Esquecimento, você sugeriu que era porque eu tinha uma mão firme com ele. Mas você de todas as pessoas deveria acreditar que ele não tinha disciplina e que eu busquei sua melhora.

Ele deve estar se lembrando do torneio que Cardan e eu lutamos e do jeito que ele me atormentou. Estou enredada em lembranças, em mentiras. Estou exausta demais para inventar histórias.

— Na época em que eu o conheci, ele bêbado montou um cavalo durante uma lição de um professor respeitado, tentou me fazer de alimento de nixies e atacou alguém em uma festa — eu digo. — Ele não parecia ser disciplinado. Ele parecia ter o seu caminho o tempo todo.

Balekin parece surpreso.

— Ele buscou a atenção de Eldred — diz ele finalmente. — Para o bem ou para o mal, e principalmente para o mal.

— Então, talvez ele queira ser o Grande Rei por causa de Eldred — eu digo. — Ou para irritar sua memória.

Isso parece chamar a atenção de Balekin. Embora eu tenha dito isso apenas para desviar sua cabeça de pensar muito sobre os motivos de Cardan, uma vez que isso sai da minha boca, eu pondero se não há alguma verdade nisso.

— Ou porque ele estava bravo com você por cortar a cabeça de Eldred. Ou ser responsável pelas mortes de todos os seus irmãos. Ou porque ele estava com medo de que você pudesse matá-lo também.

Balekin se encolhe.

— Fique quieta — diz ele, e eu fico agradecida em silêncio.

Depois de um momento, ele olha para mim. — Diga-me qual de nós é digno de ser o Grande Rei, eu ou o Príncipe Cardan?

— Você é — eu digo facilmente, dando-lhe um olhar de adoração praticada. Eu não indico que Cardan não é mais um príncipe.

— E você diria a ele mesmo? — Pergunta ele.

— Eu diria a ele o que você quiser — eu digo com toda a sinceridade que

posso cansadamente reunir.

— Você iria até ele em seus aposentos e o apunhalaria de novo e de novo até que seu sangue vermelho acabasse? — Balekin pergunta, inclinando-se mais perto. Ele diz as palavras suavemente, como se para um amante. Não consigo controlar o estremecimento que me percorre e espero que ele acredite que seja outra coisa que não nojo.

— Por você? — Eu pergunto, fechando meus olhos contra sua proximidade.
— Para Orlagh? Seria um prazer.

Ele ri.

— Quanta selvageria.

Concordo com a cabeça, tentando conter a excitação com a idéia de ser enviada em uma missão longe do mar, tendo a oportunidade de escapar.

— Orlagh me deu tanto, me tratou como uma filha. Eu quero pagá-la. Apesar da beleza de meus aposentos e das delícias que me são dadas, não fui feita para ficar ociosa.

— Um belo discurso. Olhe para mim, Jude.

Eu abro meus olhos e olho para ele. O cabelo preto flutua ao redor do rosto e, aqui, sob a água, os espinhos nos nós dos dedos e os braços erguidos são visíveis, como as barbatanas espetadas de um peixe.

— Beije-me — diz ele.

— O que? — Minha surpresa é genuína.

— Você não quer? — Pergunta ele.

Isso não é nada, digo a mim mesmo, certamente melhor do que ser esbofeteado.

— Eu pensei que você fosse amante de Orlagh — digo a ele. — Ou Nicasia. Elas não se importam?

— Nem um pouco — ele me diz, observando atentamente.

Qualquer hesitação de minha parte parecerá suspeita, então eu me movo em direção a ele na água, pressionando meus lábios contra os dele. A água está fria, mas o beijo dele é mais frio.

Depois do que eu espero que seja um intervalo suficiente, eu recuo. Ele limpa a boca com as costas da mão, claramente enojado, mas quando ele olha para mim, há ganância em seus olhos.

— Agora me beije como se eu fosse o Cardan.

Para me comprar um momento de reflexão, olho em seus olhos de coruja, passo minhas mãos pelos braços cheios de espinhos. É claramente um teste. Ele quer saber quanto controle ele tem sobre mim. Mas acho que ele também quer

saber algo mais sobre seu irmão.

Eu me forço a me inclinar para frente novamente. Eles têm o mesmo cabelo preto, as mesmas maçãs do rosto. Tudo o que tenho que fazer é fingir.



No dia seguinte, eles me trazem uma jarra de água límpida do rio, que eu engulo gratamente. No outro, eles começam a me preparar para voltar à superfície.



O Grande Rei fez uma barganha para me recuperar.

Eu penso sobre os muitos comandos que dei a ele, mas nenhum foi específico o suficiente para ter ordenado que ele pagasse um resgate por meu retorno seguro. Ele estava livre de mim e agora está de bom grado me trazendo de volta.

Eu não sei o que isso significa. Talvez a política exigisse, talvez ele realmente não gostasse de ir às reuniões.

Tudo o que sei é que estou tonta de alívio, selvagem com o terror que isso seja algum tipo de jogo. Se não formos à superfície, receio não ser capaz de esconder a dor da decepção.

Balekin me “encanta” de novo, fazendo-me repetir minha lealdade a eles, meu amor, minha intenção assassina em relação a Cardan.

Balekin vem para a caverna, onde eu ando de um lado para o outro, cada um dos meus pés descalços sobre a pedra em meus ouvidos. Eu nunca estive tão sozinha, e nunca tive que desempenhar um papel por tanto tempo. Eu me sinto esvaziada, diminuída.

— Quando voltarmos a Elfhame, não poderemos nos ver com frequência — ele diz, como se isso fosse algo que eu sentiria falta.

Estou tão nervosa que não confio em mim mesmo para falar.

— Você virá à Mansão Hollow quando puder.

Eu penso com a ideia de que ele pretende viver em Hollow Hall, que ele não espera ser colocado na Torre. Suponho que a liberdade dele é parte do preço da minha libertação, e me surpreendo mais uma vez que Cardan concordou em pagá-lo.

Eu concordo.

— Se eu precisar de você, vou lhe dar um sinal, um pano vermelho jogado no seu caminho. Quando você ver, você deve vir imediatamente. Espero que você possa inventar alguma desculpa.

— Eu vou — eu digo, minha voz saindo muito alta em meus ouvidos.

— Você precisa recuperar a confiança do Grande Rei, pegá-lo sozinho e depois encontrar uma maneira de matá-lo. Não tente se as pessoas estiverem por perto. Você deve ser esperta, mesmo que leve mais de um encontro. E talvez você possa descobrir mais dos esquemas de seu pai. Quando Cardan estiver morto, precisaremos nos mover rapidamente para proteger as forças armadas.

— Sim — eu digo. Eu respiro e então me atrevo a perguntar o que eu realmente quero saber. — Você tem a coroa?

Ele franze a testa.

— Muito perto.

Por um longo momento, eu não falo. Eu deixo o silêncio se prolongar.

Nisso, Balekin fala.

— Grimsen precisa que você termine seu trabalho antes que ele consiga. Ele precisa do meu irmão morto.

— Ah — eu digo, minha mente correndo. Uma vez, Balekin arriscou-se a salvar Cardan, mas agora que Cardan fica entre ele e a coroa, ele parece disposto o suficiente a sacrificar seu irmão. Eu tento dar sentido a isso, mas não consigo me concentrar. Meus pensamentos continuam se afastando.

Balekin sorri com um sorriso de tubarão.

— É algo que importa?

Estou quase quebrada.

— Eu me sinto um pouco fraca — eu digo. — Eu não sei o que poderia estar errado. Eu lembro de comer. Pelo menos acho que me lembro de comer.

Ele me dá um olhar preocupado e pede um servo. Em alguns momentos, é trazido um prato de peixe cru, ostras e ovas escuras.

Ele observa com nojo enquanto eu devoro.

— Você vai evitar todos os encantos, entendeu? Nenhuma sorva, nenhum pacote de carvalho, cinzas e espinhos. Você não vai usá-los. Você não vai nem tocar nelas. Se você receber uma, você a lançará no fogo assim que puder fazer isso escondido.

— Eu entendo — eu digo. O servo não trouxe mais água fresca para mim, mas sim vinho. Eu bebo com avidez, sem me importar com o sabor estranho ou como isso vai para a minha cabeça.

Balekin me dá mais ordens e eu tento ouvir, mas quando ele sai, estou tonta com o vinho, exausta e doente.

Eu me enrosquei no chão frio da minha cela e, por um momento, logo antes de fechar os olhos, quase posso acreditar que estou no grande quarto que eles me conjuraram com seus encantos. Hoje à noite, a pedra parece um colchão de penas.

image

No dia seguinte, minha cabeça lateja quando sou mais uma vez vestida e meu cabelo é trançado. Tritões me colocaram em minhas próprias roupas – o vestido prateado que eu usei para o casamento de Taryn, agora desbotado pela exposição ao sal e desgastado por ter sido pego por criaturas submarinas. Eles até mesmo prendem Cair da Noite em mim, embora a bainha esteja enferrujada, e o couro pareça que alguma coisa o pisoteou.

Então eu sou levada a Balekin, vestido com as cores e usando o brasão da Corte Submarina. Ele me olha e põe novas pérolas nos meus ouvidos.

A Rainha Orlagh montou uma enorme procissão de gente do mar. Tritões, cavaleiros em enormes tartarugas e tubarões, os selkies em sua forma de foca, todos cortando a água. O povo nas tartarugas carrega longos estandartes vermelhos atrás deles.

Eu estou sentada em uma tartaruga, ao lado de uma sereia com duas bandoleiras de facas. Ela me agarra com firmeza e eu não luto, embora seja difícil ficar quieta. O medo é terrível, mas a combinação de esperança e medo é

pior. Eu me movo entre os dois, meu coração bate tão rápido e minha respiração está tão acelerada que minhas entranhas se sentem machucadas.

Quando começamos a subir, para cima e para cima, uma sensação de irrealidade me agarra.

Emergimos na superfície no trecho estreito entre Insweal e Insmire.

Na costa da ilha, Cardan está em uma capa forrada de pele, régio em um corcel malhado cinza. Ele está cercado por cavaleiros em armaduras de ouro e verde. De um lado dele está Madoc, em uma montaria robusta. No outro está Nihuar. As árvores estão cheias de arqueiros. O ouro martelado das folhas de carvalho na coroa de Cardan parece brilhar sob a luz fraca do pôr-do-sol.

Estou tremendo. Eu sinto que posso me abalar.

Orlagh fala de seu lugar no centro de nossa procissão.

— Rei de Elfhame, como combinamos, agora que você pagou meu preço, assegurei o retorno seguro de sua senescal. E eu a trago para você escoltada pelo novo Embaixador para a Corte Submarina, Balekin, da linhagem Greenbriar, filho de Eldred, seu irmão.

Esperamos que esta escolha lhe agrade, já que ele conhece tantos costumes da terra.

O rosto de Cardan é impossível de ler. Ele não olha para o irmão. Em vez disso, seu olhar vai impossivelmente para mim. Tudo em seu comportamento é gelado.

Sou pequena, diminuta, impotente.

Eu olho para baixo, porque senão, eu vou me comportar estupidamente.

Você pagou o meu preço, Orlagh disse a ele. O que ele poderia ter feito pelo meu retorno? Tento lembrar meus comandos, para lembrar se o forcei a isso.

— Você prometeu a ela inteira e saudável — diz Cardan.

— E você pode ver que ela está assim — diz Orlagh. Minha filha Nicasia, Princesa da Corte Submarina, irá ajudá-la chegar à terra com suas próprias mãos reais.

— Ajudá-la? — Diz Cardan. — Ela não deveria precisar de ajuda. Você a manteve na umidade e no frio por tempo demais.

— Talvez você não a queira mais — diz Orlagh. — Talvez você negociasse outra coisa em seu lugar, Rei de Elfhame.

— Eu vou tê-la — diz ele, soando possessivo e desdenhoso ao mesmo tempo. — E meu irmão será seu embaixador. Tudo será como nós concordamos.

Ele acena para dois guardas, que vão até onde eu estou sentada e me ajudam a descer, me ajudam a andar. Tenho vergonha das minhas pernas instáveis, da

minha fraqueza, do ridículo de ainda estar vestida com o vestido completamente inadequado de Oriana para uma festa de muito tempo atrás.

— Ainda não estamos em guerra — diz Orlagh. — Nem estamos em paz. Considere bem o seu próximo passo, rei da terra, agora que você sabe o custo do desafio.

Os cavaleiros me guiam para a terra e passam pelas outras fadas. Nem Cardan nem Madoc se viram quando passo por eles.

Uma carruagem está esperando em um curto caminho entre as árvores, e eu sou carregada pra dentro.

Uma cavaleira remove seu elmo. Eu já a vi antes, mas não a conheço.

— O general me instruiu a levá-la para sua casa — diz ela.

— Não — digo. — Eu tenho que ir ao palácio.

Ela não me contradiz, nem se cede.

— Eu devo fazer o que ele diz.

E embora eu saiba que eu deveria lutar, que uma vez eu teria, eu não luto. Eu deixo ela fechar a porta da carruagem. Eu me inclino para trás contra os assentos e fecho os olhos.

Quando acordo, os cavalos estão levantando poeira na frente da fortaleza de Madoc. A cavaleira abre a porta e Gnarbone levanta-me da carruagem tão facilmente quanto eu poderia ter levantado Oak, como se eu fosse feita de galhos e folhas em vez de carne terrena.

Ele me leva ao meu antigo quarto.

Tatterfell está esperando por nós. Ela arruma meu cabelo e tira meu vestido, levando Cair da Noite e me coloca para trocar de roupa.

Outro servo serve uma bandeja com uma caneca de quente chá e um prato de carne de veado sangrando em torradas. Sento-me no tapete e como, usando o pão amanteigado para absorver os sucos da carne.

Adormeço lá também. Quando acordo, Taryn está me sacudindo.

Eu pisco fracamente e tropeço aos meus pés.

— Estou acordada — eu digo. — Quanto tempo eu estive deitada?

Ela sacode a cabeça.

— Tatterfell diz que você esteve inconsciente durante todo o dia e noite. Ela temia que você estivesse com uma doença humana, por isso que ela me enviou. Vamos lá, pelo menos vá para a cama.

— Você está casada agora — eu digo, lembrando de repente.

Com isso vem a memória de Locke e dos cavaleiros, os brincos que eu deveria dar a ela. Tudo parece tão remoto, tão distante.

Ela balança a cabeça, colocando o pulso na minha testa.

— E você parece um fantasma. Mas eu não acho que você esteja com febre.

— Estou bem — eu digo, a mentira chegando automaticamente aos meus lábios. Eu tenho que chegar até Cardan e avisá-lo sobre o Fantasma. Eu tenho que ver a Corte das Sombras.

— Não seja tão orgulhosa — diz ela, e há lágrimas nos olhos. — Você desapareceu na minha noite de núpcias e eu nem soube que você tinha sumido até o amanhecer. Eu fiquei tão assustada.

“Quando a Corte Submarina mandou um recado falando, bem, o Grande Rei e Madoc culpavam um ao outro. Eu não tinha certeza do que iria acontecer. Todas as manhãs, eu ia até a beira da água e olhava para baixo, esperando poder ver você. Perguntei a todas as sereias se elas poderiam me dizer se você estava bem, mas ninguém o fez.

Eu tento imaginar o pânico que ela deve ter sentido, mas eu não consigo.

— Eles parecem ter trabalhado juntos apesar de suas diferenças — eu digo, pensando neles juntos na praia.

— Algo assim. — Ela faz uma careta, e eu tento sorrir.

Taryn me ajuda a deitar na minha cama, arrumando as almofadas atrás de mim. Sinto-me toda machucada, dolorida, cansada e mais mortal do que nunca.

— Vivi e Oak? — Eu pergunto. — Eles estão bem?

— Tudo bem — diz ela. — Voltaram para casa com Heather, que parece ter passado por sua visita ao Reino das Fadas sem muito drama.

— Ela estava *encantada* — eu digo.

Por um momento, vejo raiva cruzar seu rosto, cru e raro.

— Vivi não deveria fazer isso — diz Taryn.

Fico aliviada por não ser a única a pensar assim.

— Quanto tempo eu estive fora?

— Um pouco mais de um mês — diz ela, o que parece impossivelmente breve. Eu sinto como se tivesse envelhecido cem anos embaixo do mar.

Não só isso, mas agora estou mais do que na metade do ano e um dia prometido por Cardan. Afundo as almofadas e fecho os olhos.

— Ajude-me a levantar — eu digo.

Ela sacode a cabeça.

— Deixe as cozinheiras mandarem mais sopa.

Não é difícil me convencer. Como concessão, Taryn me ajuda a vestir roupas que antes eram muito apertadas e agora estão soltas.

Ela fica para me dar colheradas de sopa.

Quando ela está pronta para ir, ela puxa as saias e tira uma longa faca de caça de uma bainha presa a uma liga. Nesse momento, fica claro que crescemos na mesma casa.

Ela coloca a faca nos cobertores ao lado de um feitiço que ela tira do bolso.

— Aqui — diz ela. — Pegue-os. Eu sei que eles vão fazer você se sentir mais segura. Mas você deve descansar. Diga-me que você não fará nada precipitado.

— Eu mal posso ficar em pé sozinha.

Ela me dá um olhar severo.

— Nada precipitado — eu prometo a ela.

Ela me abraça antes de ir e eu fico um pouco um pouco sobre seus ombros, sentindo o cheiro humano de suor e pele. Sem oceano, sem agulhas de pinheiro ou sangue ou flores noturnas.

Eu cochilo com a mão na faca dela. Não tenho certeza quando acordo, mas é ao som de discussões.

— Quaisquer que sejam as ordens do Grande General, eu estou aqui para ver a senescal do Grande Rei e não vou aceitar mais desculpas! — É a voz de uma mulher, que eu meio reconheço. Eu saio da cama, indo para o corredor, onde posso olhar para baixo da sacada. Eu localizo Dulcamara da Corte dos Cupins. Ela olha para mim. Há um corte fresco no rosto dela.

— Seu perdão — ela chama de uma forma que deixa claro que ela não quer dizer nada do tipo. — Mas eu devo ter uma audiência.

Na verdade, estou aqui para lembrá-la de suas obrigações, incluindo essa.

Lembro-me de Lorde Roiben com seu cabelo branco como sal e a promessa que fiz a ele por apoiar o Cardan há meio ano. Ele comprometeu-se à coroa e ao novo Grande Rei, mas em uma condição específica.

Algum dia, pedirei a seu rei um favor, disse ele.

O que eu disse em troca? Eu tentei negociar: *Algo de igual valor. E dentro do nosso poder.*

Acho que ele mandou a Dulcamara para pedir por esse favor, embora eu não saiba que uso posso ter estando assim.

— Oriana está em sua sala de estar? Se não, mostre a Dulcamara, e falarei com ela lá — eu digo, segurando o corrimão para não cair. Os guardas de Madoc parecem infelizes, mas não me contradizem.

— Por aqui — diz um dos criados, e com um último olhar hostil para mim, Dulcamara segue.

Isso me deixa tempo para fazer o meu caminho instável descendo as escadas.

— As ordens de seu pai eram de que você não saísse — diz um dos guardas,

acostumado comigo sendo uma criança para ser cuidada e não a senescal do Grande Rei com quem alguém poderia se comportar com mais formalidade. — Ele queria que você descansasse.

— Com isso você quer dizer que ele *não* ordenou que eu não tivesse audiências aqui, mas apenas porque ele não pensou nisso. — O guarda não me contradiz, apenas franze a testa. — As preocupações dele – e as suas – são notadas.

Consigo chegar à sala de Oriana sem cair. E se eu segurar um pouco mais o acabamento de madeira em torno das janelas ou as bordas das mesas, não é tão horrível.

— Traga-nos um pouco de chá, por favor, tão quente quanto possível — eu digo a um servo que me observa um pouco de perto.

Ajoelhando-me, solto a parede e entro na sala, aceno para Dulcamara e afundo em uma cadeira, embora ela permanecesse em pé, com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Agora, vemos como é a lealdade de seu Grande Rei — diz ela, dando um passo em minha direção, com o rosto hostil o bastante para me perguntar se o propósito dela é mais do que falar.

O instinto é me colocar de pé.

— O que aconteceu?

Com isso, ela ri.

— Você sabe muito bem. Seu rei deu permissão ao Submarino para nos atacar. Veio duas noites atrás, do nada. Muitos de nosso povo foram mortos antes de entendermos o que estava acontecendo, e agora estamos sendo proibidos de retaliação.

— Proibidos de retaliar? — Eu penso no que Orlagh disse sobre não estar em guerra, mas como pode a terra não estar em guerra se o mar já atacou? Como o Grande Rei, Cardan deve a seus súditos o poder de seus militares – do exército de Madoc – quando estão sob ameaça. Mas negar a permissão de revidar era algo inédito.

Ela mostra os dentes.

— A consorte de Lorde Roiben foi ferida — diz ela. — Seriamente.

A pixie de pele verde e olhos negros que falava como se fosse mortal. Aquela na qual o líder aterrorizante da Corte de Cupins se deferia, ria com.

— Ela vai viver? — Eu pergunto, minha voz ficou suave.

— É bom que você torça que sim, mortal — diz Dulcamara. — Ou Lorde Roiben irá dobrar *sua* vontade para a destruição do seu rei menino, apesar dos

votos que ele fez.

— Nós lhe enviaremos cavaleiros — eu digo. — Deixe Elfhame corrigir o nosso erro.

Ela cospe no chão.

— Você não entende. Seu Grande Rei fez isso por você. Eram os termos sob os quais a Rainha Orlagh lhe devolveria. Balekin escolheu a Corte dos Cupins como alvo, a Corte Submarina nos atacou e seu Cardan permitiu. Não houve erro.

Eu fecho meus olhos e aperto a ponte do meu nariz.

— Não — eu digo. — Isso não é possível.

— Balekin há muito tempo tem um rancor contra nós, filha da poeira.

Eu recuo com o insulto, mas não a corrijo. Ela pode me atacar da maneira que preferir. A Alta Corte falhou com a Corte dos Cupins por minha causa.

— Nós nunca deveríamos ter nos juntado à Alta Corte. Nunca deveríamos ter nos comprometido ao seu tolo rei. Eu vim para entregar essa mensagem e uma mensagem mais. Você deve um favor a Lorde Roiben e é melhor que seja concedido.

Eu me preocupo com o que ele poderia me pedir. Um favor não identificado é algo perigoso de se dar, mesmo para um mortal que não pode ser forçado a honrá-lo.

— Temos nossos próprios espiões, senescal. Eles nos dizem que você é uma boa assassina. Aqui está o que queremos: *Mate o Príncipe Balekin*.

— Eu não posso fazer isso — eu digo, surpresa demais para medir minhas palavras. Não me sinto insultada por ela elogiar minha habilidade em matar, mas definir uma tarefa impossível também não é lisonja. — Ele é um embaixador do Submarino. Se eu o matasse, estaríamos em guerra.

— Então vá para a guerra. — Com isso, ela sai do quarto, deixando-me sentada na sala de Oriana quando a bandeja fumegante de chá chega.



Uma vez que ela se foi e o chá está frio, eu subo os degraus para o meu quarto. Lá, eu pego a faca de Taryn e a outra escondida debaixo da minha cama. Eu passo a borda de uma no bolso do meu vestido, cortando-o para que eu possa amarrar a faca na minha coxa e sacá-la rapidamente. Há muitas armas na casa de

Madoc – incluindo minha própria Cair da Noite – mas se eu começar a procurá-las e amarrá-las corretamente, os guardas certamente perceberão.

Preciso que eles acreditem que fui docilmente de volta para a cama.

Virando para o espelho, eu olho para ver se a faca está escondida debaixo do meu vestido. Por um momento, eu não conheço a pessoa olhando de volta para mim. Estou horrorizada com o que vejo – minha pele tem uma palidez doentia, meu peso diminuiu o suficiente para fazer meus membros parecerem frágeis e grudentos, meu rosto magro.

Eu me afasto, não querendo mais olhar.

Então saio para a varanda. Normalmente, não seria pouca coisa subir o corrimão e descer pela parede até o gramado. Mas quando coloco uma perna, percebo como as minhas pernas e braços se tornaram elásticos. Eu não acho que posso lidar com a descida.

Então eu faço a próxima melhor coisa: eu pulo.

image

Eu me levanto, manchas de grama nos meus joelhos, minhas palmas ardendo e sujas. Minha cabeça parece instável, como se eu ainda estivesse esperando me mover com a corrente, apesar de estar em terra.

Tomando algumas respirações profundas, aproveito a sensação do vento no meu rosto e os sons do farfalhar das folhas das árvores.

Eu estou cercada pelos aromas da terra, de Faerie, de casa.

Eu continuo pensando sobre o que Dulcamara disse: que Cardan se recusou a retaliar por causa do meu retorno seguro. Isso não pode ter deixado seus súditos felizes com ele. Não tenho certeza se Madoc pensaria que era uma boa estratégia. É por isso que é difícil imaginar por que ele concordou com isso, especialmente porque, se eu ficasse presa na Corte Submarina, ele estaria fora do meu controle. Eu nunca pensei que ele gostasse de mim o suficiente para me salvar. E eu não tenho certeza se ainda vou acreditar, a menos que eu ouça suas razões de seus lábios.

Mas por alguma razão ele me trouxe de volta, eu preciso avisá-

lo sobre o Fantasma, sobre Grimsen e a coroa, sobre o plano de Balekin de me transformar em sua assassina.

Eu começo a ir em direção ao palácio a pé, segura que os guardas levarão muito mais tempo para perceber que eu parti do que levaria aos trabalhadores do estábulo para notar uma montaria sumida. Ainda assim, estou respirando com dificuldade logo depois de começar. Na metade do caminho eu tenho que parar e descansar em um toco.

Você está bem, eu digo a mim mesma.

Levante-se.

Leva muito tempo para chegar ao palácio. Enquanto ando em direção às portas, eu levanto meus ombros e tento não mostrar o quão exausta estou.

— Senescal — diz um dos guardas do portão. — Perdão, mas você está impedida de entrar no palácio.

Você nunca vai me negar uma audiência ou dar uma ordem para me tirar do seu lado. Por um momento delirante, eu me pergunto se estive na Corte Submarina há mais tempo do que Taryn me contou. Talvez um ano e um dia tenha acabado. Mas isso é impossível. Eu estreito meu olhar.

— Por comando de quem?

— Desculpas, minha senhora — outro cavaleiro diz. Seu nome é Diarmad. Eu o reconheço como um cavaleiro que Madoc está de olho, alguém em quem ele confiaria. — O general, seu pai, deu a ordem.

— Eu tenho que ver o Grande Rei — eu digo, tentando usar um tom de comando, mas em vez disso, uma nota de pânico se insinua em minha voz.

— O Grande General nos disse para chamar uma carruagem para você se você viesse e, se necessário, andasse com você nela.

Você espera exigir a nossa presença?

Eu fico lá, furiosa e descontrolada.

— Não.

Cardan não *poderia* me recusar uma audiência, mas ele podia *permitir* que outra pessoa desse a ordem. Enquanto Madoc não pedisse a permissão de Cardan, isso não contradizia meus comandos. E não seria tão difícil descobrir o tipo de coisas que eu poderia ter comandado Cardan – afinal, a maior parte eram coisas que Madoc provavelmente teria ordenado ele mesmo.

Eu sabia que Madoc queria governar Faerie por trás do trono.

Não me ocorreu que ele pudesse encontrar um caminho para o lado de Cardan e me tirar de cena.

Eles brincaram comigo. Juntos ou separadamente, eles brincaram.

Meu estômago se agita com ansiedade.

A sensação de ser enganada, a vergonha, me assombra. Isso confunde meus pensamentos.

Lembro-me de Cardan sentado em cima do cavalo cinza malhado na praia, seu rosto impassível, manto de pelos e a coroa destacando sua semelhança com Eldred. Eu posso ter enganado até seu papel, mas eu não enganei a terra para recebê-lo. Ele tem poder de verdade e quanto mais tempo ele estiver no trono, maior será seu poder.

Ele se tornou o Grande Rei e fez isso sem mim.

Isso é tudo o que eu temia quando comecei com esse plano estúpido em primeiro lugar. Talvez Cardan não quisesse esse poder no começo, mas agora que ele tem, pertence a ele.

Mas a pior parte é que faz sentido que Cardan esteja fora do meu alcance, que ele seja inacessível para mim. Diarmad e o outro cavaleiro me impedindo nas portas do palácio é o cumprimento de um medo que eu tive desde que esta farsa começou. E, por mais terrível que pareça, também parece mais razoável do que aquilo que venho tentando me convencer há meses – que sou a senescal do Grande Rei das Fadas, que tenho poder real, que posso manter esse jogo acontecendo. A única coisa que me pergunto é por quê não me deixar definhando embaixo do mar?

Afastando-me do palácio, eu me dirijo através das árvores até onde há uma entrada para a Corte das Sombras. Eu só espero que eu não encontre o Fantasma. Se eu encontrar, não tenho certeza do que vai acontecer. Mas se eu puder encontrar o Barata e a Bomba, então talvez eu possa descansar um pouco. E obter as informações de que preciso. E mandar alguém cortar a garganta de Grimsen antes de completar a nova coroa.

Quando chego lá, porém, percebo que a entrada está em colapso. Não, conforme eu olho com mais cuidado, isso não está exatamente certo – há evidências de uma explosão. O que quer que destrísse essa entrada causou mais danos do que isso.

Não consigo respirar.

Ajoelhada nas agulhas de pinheiro, tento entender o que estou olhando, porque parece que a Corte das Sombras foi

enterrada

. Este deve ter sido o trabalho do Fantasma – embora os explosivos da Bomba pudessem ter causado danos precisos como este. Quando o Fantasma disse que ele não me deixaria ter a Corte das Sombras, eu não sabia que ele queria

destruí-la. Eu só espero que Van e Bomba estejam vivos.

Por favor, que eles estejam vivos.

E ainda assim, sem um jeito de encontrá-los, estou mais presa do que nunca. Aturdida, eu ando de volta para os jardins.

Um grupo de crianças de fadas se reuniu em torno de um palestrante. Um menino cotovia pega rosas azuis dos arbustos reais, enquanto Val Moren vagueia ao lado dele, fumando um longo cachimbo, seu corvo escaldado empoleirado em um dos ombros.

Seu cabelo está bagunçado em sua cabeça, emaranhado em lugares e trançado com um pano brilhante e sinos nos outros. Linhas de riso enrugam os cantos de sua boca.

— Você pode me levar para dentro do palácio? — Eu pergunto a ele. É um tiro no escuro, mas eu não me importo mais com o constrangimento. Se eu puder entrar, posso descobrir o que aconteceu com a Corte das Sombras. Eu posso chegar ao Cardan.

As sobancelhas de Val Moren se erguem.

— Você sabe o que são? — Ele me pergunta, acenando com a mão para o menino, que se vira para nos dar um olhar atento.

Talvez Val Moren não possa me ajudar. Talvez Faerie seja um lugar onde um louco pode bancar o tolo e parecer um profeta – mas talvez ele seja apenas um louco.

O garoto cotovia continua escolhendo seu buquê, cantarolando uma melodia.

— Fadas...? — Eu pergunto.

— Sim, sim. — Ele parece impaciente. — O povo do ar.

Insubstancial, incapaz de manter uma forma. Como as sementes de flores lançadas no céu.

O corvo escaldado grasna.

Val Moren dá um longo trago no cachimbo.

— Quando conheci Eldred, ele montava em um corcel branco como leite, e todas as imaginações da minha vida eram como pó e cinzas.

— Você o amava? — Eu pergunto.

— Claro que sim — ele me diz, mas parece que está falando há muito tempo, um conto antigo que ele só precisa contar da maneira como foi dito antes. — Assim que o conheci, todo o dever que sentia pela minha família ficou tão desgastado quanto um casaco velho. E

no momento em que suas mãos estavam em minha pele, eu teria queimado o moinho do meu pai até chão para que ele me tocasse novamente.

— Isso é amor? — Eu pergunto.

— Se não amor, — diz ele — algo muito parecido com isso.

Penso em Eldred como o conheci, envelhecido e curvado. Mas eu também me lembro dele do jeito que ele parecia mais jovem quando a coroa foi tirada de sua cabeça. Eu me pergunto quão mais jovem ele teria se tornado se ele não tivesse sido morto.

— Por favor — eu digo. — Apenas me ajude a entrar no palácio.

— Quando Eldred subiu em seu corcel branco — ele diz novamente, — ele me fez uma oferta.

‘Venha comigo’

, disse ele,

‘para

a terra sob a colina, e eu vou alimentá-lo com maçãs e mel, vinho e amor. Você nunca vai envelhecer, e tudo o que você deseja saber, você pode descobrir’

.

— Isso soa muito bom — eu admito.

— Nunca faça uma barganha com eles — ele me diz, pegando minha mão abruptamente. — Não uma sábia ou uma ruim, não uma boba ou uma estranha, mas especialmente não uma que soa muito boa.

Eu suspiro.

— Eu morei aqui quase toda a minha vida. Eu sei disso!

Minha voz assusta seu corvo, que salta de seu ombro para voar para o céu.

— Então saiba disso — Val Moren diz, olhando para mim. — Eu não posso te ajudar. Foi uma das coisas que eu desisti. Eu prometi a Eldred que, uma vez que me tornasse seu, renunciaria à toda humanidade. Eu nunca escolheria um mortal sobre uma fada.

— Mas Eldred está morto — insisto.

— E ainda minha promessa permanece. — Ele segura as mãos na frente dele em reconhecimento de seu desamparo.

— Somos humanos — eu digo. — Nós podemos mentir.

Podemos quebrar a nossa palavra. — Mas o olhar que ele me dirige é de pena, como se eu estivesse enganada.

Ao vê-lo sair, eu tomo uma decisão. Apenas uma pessoa tem uma razão para me ajudar, apenas uma pessoa que posso ter certeza.

Você virá a Hollow Hall quando puder

, Balekin me disse. Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

Eu me forço a andar, embora o caminho através do Bosque Leitoso não seja direto, e ele passa muito perto do mar para ser confortável para mim. Quando olho para a água, sinto um arrepio.

Não será fácil viver em uma ilha se eu sou atormentada pelas ondas.

Eu passo pelo Lago das Máscaras. Quando olho para baixo, vejo três duendes olhando para mim com aparente preocupação. Eu mergulho minhas mãos e esfrego meu rosto com a água fresca. Eu até bebo um pouco, mesmo que seja água mágica e que eu não tenha certeza se é seguro. Ainda assim, a água doce era muito querida para eu deixar passar uma oportunidade de bebê-la.

Quando a Mansão Hollow está à vista, paro por um momento, para respirar e tomar coragem.

Eu ando até a porta da maneira mais ousada que posso. A aldrava na porta é um piercing no nariz de um rosto sinistro e esculpido. Levanto a mão para tocar o anel e os olhos da escultura se abrem.

— Eu me lembro de você — diz a porta. — A senhora do meu príncipe.

— Você está enganado — eu digo.

— Raramente. — A porta se abre com um leve rangido que indica desuso. — Salve e seja bem-vinda.

A Mansão Hollow está vazia de servos e guardas. Sem dúvida, é difícil para o Príncipe Balekin convencer qualquer um das fadas a servi-lo quando ele é tão claramente uma criatura da Corte Submarina. E eu efetivamente cortei sua habilidade de enganar os mortais para o tipo de servidão horrível em que ele está mais interessado. Eu ando pelas salas ecoando até uma sala de estar, onde Balekin está bebendo vinho rodeado por uma dúzia de espessas velas da coluna. Acima de sua cabeça, mariposas vermelhas dançam. Ele as deixou para trás no Submarino, mas agora que ele está de volta, elas circulam em torno dele como uma chama de vela.

— Alguém viu você? — Pergunta ele.

— Acredito que não — eu digo com uma reverência.

Ele se levanta, vai até uma grande mesa e levanta um pequeno frasco de vidro.

— Eu suponho que você não tenha conseguido matar meu irmão?

— Madoc me mandou embora do palácio — eu digo. — Acho que ele teme minha influência sobre o Grande Rei, mas não posso fazer nada a Cardan se não for permitida vê-lo.

Balekin toma outro gole de seu vinho e caminha até mim.

— Vai haver uma festa, um baile de máscaras para homenagear um dos

lordes de corte inferior. Vai ser amanhã, e se você for capaz de se livrar do Madoc, vou encontrar uma maneira de conseguir fazer você entrar. Você pode adquirir uma fantasia e se mascarar, ou você também precisará de mim pra isso?

— Eu posso me fantasiar — eu digo.

— Bom — Ele segura o frasco. — O esfaqueamento seria muito dramático em tal situação pública, mas o veneno é muito mais fácil.

Eu quero que você leve isto com você até que você tenha um momento a sós com ele, então você deve adicionar isto ao vinho dele em segredo.

— Eu vou — eu juro.

Então ele pega meu queixo, glamour em sua voz.

— Diga-me que você é minha, Jude.

Quando ele coloca o frasco na minha mão, meus dedos se fecham sobre ele.

— Eu sou sua criatura, príncipe Balekin — eu digo, olhando em seus olhos e mentindo com todo o meu coração partido. — Faça comigo o que você quiser. Eu sou sua.

image

Quando estou prestes a sair da Mansão Hollow, de repente sou assolada por uma onda de exaustão. Sento-me nos degraus, tonta, e espero que a sensação passe. Um plano está crescendo em minha mente, um plano que requer a cobertura do escuro e eu estar bem descansada e razoavelmente bem equipada.

Eu poderia ir para a casa de Taryn, mas Locke estaria lá, e ele tentou me matar uma vez.

Eu poderia voltar para casa de Madoc, mas se eu fizer isso, é provável que os servos tenham sido instruídos a me enrolar em cobertores felpudos e me manter em um cativado amortecido até que Cardan não esteja mais sob o meu comando, e jure obedecer ao seu Grande General.

Horrorosamente, me pergunto se a melhor coisa a fazer é ficar *aqui*. Não há servos, ninguém para me incomodar a não ser Balekin, e ele está preocupado. Duvido que ele notasse a minha presença nesta casa enorme e ecoante.

Eu quero ser prática, mas é muito difícil quando isso significa lutar contra instintos que me dizem para correr o mais longe e o mais rápido possível de

Balekin. Mas eu já estou esgotada.

Tendo passado pela Mansão Hollow várias vezes antes, conheço o caminho para as cozinhas. Eu bebo mais água da bomba logo depois, encontrando-me desesperadamente com sede. Então, subo os degraus até onde Cardan dormia. As paredes são tão vazias quanto eu me lembro, a cama de dossel domina a sala com suas esculturas de garotas-gatas dançando, com os seios nus.

Ele tinha livros e papéis – agora desaparecidos – mas o armário ainda está cheio de roupas extravagantes e abandonadas. Suponho que elas não sejam mais ridículos o suficiente para o Grande Rei.

Mas, mais do que algumas são negras como a noite, e há calças justas que serão fáceis de mover. Eu rastejo na cama de Cardan, e embora eu tenha medo de me mexer e ficar nervosa, eu me surpreendo deslizando imediatamente para um sono profundo e sem sonhos.

Ao acordar ao luar, vou até o armário dele e me visto com a mais simples das suas roupas – um gibão de veludo que arranco pérolas do colarinho e dos punhos, junto com leggings simples e suaves.

Eu parto novamente, me sentindo menos vacilante. Quando eu atravesso as cozinhas, eu acho pouco em termos de comida, mas há um canto do pão duro que eu mastigo enquanto ando pela escuridão.

O Palácio de Elfhame é um monte enorme com a maioria das câmaras importantes – incluindo a enorme sala do trono – no subsolo.

No pico há uma árvore, suas raízes se desgastando mais profundamente do que poderia vir de qualquer coisa que não magia.

Logo abaixo da árvore, no entanto, são as poucas salas que têm painéis de cristal fino deixando entrar a luz. São quartos antiquados, como o que Cardan uma vez incendiou e onde Nicasia saiu do guarda-roupa para atirar nele.

Aquela sala agora está selada, as portas duplas bloqueadas e trancadas de modo que a passagem para as câmaras reais não possa ser acessada. Seria impossível entrar dentro do palácio.

Mas eu vou subir a colina.

Silenciosamente, furtivamente, eu parto, afundando minhas duas facas na terra, me levantando, colocando meus pés em pedras e raízes, e depois fazendo de novo. Mais e mais eu vou. Vejo morcegos sobrevoando e congelando, desejando que eles não sejam os olhos de ninguém. Uma coruja chama de uma árvore próxima e percebo quantas coisas poderiam estar me observando. Tudo o que posso fazer é ir mais rápido. Estou quase no primeiro conjunto de janelas quando a fraqueza me atinge.

Eu cerro os dentes e tento ignorar o tremor das minhas mãos, a instabilidade do meu passo. Estou respirando rápido demais e tudo que quero fazer é me dar um descanso. Tenho certeza, no entanto, que se eu fizer isso, meus músculos ficarão rígidos e eu não poderei começar de novo. Eu continuo indo, embora todo o meu corpo doa.

Então enfio uma das facas na terra e tento me levantar, mas meu braço está fraco demais. Eu não posso fazer isso. Eu olho para a colina íngreme e rochosa, para as luzes cintilantes ao redor da entrada da rua. Por um momento, minha visão se confunde, e me pergunto o que aconteceria se eu simplesmente desistisse.

O que é um pensamento estúpido. O que aconteceria é que eu irir cair da colina, bateria com a cabeça e me machucaria muito.

Eu me seguro, me arrastando em direção às vidraças. Eu olhei os mapas do palácio vezes o suficiente para que eu só tenha que olhar em três antes de encontrar o correto. Parece que existe apenas escuridão, mas eu começo a trabalhar, lascando o cristal com a faca até que ele se rompa.

Eu envolvo minhas mãos na manga do gibão e quebro pedaços dele. Então caio na escuridão dos aposentos que Cardan abandonou.

As paredes e móveis ainda cheiram a fumaça e vinho azedo. Eu faço meu caminho por toque até o armário.

A partir daí é fácil abrir a passagem e percorrer o corredor, descendo o caminho em espiral até a câmara real.

Eu escorrego no quarto de Cardan. Embora ainda não seja amanhecer, tenho sorte. A sala está vazia de folia. Nenhum cortesão cochila nas almofadas ou na cama. Eu ando até onde ele dorme e pressiono minha mão sobre sua boca.

Ele acorda, lutando contra o meu aperto. Eu pressiono com força o suficiente para que eu possa sentir seus dentes contra a minha pele.

Ele agarra minha garganta e, por um momento, estou com medo de não ser forte o suficiente, de que meu treinamento não seja bom o suficiente. Então seu corpo relaxa completamente, como se percebesse quem eu sou.

Ele não deveria relaxar assim.

— Ele me enviou para matar você — eu sussurro contra seu ouvido.

Um arrepio percorre seu corpo, e sua mão vai para a minha cintura, mas ao invés de me afastar, ele me puxa para a cama com ele, rolando meu corpo sobre ele, sobre as cobertas pesadamente bordadas.

Minha mão escorrega de sua boca, e estou nervosa por me encontrar aqui, na mesma cama em que me senti humana demais para ficar, ao lado de alguém que

me apavora quanto mais sinto por ele.

— Balekin e Orlagh estão planejando o seu assassinato — eu digo, perturbada.

— Sim — ele diz preguiçosamente. — Então, por que eu acordei?

Estou sem jeito consciente de sua fisicalidade, do momento em que ele estava meio acordado e me puxou contra ele.

— Porque eu sou difícil de encantar — eu digo.

Isso faz com que ele dê uma risada suave. Ele estende a mão e toca meu cabelo, traçando a cavidade da minha bochecha.

— Eu poderia ter dito isso ao meu irmão — diz ele, com uma suavidade em sua voz para a qual eu estou totalmente despreparada.

— Se você não tivesse permitido que Madoc me impedisse de te ver, eu poderia ter lhe dito tudo isso mais cedo. Eu tenho informações que não podem esperar.

Cardan sacode a cabeça.

— Eu não sei do que você está falando. Madoc me disse que você estava descansando e que devíamos deixar você se curar.

Eu franzo a testa.

— Entendo. E nesse ínterim, Madoc sem dúvida tomaria o meu lugar como seu conselheiro — digo a Cardan. — Ele deu ordens à sua guarda para me manter fora do palácio.

— Eu lhes darei ordens diferentes — diz Cardan. Ele se senta na cama. Ele está nu até a cintura, sua pele prateada no brilho suave das luzes mágicas. Ele continua olhando para mim desse jeito estranho, como se nunca tivesse me visto antes ou como se achasse que nunca mais me veria.

— Cardan? — Eu digo, seu nome parecendo estranho na minha língua. — Uma representante da Corte dos Cupins veio me ver. Ela me disse algo...

— O que eles pediram em troca de você — diz ele. — Eu sei todas as coisas que você vai dizer. Que foi tolice concordar em pagar seu preço. Isso desestabiliza minha regra. Que foi um teste de minhas vulnerabilidades e que eu falhei. Até mesmo Madoc acreditava que era uma traição às minhas obrigações, embora suas alternativas também não fossem exatamente diplomáticas. Mas você não conhece Balekin e Nicasia como eu — melhor eles acharem que você é importante para mim do que acreditar que o que eles fazem para você é sem consequências.

Reflico como me trataram quando acreditaram que eu era valiosa e estremeço.

— Eu pensei e pensei desde que você se foi, e há algo que eu gostaria de

dizer. — O rosto de Cardan é sério, quase grave, de uma maneira que ele raramente se permite ser. — Quando meu pai me mandou embora, a princípio tentei provar que não era nada parecido com ele. Mas quando isso não funcionou, tentei ser exatamente o que ele acreditava que eu era. Se ele pensasse que eu era ruim, eu seria pior. Se ele pensasse que eu era cruel, eu seria horripilante. Eu viveria de acordo com todas as suas expectativas. Se eu não pudesse ter o favor dele, então eu teria sua ira.

“Balekin não sabia o que fazer comigo. Ele me fez assistir aos seus deboche, me fez servir vinho e comida para mostrar seu príncipezinho manso. Quando fiquei mais velho e mais mal-humorado, ele passou a gostar de ter alguém para disciplinar. Suas decepções foram minhas amarras, suas inseguranças, meus defeitos.

E ainda assim, ele foi a primeira pessoa que viu algo em mim que ele gostava — ele mesmo. Ele encorajou toda a minha crueldade, inflamou toda a minha raiva. E eu fiquei pior.

“Eu não fui gentil, Jude. Não para muitas pessoas. Não para você. Eu não tinha certeza se queria você ou se queria que você desaparecesse da minha vista para que eu parasse de me sentir como eu sentia, o que me deixou ainda mais indelicado. Mas quando você se foi, verdadeiramente foi abaixo das ondas, eu me odiava como nunca antes.

Estou tão surpresa com as palavras dele que continuo tentando encontrar o truque nelas. Ele não pode realmente querer dizer o que está dizendo.

— Talvez eu seja tolo, mas não sou idiota. Você gosta de alguma coisa sobre mim — ele diz, com malícia iluminando seu rosto, tornando seus planos mais familiares. — O desafio? Meus lindos olhos? Não importa, porque há mais que você não gosta e eu sei disso. Eu não posso confiar em você. Ainda assim, quando você se foi, eu tive que tomar muitas decisões, e muito do que eu fiz certo foi imaginando você ao meu lado, Jude, me dando um monte de ordens ridículas que eu ainda assim obedeceria.

Eu fico sem fala.

Ele ri, sua mão quente indo para o meu ombro.

— Ou eu te surpreendi ou você está tão doente quanto Madoc alegou.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, antes que eu possa descobrir o que posso dizer, uma besta de repente é abaixada até mim. Atrás está Barata, com Bomba em seus calcanhares, adagas gêmeas em suas mãos.

— Vossa Majestade, nós a rastreamos. Ela veio da casa do seu irmão e está aqui para te matar. Por favor, saia da cama — diz Bomba.

— Isso é ridículo — eu digo.

— Se isso for verdade, mostre-me os amuletos que você está usando — diz Barata — Sorva? Tem sal em seus bolsos? Porque a Jude que eu conheço não sairia por aí sem nada.

Meus bolsos estão vazios, é claro, já que Balekin verificaria qualquer coisa, e eu não preciso disso de qualquer maneira. Mas isso não me dá muitas opções em termos de prova. Eu poderia contar a eles sobre os geas de Dain, mas eles não têm motivos para acreditar em mim.

— Por favor, saia da cama, Majestade — repete Bomba.

— Eu deveria ser a pessoa a sair, não é minha cama — eu digo, movendo-me em direção ao estribo.

— Fique onde você está, Jude — diz Barata.

Cardan sai dos lençóis. Ele está nu, o que é brevemente chocante, mas ele vai e veste um roupão pesadamente bordado sem aparente vergonha. Sua cauda levemente peluda se contorce para frente e para trás em aborrecimento.

— Ela me acordou — diz ele. — Se ela estava decidida a matar, esse é o caminho mais difícil a percorrer.

— Esvazie seus bolsos — diz Barata. — Vamos ver suas armas. Coloque tudo na cama.

Cardan se acomoda em uma cadeira, seu roupão se assentando ao redor dele como um manto de estado.

Tenho pouco. O pedaço de pão, roído mas inacabado. Duas facas, com sujeira e grama. E o frasco com tampa.

Bomba levanta e olha para mim, sacudindo a cabeça. — Aqui vamos nós. Onde você conseguiu isso?

— De Balekin — eu digo, exasperada — Que tentou me encantar para assassinar Cardan, porque ele precisa dele morto para persuadir Grimsen a fazer para ele sua própria coroa de Elfhame. E

foi isso que eu contei ao Grande Rei. Eu teria dito a vocês primeiro, mas não consegui chegar na Corte das Sombras.

Bomba e Barata compartilham um olhar incrédulo.

— Se eu estivesse realmente encantada, eu não teria lhe dito nada disso, teria?

— Provavelmente não — diz Bomba. — Mas seria uma peça inteligente de direcionamento.

— Eu não posso ser encantada — eu admito. — É parte de uma barganha que fiz com o príncipe Dain, em troca do meu serviço como espiã.

As sobrancelhas de Barata sobem. Cardan me lança um olhar penetrante, como se algo relacionado a Dain não fosse bom. Ou talvez ele esteja surpreso por eu ter outro segredo.

— Eu me perguntava o que ele lhe dava para fazer com que você jogasse sua sorte conosco — diz Bomba.

— Principalmente um propósito — eu digo — mas também a capacidade de resistir a encantos.

— Você ainda pode estar mentindo — diz Barata. Ele se vira para Cardan. — Teste ela.

— Desculpe? — Cardan diz, se levantando, e Barata parece de repente se lembrar de quem ele está falando de uma maneira tão descontrolada.

— Não seja uma rosa tão espinhosa, Vossa Majestade — diz Barata com um encolher de ombros e um sorriso. — Eu não estou lhe dando uma ordem. Eu estou sugerindo que se você tentasse encantar Jude, poderíamos descobrir a verdade.

Cardan suspira e caminha em minha direção. Eu sei que isso é necessário. Eu sei que ele não pretende me machucar. Eu sei que ele não pode me encantar. E ainda assim eu recuo automaticamente.

— Jude? — Pergunta ele.

— Vá em frente — eu digo.

Eu ouço o encanto entrar em sua voz, inebriante e sedutor e mais poderoso do que eu esperava.

— Rasteje para mim — diz ele com um sorriso. O embaraço passa por minhas bochechas.

Eu fico onde estou olhando todos os rostos deles.

— Satisfeitos?

Bomba acena com a cabeça.

— Você não está encantada.

— Agora me diga por que eu deveria confiar em vocês — eu digo a ela e Barata. — Fantasma veio, com Vulciber, para me levar à Torre do Esquecimento. Incitou-me a ir sozinha, levou-me para onde eu devia ser capturada, tudo porque ele não queria que eu tivesse a Corte das Sombras de Dain. Algum de vocês estava envolvido com ele?

— Nós não sabíamos o que estava acontecendo com Fantasma até que fosse tarde demais — diz Barata.

Eu concordo.

— Eu vi a antiga entrada da floresta para a Corte das Sombras.

— O Fantasma ativou alguns de nossos próprios explosivos. — Ele abaixa a cabeça em direção à Bomba, que acena com a cabeça.

— Desmoronou parte do castelo, junto com o covil da Corte das Sombras, sem mencionar as velhas catacumbas onde estão os ossos de Mab — diz Cardan.

— Ele estava planejando isso há algum tempo. Consegui evitar que fosse pior — diz ela. — Alguns de nós saíram ilesos – Crânio do Dragão está bem e viu você subindo a colina do palácio. Mas muitos ficaram feridos na explosão. O *sluagh* – Niniel – ficou gravemente queimado.

— E Fantasma? — Eu pergunto.

— Ele está por aí — diz a bomba. — Se foi. Nós não sabemos onde.

Eu me lembro de que, desde que Bomba e Barata estejam bem, as coisas poderiam ter sido muito piores.

— Agora que estamos todos na mesma página triste — diz Cardan. — Devemos discutir o que fazer a seguir.

— Se Balekin acha que pode me levar para o baile de máscaras, então deixe-o dobrar sua vontade para esse objetivo. Eu vou jogar junto. — Eu paro e me viro para Cardan. — Ou eu poderia apenas matá-lo.

Barata bate a mão na parte de trás do meu pescoço com uma risada.

— Você se saiu bem, garota, você sabe disso? Você saiu do mar ainda mais forte do que entrou.

Eu tenho que olhar para baixo porque estou surpresa com o quanto eu queria ouvir alguém dizer isso. Quando olho para trás, Cardan está me observando atentamente. Ele parece ferido.

Balanço a cabeça, para impedi-lo de dizer o que quer que esteja pensando.

— Balekin é o Embaixador da Corte Submarina — diz ele em vez disso, um eco das minhas próprias palavras para Dulcamara. Fico grata por um retorno ao assunto.

— Ele é protegido por Orlagh. E ela tem Grimsen e um grande desejo de me testar. Se seu Embaixador fosse morto, ela ficaria muito zangada.

— Orlagh já atacou a terra — lembro-lhe. — A única razão pela qual ela não declarou guerra total é que está buscando todas as vantagens. Mas ela vai. Então deixe o primeiro golpe ser nosso.

Cardan sacode a cabeça.

— Ele quer que *você* seja morto — insisto. — Grimsen fez disso uma condição para ele conseguir a coroa.

— Você deve ter o ferreiro nas mãos — diz Bomba. — Corte-o nos pulsos para que ele não arranje mais problemas.

Barata acena com a cabeça.

— Eu vou encontrá-lo hoje à noite.

— Vocês três têm uma solução para todo problema. *Assassinato*. Nenhuma chave cabe em todas as fechaduras. — Cardan nos dá um olhar severo, segurando uma mão de dedos longos com o meu anel de rubi roubado ainda em um dedo. — Alguém tenta trair o Grande Rei, *mate*. Alguém lhe dá um olhar severo, *mate*. Alguém te desrespeita, *mate*. Alguém estraga sua roupa, *mate*.

— Acho que quanto mais ouço, mais me lembro de ter sido acordado depois de muito pouco sono. Vou pedir um chá para mim e um pouco de comida para Jude, que parece um pouco pálida.

Cardan se levanta e envia um criado para buscar bolos de aveia, queijo e dois enormes bules de chá, mas ele não permite que mais ninguém entre na sala. Ele carrega a grande bandeja de madeira e prata esculpida da porta, colocando-a em uma mesa baixa.

Estou com muita fome para resistir a fazer um sanduíche com os bolos e o queijo. Depois que eu como uma segunda vez e lavo com três xícaras de chá, eu me sinto mais estável.

— O baile de máscaras amanhã, — diz Cardan. — É para honrar o Lorde Roiben da Corte dos Cupins. Ele veio até aqui para gritar comigo, então devemos deixá-lo. Se a tentativa de assassinato de Balekin o mantiver ocupado até depois disso, tanto melhor. Barata, se você puder afastar Grimsen para algum lugar que ele não cause nenhum problema, isso seria muito útil. É hora de ele escolher os lados e dobrar o joelho para um dos jogadores neste joguinho. Mas eu não quero Balekin morto.

Barata toma um gole de chá e levanta uma sobrancelha espessa. Bomba suspira audivelmente.

Cardan se vira para mim.

— Desde que você foi levada, passei por toda a história que pude encontrar na relação da terra e do mar. Desde quando a primeira Grande Rainha, Mab, convocou as ilhas de Elfhame das profundezas, nossos Povos ocasionalmente se escaramuçaram, mas parece claro que, se nos apressarmos, não haverá vencedor. Você disse que achava que a rainha Orlagh estava esperando por uma vantagem para declarar guerra. Em vez disso, acho que ela está tentando um novo governante — um que ela espera poder enganar ou substituir por outro em dívida com ela. Ela me acha jovem e irresponsável e pretende tomar meu poder.

— E daí? — Eu pergunto. — Nossa escolha é suportar seus jogos, não importa o quanto mortais, ou se envolver em uma guerra que não podemos

vencer?

Cardan sacode a cabeça e bebe outra xícara de chá.

— Nós mostramos a ela que eu não sou um Grande Rei irresponsável.

— E como fazemos isso? — Eu pergunto.

— Com muita dificuldade — diz ele. — Já que temo que ela esteja certa.

image

Seria uma coisa pequena contrabandear um dos meus vestidos para fora dos meus aposentos, mas eu não quero que Balekin adivinhe que eu estive dentro do palácio. Em vez disso, eu vou para o Mercado Mandrake na ponta de Insmoor para encontrar algo adequado para o baile de máscaras.

Eu já estive no Mercado Mandrake duas vezes antes, ambas há muito tempo e acompanhando Madoc. É exatamente o tipo de lugar que Oriana advertiu Taryn e eu para ficarmos longe – inteiramente cheio de fadas ansiosas para fazer barganhas. Está aberto apenas nas manhãs enevoadas, quando a maior parte de Elfhame está dormindo, mas se eu não puder pegar um vestido e uma máscara lá, eu vou ter que roubar do guarda-roupa de um cortesão.

Eu ando pelas barracas, um pouco enjoada pelo cheiro de ostras assando em uma cama de alga marinha, o cheiro me lembrando com força da Corte Submarina. Passo por bandejas de animais de açúcar, pequenos copos cheios de vinho, enormes esculturas com chifres e uma barraca onde uma mulher de costas curvadas pega um pincel e desenha feitiços nas solas de sapatos.

Levo algum tempo vagando, mas eu finalmente encontro uma coleção de máscaras de couro esculpidas. Elas estão presas a uma parede e habilmente moldadas como rostos de animais estranhos ou duendes risonhos ou mortais grosseiros, pintados de dourado e verde e todas as outras cores imagináveis.

Eu acho uma que é de um rosto humano, sem sorriso.

— Esta aqui — eu digo para a lojista, uma mulher alta com um dorso curvado. Ela me dá um sorriso deslumbrante.

— Senescal — diz ela, reconhecimento iluminando seus olhos.

— Que seja meu presente para você.

— Isso é muito gentil — eu digo, um pouco desesperada. Todos os presentes vêm com um preço, e eu já estou lutando para pagar minhas dívidas. — Mas eu preferiria...

Ela pisca.

— E quando o Grande Rei elogiar sua máscara, você vai me deixar fazer uma a ele. — Eu aceno, aliviada que o que ela quer é simples. A mulher tira a máscara de mim, colocando-a na mesa e retirando um pote de tinta debaixo de uma mesa. — Deixe-me fazer uma pequena alteração.

— Como assim?

Ela pega um pincel.

— Para que ela se pareça mais com você. — E com alguns traços do pincel, a máscara carrega minha semelhança. Eu olho para ela e vejo Taryn.

— Eu vou lembrar de sua gentileza —, eu digo enquanto ela arruma.

Então eu saio e procuro o pano flutuante que marca uma loja de roupas. Em vez disso, encontro uma máquina de fazer rendas e me viro um pouco em um labirinto de fabricantes de poções e cartomantes. Enquanto tento encontrar o caminho de volta, passo uma tenda ocupada por uma pequena fogueira. Uma bruxa senta em um banquinho na frente.

Ela mexe a panela, e daí vem o cheiro de legumes cozidos.

Quando ela olha na minha direção, eu a reconheço como Mãe Marrow.

— Venha e sente-se ao meu fogo — diz ela.

Eu hesito. Não é bom ser rude em Faerie, onde as leis mais altas são as de cortesia, mas estou com pressa.

— Eu receio que eu...

— Tome um pouco de sopa — diz ela, pegando uma tigela e empurrando-a para mim. — Só tem aquilo que há de mais saudável.

— Então por que oferecer para mim? — Eu pergunto.

Ela dá uma risada deliciada.

— Se você não tivesse custado a minha filha seus sonhos, eu poderia gostar de você. Sente. Coma. Diga-me, por que você veio ao Mercado Mandrake?

— Um vestido — eu digo, me movendo para o poleiro junto ao fogo. Eu pego a tigela, que é preenchida com líquido marrom fino e apetitoso.

— Talvez você possa considerar que sua filha poderia não ter gostado de uma princesa do mar como rival. Eu a poupei disso, pelo menos.

Ela me dá um olhar avaliador.

— Ela foi poupada de você, além disso.

— Alguns podem dizer que foi um prêmio acima do preço — digo a ela.

Mãe Marrow faz um gesto para a sopa e eu, que não posso lidar com mais inimigos, levo aos meus lábios. Tem uma lembrança que não consigo identificar, tardes quentes, salpicos de piscinas e brinquedos de plástico na grama marrom dos gramados de verão.

Lágrimas brotam dos meus olhos.

Eu quero derramar na lama.

Eu quero beber até a última gota.

— Isso vai te consertar — diz ela, quando eu pisco de volta tudo que eu estava sentindo e olho para ela. — Agora, sobre esse vestido.

O que você me daria por um?

Eu tiro o par de brincos de pérola da Corte Submarina.

— O que acha destes? Pelo vestido e a sopa. — Eles valem mais do que o preço de dez vestidos, mas eu não quero me envolver em mais nenhuma barganha, especialmente com a Mãe Marrow.

Ela os pega, deslizando os dentes sobre a pérola, depois colocando-os no bolso.

— Bons o suficiente.— De outro bolso, ela pega uma noz e estende para mim.

Eu levanto minhas sobancelhas.

— Você não confia em mim, menina? — Ela pergunta.

— Não enquanto eu posso duvidar — eu respondo, e ela solta outro riso.

Ainda assim, há *algo* na noz, e provavelmente é algum tipo de vestido, porque senão ela não estaria honrando os termos do contrato. E eu não vou bancar a mortal ingênua com ela, exigindo saber como tudo funciona. Com esse pensamento, eu levanto.

— Eu não gosto muito de você — diz ela, o que não é uma surpresa enorme, embora arda. — Mas eu gosto do povo do mar muito menos.

Assim descartada, pego a noz e minha máscara e faço a viagem de volta para

Insmire e Mansão Hollow. Eu olho para as ondas ao nosso redor, a extensão do oceano em todas as direções, com suas ondas constantes, inquietas e de ponta branca. Quando respiro, o spray de sal me pega no fundo da garganta e, quando ando, evito as poças de maré com pequenos caranguejos.

Parece impossível lutar contra algo tão vasto. Parece ridículo acreditar que podemos vencer.



Balekin está sentado em uma cadeira perto das escadas quando entro na Mansão Hollow.

— E onde você passou a noite? — Ele pergunta, todo insinuação.

Eu vou até ele e levanto minha nova máscara.

— Procurando fantasias.

Ele balança a cabeça, entediado novamente.

— Você pode se preparar — diz ele, acenando vagamente para as escadas.

Eu vou para cima. Não tenho certeza de qual quarto ele pretende que eu use, mas vou novamente ao do Cardan. Lá, me sento no tapete diante da lareira e abro a noz. Sai respingos de musselina de damasco pálido, espumando quantidades dele. Eu agito o vestido. Tem uma cintura alta e larga, mangas coladas que começam logo acima do cotovelo, de modo que meus ombros estão nus. Ele cai no chão em mais pregas.

Quando eu coloco, percebo que o tecido é o complemento perfeito para minha pele, embora nada possa me fazer parecer menos faminta. Não importa como o vestido me agrade, não consigo me afastar da sensação de que minha pele não se encaixa. Ainda assim, servirá bem para a noite.

Enquanto eu o ajusto, no entanto, percebo que o vestido tem vários bolsos engenhosamente escondidos. Eu transfiro o veneno para um. Eu transfiro a menor das minhas facas para outra.

Então eu tento me tornar apresentável. Eu encontro um pente entre as coisas de Cardan e tento consertar meu cabelo. Eu não tenho nada para prendê-lo, então eu o uso solto em volta dos meus ombros. Eu lavo minha boca. Então, amarrando a máscara, volto para onde Balekin espera.

De perto, sou capaz de ser reconhecida por aqueles que me conhecem bem, mas, por outro lado, acho que serei capaz de passar despercebido através da multidão maior.

Quando ele me vê, ele não tem reação visível, exceto impaciência. Ele fica de pé.

—Você sabe o que fazer?

Às vezes mentir é um verdadeiro prazer.

Eu pego o frasco rolhado do meu bolso.

— Eu era espiã do príncipe Dain. Eu fiz parte da Corte das Sombras. Você pode confiar em mim para matar seu irmão.

Isso traz um sorriso ao seu rosto.

— Cardan foi uma criança ingrata me prendendo. Ele deveria ter me colocado ao lado dele. Ele deveria ter me feito senescal. Na verdade, ele deveria ter me dado a coroa.

Não digo nada, pensando no garoto que vi no cristal. O garoto que ainda esperava poder ser amado. A admissão de Cardan de quem ele se tornou uma vez me assombra: *Se ele pensasse que eu era ruim, eu seria pior.*

Quão bem conheço esse sentimento.

— Vou chorar por meu irmão mais novo — diz Balekin, parecendo se animar com o pensamento. — Eu não posso lamentar os outros, mas terei músicas compostas em sua homenagem. Só ele será lembrado.

Penso na exortação de Dulcamara para matar o príncipe Balekin, que foi ele quem ordenou o ataque à Corte dos Cupins.

Talvez ele foi até mesmo responsável pelos explosivos de Fantasma na Corte da Sombras. Lembro-me dele no fundo do mar, exultante em seu poder. Eu penso em tudo o que ele fez e tudo o que ele pretende fazer e fico feliz por estar mascarada.

— Venha — diz ele, e eu o sigo pela porta.



Apenas Locke faria a escolha ridícula de organizar um baile de máscaras para um caso grave de estado, como o de receber Lorde Roiben após um ataque a suas terras. E, no entanto, quando lanço a mão no braço de Balekin, parece que isso está acontecendo. Goblins e grigs, pixies e elfos, todos se divertem em intermináveis danças circulares entrelaçadas. O vinho com mel flui livremente dos cornos e as mesas estão cheias de cerejas maduras, groselhas, romãs e ameixas.

Eu ando de Balekin em direção ao estrado vazio, examinando a multidão em busca de Cardan, mas ele não está em lugar algum à vista. Eu vejo o cabelo branco como sal em vez disso. Estou a meio caminho da convocação da Corte dos Cupins quando passo por Locke.

Eu viro em direção a ele.

— Você tentou me matar.

Ele assusta, um sorriso ridículo chegando ao seu rosto uma vez que ele me reconhece. Talvez ele não se lembre do jeito que ele mancava no dia de seu casamento, mas certamente ele deve ter sabido que eu veria os brincos nas orelhas de Taryn. Talvez porque as consequências demoraram tanto a chegar, ele supôs que elas não viriam de jeito nenhum.

— Não era para ser tão sério — diz ele, pegando a minha mão.

— Eu só queria que você tivesse medo do jeito que você me fez ter.

Eu sacudo meus dedos do aperto dele.

— Eu tenho pouco tempo para você agora, mas vou *fazer ter tempo* para você em breve.

Taryn, vestida com um lindo vestido de baile armado azul, bordado com rosas delicadas e usando uma máscara de renda sobre seus olhos, vem até nós.

— Arranjar tempo para o Locke? Para quê?

Ele levanta as sobancelhas, depois pega a mão da esposa.

— Sua gêmea está chateada comigo. Ela tinha um presente planejado para você, mas fui eu quem entregou o presente ao invés dela.

Isso é preciso o suficiente para que seja difícil contradizê-lo, especialmente dada a maneira suspeita pela qual Taryn está olhando para mim.

— Que presente? — Ela quer saber. Talvez ela supõe que tenhamos ido a algum lugar juntos para escolher alguma coisa. Eu deveria apenas contar a ela sobre os cavaleiros, sobre como eu escondi a luta na floresta dela porque eu não queria que ela ficasse chateada no dia de seu casamento, sobre como eu perdi os brincos que Locke deve ter encontrado, sobre como eu cortei um dos cavaleiros e joguei uma adaga no marido dela. Sobre como ele me queria morta.

Mas se eu disser tudo isso, ela acreditará em mim?

Enquanto estou tentando decidir como responder, Lorde Roiben se move na nossa frente, olhando para mim com seus brilhantes olhos prateados, espelhos gêmeos. Locke se curva. Minha irmã afunda em uma linda reverência e eu copio o melhor que posso.

— Uma honra — diz ela. — Eu ouvi muitas de suas baladas.

— Dificilmente minhas — ele admite. — E muito exageradas.

Embora, o sangue salte no gelo. Essa linha é muito verdadeira.

Minha irmã parece momentaneamente desconcertada.

— Você trouxe sua consorte?

— Kaye, sim, ela está em muitas dessas baladas também, não é? Não, receio que ela não tenha vindo desta vez. Nossa última viagem à Alta Corte não foi bem o que eu prometi a ela.

Dulcamara disse que ficou gravemente ferida, mas ele está tomando cuidado para evitar dizer isso; cuidado interessante. Nem uma única mentira, mas uma teia de desorientações.

— A coroação — diz Taryn.

— Sim — ele continua. — Não foi bem o evento que qualquer um de nós imaginou.

Taryn sorri um pouco e Lorde Roiben se vira para mim.

— Você vai desculpar Jude e eu? — Ele pergunta a Taryn. — Temos algo urgente para discutir.

— Claro — diz ela, e Roiben me acompanha, em direção a um dos cantos mais escuros do corredor.

— Ela está bem? — Eu pergunto. — Kaye?

— Ela vai viver — ele diz sucintamente. — Onde está o seu Grande Rei?

Eu examino o salão novamente, meu olhar indo para o estrado e o trono vazio.

— Eu não sei, mas ele estará aqui. Ele falou comigo na última noite de seu pesar por suas perdas e seu desejo de falar com você.

— Nós dois sabemos quem estava por trás desse ataque — diz Roiben. — O Príncipe Balekin me culpa por jogar meu peso e influência por você e seu principzinho quando você conseguiu uma coroa para ele.

Eu aceno com a cabeça, feliz por sua calma.

— Você me fez uma promessa — diz ele. — Agora é hora de determinar se um mortal é realmente tão bom quanto sua palavra.

— Eu vou consertar as coisas — eu juro. — Eu vou encontrar uma maneira de consertar as coisas.

O rosto de Lorde Roiben é calmo, mas seus olhos prateados não são, e sou forçada a lembrar que ele assassinou todos em seu caminho até seu trono.

— Eu falarei com o seu Grande Rei, mas se ele não puder me dar satisfação, então eu devo reclamar por minha dívida.

E com isso, ele parte em um movimento de seu longo manto.

Os cortesãos cobrem o chão, executando passos intrincados – uma dança

circular que se transforma em si mesma, se divide em três e se reforma. Eu vejo Locke e Taryn lá, juntos, dançando. Taryn conhece todos os passos.

Eu terei que fazer algo sobre Locke eventualmente, mas não esta noite, eu digo a mim mesma.

Madoc entra na sala, Oriana em seu braço. Ele está vestido de preto e ela de branco. Eles se parecem com peças de xadrez em lados opostos do tabuleiro. Atrás deles vêm Mikkel e Randalin. Uma rápida varredura da sala e eu vejo Baphen falando com uma mulher com chifres que eu levo um momento para reconhecer, e quando o faço, vem com uma sacudida.

Lady Asha. Mãe de Cardan.

Eu sabia que ela era uma cortesã antes, vi no globo de cristal na mesa de Eldred, mas agora é como se a visse pela primeira vez. Ela usa um vestido alto, de modo que seus tornozelos aparecem junto com pequenos sapatos feitos astuciosamente para parecer folhas.

Todo o seu vestido é em tons de outono, folhas e flores de mais tecido costuradas sobre o comprimento do mesmo. As pontas de seus chifres foram pintadas com cobre, e ela usa uma argola de cobre, que não é uma coroa, mas é uma reminiscência de uma.

Cardan não me disse nada sobre ela e, de alguma forma, eles devem ter conseguido uma reconciliação. Ele deve ter perdoado ela.

Enquanto outro cortesão a leva para o baile, sinto-me desconfortavelmente ciente de que ela provavelmente adquirirá poder e influência rapidamente – e que ela não fará nada de bom com ambos.

— Onde está o Grande Rei? — Nihuar pergunta. Eu não notei a representante da Seelie até que ela estava ao meu lado, e eu me assusto.

— Como eu saberia? — Eu devolvo. — Não me era permitido nem estar dentro do palácio até hoje.

É nesse momento que Cardan finalmente entra na sala. À sua frente estão dois cavaleiros de sua guarda pessoal, que se afastam dele quando o escoltam com segurança.

Um momento depois, Cardan cai. Ele se espalha pelo chão em todas as suas fantásticas vestes de estado, depois começa a rir. Ele ri e ri como se este fosse o truque mais incrível que ele já realizou.

Ele está obviamente bêbado. Muito bêbado.

Meu coração cai. Quando olho para Nihuar, ela está sem expressão. Até Locke, olhando da pista de dança, parece desconcertado.

Enquanto isso, Cardan pega um alaúde das mãos de um músico de goblin

espantado e pula em uma longa mesa de banquete.

Tocando as cordas, ele começa uma música tão vulgar que toda a corte para a dança para ouvir e rir suavemente. Então, como um, eles se juntam à loucura. Os cortesãos de Faerie não são tímidos.

Eles começam a dançar novamente, agora com a música do Grande Rei.

Eu nem sabia que ele sabia tocar.

Quando a música acaba, ele cai da mesa. Aterrissando desajeitadamente de lado, a coroa inclina-se para a frente, de modo que está sobre um dos olhos. Seus guardas correm para ajudá-lo a sair do chão, mas ele os afasta.

— Que tal isso como introdução? — Pergunta ele a Lorde Roiben, embora de fato tenham se encontrado antes. — Eu não sou um monarca sem graça.

Eu olho para Balekin, que está com um sorriso satisfeito. O rosto do Lorde Roiben está como pedra, ilegível. Meu olhar vai para Madoc, que observa Cardan com nojo enquanto ele ajeita sua coroa.

E ainda assim, severamente, Roiben passa pelos movimentos do que ele veio fazer aqui.

— Vossa Majestade, vim pedir-lhe para me permitir vingança pelo meu povo. Fomos atacados e agora queremos responder. — Tenho visto muitas pessoas incapazes de se humilharem, mas Lorde Roiben o faz com grande graça.

E ainda assim, com uma olhada no Cardan, sei que isso não importará.

— Eles dizem que você é especialista em derramamento de sangue. Eu suponho que você queira mostrar suas habilidades. — Cardan aponta um dedo na direção de Roiben.

O rei Unseelie faz uma careta por isso. Uma parte dele deve querer se exibir *imediatamente*, mas ele não faz nenhum comentário.

— No entanto, você deve abster-se — diz Cardan. — Eu receio que você tenha percorrido um longo caminho por nada. Pelo menos tem vinho.

Lorde Roiben vira seu olhar prateado para mim e há uma ameaça neles.

Isso não está indo do jeito que eu esperava.

Cardan acena com a mão em direção a uma mesa de refrescos.

As peles das frutas se enrolam para trás e alguns globos estouram, espalhando sementes e assustando cortesãos próximos.

— Eu tenho praticado uma habilidade própria — diz ele com uma risada.

Eu vou em direção a Cardan para tentar interceder quando Madoc pega minha mão. Seu lábios se curvam.

— Isso está indo de acordo com o seu plano? — Ele exige em voz baixa. — Sua marionete está bêbada. Tire-o daqui.

— Eu vou tentar.

— Eu fiquei esperando tempo suficiente — diz Madoc, seus olhos de gato olhando para os meus. — Faça com que seu fantoche abdique do trono em favor de seu irmão ou enfrente as conseqüências. Eu não vou pedir de novo. É agora ou nunca.

Eu torno minha voz baixa para combinar com a dele.

— Depois de me barrar do palácio?

— Você estava doente — ele retruca.

— Trabalhar com você sempre será trabalhar *para* você — eu digo. — Então, nunca.

— Você realmente escolheria *isso* acima de sua própria família?

— Ele zomba, seu olhar indo para Cardan antes de virar de volta para mim.

Eu estremeço, mas não importa o quão certo ele esteja, ele também está errado.

— Você acredite em mim ou não, isso é pela minha família — digo a ele, e para Cardan eu coloco minha mão em seu ombro, esperando que eu possa guiá-lo para fora da sala sem que nada dê errado.

— Oh — diz ele. — Minha querida senescal. Vamos dar uma volta pela sala. — Ele me agarra e me puxa para a dança.

Ele mal consegue ficar de pé. Três vezes ele tropeça e três vezes eu tenho que segurar a maior parte do seu peso para mantê-lo em pé.

— Cardan — eu sussurro. — Este não é um comportamento apropriado para o Grande Rei.

Ele ri disso. Eu penso em como ele foi sério ontem à noite em seus quartos e quão longe ele parece daquela pessoa.

— Cardan — eu tento de novo. — Você não deve fazer isso. Eu ordeno que você se recomponha. Eu ordeno que você não beba mais álcool e tente ficar sóbrio.

— Sim, minha doce vilã, minha querida deusa. Estarei tão sóbrio quanto uma escultura de pedra, assim que puder. — E com isso, ele me beija na boca.

Eu sinto uma cacofonia de coisas de uma só vez. Estou furiosa com ele, furiosa e resignada por ele ser um fracasso como Grande Rei, corrupto, fantasioso e fraco como Orlagh poderia esperar.

Depois, há a natureza pública do beijo, mostrando isso antes que a Corte esteja chocada também. Ele nunca esteve disposto a parecer me querer em público. Talvez ele possa voltar atrás, mas neste momento, é conhecido.

Mas também há uma fraqueza em mim, porque sonhei com ele me beijando

durante todo o meu tempo na Corte Submarina, e agora com a boca na minha, quero afundar minhas unhas nas costas dele.

Sua língua roça meu lábio inferior, o gosto inebriante e familiar.

Baga-fantasma.

Ele não está bêbado; ele foi envenenado.

Eu recuo e olho em seus olhos. Aqueles olhos familiares, pretos, aros de ouro. Suas pupilas estão dilatadas.

— Doce Jude. Você é meu querido castigo. — Ele dança para longe de mim e imediatamente cai no chão novamente, rindo, braços abertos como se ele fosse abraçar todo o quarto.

Eu assisto em horror espantado.

Alguém o envenenou, e ele vai rir e dançar até a morte em frente a uma corte que vai se misturar com alegria e desgosto. Eles vão pensar que ele é ridículo quando seu coração parar.

Eu tento me concentrar. Antídotos. Deve haver um. Água, certamente, para liberar o sistema. Argila. A Bomba saberia mais. Eu olho em volta para ela, mas tudo o que vejo é a vertigem dos cortesãos.

Eu me volto para um dos guardas.

— Pegue um balde, um monte de cobertores, dois jarros de água e coloque-os em meus aposentos. Sim?

— Como quiser — diz ele, voltando-se para dar ordens aos outros cavaleiros. Volto para Cardan, que, previsivelmente, se dirigiu na pior direção possível. Ele está indo direto para os vereadores Baphen e Randalin, onde eles estão com Lorde Roiben e sua cavaleira, Dulcamara, sem dúvida tentando amenizar a situação.

Eu posso ver os rostos dos cortesãos, o brilho de seus olhos enquanto eles o veem com uma espécie de desprezo ganancioso.

Eles observam enquanto ele levanta uma garrafa de água, despejando-a de volta a cascata sobre sua boca risonha até ele engasgar com ela.

— Nos dê licença — eu digo, passando o braço pelo dele.

Dulcamara cumprimenta com desdém.

— Viemos até aqui para ter uma audiência com o Grande Rei.

Com certeza ele quer ficar mais tempo que isso.

Ele foi envenenado. As palavras estão na minha língua quando ouço Balekin dizer-lhes em seu lugar.

— Temo que o Grande Rei não seja ele mesmo. Eu acredito que ele foi envenenado.

E então, tarde demais, eu entendo o esquema.

— Você — ele diz para mim. — Mostre seus bolsos. Você é a única aqui não vinculada por um voto.

Se eu tivesse realmente ficado encantada, eu teria que puxar o frasco com tampa. E uma vez que a Corte visse e encontrasse a baga-fantasma no interior, qualquer protesto não serviria de nada. Os mortais são mentirosos, afinal.

— Ele está bêbado — eu digo, e estou satisfeita com a expressão chocada de Balekin. — No entanto, você também está livre, embaixador. Ou, devo dizer, não ligado à terra.

— Eu bebi demais? Apenas um copo de veneno no meu café da manhã e outro no meu jantar — diz Cardan.

Eu dou a ele uma olhada, mas não digo mais nada enquanto guio o tropeçante Grande Rei pelo chão.

— Onde você está levando ele? — Pergunta um dos guardas.

— Sua Majestade, você deseja partir?

— Nós todos dançamos ao comando de Jude — diz ele, e ri.

— Claro que ele não quer ir — diz Balekin. — Atenda aos seus outros deveres, senescal, e deixe-me cuidar do meu irmão. Ele tem deveres para realizar esta noite.

— Você será chamado se for necessário — digo a ele, tentando blefar com isso. Meu coração acelera. Não tenho certeza se alguém aqui estaria do meu lado, se chegar a este ponto.

— Jude Duarte, você vai deixar o lado do Grande Rei — diz Balekin.

Nesse tom, o foco de Cardan se estreita. Eu posso vê-lo se esforçando para se concentrar.

— Ela não vai — diz ele.

Como ninguém pode contradizê-lo, mesmo nesse estado, posso finalmente levá-lo para fora. Eu suporto o peso do Grande Rei enquanto nos movemos pelas passagens do palácio.

image

A guarda pessoal do Grande Rei nos segue a distância.

Questões passam pela minha mente — como ele foi envenenado?

Quem realmente colocou o que ele bebeu em *suas* mãos? Quando isso aconteceu?

Agarrando um criado no corredor, eu envio corredores para Bomba e, se eles não conseguirem encontrá-la, um alquimista.

— Você vai ficar bem — eu digo.

— Sabe — diz ele, agarrando-se a mim. — Isso deveria ser reconfortante. Mas quando os mortais dizem isso, não significa a mesma coisa que quando o Povo faz, não é? Para vocês, é um apelo.

Uma espécie de magia esperançosa. Você diz que eu vou ficar bem porque você tem medo que eu não fique.

Por um momento, não falo.

— Você está envenenado — eu digo finalmente. — Você sabe disso, certo?

Ele não se assusta.

— Ah — diz ele. — Balekin.

Eu não disse nada, apenas o coloquei sentado ante o fogo nos meus aposentos, suas costas contra o meu sofá. Ele parece estranho lá, suas roupas bonitas um contraste com o tapete liso, seu rosto pálido com um rubor agitado em suas bochechas.

Ele chega e aperta minha mão em seu rosto.

— É engraçado, não é, como eu zombei de você pela sua mortalidade quando você certamente vai sobreviver a mim.

— Você não vai morrer — insisto.

— Oh, quantas vezes eu desejei que você não pudesse mentir?

Nunca mais do que agora.

Ele se inclina para um lado e eu pego um dos jarros de água e encho um copo cheio. Eu levo até os seus lábios.

— Cardan? Beba o máximo que puder.

Ele não responde e parece prestes a adormecer.

— Não. — Eu acaricio sua bochecha com força crescente até que seja mais um tapa. — Você precisa ficar acordado.

Seus olhos se abrem. Sua voz está grogue.

— Eu só vou dormir por um tempo.

— A menos que você queira acabar como Severin de Fairfold, envolto em vidro por séculos enquanto os mortais se alinham para tirar fotos com seu corpo, você vai ficar acordado.

Ele muda para uma posição sentada mais ereta.

— Tudo bem — diz ele. — Fale comigo.

— Eu vi sua mãe hoje à noite — eu digo. — Toda arrumada. A última vez que a vi foi na Torre do Esquecimento.

— E você está se perguntando se eu a esqueci? — Ele diz, e eu estou feliz que ele está prestando atenção suficiente para entregar uma de suas típicas piadas.

— Que bom que você está zombando.

— Espero que seja a última coisa em mim a ir. Então, me fale sobre minha mãe.

Eu tento pensar em algo para dizer que não é totalmente negativo. Eu vou com cuidado neutro.

— A primeira vez que a encontrei, eu não sabia quem ela era.

Ela queria trocar algumas informações para que a tirasse da Torre. E ela estava com medo de você.

— Bom — diz ele.

Minhas sobrancelhas sobem.

— Então, como ela acabou como parte de sua Corte?

— Eu suponho que eu tenho algum carinho por ela ainda — ele admite. Eu sirvo um pouco mais de água e ele bebe mais devagar do que eu gostaria. Eu encho o copo assim que posso.

— Há tantas perguntas que eu gostaria de fazer à minha mãe — eu admito.

— O que você perguntaria? — As palavras enrolam juntas, mas ele as fala.

— Por quê ela se casou com Madoc — eu digo, apontando para o copo, que ele obedientemente traz à boca. — Se ela o amava e por que ela o deixou e se ela era feliz no mundo humano. Se ela realmente assassinou alguém e escondeu seu corpo nos restos queimados da fortaleza original de Madoc.

Ele parece surpreso.

— Eu sempre esqueço essa parte da história.

Eu decido que está na hora de uma mudança de assunto.

— Você tem perguntas assim para o seu pai?

— Por quê eu sou do jeito que sou? — Seu tom deixa claro que ele está propondo algo que eu poderia sugerir que ele perguntasse, não que realmente pense nisso. — Não há respostas reais, Jude. Por que eu fui cruel com o Povo? Por que eu fui terrível com você?

Porque eu podia ser. Porque eu gostei. Porque, por um momento, quando eu estava dando meu pior, me senti poderoso, e na maioria das vezes, me sentia sem poder algum, apesar de ser um príncipe e o filho do Grande Rei das Fadas.

— Isso é uma resposta — eu digo.

— É? — E então, depois de um momento: — Você deveria ir.

— Por quê? — Eu pergunto, irritada. Por um lado, este é o meu quarto. Por outro, estou tentando mantê-lo vivo.

Ele olha para mim solenemente.

— Porque eu vou vomitar.

Eu pego o balde e ele pega de mim, todo o seu corpo convulsionando com a força do vômito. O conteúdo do estômago dele parece folhas emaranhadas e estremeço. Eu não sabia que baga-fantasma fazia isso.

Há uma batida na porta e eu vou até ela. Bomba está lá, sem fôlego. Eu a deixo entrar e ela passa por mim diretamente para Cardan.

— Aqui — diz ela, puxando um pequeno frasco. — É barro.

Pode ajudar a extrair e conter as toxinas.

Cardan acena e tira dela, engolindo o conteúdo com uma careta.

— Tem gosto de sujeira.

— É sujeira — ela informa a ele. — E tem outra mais. Duas coisas, na verdade. Grimsen já havia saído de sua forja quando tentamos capturá-lo. Temos que assumir o pior — que ele está com o Orlagh. Além disso, eu recebi isso. — Ela tira uma nota do bolso. — É de Balekin. Cuidadosamente enunciado, mas se reduz a isso: ele está oferecendo o antídoto para você, Jude, se você lhe levar a coroa.

— A coroa? — Cardan abre os olhos, e percebo que ele deve tê-los fechado sem que eu percebesse.

— Ele quer que você leve para os jardins, perto das rosas — diz Bomba.

— O que acontece se ele não tomar o antídoto?

Bomba coloca as costas da mão contra a bochecha de Cardan.

— Ele é o Grande Rei de Elfhame, ele tem a força da terra para se apoiar. Mas ele já está muito fraco. E eu não acho que ele saiba como fazer isso. Sua Majestade?

Ele olha para ela com uma incompreensão benevolente.

— O que você quer dizer? Eu só tomei um *bocado* de terra a seu pedido.

Penso no que ela está dizendo, sobre o que sei dos poderes do Grande Rei.

Certamente você notou que desde o seu reinado começou, as ilhas estão diferentes. Tempestades surgem mais rápido. As cores estão um pouco mais vivas, os cheiros são mais nítidos.

Mas tudo isso foi feito sem tentar. Tenho certeza de que ele não notou a terra se alterando para melhor se adequar a ele.

Olhe para todos eles, seus súditos, ele me disse em uma festa meses atrás. Uma pena que ninguém saiba quem é seu verdadeiro governante.

Se Cardan não acredita que ele seja o verdadeiro Grande Rei de Elfhame, se ele não se permitir acessar seu próprio poder, será minha culpa. Se a baga-fantasma o matar, será por minha causa.

— Vou pegar o antídoto — eu digo.

Cardan tira a coroa da cabeça e olha para ela por um momento, como se de alguma forma ele não conseguisse entender como ela caiu em sua mão.

— Isso não poderá passar para o Oak se você a perder. Embora admito que a sucessão se torna complicada se eu morrer.

— Eu já te disse — eu digo. — Você não vai morrer. E eu não vou levar essa coroa. — Eu vou atrás e troco o conteúdo dos meus bolsos. Eu amarro uma capa com capuz profundo e uma nova máscara. Estou tão furiosa que minhas mãos tremem. Baga-fantasma, que eu já fui invulnerável, graças ao mitridatismo

cuidadoso. Se eu tivesse sido capaz de manter as doses, eu poderia ter enganado Balekin, como uma vez enganei Madoc. Mas depois da minha prisão na Corte Submarina, tenho uma vantagem a menos e apostas muito mais altas. Eu perdi minha imunidade. Eu sou tão vulnerável a ser envenenada quanto Cardan.

— Você vai ficar com ele? — Eu pergunto à Bomba, e ela assente.

— Não — diz Cardan. — Ela vai com você.

Eu sacudo minha cabeça.

— A Bomba sabe sobre poções. Ela sabe sobre magia. Ela pode garantir que você não fique pior.

Ele me ignora e pega a mão dela.

— Liliver, como seu rei, eu te ordeno — diz ele com grande dignidade para alguém sentado no chão ao lado do balde que onde ele vomitou. — Vá com Jude.

Eu me volto para Bomba, mas vejo no rosto dela que ela não vai desobedecê-lo – ela fez seu juramento e até mesmo lhe deu o real nome dela. Ele é o rei dela.

— Droga — eu sussurro para um ou talvez os dois.

Eu prometo que vou pegar o antídoto rapidamente, mas isso não torna mais fácil para mim partir quando eu sei que a baga-fantasma ainda pode parar seu coração. Seu olhar ardente nos segue pela porta, as pupilas dilatadas e a coroa ainda na mão.



Balekin está no jardim, como prometeu, perto de uma árvore florida de rosas azul-prateadas. Quando chego lá, observo figuras não muito distantes de onde estamos, outros cortesãos indo para passeios à meia-noite. Isso significa que ele não pode me atacar, mas também não posso atacá-lo.

Pelo menos não sem que os outros saibam disso.

— Você é uma grande decepção — diz ele.

É tão chocante que eu realmente rio.

— Você quer dizer porque eu não estava encantada. Sim, posso ver como isso seria muito triste para você.

Ele olha furiosamente, mas ele não tem Vulciber ao lado dele agora para me ameaçar. Talvez ser um embaixador na Corte Submarina o faça acreditar que ele é intocável.

Tudo o que posso pensar é que ele envenenou Cardan, ele me atormentou, ele incentivou Orlagh a invadir a terra. Estou tremendo de raiva, mas tentando recuperar essa fúria para poder passar pelo que deve ser feito.

— Você me trouxe a coroa? — Pergunta ele.

— Eu a tenho nas proximidades — eu minto. — Mas antes de entregá-la, quero ver o antídoto.

Ele puxa um frasco de seu casaco, quase o gêmeo do que ele me deu, que eu tiro do meu bolso.

— Eles teriam me executado se tivessem me encontrado com esse veneno — eu digo, sacudindo-o. — Isso é o que você pretendia, não é?

— Alguém ainda pode executá-la — diz ele.

— Aqui está o que vamos fazer — eu digo, tirando a rolha da garrafa. — Eu vou tomar o veneno, e então você vai me dar o antídoto. Se funcionar em mim, eu vou trazer a coroa e trocá-la com você pela garrafa. Se não, então eu acho que vou morrer, mas a coroa estará perdida para sempre. Cardan vivendo ou morrendo, essa coroa estará bem escondida para ficar perdida por décadas.

— Grimsen pode me forjar outra — diz Balekin.

— Se isso é verdade, então para que estamos aqui?

Balekin faz uma careta, e eu considero a possibilidade de que o pequeno ferreiro não esteja com Orlagh, afinal. Talvez ele tenha desaparecido depois de fazer o melhor para nos deixar na garganta um do outro. Talvez não haja coroa, exceto esta.

— Você roubou essa coroa de mim — diz ele.

— É verdade — eu admito. — E eu vou entregá-la para você, mas não por nada.

— Eu não posso mentir, mortal. Se eu disser que lhe darei o antídoto, farei isso. Minha palavra é suficiente.

Eu dou a ele minha melhor carranca.

— Todo mundo sabe que se deve tomar cuidado ao negociar com o Povo. Você engana a cada respiração sua. Se você realmente tem o antídoto, o que o prejudica me deixar me envenenar? Eu acho que seria um prazer.

Ele me dá um olhar inquisidor. Imagino que ele esteja zangado por não eu estar encantada. Ele deve ter tido que se conter muito quando eu empurrei Cardan para fora da sala do trono. Ele estava sempre pronto com o antídoto? Ele achava que poderia convencer Cardan a coroa-lo dessa maneira? Ele foi arrogante o suficiente para acreditar que o Conselho não teria ficado em seu caminho?

— Muito bem — diz ele. — Uma dose para você e o resto para Cardan.

Eu abro a garrafa que ele me deu e a viro, bebendo todo o conteúdo com um pronunciado estremecimento. Eu estou com raiva de novo, pensando em como eu me fiz doente tomando pequenas doses de veneno. Tudo por nada.

— Você sente a baga-fantasma trabalhando em seu sangue?

Vai funcionar muito mais rápido em você do que em um de nós. E você tomou uma dose tão grande. Ele me observa com uma expressão tão feroz que posso dizer que ele gostaria de me deixar morrer. Se ele pudesse justificar ir embora agora, ele iria. Por um momento, acho que ele pode.

Então ele cruza em minha direção e abre a garrafa em sua própria mão.

— Por favor, não acredite que eu vou colocar em sua mão — diz ele. — Abra sua boca como um passarinho, e eu deixarei cair sua dose. Então você me dará a coroa.

Eu abro minha boca obedientemente e deixo ele derramar a coisa grossa, amarga, como mel na minha língua. Afasto-me dele, retornando a distância entre nós, certificando-me de que estou mais perto da entrada do palácio.

— Satisfeita? — Ele pergunta.

Eu cuspo o antídoto na garrafa de vidro, a que ele me deu, a que continha baga-fantasma, mas até poucos instantes antes, estava cheia apenas de água.

— O que você está fazendo? — Pergunta ele.

Eu a paro novamente e a atiro para a Bomba, que a pega com folga. Então ela se foi, deixando-o de boca aberta para mim.

— O que você fez? — Ele exige.

— Eu te enganei — digo a ele. — Um pouco de desorientação.

Eu joguei fora seu veneno e lavei o frasco. Como você continua esquecendo, eu cresci aqui e por isso também sou perigosa de ser negociar com e, como você vê, eu posso mentir. E, como você me lembrou há muito tempo, estou com pouco tempo.

Ele puxa a espada ao seu lado. É uma lâmina longa e fina. Eu não acho que é a que ele usou para lutar com Cardan em sua sala da torre, mas pode ser.

— Estamos em público — lembro a ele. — E eu ainda sou a senescal do Grande Rei.

Ele olha em volta, observando os outros cortesãos próximos.

— Deixem-nos — ele grita para eles. Uma coisa que não me ocorreu que alguém poderia fazer, mas ele está acostumado a ser um príncipe. Ele está acostumado a ser obedecido.

E, de fato, os cortesãos parecem se misturar às sombras, abrindo espaço para

o tipo de duelo que definitivamente não deveríamos ter. Eu deslizo minha mão no meu bolso, tocando o punho de uma faca. O alcance não é como o de uma espada. Como Madoc explicou mais de uma vez: *Uma espada é uma arma de guerra, uma adaga é uma arma de assassinato.*

Eu prefiro ter a faca do que estar desarmada, mas mais do que tudo, eu gostaria de ter Cair da Noite.

— Você está sugerindo um duelo? — Eu pergunto. — Tenho certeza de que você não gostaria de trazer desonra para o seu nome comigo sendo tão superada em armas, em comparação.

— Você espera que eu acredite que você tem alguma honra? — Ele pergunta, o que é, infelizmente, um ponto justo. — Você é uma covarde. Uma covarde como o homem que criou você.

Ele dá um passo em minha direção, pronto para me derrubar, quer eu tenha uma arma ou não.

— Madoc? — Eu saci minha faca. Não é pequena, mas ainda é menos da metade do comprimento da lâmina que ele está nivelando para mim.

— Foi plano de Madoc que devíamos atacar durante a coroação. Era seu plano que, uma vez que Dain estivesse fora do caminho, Eldred iria claramente colocar a coroa na minha cabeça. Era todo o seu plano, mas ele continuou Grande General e eu fui para a Torre do Esquecimento. E ele levantou um dedo para me ajudar? Ele não fez. Ele inclinou a cabeça para o meu irmão, a quem ele despreza. E você é como ele, disposta a implorar e rastejar e se abaixar para qualquer pessoa, se isso lhe der poder.

Duvido que colocar Balekin no trono fizesse parte do verdadeiro plano de Madoc, o que quer que ele permitisse que Balekin acreditasse, mas isso não faz com que suas palavras sejam menos dolorosas. Eu passei a vida toda me tornando pequena na esperança de encontrar um lugar aceitável em Elfhame, e então, quando consegui o maior e mais grandioso golpe imaginável, tive que esconder minhas habilidades mais do que nunca.

— Não — eu digo. — Isso não é verdade.

Ele parece surpreso. Mesmo na Torre do Esquecimento, quando ele era prisioneiro, eu ainda deixei a Vulciber me atacar. Na Corte Submarina, fingi não ter dignidade alguma. Por que ele deveria pensar que eu me vejo de forma diferente do que ele me vê?

— Você é aquele que inclinou a cabeça para Orlagh em vez de para o seu próprio irmão — eu digo. — Você é o covarde e um traidor. Um assassino de seus próprios parentes. Mas pior que tudo isso, você é um tolo.

Ele mostra os dentes enquanto avança em mim, e eu, que tenho fingido subserviência, lembro do meu talento mais problemático: irritar o Povo.

— Vá em frente — diz ele. — Corra como a covarde que você é.

Eu dou um passo para trás.

Mate o Príncipe Balekin.

Eu penso nas palavras de Dulcamara, mas eu não ouço a voz dela. Eu ouço a minha própria, áspero com a água do mar, aterrorizada e fria e sozinha.

As palavras de Madoc de muito tempo atrás voltam para mim.

O que é uma luta além um jogo de estratégia, jogado em velocidade?

O objetivo de uma luta não é ter uma boa luta, é vencer.

Estou em desvantagem contra uma espada, uma desvantagem ruim. E ainda estou fraca do meu tempo na Corte Submarina. Balekin pode ficar para trás e demorar enquanto eu não consigo passar pela lâmina. Ele vai me afastar lentamente, corte por corte. Minha melhor aposta é fechar a distância rapidamente. Eu preciso entrar na guarda dele, e eu não tenho o luxo de tomar a medida dele antes de fazer isso. Eu vou ter que apressá-lo.

Eu tenho um tiro para acertar isso.

Meu coração troveja em meus ouvidos.

Ele avança em minha direção e eu bato minha faca contra a base de sua espada com a mão direita, em seguida, agarro seu antebraço com a esquerda, torcendo como se fosse desarmá-lo. Ele puxa contra o meu aperto. Eu dirijo a faca em direção ao seu pescoço.

— Espera — grita Balekin. — Eu me ren...

Sangue arterial borrija meu braço, borrija a grama. Brilha na minha faca. Balekin desmorona, esparramado no chão.

Tudo acontece tão rápido.

Acontece tão rápido.

Eu quero ter alguma reação. Eu quero tremer ou sentir náuseas.

Eu quero ser a pessoa que começa a chorar. Eu quero ser qualquer pessoa, exceto a pessoa que eu sou, que olha em volta para ter certeza de que ninguém viu, que limpa minha faca na sujeira, limpa minha mão em suas roupas e sai de lá antes dos guardas virem.

Você é uma boa assassina, disse Dulcamara.

Quando olho para trás, os olhos de Balekin ainda estão abertos, olhando para o nada.



Quando volto, Cardan está sentado no sofá. O balde se foi assim como a Bomba.

Ele olha para mim com um sorriso preguiçoso.

— Seu vestido. Você colocou de volta.

Eu olho para ele em confusão, as conseqüências do que eu acabei de fazer – incluindo ter que dizer a Cardan – são difíceis de se pensar. Mas o vestido que estou usando é o que eu usava antes, o que eu ganhei da noz de Mãe Marrow. Há sangue em uma manga agora, mas é o mesmo.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunto de novo.

— Eu não sei? — ele pergunta, intrigado. — Isso? Eu concedi o benefício que você queria. Seu pai está seguro?

Benefício?

Meu pai?

Madoc. Claro. Madoc me ameaçou, Madoc ficou enojado com Cardan. Mas o que ele fez e o que isso tem a ver com vestidos?

— Cardan — eu digo, tentando ficar o mais calma que posso.

Vou até o sofá e me sento. Não é um sofá pequeno, mas suas longas pernas estão sobre ele, cobertas e apoiadas em travesseiros. Não importa o quão longe dele eu esteja, parece muito perto. — Você precisa me contar o que aconteceu. Eu não estive aqui pela última hora.

Sua expressão fica preocupada.

— Bomba voltou com o antídoto — diz ele. — Ela disse que você estaria bem atrás dela. Eu ainda estava tão tonto, e então um guarda veio, dizendo que havia uma emergência. Ela foi ver. E então você entrou, assim como ela disse que faria. Você disse que tinha um plano...

Ele olha para mim, como se esperasse que eu entrasse e contasse o resto da história, a parte da qual me lembro. Mas, é claro, eu não lembro.

Depois de um momento, ele fecha os olhos e balança a cabeça.

— Taryn.

— Eu não entendo — eu digo, porque eu não quero entender.

— Seu plano era que seu pai pegaria metade do exército, mas para ele funcionar de forma independente, ele precisava se libertar de seus votos para a coroa. Você estava com um dos seus gibões, os que você sempre usa. E aqueles

brincos estranhos. Luas e estrelas.

— Ele balança a cabeça.

Um calafrio me atravessa.

Quando crianças no mundo mortal, Taryn e eu trocávamos de lugar para pregar peças na nossa mãe. Mesmo em Faerie, às vezes fingíamos ser uma a outra para ver o que poderíamos fazer. Um professor poderia dizer a diferença? Oriana poderia? Madoc? Oak? E quanto ao grande e poderoso Príncipe Cardan?

— Mas como ela fez você concordar? — Eu exijo. — Ela não tem poder. Ela poderia fingir ser eu, mas ela não poderia forçá-lo.

Ele coloca a cabeça nas mãos de dedos longos.

— Ela não tinha que me comandar, Jude. Ela não precisou usar nenhuma magia. Eu confio em você. Eu confiei em você.

E eu confiei em Taryn.

Enquanto eu estava assassinando Balekin, enquanto Cardan estava envenenado e desorientado, Madoc fez seu movimento contra a coroa. Contra mim. E ele fez isso com sua filha Taryn ao seu lado.

image

O Grande Rei retorna à sua própria câmara para poder descansar. Alimento o fogo com meu vestido manchado de sangue, coloco uma túnica e planejo. Se nenhum dos cortesãos viu meu rosto antes que Balekin os mandasse embora, e depois que me cobri com o meu manto, posso não ter sido identificada. E, claro, posso mentir.

Mas a questão de como evitar a culpa pelo assassinato do embaixador da Corte Submarina empalidece ao lado da pergunta sobre o que fazer com Madoc.

Com metade do exército indo junto com o general, se Orlagh decidir atacar, não tenho ideia de como repeli-la. Cardan terá que escolher outro Grande General e rapidamente.

E ele terá que informar a deserção dos Tribunais inferiores de Madoc, para se certificar de que é sabido que ele não fala com a voz do Grande Rei. Deve haver uma maneira de levá-lo de volta ao Supremo Tribunal. Ele é orgulhoso mas prático. Talvez a resposta esteja em algo a ver com Oak. Talvez isso signifique que eu deveria tornar minhas esperanças para o governo de Oak menos opacas.

Mas tudo isso depende de ele não ser visto como um traidor, embora ele seja um. Estou pensando em tudo isso quando uma batida chega à minha porta.

Lá fora, um mensageiro, uma garota de pele lilás de libré real.

— O Grande Rei requer sua presença. Devo conduzi-la aos aposentos dele.

Eu tomo uma respiração instável. Ninguém mais poderia ter me visto, mas Cardan não pode deixar de adivinhar. Ele sabe quem eu conheci e quão tarde retornei daquela reunião. Ele viu o sangue na minha manga. *Você comanda o Grande Rei, não o contrário*, eu me lembro, mas o lembrete parece oco.

— Deixe-me trocar de roupa — eu digo.

O mensageiro sacode a cabeça.

— O rei deixou claro que eu deveria pedir-lhe que viesse imediatamente.

Quando chego aos aposentos reais, encontro Cardan sozinho, vestido de maneira simples, sentado em uma cadeira semelhante a um trono. Ele parece pálido, e seus olhos ainda brilham um pouco demais, como se talvez o veneno persistisse em seu sangue.

— Por favor — diz ele. — Sente-se.

Com cautela, eu sento.

— Uma vez, você me fez uma proposta — diz ele. — Agora eu tenho uma para você. Devolva a minha vontade. Devolva a minha liberdade.

Respiro fundo. Estou surpresa, embora eu ache que não deveria estar. Ninguém quer estar sob o controle de outra pessoa, embora a balança de poder entre nós, na minha opinião, tenha ido e voltado, apesar de seu voto. O fato de ter o comando dele parecia uma faca pronta para atacar, quase impossível e provavelmente perigoso.

Desistir significaria desistir de qualquer aparência de poder. Seria desistir de *tudo*.

— Você sabe que eu não vou fazer isso.

Ele não parece particularmente desconcertado com a minha recusa.

— Me ouça. O que você quer de mim é obediência por mais de um ano e um dia. Mais da metade do seu tempo acabou. Você está pronta para colocar Oak no trono?

Eu não falo por um momento, esperando que ele pense que a pergunta dele é retórica. Quando fica claro que não é o caso, balanço minha cabeça.

— E então você pensou em estender o meu voto. Como você imaginava fazer isso?

Novamente, não tenho resposta. Certamente nenhuma boa.

É a vez dele sorrir.

— Você pensou que eu não tinha nada com o que negociar.

Subestimá-lo é um problema que eu já tive antes, e temo que volte a acontecer.

— Qual barganha é possível? — pergunto. — Quando o que quero é que você faça o voto novamente, por pelo menos mais um ano, senão uma década, e o que você quer é que eu rescinda o voto completamente?

— Seu pai e sua irmã me enganaram — diz Cardan. — Se Taryn tivesse me dado um comando, eu saberia que não era você.

Mas estava doente e cansado e não queria te recusar. Eu nem perguntei o porquê, Jude. Queria te mostrar que você podia confiar em mim, que você não precisava me dar ordens para fazer as coisas.

Queria mostrar a você que acreditei que você tinha pensado em tudo.

Mas isso não é maneira de governar. E nem mesmo é confiar, quando alguém pode ordenar que você faça isso de qualquer maneira.

— Faerie sofreu conosco na garganta um do outro. Você tentou me obrigar a fazer o que achou que fosse necessário, e se nós discordássemos, não poderíamos fazer nada além de manipular um ao outro. Isso não estava funcionando, mas simplesmente desistir não é uma solução. Não podemos continuar assim. Esta noite é prova disso. Eu preciso tomar minhas próprias decisões.

— Você disse que não se importava tanto com ouvir as minhas ordens. — É uma tentativa insignificante de humor, e ele não sorri.

Em vez disso, ele olha para longe, como se não conseguisse encontrar meus olhos.

— Mais uma razão para não me permitir ter esse luxo. Você me tornou o Grande Rei, Jude. Deixe-me *ser* o Grande Rei.

Dobrei meus braços protetoramente sobre o peito.

— E o que eu serei? Sua serva?

Odeio que ele faça sentido, porque de jeito nenhum posso dar a ele o que ele está pedindo. Não posso me afastar, não com Madoc lá fora, não com tantas ameaças. E, no entanto, não posso deixar de lembrar o que a Bomba disse sobre Cardan não saber como invocar sua conexão com a terra. Ou o que a Barata disse, sobre Cardan pensando em si mesmo como um espião fingindo ser um monarca.

— Case-se comigo — diz ele. — Torne-se a rainha de Elfhame.

Sinto uma espécie de choque frio tomar conta de mim, como se alguém tivesse contado uma piada particularmente cruel, sendo eu o alvo. Como se

alguém olhasse em meu coração e visse o mais ridículo e mais infantil desejo ali e o usasse contra mim.

— Mas você não pode.

— Eu *posso* — diz ele. — Reis e rainhas não costumam se casar por algo além de uma aliança política, é verdade, mas considerem uma versão disso. E sendo a rainha, você não precisaria da minha obediência. Você pode decretar suas próprias ordens. E eu estaria livre.

Não consigo deixar de pensar em como meses atrás lutei por um lugar na Corte, esperando desesperadamente pelo título de cavaleiro e nem consegui.

A ironia que seja Cardan, que insistiu que eu não pertencia a Faerie, me oferecendo *isso* torna ainda mais chocante.

Ele continua.

— Além disso, desde que você planeja me forçar a abdicar pelo seu irmão, não é como se ficaríamos casados para sempre.

Casamentos entre reis e rainhas devem durar enquanto governarem, mas no nosso caso, não seria tão longo. Você pode ter tudo o que quiser, ao preço de simplesmente me liberar do meu voto de obediência.

Meu coração está batendo tão forte que temo que tropece até parar.

— Você está falando sério? — consigo falar.

— Claro que estou. O mais sério possível.

Procuro o truque, porque isso deve ser uma daquelas barganhas de fadas que soam como uma coisa, mas que acabam sendo algo muito diferente.

— Então, deixe-me adivinhar, você quer que eu o liberte do seu voto por sua promessa de casar comigo? Mas assim então o casamento acontecerá no mês de nunca quando a lua se elevar no oeste e as marés fluírem para trás.

Ele balança a cabeça, rindo. — Se você concordar, vou casar com você hoje à noite — diz ele. — Neste momento, até. Bem aqui.

Nós trocamos os votos e está feito. Isto não é um casamento mortal, para precisar ser presidido e testemunhado. Não posso mentir. Não posso te negar.

— Não demorará muito até que o seu juramento termine — digo, porque a ideia de aceitar o que ele oferece – a ideia de que eu poderia não apenas ser parte da Corte, mas estar no topo dela – é tão tentadora que é difícil acreditar pode não ser uma armadilha. — Certamente a ideia de mais alguns meses atrelados a mim não pode ser uma dificuldade já que você gostaria de ficar preso a mim por anos.

— Como eu disse antes, muita coisa pode acontecer em um ano e um dia. Muito aconteceu na metade desse tempo.

Nós nos sentamos em silêncio por um momento enquanto eu tento pensar.

Nos últimos sete meses, a questão do que aconteceria depois de um ano e um dia me assombrava. Esta é uma *solução*, mas não parece nada prática. É o material do devaneio absurdo, imaginado enquanto cochilava em um vale coberto de musgo, muito embaraçoso até para confessar para minhas irmãs.

Garotas mortais não se tornam rainhas de Reino das Fadas.

Imagino como seria ter minha própria coroa, meu próprio poder.

Talvez eu não teria que ter medo de amá-lo. Talvez tudo ficaria bem.

Talvez não teria que ter medo de todas as coisas que tive medo durante toda a minha vida, de ser diminuída, fraca e pequena. Talvez eu me tornaria um pouco mágica.

— Sim — eu digo, mas minha voz falha. Sai todo o ar. — Sim.

Ele se inclina para a frente na cadeira, as sobancelhas levantadas, mas não está com o seu aspecto arrogante habitual. Não consigo ler sua expressão. — Você está concordando com o que?

— Ok — eu digo. — Irei fazer isso. Vou me casar com você.

Ele me dá um sorriso perverso.

— Não tinha ideia de que seria um sacrifício.

Frustrada, caio no sofá. — Não foi isso o que eu quis dizer.

— O casamento com o Grande Rei de Elfhame é, de longe, considerado um prêmio, uma honra da qual poucos são dignos.

Suponho que sua sinceridade poderia durar somente por esse tempo. Reviro meus olhos, grato por ele estar agindo como ele mesmo de novo, então posso fingir que não estou intimidada com o que está prestes a acontecer.

— Então, o que fazemos?

Penso no casamento de Taryn e na parte da cerimônia que não testemunhamos. Também penso no casamento de minha mãe, nos votos que ela deve ter feito a Madoc e, abruptamente, um arrepio passa por mim e espero que nada tenha a ver com a premonição.

— É simples — diz ele, movendo-se para a borda da cadeira.

— Nós prometemos lealdade um ao outro. Vou primeiro, a menos que você queira esperar. Talvez você tenha imaginado algo mais romântico.

— Não — eu digo rapidamente, sem vontade de me permitir imaginar qualquer coisa a ver com o casamento.

Ele desliza meu anel de rubi do dedo dele.

— Eu, Cardan, filho de Eldred, Grande Rei de Elfhame, escolho você, Jude Duarte, mortal sob a custódia de Madoc, para ser minha noiva e minha rainha. Que sejamos casados até desejarmos o contrário e a coroa tenha saído de nossas

mãos.

Enquanto ele fala, começo a tremer com algo entre esperança e medo. As palavras que ele está dizendo são tão importantes que são surreais, especialmente aqui, nos próprios quartos de Eldred. O tempo parece se esticar. Acima de nós, os galhos começam a brotar, como se a própria terra ouvisse as palavras que ele falava.

Pegando minha mão, ele desliza o anel. A troca de anéis não é um ritual das fadas, e me surpreendo com isso.

— Sua vez — ele diz no silêncio. Ele me dá um sorriso. — Estou confiando em você para manter a sua palavra e me libertar do meu vínculo de obediência depois disso.

Sorrio de volta, o que talvez compense a maneira que congelei depois que ele terminou de falar. Ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo. Minha mão aperta a dele enquanto falo.

— Eu, Jude Duarte, tomo Cardan, Grande Rei de Elfhame, para ser meu marido. Vamos nos casar até não quisermos e a coroa tenha saído de nossas mãos.

Ele beija a cicatriz da minha palma.

Ainda tenho o sangue de seu irmão sob minhas unhas.

Não tenho um anel para ele.

Acima de nós, os botões estão florescendo. O quarto inteiro cheira a flores.

Voltando a falar, falo de novo, afastando todos os pensamentos sobre Balekin, sobre o futuro em que terei que contar a ele o que fiz.

— Cardan, filho de Eldred, Grande Rei de Elfhame, deixo qualquer ordem sobre você. Você está livre do seu voto de obediência, por agora e por sempre.

Ele solta um suspiro e fica um pouco instável. Não consigo me acostumar com a ideia de que sou... Não consigo nem pensar nas palavras. Muita coisa aconteceu esta noite.

— Parece que você mal descansou. — Me levanto para ter certeza de que, se ele cair, posso agarrá-lo antes que caia no chão, embora eu também não esteja tão segura de mim.

— Vou deitar — diz ele, deixando-me guiá-lo em direção a sua enorme cama. Uma vez lá, ele não solta a minha mão. — Se você deitar comigo.

Sem motivo para discordar, eu deito, a sensação de irrealidade aumentando. Ao me esticar no edredom elaboradamente bordado, percebo que encontrei algo muito mais blasfemo do que espalhar-se na cama do Grande Rei, muito mais blasfemo do que colocar o sinete de Cardan no meu dedo, ou até sentar no

próprio trono.

Eu me tornei a Rainha das Fadas.



Nós trocamos beijos na escuridão, turvados pela exaustão. Não espero dormir, mas durmo, meus membros emaranhados com o dele, o primeiro sono tranquilo que tive desde meu retorno da Corte Submarina. Quando sou acordada, é devido a uma batida na porta.

Cardan já está de pé, brincando com o frasco de barro que a Bomba trouxe, jogando-o de mão em mão. Ainda vestido, seu aspecto amarrotado lhe dá apenas um ar de dissipação. Puxo meu robe mais firmemente ao meu redor. Tenho vergonha de estar obviamente compartilhando sua cama.

— Sua Majestade — diz o mensageiro — um cavaleiro, pelo modo claro de falar, o som de um oficial saía dele. — Seu irmão está morto. Houve um duelo, pelo que pudemos determinar.

— Ah — diz Cardan.

— E a Rainha da Corte Submarina. — A voz do cavaleiro treme. — Ela está aqui, exigindo justiça para seu embaixador.

— Eu aposto que ela está. — A voz de Cardan está seca, cortante. — Bem, dificilmente podemos mantê-la esperando. Você.

Qual o seu nome?

O cavaleiro hesita. — Rannoch, Sua Majestade.

— Bem, sir Rannoch, espero que você monte um grupo de cavaleiros para me levar até a água. Você vai esperar no pátio. Fará isso por mim?

— Mas o general... — ele começa.

— Não está aqui agora — Cardan termina para ele.

— Farei isso — diz o cavaleiro. Ouço a porta se fechar e Cardan se vira com expressão altiva.

— Bem, esposa — ele diz para mim, um calafrio em sua voz. — Parece que você manteve pelo menos um segredo do seu dote. Venha, devemos nos vestir para nossa primeira audiência juntos.

E assim sou deixada para correr pelos corredores no meu manto. De volta aos meus aposentos, chamo minha espada e me jogo nos meus veludos, o tempo todo me perguntando o que significará ter esse novo status e o que Cardan fará

agora que ele está fora do meu controle.

image

Orlagh espera por nós em um oceano agitado, acompanhado por sua filha e um bando de cavaleiros montados em focas e tubarões e todos os tipos de criaturas marinhas com dentes afiados. Ela senta-se numa orca e está vestida como se estivesse pronta para a batalha.

Sua pele está coberta de escamas prateadas que parecem ser metálicas e terem crescido de sua pele. Um elmo de ossos e dentes esconde seus cabelos.

Nicasia está ao lado dela, em um tubarão. Ela não tem cauda hoje, suas longas pernas cobertas por uma armadura de conchas e ossos.

Ao longo da borda da praia há aglomerados de algas, carregadas pela correnteza como se tivesse ocorrido uma tempestade. Acho que vejo outras coisas na água. As costas de uma criatura grande nadando logo abaixo das ondas. O cabelo de mortais afogados, ondulando como grama marinha. As forças da Corte Submarina são maiores do que parecem à primeira vista.

— Onde está o meu embaixador? — exige Orlagh. — Onde está o seu irmão?

Cardan está sentado em seu cavalo cinza, em roupas pretas e um manto

escarlate. Ao seu lado há duas dúzias de cavaleiros montados e ambos Mikkel e Nihuar. Durante o caminho, eles tentaram determinar o que Cardan havia planejado, mas ele manteve o seu próprio conselho longe deles e, mais perturbadoramente, de mim. Desde que ouvi falar da morte de Balekin, ele disse pouco e evitou olhar em minha direção. Meu estômago se agita com ansiedade.

Ele olha para Orlagh com uma frieza que sei por experiência que vem da fúria ou do medo. Neste caso, possivelmente ambos. — Como você bem sabe, ele está morto.

— Era sua responsabilidade mantê-lo seguro — diz ela.

— Era mesmo? — perguntou Cardan com um espanto exagerado, colocando a mão no peito. — Pensei que a minha obrigação era não atacá-lo, e não impedi-lo das conseqüências dos riscos que ele mesmo tomou. Ele teve um pequeno duelo, pelo que ouvi. Duelar, como tenho certeza que você sabe, é perigoso. Mas eu não o matei nem o encorajei. Na verdade, desencorajei tudo.

Tento não deixar transparecer em meu rosto o que estou sentindo.

Orlagh se inclina para frente como se sentisse sangue na água.

— Você não deve permitir tal desobediência.

Cardan encolhe os ombros com indiferença.

— Possivelmente.

Mikkel se desloca em seu cavalo. Ele está claramente desconfortável com o jeito como Cardan está falando, de modo descuidado, como se eles estivessem apenas tendo uma conversa amigável, e Orlagh não tivesse vindo para diminuir o seu poder, para enfraquecer o seu governo. E se ela soubesse que Madoc tinha ido embora, ela poderia atacar de imediato.

Olhando para ela, olhando para o desdém de Nicasia e para os olhos estranhos e molhados dos selkies e dos tritões, sinto-me impotente. Desisti do controle sobre Cardan e, para isso, tenho o seu voto de casamento. Mas sem que ninguém saiba, parece cada vez menos como se não tivesse acontecido.

— Estou aqui para exigir justiça. Balekin era meu embaixador, e se você não considera que ele está sob sua proteção, eu considero que ele está sob a minha. Você deve entregar o assassino dele ao mar, onde este não encontrará perdão. Nos dê sua senescal, Jude Duarte.

Por um momento, sinto como se não pudesse respirar. É como se eu estivesse me afogando novamente.

As sobranceiras de Cardan sobem. Sua voz permanece leve.

— Mas ela acabou de voltar do mar.

— Então você não contesta o crime dela? — pergunta Orlagh.

— Por que eu deveria? — pergunta Cardan. — Se ela é a pessoa com quem ele duelou, tenho certeza de que ela venceria; meu irmão supôs que era especialista na espada – um grande exagero de suas habilidades. Mas ela é minha para punir ou não, como eu bem entender.

Odeio ouvi-lo falar de mim como se eu não *estivesse* lá quando obtive a promessa dele. Mas uma rainha matando um embaixador parece um problema político em potencial.

O olhar de Orlagh não vai para mim. Suvido muito que ela se importe com qualquer coisa, mas que Cardan desistiu muito do meu retorno e, ao me ameaçar, ela acredita que pode conseguir mais.

— Rei da terra, não estou aqui para lutar com sua língua afiada.

Meu sangue é frio e refiro lâminas. Certa vez, considereí você como o parceiro da minha filha, a coisa mais preciosa do mar. Ela teria forjado uma verdadeira paz entre nós.

Cardan olha para Nicasia e, embora Orlagh lhe deixe uma abertura, por um longo momento, ele não fala. E quando fala, só diz: — Igual a você, não sou tão bom em perdoar.

Algo nos modos da Rainha Orlagh muda.

— Se é guerra que você quer, você seria insensato de declará-

la em uma ilha.— Ao redor dela, as ondas crescem mais violentas, suas cristas brancas de espuma maiores. Os redemoinhos se formam na periferia da terra, pequenos, se aprofundando, apenas para sumirem à medida que novos se formam.

— Guerra? — Ele a olha como se ela dissesse algo particularmente intrigante e isso o irritasse. — Está querendo me fazer acreditar que realmente quer lutar? Você está *me* desafiando para um duelo?

Ele está, obviamente, provocando-a, mas não consigo imaginar qual o benefício disso.

— E se eu estiver — ela pergunta. — O que fará então, garoto?

O sorriso em seus lábios é grande.

— Sob cada pedacinho do seu mar está a terra. Fervendo, com a terra vulcânica. Fique contra mim e te mostrarei o que esse garoto vai fazer, minha senhora.

Ele estende a mão e algo parece subir até o topo da água em torno de nós, como um scrum pálido. Areia. Areia flutuante.

Então, ao redor da Corte Submarina, a água começa a se agitar.

Olho para ele, na esperança de chamar sua atenção, mas ele está se

concentrando. Seja qual for a magia que está fazendo, isso é o que Baphen quis dizer quando falou que o Grande Rei estava ligado à terra, era o coração pulsante e a estrela sobre a qual o futuro de Elfhame foi escrito. Isso é poder. E ver Cardan empunhando-o é entender o quão desumano ele é, o quão transformado, o quanto ele está se movendo para longe do meu controle.

— O que é isso? — pergunta Orlagh, enquanto a agitação se transforma em ebulição. Uma parte do oceano borbulhando e fervendo enquanto o povo da Corte Submarina grita e se espalha, nadando fora do alcance do que quer que esteja acontecendo. Vários selos surgem nas rochas negras perto da terra, chamando umas às outras em sua língua.

O tubarão de Nicasia é girado para o lado e ela mergulha na água.

O vapor eleva-se das ondas, soprando quente. Uma enorme nuvem branca rola pela minha visão. Quando desaparece, posso ver que a nova terra se uniu das profundezas, enquanto a pedra quente esfria enquanto assistimos.

Com Nicasia em pé, sua expressão é um misto de surpresa e terror.

— Cardan — ela chama.

Ele está de frente para ela, e um canto da boca está virado em um pequeno sorriso, mas seu olhar está fora de foco. Ele acreditava que precisava convencer Orlagh de que não era irresponsável.

Agora vejo que ele criou um plano para fazer isso. Assim como veio com um plano para se livrar do meu controle.

Durante o meu mês na Corte Submarina, ele mudou. Começou a planejar esquemas. E se tornou perturbadoramente eficaz neles.

Estou pensando nisso enquanto observo a grama crescer entre os dedos dos pés de Nicasia e as flores silvestres que brotam ao longo das colinas, enquanto observo as árvores e arbustos brotando, e quando o tronco de uma árvore começa a se formar em torno do corpo de Nicasia.

— Cardan! — ela grita enquanto a casca da árvore a envolve, cobrindo sua cintura.

— O que você fez? — Orlagh chora enquanto a casca se move para cima, enquanto os galhos se desdobram, brotando com folhas e flores perfumadas. Pétalas explodem nas ondas.

— Você vai inundar a terra agora? — Cardan pergunta a Orlagh em perfeita calma, como se ele não tivesse feito uma quarta ilha se levantar do mar. — Enviar água salgada para corromper as raízes de nossas árvores e fazer nossos riachos e lagos salpicados? Irá afogar nossas bagas e enviar seus tritões para cortar nossas gargantas e roubar nossas rosas? Irá fazer isso mesmo que

signifique que sua filha vai sofrer o mesmo? Venha, eu te desafio.

— Solte Nicasia — diz Orlagh, a derrota pesando em sua voz.

— Sou o Grande Rei de Elfhame — lembra Cardan. — E não gosto de receber ordens. Você atacou a terra. Você roubou minha senescal e libertou o meu irmão, que foi preso pelo assassinato de nosso pai, Eldred, com quem você tinha uma aliança. Uma vez, nós respeitamos o território do outro.

— Permiti que nos desrespeitasse e você exagerou na dose.

— Agora, Rainha da Corte Submarina, teremos uma trégua assim como você teve com Eldred, assim como teve com Mab.

Teremos uma trégua ou teremos uma guerra e, se lutarmos, serei impiedoso. Nada e ninguém que você ama estará a salvo.

— Muito bem, Grande Rei — Orlagh diz, e eu respiro fundo, não tenho certeza do que virá a seguir. — Teremos uma aliança e não ficaremos mais na garganta uns dos outros. Dê-me a minha filha e nós iremos.

Soltei um suspiro. Ele foi sábio ao pressioná-la, mesmo que fosse aterrorizante. Afinal, uma vez que ela descobrisse sobre Madoc, ela poderia aproveitar sua vantagem. Melhor trazer esse momento para a crise.

E funcionou. Olho para baixo para esconder meu sorriso.

Deixe Nicasia ficar aqui e ser sua embaixadora no lugar de Balekin — diz Cardan. — Ela cresceu nessas ilhas e muitos que a amam estão aqui.

Isso apaga o sorriso do meu rosto. Na nova ilha, a casca está se afastando da pele de Nicasia. Me pergunto o que ele está fazendo ao trazer ela de volta para Elfhame. Com ela, inevitavelmente, virá problema.

E, no entanto, talvez seja o tipo de problema que ele quer.

— Se ela deseja ficar, ela pode. Você está satisfeito? — pergunta Orlagh.

Cardan inclina a cabeça.

— Estou. Não serei comandado pelo mar, por maior que seja sua rainha. Como o Grande Rei, devo liderar. Mas também devo ser justo.

Aqui ele faz uma pausa. E então ele se vira para mim. — E hoje vou dispensar a justiça. Jude Duarte, você nega que matou o príncipe Balekin, embaixador da Corte Submarina e irmão do Grande Rei?

Não tenho certeza do que ele quer que eu diga. Ajudaria se eu negar? Se sim, certamente ele colocaria dessa forma – de uma maneira que deixasse claro que ele acredita que eu matei Balekin.

Cardan teve um plano o tempo todo. Tudo o que posso fazer é confiar que ele tem um plano agora.

— Não nego que tivemos um duelo e que eu ganhei — digo, minha voz

saindo mais incerta do que eu gostaria.

Todos os olhos do povo estão em mim e, por um momento, enquanto olho para seus rostos impiedosos, sinto a ausência de Madoc profundamente. O sorriso de Orlagh está cheio de dentes afiados.

— Ouça o meu julgamento — diz Cardan, a autoridade soando em sua voz. — De agora em diante exijo que Jude Duarte volte ao mundo mortal até o momento em que ela seja perdoada pela coroa.

Até lá, não deixe que ela pise um pé em Faerie ou perderá sua vida.

Suspiro.

— Mas você não pode fazer isso!

Ele olha para mim por um longo momento, mas seu olhar é suave, como se ele estivesse esperando que eu ficasse bem com o exílio. Como se eu não fosse mais do que um de seus peticionários.

Como se eu não fosse nada.

— Claro que posso — ele responde.

— Mas eu sou a Rainha das Fadas — grito, e por um momento, há silêncio. Então todos ao meu redor começam a rir.

Posso sentir o calor nas bochechas. Lágrimas de frustração e fúria picam meus olhos quando, uma batida tarde demais, Cardan ri com eles.

Naquele momento, cavaleiros colocam suas palmas nos meus pulsos. Sir Rannoch me puxa do cavalo. Por um momento louco considero lutar com ele como se duas dúzias de cavaleiros não estivessem ao nosso redor.

— Negue então — eu grito. — Me negue!

Ele não pode, claro, então ele não nega. Nossos olhos se encontram, e o sorriso estranho no rosto dele é claramente destinado a mim. Me lembro como era odiá-lo com todo o meu coração, mas me lembrei tarde demais.

— Venha comigo, minha senhora — diz Sir Rannoch, e não há nada que eu possa fazer além de ir.

Ainda assim, não posso resistir a olhar para trás. Quando o faço, Cardan está dando o primeiro passo para a nova ilha. Ele parece ser o governante que seu pai era, cada monstro que seu irmão queria se tornar. O cabelo preto do corvo ao redor de seu rosto, a capa escarlate girando ao redor dele, os olhos refletindo o vazio cinza e acinzentado do céu.

— Se Insweal é a Ilha da Desgraça, Insmire, a Ilha do Poder, e Insmoor a Ilha da Pedra — diz ele, sua voz atravessando a terra recém-formada. — Então que essa seja Insear, Ilha das Cinzas.



Eu deito no sofá em frente à televisão. Na minha frente, um prato de palitos de peixe aquecidos pelo microondas fica frio. Na tela à minha frente, um patinador de gelo de desenho animado está amuado. Ele não é um skatista muito bom, eu acho. Ou talvez ele seja um ótimo skatista. Eu continuo esquecendo de ler as legendas.

É difícil se concentrar em praticamente tudo hoje em dia.

Vivi entra na sala e cai no sofá.

— Heather não vai me mandar de volta — diz ela.

Eu apareci na porta de Vivi uma semana antes, exausta, meus olhos vermelhos de chorar. Rannoch e seu grupo me carregaram pelo céu em um de seus cavalos e me largaram em uma rua aleatória em uma cidade aleatória. Eu andei e caminhei até ficar com bolhas nos pés e comecei a duvidar da minha capacidade de navegar pelas estrelas. Finalmente, eu tropecei em um posto de gasolina com um reabastecimento de táxi e fiquei surpresa ao lembrar que existiam táxis. A essa altura, não me importava que não tivesse dinheiro comigo e que Vivi provavelmente lhe pagaria com um punhado de folhas de glamour.

Mas eu não esperava chegar e encontrar Heather fora.

Quando ela e Vivi voltaram de Faerie, acho que ela tinha muitas perguntas. E então ela teve mais perguntas e, finalmente, Vivi retirou o glamouring dela. É quando tudo é totalmente desvendado.

Vivi removeu o glamour, Heather recuperou suas lembranças.

Heather se mudou.

Ela está dormindo na casa de seus pais, então Vivi continua esperando que ela ainda possa voltar. Algumas de suas coisas ainda estão aqui. Roupas. Sua mesa de desenho. Um conjunto de tintas a óleo não utilizadas.

— Ela manda uma mensagem quando estiver pronta — eu digo, embora não tenha certeza se acredito. — Ela está apenas tentando acertar a cabeça. — Só porque sou amarga no romance não significa que todo mundo precisa ser.

Por um tempo, nós apenas sentamos no sofá juntas, observando o skatista dos desenhos animados fracassar e cair no amor desamparado e provavelmente não correspondido com seu treinador.

Logo, Oak voltará da escola e fingiremos que as coisas são normais. Vou levá-lo para a parte arborizada do complexo de apartamentos e perfurá-lo na espada. Ele não se importa, mas para ele está apenas brincando, e eu não tenho coragem de assustá-lo para ver a esgrima de maneira diferente.

Vivi pega um palito de peixe no meu prato e o arrasta pelo ketchup.

— Quanto tempo você vai ficar de mau humor? Você estava exausta de ser presa no submarino. Você estava fora do seu jogo. Ele tem um em você. Acontece.

— Seja como for — eu digo enquanto ela come a minha comida.

— Se você não tivesse sido capturada, você teria esfregado o chão com ele.

Eu nem sei o que isso significa, mas é bom ouvir.

— Estou feliz que você esteja aqui. — Ela se vira para mim com seus olhos de gato, olhos exatamente como seu pai. — Eu queria que você viesse ao mundo mortal e ficasse. Talvez você vá. Talvez você adore. Eu quero que você dê uma chance.

Eu aceno sem compromisso.

— E se você não amar — diz ela, levantando uma sobrancelha. — Você sempre pode se juntar a Madoc.

— Eu não posso — eu digo. — Ele tentou e tentou me recrutar, mas eu continuava recusando. Aquele navio navegou.

Ela encolhe os ombros. — Ele não iria, ok, ele se importaria. Ele iria fazer você rastejar muito, e ele iria trazê-la desajeitadamente em conselhos de guerra pelas próximas duas décadas. Mas ele levaria você.

Eu dou-lhe um olhar severo. — E o que? Trabalhar para colocar Carvalho no trono?

— Quem se importa com isso? Trabalhe para machucar Cardan — Vivi diz,

com uma luz feroz em seus olhos. Ela nunca foi particularmente indulgente.

Neste momento, estou feliz por isso.

— Como? — Eu digo, mas a parte estratégica do meu cérebro está lentamente voltando à ação. Grimsen ainda está em jogo. Se ele pudesse fazer uma coroa para Balekin, o que ele poderia fazer por mim?

— Eu não sei, mas não se preocupe ainda — diz Vivi, levantando-se. — A vingança é doce, mas o sorvete é mais doce. — Ela vai até o freezer e tira uma barra de chocolate com menta. Ela traz isso e duas colheres de volta para o sofá. — Por enquanto, aceite esse prazer, por mais indigno que seja para a Rainha das Fadas no exílio.

Eu sei que ela não pretende zombar de mim, mas o título pica mesmo assim. Eu pego minha colher.

Você deve ser forte o suficiente para atacar e atacar e atacar novamente sem se cansar. A primeira lição é se tornar forte.

Nós comemos banhadas pela luz bruxuleante da tela. O telefone da Vivi está em silêncio na mesa de café. Minha mente está girando.



The Folk of the Air series

The Cruel Prince

The Wicked King

The Queen of Nothing

**Looking for the latest news on your favorite YA authors?
Want early access to new books and the chance to win advance copies?
Bring the (book) party to your in-box with the NOVL e-newsletter:
theNOVL.com/enewsletter**

**Join the NOVL community:
theNOVL.com
[Twitter.com/TheNovl](https://twitter.com/TheNovl)
[Instagram.com/TheNovl](https://www.instagram.com/TheNovl)
[Facebook.com/TheNovl](https://www.facebook.com/TheNovl)**

AGRADECIMENTOS



Passar pelo segundo livro desta série teria sido muito mais difícil sem o apoio, encorajamento e críticas de Sarah Rees Brennan, Leigh Bardugo, Steve Berman, Cassandra Clare, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman. Obrigada minha tripulação jovial!

Obrigada aos leitores que vieram me ver na estrada, e aqueles que me contataram para me dizer o quanto gostaram de *O Príncipe Cruel* e por toda a arte do personagem.

Um grande obrigada a todos da Little, Brown Books for Young Readers, que apoiaram minha visão esquisita. Agradeço especialmente a minha incrível editora, Alvina Ling, e a Kheryn Callender, a Siena Koncsol, a Victoria Stapleton, a Jennifer McClelland-Smith, a Emilie Polster, a Allegra Green e a Elena Yip, entre outras. E no Reino Unido, obrigado a Hot Key Books, especialmente Jane Harris, Emma Matthewson e Tina Mories.

Obrigada a Joanna Volpe, Hilary Pecheone, Pouya Shahbazian e a todos da New Leaf Literary por tornarem as coisas difíceis mais fáceis.